SUPLEMENTO GRÁTIS
AS MELHORES FESTAS E FEIRAS POPULARES PORTUGUESAS

- Quanto custa montar uma festa
- A centenária Feira de São Mateus
- Tabuaço, a festa mais pequena de Portugal
- O fascínio do medieval
- Quim Barreiros, o campeão das festas

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

Expresso

14 de junho de 2024
2694 • Semanário

Diretor: João Vieira Pereira
Diretores-Adjuntos: David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete e Paula Santos
Diretor de Arte: Marco Grieco

www.expresso.pt

24h

Pedidos de asilo
Portugal recebeu 2600 novos pedidos de asilo no ano passado, sendo as principais nacionalidades a Gâmbia, o Afeganistão e a Colômbia, revelou o ACNUR.

Feridos da Ucrânia chegam a Ourém
Um grupo de 25 feridos de guerra da Ucrânia serão ajudados pelas autoridades nacionais. É o primeiro contingente de veteranos a ser tratado em Ourém.

Radares na Ponte
A Ponte Vasco da Gama vai ter, a partir de sábado, radares de controlo de velocidade, para reduzir a sinistralidade, aumentar a fluidez de trânsito e contribuir para o fim das corridas ilegais.

Rock in Rio Lisboa começa sábado
Arranca sábado mais uma edição do Rock in Rio Lisboa. Este ano, o festival nascido no Rio de Janeiro, Brasil, celebra os seus 20 anos em Portugal. No primeiro fim de semana há concertos de Scorpions e Xutos & Pontapés (sábado) e Ed Sheeran e Fernando Daniel (domingo). Ao Expresso, a diretora, Roberta Medina, faz o balanço de 20 anos de "muita resiliência". R45

PS pede decisão "urgente" sobre F35
O PS considera que é "urgente uma clarificação do atual Governo" sobre a entrada de Portugal no programa dos aviões F35. O deputado Luís Dias, coordenador socialista para a Defesa, considera essa clarificação decisiva.

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: ECONOMIA, REVISTA E e ainda EXPRESSO BPI GOLF CUP

Santa Casa fez negócios com máfia do Brasil

Funcionário no Rio de Janeiro revelou que há uma **dívida de €40 mil ao PCC**, a maior organização do crime brasileira. Informação consta de um **documento entregue à Santa Casa** no final do ano P16

"O telemóvel acelerou a infidelidade"

Entrevista a José Gameiro, psiquiatra e terapeuta de casal, autor do livro "Manual de Infidelidade" R38

Pais-helicóptero já acompanham os filhos nas entrevistas de emprego

Fazem currículos, cartas de motivação e há mesmo quem chegue a ir a entrevistas E24

A ansiedade dos alunos na hora de escolher o curso P14

Um terço dos alunos faltou à prova de aferição ÚLTIMA

COMO PENSA ROBERTO MARTÍNEZ?

As dúvidas sobre a seleção nacional. Euro 2024 vale €2,5 mil milhões R18

FOTO THIERRY MONASSE/GETTY IMAGES

72 HORAS DECISIVAS PARA O FUTURO EUROPEU DE COSTA P6

PEDRO NUNO E MONTENEGRO DE COSTAS VOLTADAS APÓS EUROPEIAS P8

GOVERNO ESTUDA FORMA DE FINTAR DERROTAS NA ASSEMBLEIA P9

'MARCA COTRIM' FAZ SOMBRA A ROCHA NA IL P10

SUÍÇA. NO PAÍS DA EUROPA QUE MAIS VOTA NO CHEGA P12

Câmaras cobram €70 milhões em taxas turísticas... e querem aumentá-las E16

Urgências em risco, médicos recorrem ao WhatsApp

Hospitais de Lisboa não têm plano de resposta central e admitem caos na obstetrícia P5

Zelensky vai à cimeira pedir a paz possível P18

Espanha, dez anos depois de Juan Carlos sair R26

Gémeas: buscas da PJ incluíram casa da mãe P17

Comunicado O Expresso aprovou uma Carta de Princípios que regerá a forma como iremos abordar a questão da IA, agora e no futuro

IA e o Expresso

As ferramentas de inteligência artificial (IA), particularmente as que podem processar ou produzir texto, imagens e outros elementos audiovisuais, constituem simultaneamente uma oportunidade fascinante e um enorme desafio para o jornalismo, abrindo possibilidades de produtividade e levantando questões de deontologia e de transparência para com os leitores, espectadores e ouvintes.

No Expresso (e na SIC) estamos convictos de que não é ainda possível conhecer o verdadeiro alcance destas tecnologias e por isso consideramos necessário afirmar um conjunto de princípios que adotaremos na sua experimentação e/ou adoção. Estes princípios complementam os nossos Estatutos Editoriais e o Código de Conduta dos jornalistas do Expresso.

O período que vivemos é decisivo para o jornalismo, com a confluência de forças com muito potencial para melhorar a profissão e também de elevados perigos para a sua integridade e sustentabilidade. Reconhecemos que a nossa posição nos meios de comunicação social em Portugal nos dá uma responsabilidade e uma motivação únicas para liderar este movimento numa direção que contribua para uma sociedade livre e esclarecida.

Qualidade e responsabilidade pelo conteúdo. O conteúdo jornalístico tem de ser produzido de forma objetiva, assente na verdade dos factos, de forma que seja merecedor da confiança dos nossos leitores, espectadores e ouvintes. No Expresso e na SIC, esse conteúdo é, e continuará a ser, da inteira responsabilidade de quem o produz e edita. As ferramentas de IA, como outras tecnologias, são um precioso auxiliar na pesquisa e tratamento de informação e na própria produção desse conteúdo, que será sempre sujeito a supervisão e revisão pelos jornalistas, editores e diretores antes de ser publicado.

Utilização de IA em tarefas de suporte. Utilizaremos ferramentas de IA para ajudar na elaboração de conteúdo, seja ele escrito ou visual, nomeadamente no tratamento de informação e/ou pesquisa, que ajude o trabalho do jornalista. O uso destas ferramentas será feito de forma objetiva e exercemos o nosso julgamento profissional para assegurar ao leitor que comunicamos a verdade dos factos.

Transparência. O Expresso e a SIC serão sempre transparentes e claros para com o leitor sobre o uso que fizer de IA para a elaboração de textos, imagem, áudio ou vídeo.

Propriedade intelectual. Algumas aplicações de IA agregam e processam informação utilizando técnicas que não permitem facilmente o reconhecimento inequívoco das fontes em que se baseiam, o que pode dificultar o respeito pela propriedade intelectual de quem produziu essas fontes e até fomentar o plágio. Uma vez que valorizamos profundamente os direitos de autor, seremos extremamente cuidadosos para evitar essas situações, mesmo que inadvertidas, e trabalharemos com o ecossistema de intervenientes na produção e disseminação de conteúdo noticioso para assegurar que esses direitos, incluindo os nossos, serão sempre honrados.

Privacidade e confidencialidade. A privacidade e a confidencialidade da informação são valores que prezamos, pelo que na utilização de IA continuaremos a ter todos os cuidados necessários para não disseminar informação confidencial ou privilegiada e para preservar a privacidade dos nossos consumidores.

Fontes de informação. O Expresso e a SIC continuarão a recorrer a fontes de informação externas para conteúdos que publicamos, nomeadamente a agências de informação. Na contínua seleção e triagem dessas fontes, levaremos em conta as políticas de utilização de IA que as mesmas sigam, de modo a procurar que estes princípios se apliquem de forma consistente a todo o nosso trabalho.

Governo. Quaisquer futuras revisões destes princípios serão aprovadas pelas Direções do Expresso e da SIC após consulta aos Conselhos de Redação.

A COLUNA DE OPINIÃO VOLTA A OCUPAR ESTE ESPAÇO NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Duelo O assistente de vídeo continua a fazer sentido no futebol? O tema voltou ao debate e na última semana os clubes ingleses discutiram a sua continuação

Pedro Marques Lopes
Comentador da SIC Notícias

Duarte Gomes
Antigo árbitro internacional

FAZ SENTIDO REPENSAR O VAR NO FUTEBOL?

SIM Eu não sou contra o VAR, o VAR é que é contra o futebol. Melhor, colocar VAR e futebol na mesma frase é como estar a discutir sobre se os melhores espargos são os de conserva e alguém desatar a dissertar sobre Kierkegaard. No entanto, o VAR encaixa na perfeição num desporto muito parecido com futebol. Nessa atividade já não há adeptos e sócios, há fãs. Os clubes não representam regiões, aldeias, valores, comunidades, são apenas empresas que fornecem um espetáculo como qualquer outro.

Dizem que é o futebol-indústria, essa coisa em que tudo é benigno, justo, limpo e puro. Tão benigno como as gigantescas corporações que o financiam; tão justo como haver uma dúzia de equipas multimilionárias a destruir qualquer tipo de concorrência; tão limpo que conseguiu retirar o povo do estádio para lá pôr os mui civilizados fãs de bandeirinha e cachecol a dar beijinhos na namorada para se ver no ecrã do estádio; tão puro como as alvas túnicas dos cavalheiros que limpam com jogadores-vedetas as misérias que semeiam.

O novo futebol tem até uma nova regra, a décima oitava: a jogada que só no VAR se consegue ver, os comentadores de arbitragem chamam-lhe lance de VAR. Em campo, onde realmente se passa o jogo, ninguém o vê, mas neste novo futebol o que se passa no relvado é secundário. Não faltará muito para que se prescinda do árbitro. Para que precisamos dele? Todos os lances poderão ser apreciados recorrendo a um VAR, que estará apetrechado com inteligência artificial. Teremos então a única atividade humana isenta de erro: o espetacular futebol-indústria. Esqueçam isso da emoção, da louca explosão de alegria de um golo. Agora esperamos que um tipo sentado à frente de um ecrã nos diga se o polegar do avançado está à frente do mindinho do defesa para podermos saltar de alegria e beijar o nosso vizinho do lado.

Não faltará muito para que se prescinda do árbitro. Para que precisamos dele?

Computadores, linhas virtuais, a infinita espera para saber se o movimento do esternocleidomastoideo interferiu na jogada, o julgamento das intenções de um jogador a cargo de um tipo sentado num gabinete é a negação do futebol. Vá, convençam-me de que um milímetro fora de jogo altera a verdade desportiva.

Erros evidentes, ouço os apóstolos da alva pureza argumentar com aquele ar intelectual próprio do novo futebol. Que raio são erros evidentes? Presumo serem aqueles que só um ceguinho não vê, ou seja, aqueles que fazem com que um tipo possa ser árbitro ou não. Mas no balanço final de uma época esses erros não estão irmãmente distribuídos? Não é o erro aleatório? Ou querem-nos dizer que, não havendo VAR, os árbitros vão-se enganar mais com uns do que com outros?

Será difícil compreender que isto é terreno fértil para muito mais suspeição quando o erro inevitavelmente acontecer mesmo com todos os computadores e câmaras do mundo?

Futebol é instinto, técnica, malandrice, engano. É um jogo, valha-me São Garrincha. Mas onde é que jogo rima com pureza e certeza? Mais do que tudo, sem erro não há jogo, não há emoção, não há discussão. Boa sorte para esse futebol sem erros, cheio da verdade desportiva de estúdio de televisão, do fim do futebolista malandro, das cadeirinhas aquecidas, das palminhas para o adversário, dos investidores milionários que têm de ter tudo previsto sem insultos nem emoções descontroladas.

NÃO Quem viu a final do último Campeonato da Europa entre a seleção nacional e a sua congénere italiana (em sub-17) não pode nunca afirmar que a tecnologia veio fazer mal ao futebol.

No caso concreto, o exemplo foi esmagador: o segundo golo de Itália resultou de um erro de análise do árbitro assistente — o marcador estava em posição irregular quando o colega de equipa fez o passe — e o lance só valeu porque não havia VAR. Se houvesse, não seriam necessários mais do que 15, 20 segundos para dar justiça à (má) decisão de campo.

Pergunto: seria esperar muito, face à importância do que estava em disputa? Sinceramente, não me parece.

A questão que devemos colocar é muito simples: que preço estamos dispostos a pagar pela verdade desportiva num espetáculo cada vez mais mediático e industrializado? Num universo onde cada vez mais se joga mais do que o mero resultado desportivo?

Que preço estamos dispostos a pagar pela verdade desportiva num espetáculo cada vez mais mediático?

Os mais céticos, aqueles que ainda torcem o nariz ou que discordam por completo do uso da tecnologia, deviam fazer este exercício:

Pensem na quantidade absurda de golos validados que foram bem anulados após intervenção do VAR, por exemplo, em lances de fora de jogo factual. Aqueles que a linha tecnológica desmontou de forma categórica. Pensem também nos golos que valeram após má avaliação em campo. Os que não eram e passaram a ser. Pensem nas mudanças de resultado que isso proporcionou, nas vitórias que se conseguiram, nas derrotas que se evitaram. Pensem em verdade, em jogo justo e na forma como isso impactou nas outras equipas em competição.

Se não for suficiente, pensem então em todas as agressões que aconteceram "nas costas" dos árbitros e que foram apanhadas pelas câmaras do VAR. Pensem nos cartões vermelhos que foram mostrados e que nunca teriam sido. Ou nos que foram injustamente exibidos, mas depois bem corrigidos. Pensem ainda na quantidade de penáltis claros que escaparam ao escrutínio do árbitro, nas entradas desvairadas mal analisadas *in loco* ou nos cartões exibidos aos jogadores errados. Pensem nisso e multipliquem pelo número de jogos de todas as ligas que utilizam a tecnologia ao longo destes anos.

São milhares de lances bem resolvidos depois da dupla verificação, depois da intervenção de quem estava em sala.

Concordamos todos que a ferramenta é um projeto inacabado. Há muito a fazer em relação à questão puramente tecnológica (o futebol deve dar ao jogo qualidade de topo, a melhor do mercado) e de capacitação dos próprios árbitros (nem todos têm sensibilidade, qualidade e experiência para exercer a função). É também importante dar mais e maior transparência, eficácia e eficiência ao processo e ao espetáculo. Certo.

Mas esses danos colaterais, esse caminho em aberto não pode nunca colocar em causa a mais-valia tremenda que é o uso da tecnologia na indústria.

Não consigo sequer imaginar futebol de alta competição sem VAR. Seria como voltar a ver jogos a preto e branco. Não faz sentido e só pode agradar a quem mora em tempos a que não devemos regressar.

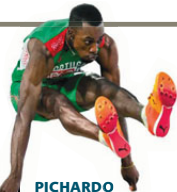
A Semana

Por MARTIM SILVA
mgsilva@expresso.impresa.pt

ROLAND GARROS
Após cinco *sets* em terra batida, o que aconteceu pela segunda vez em 20 anos em Paris, o espanhol Carlos Alcaraz sobreviveu à montanha-russa Zverev e conquistou o torneio do Grand Slam.

EUROPEIAS CÁ DENTRO...
O bipartidarismo tinha morrido. Só que não. Nas europeias, PS e PSD ficaram ambos, com ligeira vantagem para os socialistas, acima dos 30 por cento dos votos. A queda do Chega face às legislativas foi das notícias mais relevantes. A abstenção desceu na estreia do voto em mobilidade.

10 DE JUNHO
O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, escolheu a zona centro do país, em particular Pedrógão Grande, para assinalar o Dia de Portugal. Um momento sobretudo simbólico, para tentar que não se repitam tragédias como a de 2017.

... E LÁ FORA
A extrema-direita subiu nas várias eleições europeias, com particular destaque para França (em que até motivou a antecipação de eleições legislativas), Áustria ou Alemanha. Ainda assim, a maré populista não tirou a liderança política europeia aos blocos políticos tradicionais de conservadores e sociais-democratas.

PICHARDO
O português de origem cubana é uma das grandes esperanças nacionais em medalhas nos Jogos Olímpicos. Esta semana, nos Europeus de Roma, conseguiu saltar acima dos 18 metros e bater o recorde nacional... mas só obteve a prata.

ANTÓNIO COSTA
Anda agitada a vida do ex-primeiro-ministro. Regressou ao comentário, em TV e jornais, e mesmo não tendo ido a votos no último domingo foi um vencedor das europeias, com a sua candidatura à presidência do Conselho Europeu a ganhar cada vez mais forma.

PAIS ANTUNES
O advogado e antigo ministro de Durão Barroso foi o nome escolhido para liderar o Conselho Económico e Social, anteriormente liderado pelo socialista Francisco Assis.

FRANÇA
Jogada arriscada do Presidente Macron, ao convocar eleições legislativas antecipadas depois do resultado das europeias, em que a extrema-direita, do partido liderado pela senhora Le Pen, saiu vencedora.

UCRÂNIA
Aproxima-se a cimeira de paz para o país, em que vão participar quase uma centena de países. Mas o aproximar da cimeira não significa, infelizmente, que se veja o fim do conflito com a Rússia mais perto.

SELEÇÃO
Começa esta sexta-feira, na Alemanha, o Euro 2024 em futebol, competição em que Portugal parte com sentimentos algo divididos, entre o favoritismo que decorre de fazermos parte da elite e as dúvidas perante algumas fragilidades reconhecidas na equipa liderada por Martínez.

PAZ
O mundo dá passos perigosos. O índice global da paz mostra como desde o final da Segunda Guerra que no planeta não havia tantos conflitos, são 56, nem um conjunto tão alargado de países envolvidos em conflitos fora das suas fronteiras, são 92.

APPLE
A gigante tecnológica anunciou que a partir do final do verão os seus aparelhos vão passar a incorporar o ChatGPT.

Miguel Sousa Tavares

Dúvidas, falsificações e mentiras

Nunca, nem na democracia ateniense nem no período glorioso do Império Romano do Ocidente, a sabedoria humana ousou pôr de pé um projecto político tão revolucionário como aquele a que hoje chamamos União Europeia (UE). Por ser o mais justo entre povos e nações, o mais solidário, o mais integrador de diferenças, o mais inovador, o mais pacificador, a União Europeia transformou-se no modelo de muitos, no sonho de milhões. Mas das suas forças, do seu êxito, dos seus sucessivos alargamentos, a UE fez as suas fraquezas. É difícil reconhecer hoje nela o espaço político e económico a que Portugal aderiu há mais de 30 anos. Sem pôr em causa a justiça da integração de outros que vieram depois, eles acrescentaram menos do que aquilo que trouxeram e tornaram mais evidentes as diferenças e mais difíceis os consensos e a governação. Nem tanto por razões de nacionalismos inconciliáveis, mas mais por diferentes concepções daquilo que seja a Europa e os seus valores comuns, do ponto de vista de cada um. É assim uma boa notícia que as forças políticas historicamente essenciais à construção europeia e ao seu funcionamento — do centro-direita ao centro-esquerda — tenham mantido uma maioria no Parlamento Europeu, derrotando os presságios fúnebres que já viam Bruxelas paralisada pela agenda de uma extrema-direita apostada na desagregação democrática e na anarquia populista.

Entre nós, a precipitação de Pedro Nuno Santos em nacionalizar as eleições, ávido como estava por qualquer coisa que se parecesse com uma vitória, teve como resultado paradoxal e face à leitura fria dos votos, a recaída numa situação sem saída próxima: nem a AD reviverá 1985 e a fuga em frente vitoriosa de Cavaco Silva, nem o PS, desamparado à esquerda, ficou mais próximo da desforra, nem o Chega sabe bem o que fazer daqui em diante.

2 Apoiar a Ucrânia é uma coisa; ir para a guerra da Ucrânia é coisa diferente. Não consigo deixar de ver nas retumbantes derrotas de Macron em França e de Scholz na Alemanha — ambos com 15% dos votos e ambos outrora os maiores defensores de uma solução de paz e hoje dos maiores belicistas — uma rejeição do seu aventureirismo. Se não foi isso, foi o quê? Recomendo, a propósito, a magnífica entrevista do historiador inglês Owen Matthews, especialista na Rússia e na Ucrânia, saído na última Revista do Expresso: é mesmo uma lufada de ar fresco e um exercício de informação inteligente e séria ver alguém do lado de cá conhecedor dos assuntos, que foge do discurso instalado e quase obrigatório sobre as motivações de Putin para a guerra e as suas ambições territoriais. Escutar o contraditório, analisar os argumentos da outra parte, ainda que errados ou falsos, deter-se nos ensinamentos da História, nunca fez mal a ninguém. Emprenhar pelos ouvidos é que faz mal. Sem deixar de criticar Putin e a invasão da Ucrânia, Matthews critica também o simplismo de muitas das análises feitas no Ocidente, dando como exemplo as afirmadas pretensões imperiais de Putin, supostamente tomando-se pelo novo Pedro, o Grande. Matthews acha que esse é “um erro de análise fundamental”. O que, segundo ele, fez Putin decidir-se pela invasão foi o medo da Ucrânia na NATO e más informações do seu círculo próximo, porque o seu sonho não é restaurar o Império russo ou soviético, mas sim a reunificação dos povos eslavos. E dá como exemplo disso e da desinformação promovida no Ocidente a sua célebre frase de 2005, quando disse que o colapso da URSS tinha sido a maior tragédia geopolítica do século XX. O problema, esclarece Matthews, é que se esqueceram de citar a outra metade da frase, quando ele disse que a tragédia estava nos milhões de russos que ficaram desprotegidos fora das fronteiras da Rússia. E não esqueçamos, acrescento eu, que, com o apoio quase unânime do Ocidente, Margaret Thatcher fez a Royal Navy atravessar dois oceanos para ir expulsar o Exército argentino das Malvinas, onde viviam 300 súbditos britânicos, criadores de carneiros.

ILUSTRAÇÃO HUGO PINTO

Escutar o contraditório, analisar os argumentos da outra parte, ainda que errados ou falsos, nunca fez mal a ninguém

3 Se revisitar a História é sempre um exercício útil, comemorá-la nem sempre é uma empreitada feliz. Em especial quando os de hoje querem celebrar ao sabor das conveniências do momento os feitos dos de ontem. Lembrei-me disso a propósito das comemorações, a 6 de Junho, dos 80 anos da Operação Overlord, na Normandia francesa. Foi um pouco ridículo ver o pequeno Macron empertigar-se à altura do grande De Gaulle, Biden no papel de Roosevelt, e Sunak, que só não ensaiou o de Churchill porque o deixou para Zelensky, apressando-se a regressar à mais importante campanha eleitoral inglesa. Compreendo, claro, que, dado o ambiente reinante, não tivessem convidado Putin para o papel de Estaline, em representação do quarto aliado, a URSS. Mas nenhum ambiente, por mais toldado que esteja, pode consentir que a História seja falsificada por grosseira omissão — a não ser que o objectivo seja mesmo o de provocar um clima de guerra declarada. Nos discursos da Normandia todos se “esqueceram” que durante três anos, até ao 6 de Junho de 1944, a URSS enfrentou sozinha, numa Europa inteira subjugada à pata nazi, as Forças do Eixo, com excepção, mais tarde, dos combates dos ingleses com o Afrika Korps de Rommel, no Norte de África. E que, nesses três anos, não obstante as múltiplas súplicas de Estaline a Churchill para a abertura de uma frente ocidental na Europa, este foi-a adiando sucessivamente até garantir o apoio maciço dos americanos. Esse esforço solitário dos russos obrigou à deslocação do grosso do Exército alemão para Leste até à sua estrondosa derrota em Estalinegrado, sendo assim decisivo para o sucesso do desembarque aliado na Normandia. Custou aos russos 6 milhões de mortos, mais do que suficiente para que a sua memória merecesse pelo menos uma menção, num dia dedicado à memória dos que morreram para libertar a Europa dos nazis. E para que os discursos agora feitos na Normandia não tenham sido interpretados como a equiparação entre a luta contra a Alemanha de Hitler com a luta contra a Rússia de Putin. Por mais omissões ou adaptações da História que lhes ocorra fazer, não cabe aos vivos de hoje separar entre bons e maus mortos os que morreram a lutar pela mesma causa.

4 E por falar em comemorações, Nuno Melo, com a absoluta vacuidade de ideias que o vem ocupando (como se não tivesse nada de mais importante com que se ocupar), lembrou-se de tocar a reunir toda a direita, incluindo a direita infrequentável, para que se passe a comemorar solenemente o 25 de Novembro de 1975. Trata-se de um programa extemporâneo, ilegítimo vindo de onde vem, divisionista, provocatório e condenado ao fiasco. Mas a resposta do actual PS, entrincheirando-se com a esquerda antidemocrática derrotada por Mário Soares, Eanes, Melo Antunes e os “Nove”, em Novembro de 1975, é de que quem não entendeu nada e não respeita o seu passado. Felizmente, ainda há quem não esqueceu e agradeça.

5 “Pode um colunista dizer que os judeus são todos criminosos?”, pergunta, no texto e no título, Francisco Mendes da Silva, na sua coluna de opinião, sexta-feira passada, no “Público”. Respondo já: não, não pode. Mas faço outra pergunta: e pode um colunista, mais do que deturpar grosseiramente, inventar o que outro não escreveu a fim de melhor argumentar? E, ainda por cima, argumentar em defesa da legitimação de uma chacina humana praticada à vista de todos diariamente?

Francisco Mendes da Silva, cuja coluna eu leio sempre com interesse e bastas vezes concordância — e continuarei a ler — dirige a sua pergunta ao texto que aqui publiquei há duas semanas intitulado “A traição de Israel”. Não perderei muito espaço a desdizer a acusação que me dirige, remetendo os leitores para a sua leitura ou releitura. Quem se der ao trabalho de o fazer ou quem recordar o que escrevi, facilmente constatará que em nenhuma passagem do meu texto eu escrevi, subentendi, ou, mesmo retirando do contexto, deixei passar qualquer frase que possa consentir a afirmação de que “todos os judeus são criminosos”. Trata-se da maior adulteração, da maior falsificação, da mais desavergonhada mentira acerca de um texto meu que tive de enfrentar em décadas de opinião. Eu escrevi, sim — o que é completamente diferente — que Israel é hoje “um Estado criminoso, que nenhum critério de decência pode absolver”, e que, ao contrário do que sempre sucedeu no passado, “todo o povo de Israel, ou quase todo, está solidário com um governo de criminosos”. Mas isso não sou só eu que o digo, di-lo também o TPI, cujo procurador, escudado na opinião unânime de oito peritos em direito internacional, emitiu mandatos de captura contra três terroristas do Hamas mandantes do 7 de Outubro, bem como contra o primeiro-ministro e o ministro da Defesa de Israel, por crimes de guerra e crimes contra a Humanidade. Simplesmente, há quem, “vendo, ouvindo e lendo”, consiga ignorar e prefira recorrer à mentira e à calúnia dos opositores para evitar ter de enfrentar os factos. Dizer, como Mendes da Silva, que eu “equiparo os judeus aos nazis” porque falo da “solução final” que Israel pretenderá para Gaza, omitindo que escrevi que essa seria a expulsão de todos os palestinianos de lá para fora (e não, como ele desejaria que eu tivesse escrito, as câmaras de gás!), ou que me “refiro sempre aos judeus como uma entidade una e indivisível” para insinuar o meu anti-semitismo, omitindo que me refiro indistintamente a judeus e israelitas ou a palestinianos, apenas como forma corrente de identificação das duas principais etnias habitantes da Palestina, são truques rascas e ofensivos. Mas há que entender: não deve ser fácil ver e fingir não ver, ler e pretender não ter percebido. Ter de sossegar a consciência de ser-se intelectual e moralmente conivente com a bebedeira de morte que está a acontecer em Gaza.

Miguel Sousa Tavares escreve de acordo com a antiga ortografia

ALTOS

António Costa
Ex-primeiro-ministro

O sonhado cargo europeu parece agora muito perto, depois de ter sido provável e de ter parecido impossível. A noite de domingo, com o apoio de Montenegro como que a oficializar a sua candidatura a presidente do Conselho Europeu, foi uma noite de vitória de António Costa. E até deixou Pedro Nuno Santos com ciúmes.

Marta Temido
Eurodeputada eleita

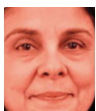
Houve momentos em que pareceu que até podia ser prejudicada pelas intervenções do líder socialista, mas a vitória nas europeias foi da ex-ministra da Saúde, ainda que por um ponto percentual. E Marta Temido ainda ganhou outro troféu: o de primeira mulher a ganhar umas eleições nacionais.

Agate de Sousa
Atleta

Há três anos Agate de Sousa não podia sair de Portugal para competir porque ainda não estava em situação legal. Esta semana conquistou a medalha de bronze no salto em comprimento, em Roma, onde decorrem os Europeus de Atletismo. E Liliana Cá também alcançou o bronze no lançamento do disco. E Pedro Pablo Pichardo conquistou a prata. E Fatoumata Diallo bateu o recorde nacional nos 400 metros barreiras e ganhou lugar para os Jogos Olímpicos de Paris, onde daqui a mês e meio havemos de ter mais conquistas a celebrar.

E BAIXOS

André Ventura
Presidente do Chega

Queria ganhar, mas perdeu em todos os concelhos e teve metade da percentagem de votos alcançada nas legislativas. Ainda assim, evitou a palavra derrota e até invocou o facto de o Chega continuar a ser o terceiro partido, como sinal da sua força. Passou a campanha a personalizar e a nacionalizar as europeias, que lhe dariam "conforto" para o voto no Orçamento. Acabou a noite a assumir responsabilidade pelo resultado, mas a recusar leituras nacionais. E ainda teve de assistir a mais um momento de triste figura do seu candidato.

Ana Paula Martins
Ministra da Saúde

A ministra da Saúde, pressionada pelo PS, acabou por admitir que, afinal, ao contrário do que o Governo tinha divulgado no seu plano de emergência, não são 9 mil, mas 2300 os doentes oncológicos à espera de cirurgia além do tempo máximo de resposta. E a ministra a seguir ainda foi corrigida pelo diretor executivo do SNS. Claro que são 2300 a mais, são mas menos de um terço do que o número divulgado. Não vale tudo para mostrar trabalho e também é assim que se destrói a credibilidade e o SNS.

EUNICE LOURENÇO
elourenco@expresso.impresa.pt

EM DESTAQUE

França Política francesa rebentou. E agora?

Os estilhaços da decisão do Presidente atingiram o próprio partido. Primeira volta das eleições realiza-se a 30 de junho

Emmanuel Macron levou à letra o velho ditado: "Situações extremas exigem medidas extremas." Após a vitória da extrema-direita nas eleições europeias, o Presidente francês dissolveu a Assembleia, deixando todos os partidos, incluindo o seu, desamparados. Com a ajuda de vários especialistas, o Expresso elencou quatro pontos-chave.

Quem contava com a dissolução?

Ninguém. Nem mesmo o partido do Presidente. "Para nós a dissolução da assembleia era uma piada!", contou ao Expresso um colaborador parlamentar do partido de Emmanuel Macron, que preferiu permanecer anónimo. "Há algumas semanas que eu e os meus colegas comentávamos 'E então, quando é que dissolvem a Assembleia?' Mas era em tom de brincadeira."

No entanto, o tema não era tabu entre os deputados do Renascimento (partido de Macron), que contavam que o Parlamento fosse dissolvido eventualmente, mas não agora. "Tinha de acontecer, sem dúvida. Temos sofrido muito por não ter maioria absoluta no Parlamento", confessou ao Expresso. "Mas achávamos que havia demasiados problemas de calendário, sobretudo com os Jogos Olímpicos à porta. Estávamos a apontar para setembro."

Qual é a estratégia de Macron?

Entre as diferentes teorias destacam-se duas: a da "terra queimada", onde mais vale que Bardella seja primeiro-ministro do que Le Pen Presidente. Outra mais "eleitoralista": o intuito de provocar um eletrochoque entre os franceses para que os eleitores se mobilizem.

Para Anne Charlène Bezzina, a aposta do Presidente é "que a sua maioria possa crescer num período de caos, onde a direita e a esquerda se dirigem para os extremos", explicou a politóloga ao Expresso. "Mas isso parece-me muito audacioso." Para o colaborador parlamentar do Renascimento, a audácia é um eufemismo: "A estratégia foi rebentar com a vida política francesa. E conseguiu! Mas também rebentou connosco", lamentou ao Expresso.

Coligações no horizonte?

O partido da extrema-direita, Reconquista, implodiu depois de não ter conseguido negociar uma coligação com o Reagrupamento Nacional (RN) de Le Pen. Por sua vez, o RN anunciou um "acordo" entre o seu partido e os Republicanos de Eric Ciotti. Este, foi expulso do partido depois de ter optado por uma aliança com a extrema-direita sem consultar os restantes membros.

À esquerda vários líderes apelaram a uma união sob o nome de "Frente Popular", uma referência à coligação que governou França entre 1936 e 1938. As negociações decorrem, mas para Vincent Ortiz, investigador na Universidade Jules Vernes, não é certo que a esquerda se una: "Raphaël Glucksmann (do partido Praça Pública) recebeu muita atenção durante as eleições europeias e não quer perder o ritmo ao aliar-se a partidos que não partilham as suas prioridades políticas", contou ao Expresso.

Que esperar das eleições?

Ao anunciar a dissolução da Assembleia Nacional, o chefe de Estado corre o risco de instalar a extrema-direita em Matignon, residência oficial do primeiro-ministro. As últimas sondagens preveem uma vitória do RN, seguida pela coligação de esquerda e pelo partido presidencial.

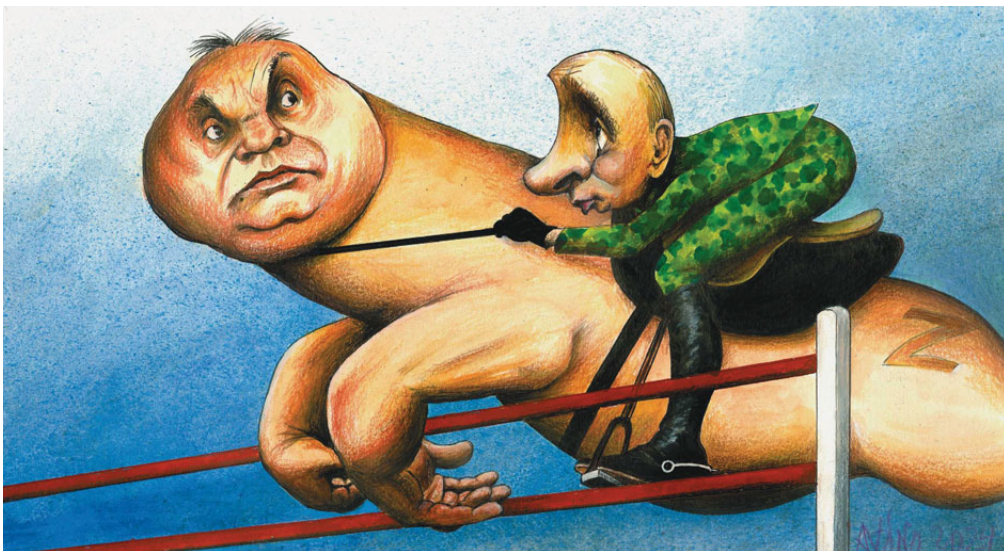
> **As últimas sondagens preveem uma vitória do RN, seguida pela coligação de esquerda e pelo partido presidencial**

"As causas que fazem com que uns canalizem a sua energia para fazer frente ao RN, são as mesmas que farão com que as pessoas que votam no RN votem ainda mais, porque há uma verdadeira perspetiva de vitória", explicou Ortiz ao Expresso.

Mas para Bono, cujo trabalho consiste — em parte — em fazer previsões sobre a participação eleitoral, é muito cedo para tirar conclusões: "Os modelos estatísticos funcionam quando os eventos são regulares. Quando começamos a entrar no caos e no aleatório, os modelos estatísticos são menos fiáveis", disse ao Expresso. "Por um lado, se houver um eletrochoque, a participação pode ser melhor. Por outro, haverá eleições no verão — não é a melhor altura para contar que as pessoas estejam perto das suas respetivas mesas de voto."

À medida que nos aproximamos da primeira volta (a 30 de junho, a segunda volta será a 7 de julho), descobriremos se o golpe do Presidente foi bem-sucedido. "Até lá, precisamos antes de mais de saber quem serão os candidatos à eleição", concluiu Bono.

MARIANA ABREU, em Paris
internacional@expresso.impresa.pt

O Cartoon de António | — Jogos alternativos 2024 — Hipismo russo

Madeira Novo governo em risco

Programa do governo é votado quinta-feira e não há garantias que passe. Madeira corre risco de ter eleições em seis meses

O programa de governo regional da Madeira é votado na quinta-feira, 20 de junho, e não há garantias que passe. Se for chumbado, o executivo de Miguel Albuquerque, empossado mas não em efetividade de funções, cai e abre-se uma nova crise política na região, com o representante da República, Ireneu Barreto, a ter de decidir se dá hipótese à formação de um novo executivo ou se espera seis meses até que o Presidente da República ganhe de novo os poderes para dissolver o parlamento regional e convocar eleições regionais antecipadas.

Pela primeira vez em 48 anos de autonomia regional, ninguém sabe se o programa de governo apresentado por Albuquerque passa. Garantidos estão apenas 21 votos (a soma dos deputados do PSD e do CDS). O número até pode ser suficiente, basta maioria simples, mas para isso é preciso que a oposição não vote toda contra. Chega, PAN e IL (que juntos têm seis deputados) disseram ao representante da República que não iriam "hostilizar" o novo governo, mas desde a indigitação de Albuquerque houve mudanças.

Não hostilizar poderia significar uma abstenção na moção de confiança que obrigatoriamente acompanha o programa de governo, mas, pelo menos para já, o Chega voltou atrás e diz que vota contra e que só admitiria viabilizar se Miguel Albuquerque se demitir. O problema deste ultimato é que se Albuquerque se demitisse, o processo teria de começar do início, com o representante da República a ter de decidir o que fazer, dando hipótese a um novo presidente ou deixando Albuquerque em gestão.

Com o voto contra do Chega (são quatro deputados) as contas para a Miguel Albuquerque ficam mais complicadas. À esquerda, o PS já disse que vota contra (11 deputados) e o Juntos Pelo Povo (9 deputados) ainda vai reunir a comissão política para decidir. Élvio Sousa, o líder do JPP, fez saber que é "muito improvável" uma viabilização do programa do governo de Albuquerque.

Sem programa não há governo, nem orçamento

A Madeira está em gestão por duodécimos desde o início do ano e, neste momento, governo e oposição trocam acusações sobre quem é, de facto, responsável por tal acontecer. A oposição — sobretudo o Chega e o PS — tenta sacudir culpas, argumentando que as moções de censura que apresentaram em janeiro, assim que o PAN retirou a confiança política a Albuquerque, nunca chegaram a ser votadas e nenhuma iria passar, pois o Chega nunca votaria uma proposta dos socialistas e vice-versa. Argumentos que surgem quando se começa a fazer sentir a falta de orçamento. Não há novas obras públicas, há pelo menos €100 milhões em fundos europeus parados e paira no ar a ameaça de despedimentos dos funcionários da administração regional. O Sindicato da Função Pública já lançou um apelo tentando evitar uma segunda crise política para que sejam desbloqueados €47 milhões em progressões e subsídios.

O PSD garante estar a negociar com todos os partidos, mas Jaime Filipe Ramos, o líder do grupo parlamentar, não dá garantias: "Estamos a conversar." Se o PSD quer evitar uma nova crise, também passa a ideia de que o partido não tem medo de ir a votos. Resta saber se Albuquerque ainda tem vidas políticas para sobreviver aos tempos agitados que se vivem na Madeira.

MARTA CAIRES
politica@expresso.impresa.pt

DESCODIFICADOR

O tráfico e o consumo estão a ficar descontrolados?

A Europa está a ser inundada de droga e em alguns países que a recebem, a violência entre traficantes disparou. Um décimo da população já experimentou canábis

1 O problema da droga deixou de ser de alguns e passou a ser de todos?

Sim. O mais recente relatório do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (que em julho passará a ter a designação de Agência da União Europeia sobre Drogas) é demolidor: "Todos, direta ou indiretamente, podem ser afetados pelo consumo de drogas ilícitas e pelos problemas que lhe estão associados." As maiores preocupações são o recrutamento de jovens vulneráveis para o tráfico, o aumento dos carregamentos de navios com droga para a Europa e da violência relacionada com este tipo de criminalidade.

2 Quais os fenómenos mais graves relacionados com o consumo?

O relatório chama a atenção para os policonsumos, ou seja, o uso de mais do que uma droga em simultâneo, que pode fazer aumentar os problemas de saúde e as overdoses. E dá o exemplo da mistura entre a cocaína e o álcool, que é altamente nocivo. Em crescimento está também a disponibilidade de uma gama mais vasta de drogas mais potentes com "combinações novas e de elevada pureza", bem como de substâncias sintéticas (em que se destaca o aparecimento de opiáceos sintéticos "altamente potentes"). Quase um décimo da população adulta experimentou canábis, que é de longe a droga mais consumida na Europa. Mas a cocaína tem também altos índices de procura e foi consumida por 1,4 % (4 milhões) dos adultos. E é também responsável por um quinto das overdoses.

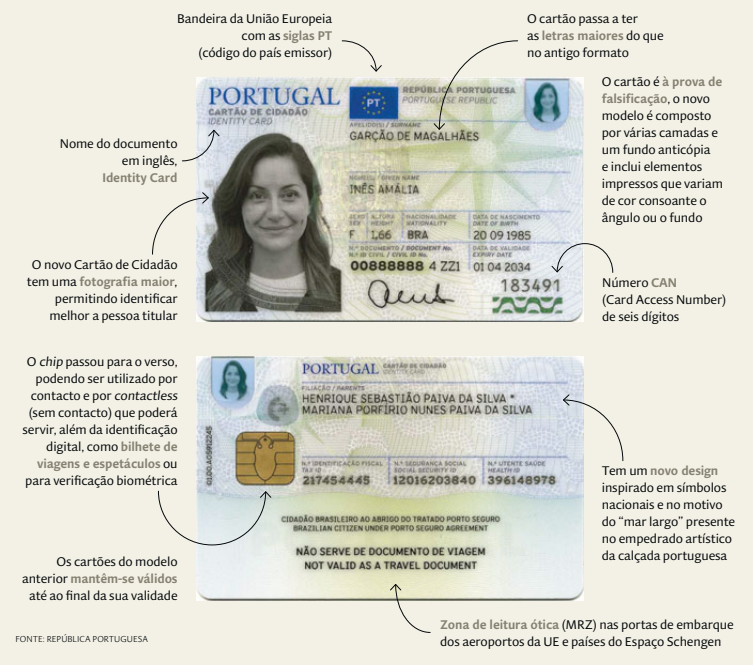
3 O aumento do tráfico e do consumo faz crescer a violência nas ruas?

Sim, sobretudo nos países que recebem os maiores carregamentos de drogas por via marítima ou produzem substâncias sintéticas em laboratórios ilegais. Não é por acaso que a violência entre os gangues de drogas está a crescer na Bélgica e nos Países Baixos, os dois países mais afetados pelo fenómeno. Os Estados-membros da UE apreenderam novamente quantidades recorde de cocaína, que ascendem a 323 toneladas, e desmantelaram 39 laboratórios clandestinos de produção daquela droga.

4 Qual a dimensão do problema em Portugal?

O relatório aponta o dedo ao crescimento da chamada 'droga do riso', o óxido nitroso. Os dados de 2023 das forças de segurança revelam que a PJ apreendeu quase 22 toneladas de cocaína, um valor recorde. E foi detetado um laboratório de produção daquela droga em grandes quantidades perto de Guimarães, algo quase inédito.

HUGO FRANCO
hfranco@expresso.impresa.pt

Há um novo Cartão de Cidadão. Saiba o que mudou

SOS Hospitais de Lisboa não têm um plano de resposta central e admitem caos. Médicos recorrem ao WhatsApp para se ajudarem

Urgência obstétrica está 'por um fio'

VERA LÚCIA ARREIGOSO

"Estou muito preocupada com esta 'organização' da obstetrícia no verão. Nunca vi isto assim. Critiquei planos do passado, mas, pelo menos, eram pensados de forma global e claramente comunicados. Agora ninguém se entende." O desabafo é feito por uma responsável de um hospital da região de Lisboa no grupo do WhatsApp que, entretanto, foi criado para se apoiarem na resposta às grávidas.

"Quem está aberto e quem não está? Urgência referenciada ou não? Ninguém sabe. Cada hospital decide individualmente e comunica (quando comunica) num grupo no WhatsApp, para não dizer que já anda tudo em 'guerra' entre hospitais. Nem sequer percebo quem está a comandar", escreveu um médico. A nova Direção-Executiva do Serviço Nacional de Saúde continua por tomar posse e a ministra da Saúde delegou a responsabilidade das escalas nos gestores das unidades e a resposta à população sobre a que serviço recorrer na linha telefónica SNS 24, deixando a assistência literalmente 'por um fio'.

Na véspera do feriado de Lisboa, quinta-feira, a falta de informação era sentida. "Boa noite, tenho uma dúvida: o hospital [não identificamos para proteção da fonte] encerra amanhã às 8 horas. Devemos enviar esta informação para alguém superiormente ou já é do conhecimento de quem de direito e limitamo-nos a colocar no hospital, como temos feito até agora?" A resposta, de outro obstetra, revela a desorientação: "Pelo sim, pelo não, envia para o CODU [INEM]."

Noutra mensagem, um especialista diz que está a "abrir camas até ao limite" e que, mesmo assim, não é possível manter as portas sempre abertas. Mas, um colega avisa: "Prepara-te para estares aberto alternadamente com o hospital X, não vai ser possível de outra maneira. Já avisei [outro responsável]. Todos temos dificuldades. Não há filhos e enteados."

No verão passado, as escalas foram geridas pela Direção-Executiva, com o próprio ex-CEO, Fernando Araújo, a contactar médicos para 'tapar buracos'. Fazia uma "gestão de grande proximidade", garantem os gestores hospitalares. Agora, sem esta orientação, cada um está por sua conta.

Ao Expresso, o presidente da Associação de Administradores Hospitalares conta que tem recebido "pedidos de colegas de hospitais da região de Lisboa, dos mais pequenos, a pedir os números de telefone das equipas do Norte para saber se têm médicos que possam ir fazer algumas escalas a Lisboa". A resposta é, "invariavelmente a mesma": "Não há médicos." Xavier Barreto explica que a ideia surgiu "porque no passado foi possível, embora com valores-hora a chegar aos 100 euros".

As dificuldades de planeamento são ainda visíveis na publicação dos mapas das urgências, de obstetrícia e pediatria. O Governo havia anunciado que as escalas seriam mensais, comunicadas somente à Linha SNS 24. Esta semana recuou. Os mapas voltam a ser publicados, ainda assim, só para uma semana e falharam logo na partida. Deveriam ter sido publicados na quinta-feira e não foram. Fonte próxima explicou que a validação "demorou mais tempo do que se antecipou" para haver "certeza de que os dados estão atualizados e coerentes com a realidade".

Na quarta-feira, no Parlamento, e durante a explicação aos deputados sobre o "Plano de Verão", Ana Paula Martins disse que a publicação dos mapas já poderia ter acontecido, mas que tinha sido recusada pela Direção-Executiva demissionária. O desmentido de Fernando Araújo foi automático. "Não tendo sido convidada a participar na elaboração deste plano, não tendo tido conhecimento oficial do mesmo, não tendo sido incumbida para o monitorizar, nem conhecendo a estratégia, poderia ser confusa a sua colocação, pois as dúvidas que poderiam surgir e a necessidade de ajustes não poderiam ser respondidos ou efetuados pela DE-SNS", pelo que, "a sugestão seria a SPMS" a fazê-lo, "tendo o gabinete da ministra da Saúde concordado".

Apesar de o mapeamento voltar a ser público, Ana Paula Martins reforçou ser essencial contactar primeiro a Linha, e quem tem de atender diz estar no limite. O Gabinete reitera que houve um reforço de enfermeiros para 1700, embora no atendimento às grávidas sem serem especialistas em saúde materna. O Sindicato dos Enfermeiros faz outro diagnóstico: "A situação é explosiva. As denúncias apontam para uma pressão constante para que se evitem chamadas em espera, pois a empresa que gere a Linha é alvo de multas." E alerta: "Pode estar em causa a qualidade do atendimento e da informação prestada aos cidadãos, pois perante a pressão exercida, muitos colegas, para não perderem tempo, deixam de fazer um apuramento mais exaustivo do estado de saúde de quem está do outro lado da linha."

varreigoso@expresso.impresa.pt

HÁ HOSPITAIS EM LISBOA A PEDIR MÉDICOS AO NORTE PARA VIREM FAZER ESCALAS. MAS NÃO HÁ

NO FIM ERA O VERBO

PRÉMIO ASSOBIAR PARA O LADO
"Do ponto de vista da governação, para mim não mudou nada no domingo"
Luís Montenegro
Primeiro-ministro

PRÉMIO PENSO LOGO EXISTO
"Estão a privilegiar a nacionalidade em relação à utilidade. É paroquial quando a nacionalidade conta mais do que as ideias"
João Cotrim de Figueiredo
Eurodeputado eleito pela IL

PRÉMIO DESTA VEZ TEMOS UM CANDIDATO COM EXPERIÊNCIA
"Se [António Costa] for candidato, a nossa decisão está tomada"
Luís Montenegro
Primeiro-ministro

PRÉMIO POR ACASO CONHECE ALGUM DISPONÍVEL?
"Diria que a presidência do Conselho Europeu vai ser dos socialistas"
António Costa
Ex-primeiro-ministro

PRÉMIO O ESTADO SOU EU
"Tivemos uma boa equipa, não estou nada arrependido, o responsável deste resultado sou eu"
André Ventura
Deputado e líder do Chega

PRÉMIO DÁS-ME UM AUTÓGRAFO?
"As finalizações [de Ronaldo] são para guardar e mostrar às crianças, porque são finalizações incríveis"
Roberto Martinez
Selecionador nacional

PRÉMIO BIG BROTHER IS WATCHING YOU
"Vamos ter uma comissão de acompanhamento e uma comissão de auditoria aos Conselhos de Administração. E não é hostilizar, é ajudá-los a cumprir a sua missão"
Ana Paula Martins
Ministra da Saúde

PRÉMIO É O SONHO QUE COMANDA A VIDA
"Se houver condições, tenho o sonho que o próximo 10 de Junho seja na Venezuela"
Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

PRÉMIO NÃO DIGAM QUE NÃO AVISEI
"A China tomará todas as medidas necessárias para salvaguardar os seus direitos"
Lin Jian
Ministro dos Negócios Estrangeiros chinês

PRÉMIO ISSO NÃO SE RESOLVE COM REGUADAS
"Num campeonato deste nível, a régua eletrónica não pode desligar, e se desligar deve parar-se a prova"
Pedro Pichardo
Atleta de triplo salto

JOÃO SILVESTRE
jsilvestre@expresso.impresa.pt

POLÍTICA **PÓS-ELEIÇÕES**

Escolhas O ex-primeiro-ministro conta com o empenho de Sánchez e apoio de Macron e de Mitsotakis. Investigação deixou de ser obstáculo

Costa a um passo do Conselho Europeu

Texto **Susana Frexes**
Infografia **Sofia Miguel Rosa**

António Costa é o plano A dos socialistas para a presidência do Conselho Europeu. Tem o apoio claro do chanceler alemão, Olaf Scholz, e do chefe do Governo espanhol e, ao que o Expresso apurou, Pedro Sánchez tem estado ativamente a fazer contactos com outros líderes europeus para que o ex-primeiro-ministro português possa voltar a ter assento nas cimeiras europeias, desta vez a presidi-las.

Já não há dúvidas de que o nome de Costa vai estar em cima da mesa durante o jantar de líderes de segunda-feira, em que serão negociados os *top jobs* europeus, dentro de um pacote que inclui também Ursula von der Leyen para a liderança da Comissão Europeia, a primeira-ministra da Estónia, Kaja Kallas, como alta-representante da UE para a política externa (a que acresce, numa outra dimensão, Roberta Metsola como recandidata ao Parlamento Europeu). Várias fontes apontam para este cenário como "estável" e "provável", mas nada está fechado até tudo estar fechado.

Para já, Costa conta com o apoio generalizado da família socialista europeia, potenciada pelo aval de Scholz e Sánchez, os dois negociadores do lado dos socialistas europeus, mas também do próprio presidente do Partido Socialista Europeu (PES). O ex-primeiro-ministro sueco, Stefan Lofven nunca deixou de vocalizar a preferência pelo português, mesmo quando o próprio se colocava fora da corrida por causa da investigação ligada à Operação Influencer. Lofven tem estado a falar com os líderes socialistas que estão na oposição em vários países e em contacto com o grupo socialista no Parlamento Europeu.

Neste ponto, não há vozes discordantes entre os socialistas. O primeiro-ministro maltês, Robert Abela, é outro dos apoios esperados. A única dúvida que permanece é sobre a posição da primeira-ministra dinamarquesa. Mette Frederiksen é possível como o plano B e a própria já terá olhado para o cargo como uma oportunidade. No entanto, dentro do PES há algumas resistências: é várias vezes apontada como tendo posições pouco socialistas em determinadas áreas, como a economia ou as migrações, e não respeita os equilíbrios regionais nos *top jobs* (ficaria de fora alguém dos países do sul). Mas o Expresso sabe que Frederiksen também não é propriamente fã da política migratória defendida pelo ex-primeiro-ministro português, considerando-a muito *soft*.

Apoios no PPE, mas centro-direita quer reciprocidade

O resultado das eleições europeias deste domingo deu a vitória ao Partido Popular Europeu (PPE), que viu reforçada a sua reclamação da presidência da Comissão Europeia para a democrata-cristã Ursula von der Leyen. Ao mesmo tempo, os socialistas europeus, que continuam num consolidado segundo lugar, exigem que seja desta que ficam com a presidência do Conselho Europeu, até porque, mesmo não tendo muitos líderes à mesa das cimeiras, representam dois países grandes, Espanha e Alemanha, e uma importante fatia da população europeia. A questão é que precisam de uma maioria qualificada, o que implica negociar com o PPE e os liberais, sem esquecer outros líderes como a primeira-ministra italiana Giorgia Meloni.

Costa conta com um largo consenso fruto dos oito anos em que se sentou no Conselho Europeu e de relações pessoais que criou com vários chefes de Governo e de Estado, incluindo de outras famílias europeias. A começar por Emmanuel Macron. O Presidente francês ainda não falou publicamente sobre o assunto, mas os dois têm uma boa relação, e Macron não deverá falhar na hora da chamada. Contudo, o terramoto político provocado em França no domingo, com o partido de Marine Le Pen a ganhar as europeias, tem obrigado o Presidente a focar-se mais na política interna — e nas legislativas que convocou — do que nas negociações para os cargos de topo, o que para alguns é visto como um sinal positivo e uma esperança de que a decisão sobre os cargos de topo pode ser rápida, até porque há cinco anos, Macron foi eficaz a travar o candidato do PPE, Manfred Weber, ajudando a surgir — com enorme surpresa — Ursula von der Leyen para liderar o executivo comunitário.

Entre os líderes de centro-direita, o grego Kyriakos Mitsotakis e o luxemburguês Luc Frieden são apoios esperados e, neste sentido, poderá ajudar o facto de Mitsotakis ter sido escolhido pelos líderes do PPE para ser um dos negociadores dos cargos de topo, juntamente com o primeiro-ministro polaco Donald Tusk. A dúvida está na posição de Varsóvia, que quer ver garantido algum destes cargos para o leste europeu.

À direita, o empenho ativo de Luís Montenegro poderá fazer a diferença. O primeiro-ministro disponibilizou-se para ajudar o antecessor, tendo já transmitido a todos os colegas do PPE a sua vontade de apoiar Costa. O anúncio que fez na noite de 9 de junho deu um impulso a uma candidatura e poderá contribuir para dissipar dúvidas dentro da sua família europeia.

Datas

19 de junho Jantar informal de líderes. Primeira discussão sobre os cargos de topo

27 e 28 de junho Conselho Europeu. Objetivo é ter os cargos de topo fechados até final do mês

16 a 19 de julho Tomada de posse dos novos eurodeputados. Presidente da Comissão também pode ser eleito nessa semana

Outubro Audição dos novos comissários. Até lá deverão ser conhecidos os nomes indicados pelos vários Governos

Novembro Aprovação do novo colégio de comissários

1 de dezembro Tomada de posse do novo presidente do Conselho, que será eleito por 2 anos e meio **S.F.**

EXPRESSO.PT O que faz o presidente do Conselho Europeu? Lugar é sobretudo de representação e negociação e foi criado no Tratado de Lisboa >>

NÃO INSCRITOS

ID — Identidade e Democracia

"Cabe aos 27 líderes decidir", diz ao Expresso Thanasis Bakolas, secretário-geral do PPE. "Mas o que posso dizer é que os líderes conhecem-no, há um enorme respeito por ele, é um político muito construtivo e isso tem peso", acrescenta.

A declaração é significativa e um sinal positivo de abertura dos democratas-cristãos que esperam reciprocidade e não deverão dar o aval a Costa sem ter outra garantia em troca. "Cabe aos socialistas explicarem ao que vêm e se apoiam Ursula von der Leyen", afirmava esta quarta-feira Lídia Pereira, eurodeputada do PSD e vice-presidente do grupo do PPE no Parlamento Europeu. Os eurodeputados apenas têm poder na eleição do presidente da Comissão e não votam para o Conselho Europeu, contudo a negociação entre famílias políticas é transversal para os *top jobs*.

Investigação deixou de ser obstáculo

O caminho para se tornar presidenciável foi tortuoso. António Costa era apontado como o favorito ao cargo antes de o Governo cair a 7 de novembro, mas a queda associada à Operação Influencer e as notícias sobre suspeitas de corrupção a envolver o seu Executivo fizeram a popularidade cair a pique em Bruxelas. No entanto, a falta de uma acusação contra o próprio (ou sequer a sua constituição como arguido), a saída em liberdade de todos os suspeitos, incluindo o seu antigo chefe de gabinete, e a decisão da Relação que considerou não haver nada contra o ex-primeiro-ministro foram-lhe limpando progressivamente a imagem em Portugal e em Bruxelas.

A situação processual de Costa na Operação Influencer é a mesma desde 24 de maio, quando foi finalmente confrontado com os indícios que o Ministério Público (MP) tinha contra si e que não foram suficientes para o constituir arguido. Deixou de haver o receio de que o MP avance com uma acusação ou o possa constituir arguido.

Depois de ser ouvido, ficou claro para Costa que a investigação não seria um obstáculo para exercer de novo um cargo público e a prova disso é que assumiu claramente, na noite das eleições europeias, que estava disponível para ocupar o lugar do belga Charles Michel. Aliás, na noite eleitoral, o ex-primeiro-ministro contou, na CMTV, que já tinha sondado o apoio de Montenegro, antes de este ser eleito e que o fez também depois das legislativas: "Ainda não era primeiro-ministro e tinha-me transmitido que me daria esse apoio", disse, para quem "portugueses desempenharem funções internacionais" é "bom para o país".

A ausência de Costa na campanha socialista de Marta Temido tinha levantado dúvidas. Apesar da ausência, o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, diz que está "satisfeito" com o apoio do Governo à candidatura do socialista, que pode dar "peso" a um cargo que não o teve "até agora".

Certo é que em Bruxelas, a investigação também deixou de ser vista como uma ameaça grave. Algumas fontes apontam para o risco de não haver uma comunicação formal do MP a encerrar o caso, mas muitas deixaram cair as reservas que tinham.

O que falta? Falta muito pouco e falta tudo. António Costa só poderá cantar vitória depois de ser eleito por uma maioria qualificada de antigos colegas de Conselho Europeu. O primeiro teste é o jantar de líderes de segunda-feira, dia 17. Não se espera uma decisão final, mas o encontro em Bruxelas poderá ajudar a perceber se as peças encaixam. Como lembra uma fonte, é preciso "precaução". A negociação dos cargos de topo tem muitas variáveis: é preciso um equilíbrio geográfico, de famílias políticas e até de género. Um processo que a história mostra não está imune a grandes reviravoltas e surpresas.

Com **Rui Gustavo**
politica@expresso.impresa.pt

GUE/NGL — Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde; **G/EFA** — Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia; **S&D** — Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas no PE; **RE** — Grupo Renovar Europa (ex-ALDE Aliança dos Democratas e Liberais pela Europa); **PPE** — Grupo do Partido Popular Europeu (democratas-cristãos); **ECR** — Grupo dos Conservadores e Reformistas Europeus; **ID** — Identidade e Democracia (ex-Europa das Nações e da Liberdade, eurocéticos)

Vitórias radicais agitam países, mas PE mantém-se ao centro

Direita radical venceu em vários países, levando à queda dos Governos francês e belga

Não foi a noite de mudança que as previsões faziam recear, mas a noite das eleições europeias correu bem à direita radical. Com vitórias em quatro países e segundos e terceiros lugares noutros, esta corrente política viu crescer as duas bancadas do Parlamento Europeu em que se divide: Conservadores e Reformistas Europeus (ECR) e Identidade e Democracia (ID), onde, em princípio, se vão sentar os eurodeputados do Chega.

A mudança, contudo, não foi uma guinada, mas uma curva. As sondagens apontavam para uma viragem à direita, muito à direita. O centro de gravidade da União Europeia iria deixar de se situar... no centro, deslocando-se para a direita mais extremista. Mas quem surgiu mais reforçado da noite de domingo foi o Partido Popular Europeu (PPE) e também Ursula von der Leyen, a presidente da Comissão Europeia (e recandidata ao cargo), saiu mais forte nessa corrida.

O PPE aumentou a expressão como o maior grupo, passando de 176 para 189 mandatos, o S&D caiu, mas pouco, de 139 para 135, e o RE segura — para já — o terceiro lugar, apesar de cair de 102 para 79. Ou seja, por enquanto o pódio continua a ser ocupado pelos mesmos três grupos de há cinco anos. Juntos têm cerca de 400 lugares, uma maioria clara, ainda que mais curta que na atual legislatura.

Chegou a falar-se num supergrupo de ultradireita que resultaria da fusão entre ECR, eurocéticos e com fações mais extremistas, e ID, declaradamente de extrema-direita. Uma família alargada que, no seu conjunto — e segundo algumas projeções —, poderia mesmo ultrapassar o maioritário PPE (centro-direita). Mas o 'assalto' da direita radical ao poder no órgão legislativo da União, que já havia sido tentado em 2019, também não foi desta que se concretizou.

O ECR subiu: de 69 mandatos para 76. O ID também subiu e, comparativamente, cresceu mais do que os conservadores: de 49 para 58. Mas nem o ECR apeou o grupo Renovar a Europa (RE, liberal) do terceiro lugar, como chegou a antecipar-se, nem alcançou um resultado tão dilatado que justifique um supergrupo. Há ainda um dado importante a assinalar, que é o facto de o Parlamento ter engordado de 705 para 720 eurodeputados. Mas quem ganhou com o acrescento dessa dezena e meia de parlamentares é uma ponderação ainda por fazer.

Mais: há 45 não inscritos e 46 incluídos na categoria 'outros' (ou seja, deputados recém-eleitos não filiados em qualquer dos grupos da legislatura cessante). Fonte parlamentar explica ao Expresso que alguns desses eurodeputados ainda poderão juntar-se ao ECR ou ao ID — ou a qualquer outro grupo (mais uma vez está por saber quem beneficiará mais com a transumância). Outra nuance relevante: em 2019, o ID contava com a Alternativa para a Alemanha (AfD), que foi recentemente expulsa do grupo. E continua a incógnita de onde se sentará o Fidesz, o partido do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, sendo que poderá optar por manter a situação atual de não inscrito.

Terramotos nacionais

Se o eixo do Parlamento Europeu ainda pode rodar ao centro, já em alguns países a subida da direita radical provocou autênticos terramotos políticos. Forças de direita radical venceram na Áustria, Bélgica e França. Neste último caso, o triunfo do partido de Marine Le Pen levou o Presidente, Emmanuel Macron, a dissolver o Parlamento e a marcar eleições para 30 de junho (ver pág. 4).

Onde o Governo também caiu em função do resultado nas europeias foi na Bélgica. O primeiro-ministro liberal, Alexander De Croo, apresentou a demissão na sequência da derrota do seu partido (Open VLD) numa noite eleitoral tripla naquele país (europeias, regionais e legislativas).

A noite foi feliz para o Interesse Flamengo (VB), partido de extrema-direita e defensor da independência da Flandres. Ganhou as europeias com 14% dos votos e três dos 21 eurodeputados belgas (parece pouco, o que se deve ao sistema partidário, que tem forças políticas diferentes na Flandres e na Valónia, fragmentando muito a distribuição de votos). E fica em segundo nas legislativas do mesmo dia e nas regionais da Flandres, subindo sempre em número de votos.

> **Ainda não foi desta que se concretizou o 'assalto' da direita radical ao poder no órgão legislativo da União, já tentado em 2019**

O VB é sucessor do Bloco Flamengo, partido extinto pela justiça após acusações de racismo. Tem sido alvo de forte cordão sanitário, mas a Nova Aliança Flamenga (NVA), maior partido do flamengo, tem dado sinais de querer pôr fim a esse isolamento. E o líder da NVA já foi convidado pelo rei dos belgas para iniciar negociações com os outros partidos, de forma a apresentar uma proposta de governo.

Lá para o outono haverá legislativas na Áustria, onde o Partido da Liberdade (FPÖ) ganhou as europeias — 26% dos votos e seis dos 20 eurodeputados austríacos — e lidera as intenções de voto. Fundado em 1956 por um ex-ministro nazi, já fez parte de Governos em alianças com a direita convencional, tendo mesmo sido a primeira força política europeia de extrema-direita a fazê-lo em 2000. Integra a bancada do ID no Parlamento Europeu. As formações que governam a Áustria — o Partido Popular (ÖVP), do chanceler Karl Nehammer, e os Verdes — ficaram, respetivamente, em segundo lugar, com cinco assentos, e em quarto, com dois.

Na Alemanha não foi uma vitória, mas foi quase como se fosse. Apesar da polémica com o cabeça de lista da AfD durante a campanha eleitoral, que levou o seu partido a ser expulso do grupo ID, o partido ficou em segundo lugar, com 16% dos votos e 15 dos 96 eurodeputados, atrás dos 30% da União Democrata-Cristã (centro-direita) e à frente dos três partidos da coligação governante (sociais-democratas, liberais e verdes).

A AfD foi a força mais votada nas europeias nos cinco Estados da antiga Alemanha de Leste — Saxónia, Turíngia, Saxónia-Anhalt, Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental e Brandeburgo —, com quase o dobro da sua percentagem nacional. Também na ex-RDA a extrema-direita teve bons resultados em eleições locais celebradas no mesmo dia. As legislativas na Alemanha são daqui a ano e meio.

Hélder Gomes, Pedro Cordeiro e **Susana Frexes**
hgomes@expresso.impresa.pt

EXPRESSO.PT E agora? A derrota de Ventura e a vitória de Pedro Nuno seguram Montenegro — ouça a "Comissão Política" do Expresso

Na noite eleitoral, o líder do PS prometeu não criar instabilidade e Montenegro disse que queria "aprofundar o diálogo" com o PS

FOTO TIAGO MIRANDA

Legislatura Depois das promessas de estabilidade e diálogo na noite eleitoral, PS e Governo voltam a escalar discurso

PS sobe a parada e ameaça: Governo pode não "perdurar"

Texto **João Diogo Correia** e **João Pedro Henriques**

Quarta-feira, ao final de tarde, numa nota de imprensa de última hora, a direção do PS avisava os jornalistas que o secretário-geral do partido ia visitar a Feira do Móvel, no Pavilhão Carlos Lopes, em Lisboa. Um carimbo de "urgente" dava um tom dramático à súbita convocatória. E garantidamente não era de mobiliário que o secretário-geral dos socialistas queria falar.

Face à notícia de que o Governo tinha passado a usar uma nova fórmula para tentar evitar alterações aos seus diplomas no Parlamento (ver pág. 9), Pedro Nuno Santos decidiu aumentar o tom de ameaça: "Se o Governo quer perdurar tem de ter as políticas certas e tem de ter a atitude correta na relação com a oposição e com o Parlamento", afirmou. "Respeitar o Parlamento é não o ignorar, é não o evitar, é procurar a negociação no quadro parlamentar. É assim que se faz em democracias maduras, e o Governo não parece querer assumir essa sua condição de ser Governo minoritário que não tem outro remédio que não seja respeitar a oposição e respeitar o Parlamento", disse ainda "Perdurar"

DEPOIS DO VERÃO, O PS COMEÇA A PREPARAR O PROGRAMA ELEITORAL ATRAVÉS DA REALIZAÇÃO DE ESTADOS GERAIS

é a palavra-chave. Pela primeira vez, o secretário-geral fez uma ligação entre a "atitude" do Governo — que exige ser "dialogante" — e a duração do mesmo. Depois de no fim da campanha dizer que quer "dialogar" o Orçamento do Estado (OE) e de garantir, no domingo das eleições, que "não será pelo PS que haverá instabilidade política em Portugal", Pedro Nuno Santos decidiu subir a parada dado que, no seu entender, o Governo optou por fazer uma "desvalorização profundamente errada" do resultado eleitoral.

Horas antes, na Suíça, Luís Montenegro tinha dado o sinal de que, ao contrário do que o PS insiste, não vai mudar de atitude. Para o Governo a derrota nas eleições europeias "não muda nada". Mas, na verdade, é nessa ideia de continuidade que está a grande mudança que o resultado de domingo trouxe para as hostes da AD: com uma derrota por uma diferença de pouco mais de 40 mil votos, a coligação evitou uma hecatombe que pusesse em causa a legitimidade conquistada em março ou desse ao PS, ou ao Chega um impulso irreprimível para nova ida às urnas.

Assim, com André Ventura a apanhar o primeiro susto e Pedro Nuno Santos longe de poder sonhar com uma maioria à esquerda, é quase paradoxal a sensação de alívio pós-europeias que se sentiu no quartel-general da AD, o hotel Epic Sana Marquês, em Lisboa. Quem, sem saber os resultados, comparasse a noite da curta derrota de Sebastião Bugalho com a da curta vitória de Luís Montenegro, não saberia identificar diferenças.

Foi aí, na noite eleitoral de domingo, que Montenegro começou a lançar o guião para os próximos meses, virando as mensagens todas para o PS. Como o Chega "não se decide entre ser partido de Governo ou de protesto", como comentava um social-democrata, Montenegro voltou a dizer que o Governo está "disponível para negociar com todas as forças políticas", mas, e principalmente, com "aquela com quem temos mais necessidade de aprofundar mais esse diálogo — o PS".

Apesar de, para fora, o Governo fugir de leituras nacionais do resultado das europeias, para dentro, faz-se referência aos dirigentes e responsáveis socialistas que começaram a falar em "viabilização" do OE para 2025, mesmo com Pedro Nuno Santos a ameaçar.

"Escolhidos para governar"

A AD conta com o trunfo de reais ou alegadas divisões no PS para insistir na ideia de responsabilidade dos partidos de poder, obrigados a negociar em conjunto temas como o combate à corrupção, a imigração ou a política externa. Além da 'ajuda' que pode vir de Belém, com os avisos de Marcelo

COM UM OE QUE INCLUA MEDIDAS DA OPOSIÇÃO, A AD ACREDITA QUE ENCURTA A MARGEM DE CHUMBO, SOBRETUDO DO PS

Rebelo de Sousa para a necessidade de "estabilidade política".

E foi ao lado de Marcelo que Luís Montenegro respondeu esta quinta-feira a Pedro Nuno Santos. "O Governo tem dialogado sempre", só "não pode obrigar as oposições que não têm vontade política de materializar" esse diálogo, disse quando se encontrou com o Presidente da República na Feira da Agricultura, em Santarém. Com um aviso em tom de ameaça. "Mesmo que não haja convergência, nós vamos governar. Fomos escolhidos para isso."

No Governo lembra-se que a oposição terá dificuldade em justificar um voto contra um OE que inclua propostas de outros partidos. E se mesmo assim ele chumbar, a dramatização e a guerra de narrativas já estão a ser ensaiadas.

Tanto durante a campanha como na ressaca das europeias, Montenegro apressou-se a dizer que há um plano de pacotes de medidas (o próximo na cabeça dos sociais-democratas é o da anticorrupção) que não ia alterar-se um milímetro independentemente do resultado. Agora, esse resultado é visto como a prova acabada de que "os portugueses não querem eleições" de três em três meses, como se repete na AD.

Pedro Nuno Santos parece, também, estar a falar para dentro do PS. Perante notícias de divisões na bancada socialista — entre os que defendem que o partido deve chumbar o OE 2025 e os que fazem a apologia da viabilização pela abstenção —, o líder socialista decidiu sinalizar que se mantém fiel à ideia, por si avançada há muito tempo, de que será ao PS "praticamente impossível" deixar passar a proposta orçamental.

No lado dos que admitem a chamada "abstenção violenta" (expressão usada por António José Seguro para a posição do PS no primeiro Orçamento de Pedro Passos Coelho, em 2011) antecipa-se que o Governo irá apresentar uma proposta cheia de medidas positivas "para, em campanha eleitoral, fazer pagar quem a chumbar".

Seja como for, Pedro Nuno quer dar a ideia de que o PS está a preparar-se para voltar à governação. Depois do verão, será lançada uma nova edição dos estados gerais — o processo de discussão programática com que, em 1995, António Guterres preparou o programa eleitoral com que venceu as legislativas desse ano.

jdcorreia@expresso.impresa.pt

EXPRESSO.PT Os mapas das europeias: as 308 quedas do Chega, onde a IL bateu Ventura, as 167 vitórias do PS à AD (e as conquistas do Livre ao Bloco)

FOTO RUI DUARTE SILVA

AD estuda travão para as vitórias da oposição

IRS ou IVA da luz poderão ser revertidos no Orçamento. Fim das portagens poderá ser inconstitucional

No Governo e na maioria que o apoia já começam a ser estudadas formas de travar ou reverter as vitórias da oposição, como a descida do IRS aprovada na quarta-feira, na versão PS, até ao 6º escalão. No caso deste imposto, para já, o Ministério das Finanças não responde se vai refletir a descida aprovada nas retenções na fonte, como se comprometia a fazer se tivesse sido aprovada a proposta do Governo.

Aprovado em votação final, o articulado da descida do IRS ainda vai para Belém, onde Marcelo Rebelo de Sousa pode promulgar, vetar ou enviar para o Tribunal Constitucional. Os socialistas consideram o seu diploma protegido de inconstitucionalidade ao remeter a descida de receita só para o próximo ano e defendem-se com a decisão do gabinete de Aguiar-Branco que considerou que as propostas não violavam a lei-travão, uma vez que o efeito prático no Orçamento deste ano (retenção na fonte) terá de ser aprovado pelo Governo.

Ainda assim, o Expresso sabe que no Executivo acredita-se que uma das possibilidades em cima da mesa é a de tentar anular a lei que foi aprovada através da proposta de OE. Mas para isso tem de encontrar forma de aprovar o seu primeiro OE, pelo que também a revogação ou não da descida socialista pode ser matéria de negociação ou de pressão. O Governo entende que também pode reverter em sede de OE a descida do IVA na eletricidade, uma das medidas do PS aprovadas, mas apenas na generalidade, faltando a especialidade e a votação final.

Os socialistas, contudo, consideram que o Governo tem de respeitar as leis entretanto aprovadas na Assembleia da República (AR) e refleti-las no OE, dando o devido cabimento orçamental para poderem entrar em vigor. Do lado político, caso o Executivo decida tentar reverter as medidas, abre margem para que o PS possa ter argumentos para votar contra, se as incluir e aceitar reduz os argumentos para os socialistas inviabilizarem uma proposta de OE que concretiza as medidas que fizeram aprovar.

SCUT no Constitucional?

Já aprovado na especialidade esta quarta-feira, mas ainda a aguardar votação final, está o fim das portagens nas ex-SCUT.

Socialistas consideram que o Governo tem de refletir no OE as leis aprovadas no Parlamento

Aí, o entendimento dentro do Governo, ao que o Expresso sabe, é que o Parlamento está a arriscar uma inconstitucionalidade formal por estar a legislar sobre um assunto de competência exclusiva do Executivo. A ser aprovada e promulgada, a iniciativa obriga o Governo a renegociar com as concessionárias e pode também implicar custos com obras nas rodovias. Mas no núcleo duro da governação acredita-se que o Executivo pode simplesmente ignorá-la.

Assim, caso o Presidente da República não vete ou não envie para o Tribunal Constitucional, pode ser o Governo ou os partidos que o apoiam a pedir a verificação pelos juízes. Dentro da AD há até quem defenda que esse tem de ser o caminho a trilhar, não apenas para travar esta medida, mas para que exista jurisprudência que delimite o poder do Parlamento.

Outra preocupação de constitucionalidade dentro do Executivo, mas agora em obra própria, é com o IRS Jovem. Embora a Constituição preveja a discriminação positiva dos jovens, a norma abrange uma faixa tão grande de cidadãos que pode não caber no conceito constitucional. É o que tem alegado a Iniciativa Liberal.

Apesar das dúvidas, a proposta já seguiu para o Parlamento, mas sob a forma de autorização legislativa, que é um meio que limita a capacidade da oposição de introduzir alterações, como aconteceu com o IMT Jovem, aprovado esta semana com os votos a favor do Chega, IL e PAN e as abstenções do BE e PS. Depois de ver uma proposta aprovada contra a sua vontade no IRS, o Governo passou a enviar para a AR as principais medidas com autorização legislativa, para que os deputados o autorizem a legislar sobre matéria da competência exclusiva do Parlamento sem debaterem em detalhe os decretos-leis antes de serem publicados e entrarem em vigor.

E é em tom de desafio que o Governo também olha para uma eventual inconstitucionalidade, confiando que nenhum partido irá suscitar a verificação sucessiva (só o Presidente pode pedir preventiva) e ser responsabilizado por travar uma norma que vai abranger tantos eleitores.

EUNICE LOURENÇO e **LILIANA VALENTE**, com **DAVID DINIS**
elourenco@expresso.impresa.pt

Encenar a oposição, como fizeram Guterres e Marcelo

Se Marcelo quiser mesmo que o OE 2025 passe, talvez tenha de explicar a Luís Montenegro e a Pedro Nuno Santos como é que ele próprio, sendo líder do PSD na oposição, resolveu o problema, em meados dos anos 90 do século passado, com o primeiro-ministro de então, António Guterres. Veja-se o OE de 1997. O Governo do PS era minoritário, mas a Marcelo não lhe dava jeito uma crise — precisava de tempo para se afirmar. Ao mesmo tempo, porém, não podia fazer o seu partido abster-se sem lhe oferecer ganhos de causa. A solução foi encenar a oposição: Guterres e Marcelo combinaram que o Governo colocaria na proposta algo que levaria o PSD a ameaçar votar contra. No caso, a chamada "coleta mínima" (uma medida sobre o IVA das empresas). Em vésperas da primeira votação, como previamente combinado, o Governo retirou a proposta. Marcelo cantou vitória e o PSD absteve-se. Faria o mesmo nos dois Orçamentos seguintes. **J.P.H.**

Quebra eleitoral deixa Chega mais "imprevisível"

O Chega perde mais em chumbar ou deixar passar o OE? Para Ventura ainda é tudo mais incerto

A queda abrupta do Chega nas europeias (metade da percentagem que teve nas legislativas) ainda não foi digerida nem debatida internamente em reuniões formais do partido, mas deixa André Ventura com um dilema difícil de resolver em relação ao Orçamento do Estado e ao futuro do Governo. Para já, o cenário ainda se afigura "muito incerto, e "difícil de prever a esta distância", segundo um alto dirigente do partido, que continua a elaborar no raciocínio de lhe parecer "evidente que o PS não vai aprovar" a proposta orçamental de Luís Montenegro. Se o PS votar contra, como se prevê no núcleo duro do Chega — apesar de os socialistas terem dado sinais de maior flexibilidade, no fim da campanha, a dizerem que querem "dialogar" — isso obrigaria o partido da direita radical a votar a favor para o OE passar. Uma abstenção ou o voto contra abriria uma crise política.

O problema é que os eleitores não deram ao Chega o "conforto" de um bom resultado que consolidasse uma posição política para votar contra o OE, como André Ventura chegou a pedir durante a campanha. Depois da derrota de domingo — em que o partido caiu de 18% nas legislativas para 9,7% e desceu em todos os concelhos —, o caminho ficou mais estreito. Mesmo assim, nas suas declarações públicas, o líder continua a manter a pressão sobre o Governo, resta saber se está a fazer *bluff* ou a apostar tudo e a fazer *all in* no cenário de crise. No discurso de encerramento da campanha, em Viana do Castelo, Ventura vaticinou que, "em breve, o nosso país será chamado a decidir", dando ideia de que ia precipitar uma crise. Dois dias depois, no fim da noite eleitoral, a lamber as feridas de uma derrota que não assumiu, afirmou: "Não podemos extrapolar destas eleições para o resultado das legislativas."

Na bancada parlamentar, há deputados que olham para a quebra eleitoral como sinal de que, pela primeira vez, o Chega pode estar em perda, faça o que fizer. Um dos argumentos é o seguinte: se o Chega vota contra o Orçamento — fazendo cair o Governo ou obrigando Montenegro a governar por duodécimos — "arrisca-se a cair de 50 para 10 deputados"; se vota a favor e dá a mão à AD sem as negociações exigidas por Ventura, "cai para 15 deputados". Descontando a previsão das perdas, a ideia central a este argumento é que o Chega perderá sempre, mas perde menos se deixar passar o OE. Quem defende esta tese considera que será fácil ao PSD acusar o Chega de não permitir que os benefícios cheguem a professores, jovens ou forças de segurança. Na tese contrária perpassa a ideia de que o partido estava a ceder ao abraço de urso da AD e que perderia a oposição para o PS.

Má Ventura

Na base destes raciocínios estão as causas que explicam o mau resultado nas europeias. Mesmo entre os próximos de André Ventura é evidente que a escolha de Tânger Corrêa para cabeça de lista foi um erro. Outras fontes acrescentam a existência de uma perceção no eleitorado mais à direita de que o Chega passou a votar ao lado do PS, quando se posicionara contra o socialismo e de que é demasiado estatista na economia. Um sinal de aproximação à Aliança Democrática — ou pelo menos de não convergência com o PS — foi o voto, esta semana, a favor da isenção do IMT e do imposto de selo para a compra da primeira habitação por jovens. No *inner circle* de Ventura, no entanto, mantém-se a justificação de que o partido vota a favor do que considera ser bom para os portugueses, independentemente de quem faz as propostas, rejeitando-se a leitura de que pode ter um aquecimento para o Orçamento do Estado.

Ventura está para já a definir o seu posicionamento europeu. Nos últimos dias, esteve em Bruxelas reunido à porta fechada com os parceiros do grupo Identidade e Democracia (ID), que, à hora de fecho desta edição, ainda não teriam decidido a estratégia sobre se haveria uma fusão ou coligação com o grupo dos Conservadores e Reformistas (ECR), tido como menos radical, onde a figura proeminente é a italiana Giorgia Meloni.

Apesar de não ter garantido, ao longo da campanha eleitoral, que ia ficar no grupo ID, Ventura apareceu nas redes sociais, em fotografias ao lado da líder da direita radical francesa, Marine Le Pen, com o italiano Matteo Salvini, ou com o neerlandês Geert Wilders, que venceu as últimas legislativas nos Países Baixos. O jornal "Politico" vasculhou no lixo da reunião e encontrou notas a dizer "pressionar ECR", "trabalhar em bloco/húngaros" ou "AfD — depois das eleições francesas" ou, ainda, "Viktor Orbán — novo grupo?" A direita radical ainda não se organizou.

VÍTOR MATOS
vmatos@expresso.impresa.pt

ONDE O CHEGA PERDEU MAIS FACE ÀS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS
Em pontos percentuais

IL

EXPRESSO.PT A história das europeias de 2024 em 12 gráficos interativos para explorar no *site* do Expresso

‘Marca Cotrim’ põe Rui Rocha à prova

Se as europeias uniram os liberais, **a oposição interna mantém críticas**. O partido terá um teste em julho

Texto **LILIANA COELHO**
Foto **NUNO FOX**

Em três meses, duplicar a percentagem de votos para 9,07% e eleger dois eurodeputados, quase ultrapassando o Chega na terceira posição, foi uma vitória inequívoca para IL. Mas as tréguas entre direção e críticos pode ter terminado com a campanha. No Conselho Nacional que decorre no domingo, em Coimbra, os liberais que não estão com Rui Rocha vão deixar alertas sobre a ‘marca Cotrim’, que conseguiu mais votos absolutos nas europeias do que nas legislativas, e em como isso põe a direção à prova. O partido viverá outro momento tenso, três semanas depois, na Convenção Nacional onde serão debatidos os estatutos e o programa político, duas provas de fogo para a IL.

Se Rui Rocha considerou que a IL foi a “grande vencedora” das europeias e João Cotrim de Figueiredo recusou uma vitória em nome próprio, para os críticos internos a conclusão é óbvia: o resultado de 9 de junho foi “notável”, fruto de uma campanha “pessoal”. “Foi um resultado personalizado à imagem de Cotrim e, com isso, ficou provado que tem um capital político superior ao do partido. Foi quase uma eleição ao estilo presidencial, focado numa só pessoa com características únicas”, diz ao Expresso o conselheiro nacional Rui Malheiro. E isso “fragiliza” Rui Rocha, acredita, porque passados três meses das legislativas ficou demonstrado que o partido poderia ter ido além. “Temos mais eleitorado para segurar e conquistar e a responsabilidade cabe ao líder”, nota Cristiano Santos, outro conselheiro, que se prepara para deixar o órgão.

Com presença nos quatro parlamentos (europeus nacional e os dois regionais), Rocha assumiu que isso é o “início do ciclo de afirmação mais ambiciosa” da IL, que significa uma missão de afirmação para o próprio. Rocha terá de ter estratégia para garantir a sua base eleitoral e ir em busca de “indecisos” e “descontentes com o Chega e a AD”, sendo “popular” mas “não populista”, acrescenta outro conselheiro, próximo da direção de Rocha.

Com Cotrim, os liberais alcançaram mais 39 mil votos do que nas legislativas de março, mas o eurodeputado preferiu falar na “marca IL”

Na direção, acredita-se que a marca Cotrim é “inegável”, mas que não é dissociada das ideias da IL e da opção “correta” de se apresentar menos focada no combate ao socialismo e mais no combate ao extremismo, uma missão que Cotrim leva para o Parlamento Europeu. “O partido tem de ser mais abrangente e o baluarte da moderação para se afirmar no centro-direita. Temos de continuar a ser o grande contrapeso para esvaziar o balão do Chega”, advoga um membro da direção.

> **Rui Rocha enfrenta um desafio de afirmação, apesar de Cotrim nunca querer ofuscar o líder**

Unidade à prova na Convenção

O primeiro teste à união do partido acontecerá em menos de um mês, na Convenção Nacional agendada para os dias 5, 6 e 7 de julho em Santa Maria da Feira. Na reunião do órgão máximo dos liberais, será discutido o processo de revisão estatutária, uma questão de divisão na IL a que acresce o programa político.

Em cima da mesa estarão duas propostas distintas, a que foi elaborada pelo grupo de trabalho estatutário e a proposta alternativa sob o título “Estatutos + Liberais”, de Tiago Mayan Gonçalves, ex-candidato a Belém e fundador da IL, e outros críticos internos que apontam falta de democracia interna, opacidade nas contas e saneamento político no partido. “O problema é que a direção de Rocha continua a tomar um só sentido, a dos 52% com que venceu contra Carla Castro”, insiste Rui Malheiro. Cristiano Santos não tem dúvidas que são muitos os aspetos que funcionam mal a nível interno, com o partido a ter uma mensagem para fora “completamente diferente” da mensagem para dentro, e que se não forem aprovadas alterações nos estatutos da oposição, haverá “debandada”.

Do lado da direção, há quem admita que certas questões podem levar a que os membros da convenção levantem um cartão amarelo, mas esperam que os liberais sejam capazes de pôr gelo nos pulsos e discutam de “forma construtiva”, assumindo a maturidade do quarto maior partido.

Apesar da vitória nas europeias nem Cotrim ficou de fora dos alvos. Se a campanha teve o condão de unir o partido e animar a sua base eleitoral, logo as vozes da oposição saíram à rua. Para Tiago Mayan Gonçalves,

> **Mayan reforça o apelo ao diálogo interno e já estará em contactos para a sua candidatura à liderança**

com divergências conhecidas com Cotrim e que já estará em contactos para desafiar Rocha na corrida à liderança em janeiro de 2025, a campanha ficou marcada pela “notoriedade” do cabeça de lista, mas deixou espaço para o “aprofundamento das ideias” e “propostas”. Numa carta aberta dirigida aos dois eurodeputados, a que o Expresso teve acesso, Mayan e porta-voz do movimento, Unidos pelo Liberalismo, desejou “votos de sucesso” a Cotrim de Figueiredo e a Ana Martins e instou os dois a contactarem “ativamente” o movimento, com cerca de 400 subscritores, convictos de que “unidos podem trabalhar para promover os valores liberais no partido, no país e na Europa”.

lpcoelho@expresso.impresa.pt

ESQUERDA

É preciso “agenda social” para parar de “minguar”

Carvalho da Silva, ex-líder da CGTP, diz que para salvar a esquerda é preciso “dar resposta ao dia a dia das pessoas”

As eleições europeias do passado domingo atiraram, mais uma vez, os partidos à esquerda do PS para os últimos lugares na tabela. Apesar de tanto o Bloco de Esquerda (BE) como o PCP terem festejado a eleição dos seus cabeças de lista no Parlamento Europeu, ambos perderam um dos dois eurodeputados eleitos em 2019 e foram ultrapassados pelo Chega e IL. Para Manuel Carvalho da Silva, antigo dirigente da CGTP, este “minguar” da esquerda não irá ficar por aqui.

“A sociedade portuguesa vive um deslizar muito significativo e contínuo para a direita que ainda não terminou”, disse ao Expresso o ex-militante comunista e atual investigador do Centro de Estudos Sociais (CES), que nas últimas duas campanhas eleitorais fez questão de aparecer nas campanhas comunistas. Este “deslocamento perigoso” tem como consequência um “individualismo exacerbado” que torna a democracia “menos credível”.

Embora este ciclo possa ser “mais prolongado do que se imagina”, há soluções para mudar de rumo. “É preciso ampliar o campo da esquerda e isso só se faz acrescentando ação que deve vir da área social. Deve haver uma predisposição da esquerda em trabalhar a agenda social”, defendeu o sociólogo. Ou seja, é preciso que a esquerda apresente respostas concretas para garantir o acesso a sectores como a educação, a saúde ou a habitação. É aqui que a esquerda pode ganhar pontos à direita “ultraliberal” que deixou a área social “desarmada”.

Estes temas já fazem parte das bandeiras da esquerda, mas as sucessivas crises que afetaram o acesso ao SNS ou à habitação podem ter contribuído para uma frustração do eleitorado de esquerda. Agora, Carvalho da Silva desafia os partidos a encontrarem soluções mais criativas para reconquistar os descontentes. “As pessoas só querem respostas para o seu dia a dia”, acrescenta o antigo dirigente.

Apesar da queda eleitora nas europeias, a esquerda continua a ter peso no seu conjunto. Os votos somados dos três partidos à esquerda do PS — BE, PCP e Livre — ultrapassam os votos no Chega em mais de 90 mil. Isto poderá trazer um novo fôlego às conversações iniciadas pelo BE com os partidos da esquerda, após as legislativas, e até acrescentar um tópico sobre possíveis soluções eleitorais conjuntas, nomeadamente, a nível autárquico como já aconteceu entre o PS e o Livre em Lisboa, em 2021. No núcleo bloquista, acredita-se que os resultados das europeias vieram dar razão ao partido em procurar convergências à esquerda e, por isso, as reuniões deverão ser retomadas em breve.

Carvalho da Silva não tem “opinião segura” sobre coligações à esquerda, mas acredita que essa deverá ser uma opção posta em cima da mesa “mesmo que depois não resulte”. “É um exercício que têm de fazer. Será uma estupidez se não houver esforços de equacionar formas de aumentar as capacidades que têm e quais as formas de as utilizar melhor.”

O QUE MUDOU EM RELAÇÃO A 2019
Diferença dos resultados por partido, em milhares de votos

MARGARIDA COUTINHO
mcoutinho@expresso.impresa.pt

Reportagem Foi a comunidade portuguesa que mais votou no Chega nas legislativas. Nas europeias voltaram a dar a vitória ao partido de Ventura

"Estas pessoas têm a sensação de estar a salvar Portugal"

Textos **MARTA GONÇALVES**, enviada à Suíça

O cheiro da sardinha assada já se entranhou nas roupas, "são três bifanas para este senhor", grita a mulher por trás da caixa registadora para o homem que mantém debaixo de olho o porco a rolar no espeto. Uma imperial aqui, um panaché acolá e mais uma mini logo a seguir. E quando a fila está demasiado grande para ir buscar outra, servem as garrafas de vinho que estão à mesa. Há pastéis de nata, cavacas e até bolo de arroz. O sol já se pôs e as luzes do arraial acendem-se. "Põe a cerveja no congelador", ouve-se sair das colunas, que antecipam uma noite bem regada.

Estamos num descampado, numa zona industrial nos arredores de Genebra, numa Suíça que é quase francesa. Aqui, a quase dois mil quilómetros de distância da cidade que mal dorme durante o mês de junho, também se celebra Portugal.

António Cotovio, 57 anos e há 38 emigrante na Suíça, anda de um lado para o outro atrás do balcão. "Amanhã falamos, esta noite é muito complicada", pede. À conversa juntar-se-á Pedro Basílio, 47 anos, que vive em Genebra há quatro décadas, desde que veio com a mãe para se juntar ao pai, que chegou uns anos antes para trabalhar. Nos anos 80 o reagrupamento familiar não era permitido: primeiro vinham os homens e durante quatro anos não podiam trazer ninguém. Só depois, quando "os suíços tivessem a certeza que se vinha por bem e para trabalhar".

Entre um "O meu nome é Rebecca" e "É amor que eu sinto no meu coração", pede-se um minuto de silêncio. "Vamos ensaiar", apela o homem em palco. A atenção que lhe dão não é muita, mas isso muda aos primeiros acordes da música que se segue. É "A Portuguesa" que quase cala a confusão de conversas cruzadas. Levantados e de mãos ao peito, uma avalanche de vozes acompanha em uníssono.

"Acabou já passava das 2h", conta António, enquanto Pedro se senta no mesmo banco de madeira corrido onde há umas horas não havia lugar vazio. Os copos têm agora café e água. As manhãs são sempre iguais: recuperar e repetir tudo. À hora de almoço começam a chegar os primeiros festivaleiros.

Ambos fazem parte dos quase 16.226 (32,62%) votos no Chega nas últimas legislativas na Suíça, numa eleição em que a participação da comunidade portuguesa duplicou. António não foi ao consulado votar nestas europeias. "Não houve tempo", explica. Pedro foi logo pela manhã.

Recusam o contrassenso de serem emigrantes e defenderem o fecho de portas. Acreditam que o fluxo migratório do qual fizeram parte "foi controlado" e que "em Portugal não está a ser". "A Suíça teve imigração boa e de qualidade. Não é dizer que os portugueses são os melhores, porque também há cá outras comunidades que são pessoas integradas, trabalhadoras, não houve problemas", aponta Pedro, que está envolvido na política suíça através do Partido Liberal Radical (PLR), criticando ainda o afastamento dos políticos da realidade comum e vincando a proximidade do Chega e do seu líder.

"O que é pior: ser populista ou corrupto? Não digo que o Chega, se fosse para lá, não fizesse o mesmo." António já votou em "todos os partidos, até no Bloco de Esquerda". "Não é porque as pessoas aceitem todas as ideias de André Ventura, mas, pronto, é um refúgio. As pessoas estão revoltadas." A juntar à sua perceção de insegurança elencam as medidas da habitação do Governo anterior e as dificuldades no Serviço Nacional de Saúde como principais motivos de descontentamento.

Carla, 42 anos, anda com um bloco de rifas na mão. "Compre lá, que pode ganhar um carro, uma *scooter* ou umas férias no Algarve. São bons prémios." É das que chegou à Suíça há 10 anos, para fugir de um Portugal onde os créditos à habitação se tornaram insuportáveis de pagar. O marido foi para a construção civil, ela para as limpezas. "Eu votei Chega, acho que o nosso país precisa de mudança. A imigração está completamente descontrolada em Portugal e talvez seja um contrassenso, mas eu aqui pago os meus impostos, pago tudo o que me é devido, não estou a viver com subsídios sociais nem nada", defende. E continua: "Há lá muitos brasileiros, indianos, a quem pagam habitação, dão-lhes muitas ajudas sociais e eles não contribuem nada para o nosso país. Nós aqui não temos nada", assumindo como certa muita da desinformação do discurso de Ventura, mas admitindo que é por vezes excessivo. "Mas pondo tudo na balança, há mais a favor do que contra."

As comemorações do Dia de Portugal foram este ano repartidas entre o Centro de Portugal, marcado pela tragédia dos incêndios de 2017, e a Suíça, onde Marcelo e Montenegro passaram dois dias em convívio com os emigrantes portugueses FOTOS ESTELA NOVAIS/LUSA

Os dados do Eurostat mostram que Portugal está entre os países da UE com mais emigrantes extracomunitários a trabalhar e com o desemprego desta população abaixo da média europeia. Além disso, também é público que a contribuição dos imigrantes para a Segurança Social é muito superior aos benefícios sociais disponibilizados, havendo um saldo positivo de €1600 milhões.

Ao lado de Carla está Lurdes, de 49 anos e com um negócio de artesanato, que deixa críticas à isenção de impostos aplicada aos estrangeiros que comprem casa em Portugal. "Durante 10 anos não pagam; nós, emigrantes, se comprarmos lá casa, pagamos tudo. Acabo por ser emigrante cá e lá. O nosso país quase nos vira as costas."

Carla não votou nas europeias. Lurdes nunca exerceu o voto.

"Voltar lá para baixo"

Vai chegar a Alcains, em Castelo Branco, para mais um agosto de férias, como faz todos os anos, conta José Bemposta, 66 anos. Este ano, após o típico mês passado na terra que o viu nascer, não vai regressar à Suíça, após 39 setembros de despedidas. Reformou-se e viver estes tempos em Genebra é impossível.

"Vou voltar lá para baixo." É assim que todos se referem a Portugal. "Então, não está lá em baixo no mapa?" José chegou como carpinteiro e saiu conselheiro das comunidades portuguesas e vice-presidente da Casa do Benfica de Genebra. "Vim para uma aventura de três meses e, afinal, foram quase 40 anos." Tem filhas e netos que ficam quando ele regressar. Essa, diz, é a parte mais difícil. "Com 3200 francos [aproximadamente o mesmo em euros] na Suíça você não vive. É impossível: são €2 mil de renda de casa, mais mil de seguro de saúde, que é obrigatório... O dinheiro não chega e temos de regressar. Tenho de me adaptar ao nosso país outra vez, recomeçar uma nova vida."

> **"NÃO FOI PELO CHEGA, FOI UM JÁ CHEGA", DIZ JOSÉ SOBRE O SEU VOTO NO PARTIDO DE VENTURA**

A reforma divide-se em dois pilares: um que funciona como o sistema de pensões português, em que o teto máximo ronda os tais 3200 francos; depois, o segundo pilar é uma espécie de conta poupança em que as pessoas amealham ao longo da vida de trabalho de acordo com o que recebem. Importa lembrar que boa parte dos salários de portugueses na Suíça variam entre 5 mil e 7 mil francos. Assim, o que angariam ao longo da carreira contributiva neste segundo pilar não é o suficiente para manterem uma vida cómoda durante a reforma.

Em Portugal, critica José, a sua reforma vai ser taxada, num regime que considera de uma dupla tributação. "É por estas coisas que as pessoas aqui votaram no Chega. Não foi um voto no Chega, foi um já chega."

Torna-se difícil traçar um perfil do emigrante português na Suíça. Até à vaga migratória entre 2008 e 2011, chegavam sobretudo para trabalhar na construção civil, hotelaria e limpezas, mesmo aqueles que tinham mais qualificações. Atualmente a comunidade diversificou-se. "É um grupo de pessoas menos homogéneo. Mantém-se o que acontecia no passado, só que há pessoas que vêm para funções qualificadas, mas não são a maioria", explica Marília Mendes, sindicalista e responsável pela área da imigração da Unia, um dos maiores sindicatos suíços. "Continuamos a ter construção, indústria, hotelaria e restauração, limpezas e vendas." Estão sindicalizados cerca de 25 mil portugueses. "Há de tudo: pessoas que vêm já com alguma experiência laboral, jovens a começar... muitas famílias também."

Voto de protesto?

Nuno e Lúcia Simões, de 47 e 38 anos, votaram em família. Trouxeram os filhos, Tomás e Martim, que já nasceram na Suíça. "Fazem perguntas sobre o que vamos fazer, sobretudo o mais velho", conta a enfermeira, que na Suíça conseguiu conciliar a maternidade com o trabalho e ainda está a concluir o mestrado.

"Temos uma emigração que está longe, infelizmente, que não quer ir além do que veem na internet. Mesmo a escola portuguesa aqui podia ter esse papel de educação cívica e de acompanhamento da sociedade", defende Nuno, que é um dos fundadores da Tuna Helvética. "O emigrante português que saiu nos anos 80, quando vai hoje a Lisboa ou ao Porto, vê que o país se tornou cosmopolita e recebe estrangeiros — tal como a Suíça nos recebeu a nós —, choca-se com isso porque já não é o Portugal dele. O medo faz com que se mobilizem pelas razões erradas e estas pessoas têm a sensação de estar a salvar Portugal."

Também Maria Frischknecht, 31 anos, deixou Lisboa há seis anos para ir para Zurique trabalhar na área da banca. Hoje está em Genebra. "O meu voto também seria um voto de protesto, mas não era no Chega." Senta-se com o Expresso num café pouco antes de ir ter com uns amigos fora do centro para irem dar um mergulho no lago. Não está sol, mas o tempo está quente e pegajoso. "Votaria na Iniciativa Liberal, sobretudo porque acho que é mesmo urgente baixar os impostos."

"Então?", pergunta a mulher que espera o companheiro à porta do Consulado de Portugal em Genebra. "Já está?", insiste ela. "Sim", diz ele enquanto guarda o cartão de cidadão na carteira. "E votaste bem?", questiona. "Sim", repete ele com um sorriso de quem não sabe se o seu voto fará grande diferença.

mpgoncalves@expresso.impresa.pt

Marcelo e Montenegro Parceiros de primeira viagem

Na primeira viagem a dois, Marcelo foi o mais fotografado e Montenegro estreou-se como o mais interrogado

Os primeiros convidados chegam bem antes da hora marcada. O momento pede solenidade. Aos poucos, um por um, entram com fatos impecavelmente aprumados, vestidos cheios de bordados, folhos, folhinhos e folharecos. De saltos altos e sapatos engraxados, gravatas e laços. Os cabelos penteados, uns apanhados no alto da cabeça e pesados com laca para segurar nas horas que se seguem. Procuram o lugar ideal para não perderem nada.

À medida que se aproxima a hora, as cadeiras ficam menos vazias — mas a sala nunca se encherá na totalidade — e os reencontros entre as gentes repetem-se. Trocam cumprimentos e as dezenas de conversas sussurradas são banda sonora. A qualquer momento pode começar. Entram primeiro os mais próximos dos anfitriões, que tomam as suas posições em passo apressado. As primeiras notas da música fazem-se ouvir, todos se levantam, as cabeças rodam em direção à porta. É agora, é hora. "Vamos dar entrada ao Presidente de Portugal e ao primeiro-ministro." E então Marcelo Rebelo de Sousa e Luís Montenegro cruzam a porta e percorrem o corredor central quase lado a lado, enquanto distribuem sorrisos e acenos. Era por eles que todos esperavam.

Tal como uma noiva que se faz esperar para o casamento, também eles se atrasaram para o encontro com a comunidade de emigrantes em Zurique, o último dos eventos no périplo pela Suíça, onde ambos deram continuidade e encerraram as celebrações do 10 de Junho. Foi uma estreia na dupla Presidente Marcelo e primeiro-ministro Luís. "É a primeira de muitas" viagens, desejou o chefe de Estado. Aliás, até porque o "ideal para o país", acrescentou, era mesmo continuarem companheiros de viagem durante uma legislatura completa.

E Montenegro concorda: a companhia é para manter "em todas as ocasiões em que o Governo e o primeiro-ministro devem estar representados" ao longo dos próximos quatro anos. "A legislatura só acaba em 2028", disse, sublinhando a "excelente relação institucional e pessoal" com o Presidente, que já foi presidente do seu partido mas com quem nunca teve uma relação próxima "Naturalmente que colaboramos os dois para pugnar pela defesa dos interesses do país e da comunidade portuguesa."

Aliviados, ambos, com o resultado das europeias, chegaram à Suíça (o país onde os portugueses deram a vitória ao Chega tanto em março como em junho) mais confiantes num Governo duradouro e numa situação política que evite uma terceira dissolução do Parlamento por Marcelo.

Perguntas difíceis

A brincadeira das perguntas começou num encontro com jovens estudantes. Enquanto Marcelo se escapava respondendo a perguntas sobre livros e manias, empurrava as perguntas difíceis para Montenegro.

"Podemos dizer que vale a pena acreditar em Portugal, que vale a pena os que estão cá, na Suíça, pensarem em regressar. Se não regressarem, vale a pena ajudar o nosso país", respondeu o líder do Executivo a uma das entrevistadoras de palmo e meio que o questionou sobre como pretende fixar os jovens portugueses em Portugal. "Estamos todos muito empenhados em ter alguma diferenciação positiva."

E continuaram as perguntas complexas e a precisar de respostas que não são simples. "Ser emigrante é apenas a tua circunstância atual", sublinhou Montenegro, dirigindo-se diretamente a uma jovem que referiu o sentimento de falta de raízes e pátria. "Queria que te sentisses tão portuguesa como os portugueses que vivem em Portugal. Tu és portuguesa e, se calhar, também vais ser suíça", admitiu.

Foi Marcelo quem iniciou as celebrações do 10 de Junho no estrangeiro, junto de grandes comunidades de emigrantes portugueses. A primeira foi em Paris, com António Costa, onde deixaram uma imagem de grande cumplicidade. Agora foi a estreia com Montenegro, o primeiro-ministro que já chamou de "rural" e que considera ser "difícil de entender".

Numa postura bem mais formal do que a de Costa, o criador e o estreante chegaram e deixaram a Suíça juntos, caminharam sempre lado a lado, partilharam carruagem e conversas no comboio, mesmo que, por vezes, pelo menos perante o olhar dos jornalistas, ambos ficassem sem assunto — e Marcelo tentou quase sempre matar esse silêncio, que podia ser confrangedor. Trocaram histórias e recordaram o ano em que se encontraram no São João e como este ano isso se vai repetir.

Alinhados até nas passadas longas e rápidas, quando o Presidente assumiu a liderança e alterou os planos para percorrer a cidade de Zurique a pé — uma caminhada de mais de 20 minutos, a ritmo tão acelerado que até os *smartwatches* alertavam: "Parece que está a fazer exercício. Registar treino?" Quando Marcelo quis fazer um desvio para beber uma cerveja, Montenegro alinhou. Quando Marcelo recuou, porque não havia tempo, Montenegro aceitou.

Igualmente acertada esteve a mensagem que queriam passar: a importância da língua portuguesa e um futuro regresso dos emigrantes a Portugal, sobretudo dos mais jovens. E pelo meio das mensagens aos emigrantes ambos — mas sobretudo Montenegro — foram deixando também notas sobre os imigrantes. "Temos quase um milhão de pessoas que vieram de outros países trabalhar para Portugal e os seus filhos também se devem sentir portugueses, novos portugueses, apesar de os seus pais serem de outros países. Quem pensa assim para os que recebe no seu país também deve ter respeito pelos que recebem bem os nossos", afirmou o primeiro-ministro logo no primeiro dia.

O sonho ou a vontade?

"Eu não posso esperar mais, tenho de ir trabalhar", alertava ela. Mais uma hora passa até Marcelo e Montenegro deixarem o edifício do Ministério dos Negócios Estrangeiros. "Marcelo, Marcelo", grita enquanto aponta para o telemóvel. Como já se tornou hábito, o Presidente aproxima-se, troca um par de palavras e faz a tão desejada *selfie*. Depois é a vez do primeiro-ministro, que não só tem direito a uma fotografia e a dois dedos de conversa como acaba com um abraço roubado.

"Aí tens que me enviar isso tudo", pede à mulher a amiga que a acompanha. Já Marcelo estava no carro e Montenegro a caminho.

Com uma hesitação justificada por ainda não ter abordado o tema com o primeiro-ministro, o Presidente acabou por revelar que tem um "sonho" por cumprir até ao final do mandato. "Se houver condições, tenho o sonho de que o próximo 10 de Junho seja na Venezuela."

Daqui a 365 dias Marcelo quer cumprir o sonho, a mais de 6500 quilómetros de distância de Lisboa, com a vontade expressa de ter a seu lado o mesmo companheiro de viagem. O que é mais difícil de concretizar: o sonho ou a vontade?

PR "pondera" sobre caso das gémeas

As eleições europeias permitiram ao Presidente sentir algum alívio, mas na próxima semana começa a comissão de inquérito sobre o chamado caso das gémeas (ver pág. 17). A primeira sessão, na segunda-feira, será a audição de Lacerda Sales, ex-secretário de Estado da Saúde. Questionado na Suíça sobre este caso — a Presidência enviou esta terça-feira documentação para o Parlamento e as audições na comissão de inquérito começam na próxima semana —, Marcelo disse ainda não ter feito qualquer ponderação sobre se irá responder ou não à comissão criada por imposição do Chega, porque ainda nada há a ponderar. "A minha postura é esperar por aquilo que sejam as iniciativas do Parlamento e da comissão parlamentar de inquérito e tomar posições a partir daí. Só posso ponderar depois de saber aquilo que vou ponderar", respondeu. Nos pedidos de audição, só Bloco, Iniciativa Liberal e Chega incluíram o Presidente, que não é obrigado a responder numa comissão parlamentar de inquérito, nem sequer por escrito.

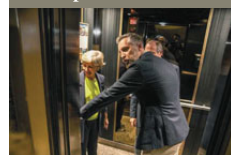
Gente

Regime da cadeira quente A noite das eleições europeias trouxe uma estranha troca de cadeiras num restaurante de Lisboa. Gente foi informada que o candidato da AD Sebastião Bugalho conseguiu a proeza de escolher o mesmo restaurante que o secretário-geral do PS e, mais do que isso, conseguiu escolher o mesmo lugar de onde o socialista se tinha levantado. Marques Mendes já vaticinou que o jovem Sebastião irá liderar um dia o PSD, o CDS já tentou que fosse seu militante, mas agora é caso para dizer: "Pedro Nuno, ponha-se a pau, que Sebastião Bugalho ainda pode acabar por escolher ir atrás da cadeira de líder do PS."

Confissões de WC Na reta final da campanha, António Tânger Corrêa disse que com mais 15 dias na estrada estaria um "ás", pronto a enfrentar as eleições como um "profissional". Mas, entre contradições com o líder e teorias da conspiração, o embaixador e cabeça de lista do Chega mostrou-se várias vezes perdido, e Gente apurou que até deixou escapar uma confissão no intervalo do debate televisivo com todos os candidatos. "O que é que estou aqui a fazer?", questionou frente ao espelho no WC quando entrava outro candidato. "Não sei como vocês aguentam", suspirou ainda.

"Order, order, order!" O plenário da Assembleia da República (AR) tornou-se num sítio infrequentável. Dada a permanente gritaria, os debates tornaram-se praticamente inaudíveis. A boçalidade do Chega contagiou outras bancadas e só não dizemos que o ambiente é de taberna para não ofender quem as frequenta. José Pedro Aguiar-Branco não faz mais nada senão tentar acalmar as hostes. "Às vezes tenho inveja do *speaker* do Parlamento britânico por não poder dizer 'order, order, order!'", exclamou numa destas tardes. Gente regista, comovida, que o presidente da AR ainda não prescindiu do direito ao sonho. Veremos por quanto tempo.

Tradução simultânea Entre os vários talentos do Presidente da República está a capacidade de mudar de língua num ápice para se fazer entender. Marcelo foi falando em português e traduzindo para francês quase frase a frase, incluindo esta informação relevante: "Je suis hypocondriaque." O Presidente fez a sua primeira visita oficial com o atual primeiro-ministro e preferiu explicar que é hipocondríaco. Gente agradece, não fossem os emigrantes portugueses acharem que a bomba de asma que tem sempre à mão tinha afinal um significado político.

Subir pouco

Vá pelas escadas Na noite eleitoral, os VIP socialistas foram vistos e fotografados a apanharem o tradicional elevador para o décimo quarto andar. Só que não... Desta vez o PS, supostamente devido às obras no hotel, apenas reservou a mezanino do *hall* de entrada do Altis, pelo que as apoteóticas e confusas entradas no elevador serviam apenas para subir um andar. Alguns, como Francisco Assis, preferiram subir pelas escadas FOTO TIAGO MIRANDA

Orientação Psicólogos relatam aumento da ansiedade e indecisão na escolha da área de estudos. Economia e Humanidades ganharam inscritos nos últimos anos. Um terço dos alunos diz não estar bem informado sobre opções a seguir ao secundário

A angústia do aluno antes de escolher o curso

Texto **ISABEL LEIRIA**
Foto **ANTÓNIO PEDRO FERREIRA**

No Colégio Valsassina (Lisboa), a sensibilização para a importância de os alunos passarem por sessões de orientação vocacional é feita no 8º ano

Aos 14/15 anos, serão poucos os miúdos que não terão ouvido a pergunta "O que queres ser quando fores grande", e atirado com relativo à-vontade uma profissão ou um 'não sei' despreocupado. Mas na hora de escolher a área de estudos no final do 9º ano ou o curso superior depois de concluído o ensino secundário, a questão torna-se mais séria. E, para cada vez mais alunos, motivo de perturbação acrescida. "Os níveis de ansiedade têm vindo a aumentar e sentem-se em idades cada vez mais precoces. Antes era mais sobre as notas. O que não era comum era sentirem ansiedade em relação a esta questão da tomada de decisão da área de estudos. Ficam preocupados se vão conseguir ou não ser bem-sucedidos no curso que escolherem", relata Raquel Raimundo, uma das psicólogas que, há mais de 15 anos, assegura as sessões de orientação escolar no Colégio Valsassina, em Lisboa.

Em todas as escolas, privadas e públicas, e sobretudo nas turmas do 9º ano, mas também do secundário, as equipas dos serviços de psicologia e orientação escolar vão tentando ajudar os alunos a perceberem as áreas que mais têm a ver com os seus gostos, aptidões, expectativas e planos de futuro. Há quem já tenha a certeza do que quer ser 'quando for grande' e há quem ainda tenha dúvidas sobre a escolha mais adequada. Mas isso é o mais normal, sublinha Raquel Raimundo: "É natural que aos 14/15 anos não se saiba exatamente o que se quer ser no futuro. Preocupam-nos mais os jovens que com estas idades já cristalizaram e dizem que já sabem qual a profissão que querem ter, numa altura em que ainda vão crescer muito, ter experiências e em que estão a definir a sua identidade, incluindo a identidade vocacional. O mais importante é irem fazendo escolhas e mantendo um leque de opções em aberto o maior tempo possível, para só mais tarde escolherem uma profissão."

Salvador Moura, 15 anos, é apenas mais um dos jovens que por estes dias, entre exames nacionais do final do básico, e a um mês da matrícula no 10º está indeciso entre duas áreas: Economia e Humanidades. E tal como muitos outros, é a disciplina de Matemática — mais "puxada" no primeiro curso do que no segundo — que está a dificultar a escolha. Economia oferece-lhe várias saídas profissionais que lhe interessam e cadeiras que o atraem, Humanidades serve-lhe para Direito, que também gostava de seguir na faculdade. Na hora de escolha, pesarão "as disciplinas, as saídas profissionais e o possível salário" associado a cada uma.

Olhando para o que têm sido as escolhas dos alunos na entrada do secundário, são visíveis algumas mudanças. A área de Ciências e Tecnologias continua a ser a mais procurada, mas perdeu peso para Ciências Socioeconómicas e para Línguas e Humanidades, que conquistaram mais alunos nos últimos anos. Tal como o número de jovens que seguem currículos internacionais (ver gráfico).

Luísa Mota é psicóloga no Serviço de Psicologia e Orientação da Escola António Arroio, em Lisboa. Com mais uma colega, dá apoio a um universo de 1500 alunos e dezenas de professores, com as questões da orientação vocacional a ficarem com um tempo muito insuficiente dada a quantidade de solicitações, lamenta. "Havia vantagem em começar a trabalhar esta competência mais cedo e despertar os alunos para as questões da sua futura atividade profissional não apenas nos anos de tomada de decisão", defende a psicóloga, que diz encontrar hoje jovens "mais ansiosos e mais focados no presente". "Acho que não se projetam tanto no futuro como faziam as gerações passadas", acredita, apontando ainda uma maior indecisão por parte dos alunos, com origem em várias causas. "Acredito que tenha a ver com essa menor exploração, com a complexidade crescente do mundo das profissões, menos tempo dos pais e famílias para falar com eles sobre estes assuntos e dos próprios professores, que estão muito pressionados para cumprir os currículos. Eles têm uma ideia, mas não estão muito dentro do que são as profissões. Mesmo a situação contemporânea, com as guerras e as consequências das alterações climáticas, contribuem para que olhem para o futuro com alguma ansiedade."

Na escola, quando questionaram os alunos finalistas sobre os temas que mais os preocupavam, dois repetiram-se mais que os outros: ter médias para entrar no curso superior desejado e conseguir sustentar-se no futuro. Por isso, ficam "mais ansiosos em querer fazer a 'escolha segura' — ser médico ou advogado, por exemplo —, o que não é necessariamente verdade": "Uma opção segura é aquela que assenta sobre uma atividade para a qual se está fortemente motivado e que vai de encontro a um talento que se tem. Mesmo que seja uma opção de nicho", defende Luísa Mota.

Conservadores e mais indecisos

Mas o que os estudos também mostram é que há uma tendência para os jovens serem bastante convencionais nas escolhas. "As alterações profundas no mundo do trabalho nas duas últimas décadas tiveram pouco impacto nas expectativas de carreira dos adolescentes, que passaram a concentrar-se ainda mais num leque restrito de ocupações", constatou-se num relatório de 2020 que analisou as respostas dadas pelos jovens de 15 anos na penúltima edição dos testes PISA (a maior avaliação internacional em Educação, conduzida pela OCDE). Portugal foi um dos países a apresentar uma percentagem de concentração das mais altas, com 50% dos alunos de 15 anos a identificarem as 10 profissões mais populares como possíveis opções de futuro para si.

"Profissões tradicionais do século XX e até do século XIX continuam a atrair a imaginação dos jovens da mesma forma como acontecia há 20 anos, antes da era das redes sociais e a aceleração de tecnologias como a inteligência artifical", lia-se no relatório "Dream jobs: Teenager's career aspirations and the future of work".

Por isso, sugere Luísa Mota, é "muito importante explorar mais a diversidade de profissões". E para Ana Cristina Silva, professora no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, seria também desejável envolver os jovens noutros processos de decisão, que impliquem fazer avaliações e ponderações. "Para muitos miúdos do 9º ano, a escolha da área de estudos no secundário acaba por ser a primeira tomada de decisão relevante que fazem. Antes, o mais que foram chamados a decidir foi o tipo de piza ou as calças que queriam comprar."

Outra conclusão extraída dos dados da penúltima edição do PISA mostra que aumentou a incerteza entre os adolescentes de 15 anos, em particular junto dos alunos mais favorecidos e com melhores desempenhos. Quando questionados sobre a profissão que esperam ter quando tiverem cerca de 30 anos, 25% dos inquiridos não conseguiram nomear uma ocupação quando na edição de 2000 essa percentagem tinha sido de 14%.

Mafalda Correia, hoje com 17 anos e com a decisão sobre curso superior já tomada — Línguas, Literatura e Cultura na Faculdade de Letras do Porto —, recorda-se bem das dúvidas que teve no 9º ano e de como a orientação vocacional que fez no Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital a ajudou a descobrir o gosto pela escrita. Agora que está concluir o secundário, diz ter pensado em "quase todas as variáveis, incluindo a questão do emprego": "A verdade é que as saídas não são assim tão reduzidas. Há uma falta de professores enorme e o ramo do ensino é uma possibilidade. E dá também para organizações internacionais ou ainda jornalismo. Mas, sobretudo, pensei não tanto no longo prazo, mas naquilo que eu gostaria de passar os próximos três anos a estudar. E no mestrado posso sempre misturar com outra área", explica a aluna que, esta sexta-feira, com mais 156 mil colegas, inicia a decisiva etapa dos exames do secundário.

ileiria@expresso.impresa.pt

JOANA ASCENSÃO

Emprego Cinfães é o concelho a norte de Lisboa com mais trabalhadores estrangeiros. Muitos têm chegado à vila nos últimos meses

"Meia dúzia de meses e tanta cara diferente"

À hora de almoço de um dia de semana o centro da cidade não irradia o que diz a estatística. Das poucas pessoas que se veem na rua, é rara aquela que seja estrangeira. Apenas numa obra perto da câmara municipal se ouvem alguns trabalhadores a falar espanhol. Veem-se outros homens sentados num banco. E, ainda assim, ninguém diria residir ali o terceiro concelho do país com maior peso de estrangeiros entre os trabalhadores por conta de outrem, segundo revelou um estudo recente do Banco de Portugal. Cinfães está logo a seguir a Odemira e a Ferreira do Alentejo. É o único concelho acima de Lisboa em que mais de um em cada três trabalhadores vem de fora. Mas há ali um contexto particular. O que não transborda à primeira vista tem muito de histórico — e de circunstancial — a pintar o quadro que faz daquele ponto, na fronteira entre os distritos de Viseu e do Porto, uma exceção no mapa.

Um aumento recente

Quando Giuliana, o marido e o filho de 12 anos decidiram deixar Lima, a capital do Peru, Cinfães já estava escolhida como destino. Era preciso preparar a mudança. Vender tudo, comprar as passagens, preparar o passaporte e o visto de trabalho. Era final de fevereiro quando chegaram à terra sobre a qual não sabiam grande coisa. Ele, pastor na Igreja Anglicana em Lima, veio para trabalhar nas obras, aos 50 anos, tal como o cunhado e o companheiro da sobrinha já teriam feito. Ela, educadora de infância no Peru, chegou sem trabalho, mas com o apoio da família que tinha escolhido a vila para viver desde o ano passado.

Diferente da "paisagem de edifícios" de Lima, Cinfães pareceu perfeito ao casal. "Há ar puro e é muito, muito bonito", adjetiva Giuliana três meses após terem chegado. Só ao marido o emprego não correu bem. O homem, diabético, não aguentou muito tempo o trabalho duro das obras e foi obrigado a desistir. A renda de €250 da pequena e humilde casa onde vivem, sem cozinha e só com um quarto, vai dando para ser paga com trabalhos temporários. Ora ganham ao dia na apanha do mirtilo, ora cozinham comida na casa da sobrinha para venderem, sobretudo aos fins de semana. Isto porque há pelo menos 100 peruanos a viver ali, garantem. Assim como colombianos. Têm crescido a olhos vistos e escolhem Cinfães pelo passa-palavra. Só na casa ao lado vivem seis, mas cada um tem o seu quarto. A cozinha é partilhada. "A casa é de uma empresa construtora", que contrata os trabalhadores já com casa onde dormirem.

O fenómeno é recente. Pelas contas de cabeça, Armando Mourisco não arrisca dizer que tenha começado há mais de um ano. "Antes tínhamos alguns africanos. Brasileiros também. Mas há uns meses começaram a chegar sobretudo colombianos e peruanos. Entram por Madrid e chegam ao Porto já com contrato de trabalho. Lá fazem logo o registo com número de contribuinte e morada de Cinfães. Meia dúzia de meses e vemos tanta cara diferente", descreve o presidente da Câmara, esforçado em compreender a situação inusitada que o concelho tem vivido com a chegada de centenas de pessoas. São sobretudo homens jovens e quase todos chegam sozinhos. Vêm para trabalhar nas empresas de construção civil, as muitas que existem sediadas no concelho. Mas quase nenhum trabalha ali. Muitos são apanhados de manhã por uma carrinha da firma para trabalharam em cidades circundantes e só regressam ao final do dia, outros trabalham em cidades distantes e só voltam ao fim de semana ou duas vezes por mês. Ainda há quem esteja fora do país, segundo o autarca, porque "muitas das empresas de construção civil também operam em países europeus, na Áustria, Bélgica e Espanha principalmente", ainda que a morada fiscal se mantenha portuguesa. No fundo, é o fenómeno que aconteceu ao povo português na década de 60, quando começou a ir em força para França. "Quem foi na frente? Os homens." Ainda assim foge-lhe à compreensão o valor divulgado pelo Banco de Portugal. "Se é verdade que se vê muita gente, não se vê tanta como numa percentagem deste género", assegura. A avaliar pelos dados oficiais, que dizem que Cinfães tem 7556 trabalhadores em 1800 empresas, então mais de 2700 teriam de ser estrangeiros.

Às estatísticas fogem Lydia Koopmans e Onno de Cock, mas só porque o casal holandês não trabalha por conta de outrem, mas por conta própria e à distância para empresas neerlandesas. Do terreno que compraram anos antes de se mudaram definitivamente para Cinfães, com um casarão em ruínas que estão a reconstruir, a vista parece um quadro: os socalcos verdes dos terrenos cruzam-se com o rio Douro ao fundo. Foi pela paisagem que se apaixonaram — e pelos portugueses, afirmam. Mas quando decidiram assentar, há sete anos, ela com 45 e ele com 54, poucos eram os estrangeiros como eles a viverem ali. "Não havia americanos, brasileiros, sul-americanos, nada", recorda Lydia, reconhecendo a sensação de que "mais gente de fora tem vindo para Cinfães nos últimos anos", não só "jovens que querem viver de forma sustentável e compram um bocado de terra" — os "*hippies* românticos", como lhes chama —, como também, ultimamente, gente da Colômbia, do Peru, de países africanos, "que são outro tipo de imigrantes".

Como Victor López, que personifica o caso mais comum. É da Colômbia, chegou com contrato de trabalho com uma empresa de construção civil e casa assegurada. Veio há 10 meses com mais dois colombianos e vive com alguns. Todos os dias, pelas seis da manhã, uma carrinha vai buscá-lo ao centro da cidade para o levar para a obra, onde é "carpinteiro de primeira", em Penafiel. Também já trabalhou em Paredes. Não sabe onde existirá obra a seguir, mas aos 39 anos sabe que quer ficar. "Tem um ambiente tranquilo, senti aqui um apego similar ao que sinto pela minha cidade natal." Por isso quer um dia trazer a mulher, enfermeira, e os dois filhos. Talvez quando tiver mais confiança no domínio do português lhe deem mais responsabilidade e lhe subam o ordenado, pouco acima do mínimo.

Ruralidade multicultural

Ao final da tarde só se ouvem os pássaros e o vento a bater nas folhas das árvores. Mas não se vê ninguém na aldeia chamada Aldeia, a 20 minutos de Cinfães. É lá que Joana, de 27 anos, natural de Ermesinde, e Nali, chileno, de 29, decidiram mudar-se em plena pandemia. Por essa altura criaram, com outro casal, a associação Casa d'Abóbora, centrada nas questões do despovoamento. Há quatro anos a comunidade estrangeira era europeia, dizem. Até que, há cerca de 18 meses, começaram a reparar num aumento sobretudo de colombianos e peruanos, visíveis no supermercado ao final da tarde, que os fez perceber que algo ali está a mudar e a ter receio de que o choque possa fazer os cinfanenses rejeitar estas pessoas. Joana Faria vinca que Cinfães, a terra dos avós, é muito aberta, mas a barreira da comunicação e as diferenças culturais podem provocar "o mesmo que está a acontecer nas cidades grandes, que é uma separação" das comunidades. Por isso começaram a encontrar no fenómeno recente um novo desígnio para a associação Casa d'Abóbora: querem aproximar comunidades, partilhar culturas e integrar estas pessoas. Entre os projetos com financiamento europeu que têm encetado já deram aulas de português para estrangeiros e estão agora a organizar um jantar multicultural com comida típica dos países dos imigrantes, cozinhada por eles e oferecida à população local. Garantem que estarão na linha da frente da integração destes indivíduos.

Armando Mourisco também tem andado preocupado, mas por outras razões. Há três semanas, uma ação de fiscalização da GNR direcionada para a imigração inspecionou casas de imigrantes e empresas. Duas delas tinham cerca de 250 trabalhadores estrangeiros recém-contratados, que vêm pela falta de mão de obra em Portugal. E estas empresas, que "faturam milhões", sempre foram a imagem de marca do concelho, desde que, ainda no tempo da ditadura, as gentes de Cinfães construíram obras como a barragem da Aguieira e ficaram conhecidas como exímias trabalhadoras da construção civil. "As gerações seguintes já não se limitaram a ser empregadas", diz o autarca, mas importa saber "como vivem e se estão a ser explorados pela empresa".

"É lamentável que nós, autarquias, não tenhamos acesso aos dados. Eu acho que é uma obrigação dos serviços centrais, porque a nossa preocupação é saber se estes cidadãos estão a ser bem tratados, integrados e respeitados", declara. Se não existirem problemas de integração, esta chegada de gente é "uma notícia muito positiva para o concelho", que, como todo o território do interior, tem perdido população. Só entre 2019 e 2021 morreram mil pessoas e nasceram 441. Os números são redondos. É preciso gente que venha acrescentar vida às "cerca de 18 mil almas, dispersas por 240 km² e por 14 freguesias, compostas por 502 lugares — uns a 10 metros de altitude e outros a mais de 1200", descreve o edil. Até porque, além de gente, "não falta nada em Cinfães: há escolas de categoria, oferta desportiva, cinema gratuito, música, academia de artes, caraté, dança... Até a fadista Mariza aparece num cartaz das Festas de São João. Também temos direito, não é só no MEO Sudoeste", brinca. Está tudo preparado. O concelho rural pode agora viver uma nova fase: a da multiculturalidade.

jascensao@expresso.impresa.pt

A Cinfães têm chegado principalmente cidadãos peruanos e colombianos FOTO DIOGO BAPTISTA/ NFACTOS

NÚMERO

37,4%

dos trabalhadores por conta de outrem de Cinfães são estrangeiros. O concelho de Viseu aparece, assim, como terceiro a nível nacional com mais imigrantes a trabalharem em Portugal, segundo dados da Segurança Social, divulgados num estudo do Banco de Portugal. Em primeiro lugar está Odemira (76,1%) e em segundo Ferreira do Alentejo (48,9%)

INVESTIGAÇÃO

EXPRESSO.PT Leia a versão completa deste artigo, que inclui detalhes sobre os investimentos e o rosto em São Paulo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Em setembro de 2023, e ao fim de quatro meses no cargo, a então provedora Ana Jorge denunciou ao MP irregularidades na Santa Casa relacionadas com o Brasil FOTO NUNO FOX

Santa Casa deve dinheiro à maior organização criminosa do Brasil

Funcionário no Rio de Janeiro revelou que há uma **dívida de 40 mil euros** ao PCC, Primeiro Comando da Capital

MICAEL PEREIRA e ALLAN DE ABREU (jornalista da "Piauí")

Um gestor da MCE, a empresa de jogo comprada no Rio de Janeiro pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), revelou numa reunião, em novembro de 2023, a existência de uma dívida de 200 mil reais — cerca de €40 mil — ao Primeiro Comando da Capital (PCC), a maior organização criminosa do Brasil.

A informação consta de um documento entregue à Santa Casa no final do ano passado e a que o Expresso teve acesso, numa investigação conjunta com a revista brasileira "Piauí". Questionada sobre o assunto, a atual administração da SCML não quis comentar.

Na reunião referida nesse documento, um novo representante no Rio de Janeiro da administração da Santa Casa, então liderada por Ana Jorge, foi confrontado com a necessidade de se resolver a dívida de 200 mil reais ao PCC e com o facto de o crédito estar relacionado com uma "operação" da MCE em São Paulo, onde o PCC está mais presente. Ana Jorge tinha substituído em maio de 2023 Edmundo Martinho, o provedor que decidira levar a Santa Casa a investir no negócio do jogo no Brasil.

O representante da Santa Casa pediu ao funcionário da MCE para colocar a informação por escrito num *e-mail*, de modo a poder ser partilhada com os seus superiores em Lisboa, mas o pedido não foi bem acolhido. "Não dá para registar isso, não é?", justificou o gestor da empresa de jogo.

A existir uma dívida junto daquela organização criminosa, os contornos em redor do investimento português na MCE tornam-se ainda mais suspeitos do que já eram em setembro de 2023, quando Ana Jorge denunciou um conjunto de irregularidades ao Ministério Público em Portugal. De acordo com um artigo do jornal "Público" publicado na altura, a provedora encomendara à consultora BDO uma auditoria forense sobre as atividades da Santa Casa Global, uma *holding* criada para os investimentos internacionais da SCML.

Havia sinais de que algo de errado tinha acontecido no Brasil entre 2021 e 2023. Ainda com a auditoria numa fase inicial, Ana Jorge remeteu elementos não só para a Procuradoria-Geral da República, mas também para o Tribunal de Contas e para a ministra do Trabalho e da Segurança Social, com a tutela da Santa Casa, Ana Mendes Godinho.

> "Não dá para registar isso, não é?", disse o funcionário da Santa Casa no Rio sobre a dívida ao PCC

> Questionada sobre o assunto, a atual administração da SCML não quis comentar

A versão final da auditoria forense encomendada por Ana Jorge foi entregue à Santa Casa no início do mês passado, mas nada consta no relatório sobre o PCC. Esta informação foi passada a Lisboa por uma via paralela.

Um negócio discreto

Fundado por Marcos Willians Herbas Camacho, o "Marcola", o PCC decidiu entrar no mercado do jogo há mais de uma década, mas esse envolvimento foi gerido de forma muito discreta ao longo de anos.

Uma investigação da Polícia Federal (PF) identificou uma disputa em setembro de 2021 entre o PCC e o Comando Vermelho, uma organização rival, no Estado do Ceará. Líderes do Comando Vermelho quiseram impor à força a proibição no seu território da venda de jogos de azar controlados pelo PCC e com isso expuseram os nomes de seis empresas que atuam nessa indústria, incluindo a Fourbet e a Loteria Fort.

Ao fim de dois anos de investigação, a PF acabou por estabelecer uma relação entre a Fourbet, a Loteria Fort e a família de Marcola. Segundo a polícia, a Fourbet tem por trás Leonardo Camacho, sobrinho de Marcola e filho de Alejandro Camacho, o "Marcolinha".

Em 2022, Leonardo foi parado pela polícia de trânsito no Estado de Mato Grosso do Sul na companhia de Henrique Gonçalves da Silva, um empresário que se declarou dono da Fourbet. Segundo a PF, Gonçalves da Silva é apenas um testa de ferro da família Camacho.

O mesmo acontece com a Loteria Fort, empresa licenciada para vender a Loteria dos Sonhos, um jogo concessionado pela Loteria [e não lotaria, como se escreve em Portugal] Estadual do Ceará, e formalmente detida por Geomá Pereira de Almeida, mais conhecido como o "Pereira". Na realidade, segundo a PF, este empresário trabalha também para o PCC. E para densificar ainda mais as relações entre todos estes personagens, Henrique Gonçalves da Silva é filho do braço direito de Pereira, Cíntia Chaves Gonçalves.

As autoridades contabilizaram mais de 300 milhões de reais, o equivalente a €40 milhões, em transações suspeitas ligadas às atividades da Loteria Fort ao longo de 11 anos, entre 2011 e 2022.

Várias modalidades de jogo têm sido usadas para o PCC lavar dinheiro produzido pelo tráfico de droga. Esse esquema chegou a abranger uma rede de 42 casinos clandestinos na Grande São Paulo e cinco casinos clandestinos em Fortaleza, além de pontos de venda do jogo do bicho, uma bolsa de apostas ilegais muito popular no Brasil. Todos esses negócios eram geridos em São Paulo por Pereira e foram desmantelados em 2019 pelo Ministério Público e pela Polícia Civil. O empresário é atualmente arguido em três processos-crime no Tribunal de Justiça de São Paulo e outro no Ceará, respondendo por crimes de associação criminosa, corrupção ativa e branqueamento de capitais.

Mas porque haveria a Santa Casa de se envolver com o PCC no Brasil, quando este grupo está concentrado em São Paulo e o negócio da MCE é desenvolvido no Rio de Janeiro, onde existem outros grupos criminosos a controlar o mercado?

Na realidade, a Santa Casa começou por entrar no Brasil por São Paulo. Constituída em fevereiro de 2021 como uma *holding* para todos os negócios planeados naquele país, a Santa Casa Global Brasil Participações Ltda., ou simplesmente SCG Brasil, abriu nessa altura um escritório num quinto andar da Avenida Paulista, em frente ao Museu de Arte Assis Chateaubriand. Além do investimento no Rio de Janeiro, com a aquisição da MCE em novembro de 2021, a Santa Casa também apostou forte em São Paulo.

Ricardo Gonçalves, presidente da MCE e administrador da Santa Casa Global Portugal e da Santa Casa Global Brasil, não quis responder às perguntas do Expresso e da "Piauí", alegando que estas matérias estão a ser investigadas num processo-crime que se encontra em segredo de justiça.

> O grupo fundado por "Marcola" decidiu entrar no mercado do jogo há mais de uma década

> Em São Paulo, a Santa Casa concorreu a uma licença para raspadinhas e apostas desportivas

Confrontado também pelo Expresso, Vaz Fernandes garante desconhecer qualquer dívida ao PCC e explica que "a Santa Casa Global Brasil era acionista da Santa Casa Capitalização (SCC), que desenvolvia uma atividade de venda de títulos de capitalização (tipo sorteio de lotaria, semanalmente transmitido na televisão), na sua vertente de beneficência, atividade que era supervisionada pela SUSEP — Superintendência de Seguros Privados".

Segundo este antigo administrador da SCG Brasil, que se demitiu em junho de 2023, depois de Ana Jorge se tornar provedora da SCML, essa atividade em São Paulo funcionava "no estrito cumprimento das regras definidas por aquela entidade reguladora" e foi "devidamente auditada".

Além do investimento em títulos de capitalização, em novembro de 2021 o Governo do Estado de São Paulo recebeu uma proposta de um consórcio que integrava a Santa Casa e os acionistas minoritários da MCE para a exploração de jogos de azar, num concurso aberto pelo governador que visava acabar com o monopólio do Governo federal nesse negócio.

O estudo do consórcio integrado pela Santa Casa previa dar ao Estado dois mil milhões de reais em receitas por ano, o equivalente a €400 milhões, a partir da concessão de uma série de modalidades de jogo, incluindo raspadinhas e apostas desportivas *online*. A Santa Casa participou formalmente na fase de licitações, aberta em fevereiro 2022, mas o concurso lançado pelo Governo estadual acabou por ser anulado no final desse ano.

mrpereira@expresso.impresa.pt

JUSTIÇA

PJ voltou a fazer buscas na casa da mãe das gémeas em Oeiras

Mãe dispôs-se a ser **ouvida pela Judiciária na mesma data do depoimento na AR**

HUGO FRANCO e RUI GUSTAVO

Os inspetores da Polícia Judiciária da unidade de combate à corrupção voltaram esta semana ao apartamento onde Daniela Martins viveu até março do ano passado durante o tratamento das duas filhas gémeas que sofrem de atrofia muscular espinal. A casa em Oeiras já tinha sido alvo de buscas no último dia 6, no âmbito de uma operação da PJ e do DIAP de Lisboa que envolveu cerca de 50 operacionais e chegou também às instalações do Ministério da Saúde, da Segurança Social e do Hospital Santa Maria. As autoridades tinham a convicção de que poderiam encontrar naquele apartamento documentação importante sobre o processo que deu origem à administração do Zolgensma, que custou €4 milhões ao Serviço Nacional de Saúde e em que são investigados Nuno Rebelo de Sousa, filho do Presidente da República, António Lacerda Sales, ex-secretário de Estado da Saúde, e Luís Pinheiro, o ex-diretor clínico do Santa Maria. Os últimos dois são já arguidos do caso e o filho de Marcelo poderá vir a ser o próximo suspeito formal. Estão em causa crimes de prevaricação, tráfico de influência, abuso de poder e burla qualificada.

Naquela quinta-feira, os investigadores não encontraram nada de relevante para a investigação no apartamento de Oeiras. E esta terça-feira estiveram de novo no local, juntamente com Wilson Bicalho, o advogado de Daniela Martins neste caso. "Estavam à procura não só de documentos em papel e ficheiros de computador mas também das cadeiras de rodas que foram entregues às duas meninas para perceberem se estavam a ser usadas", conta ao Expresso.

A paulista tinha arrendado a casa em novembro do ano passado, altura em que decidiu que não iria voltar a morar em Portugal depois de o caso se tornar mediático. E, possivelmente por já estar a ser habitada por outras pessoas, os inspetores não deram com qualquer prova que os ajudasse no inquérito. "As cadeiras de rodas entregues pela Segurança Social não estavam lá porque são utilizadas pelas crianças", assegura o advogado.

Gémeas luso-brasileiras foram tratadas com um fármaco que custou €4 milhões ao SNS FOTO D.R.

Disposta a falar na PJ

Wilson Bicalho confirma que Daniela Martins deverá viajar até Portugal para ser ouvida na Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o caso a 21 de junho. Ainda não existe a certeza absoluta da deslocação porque a família aguarda por um parecer da médica que acompanha as crianças em São Paulo. "A mãe nunca ficou tanto tempo longe das filhas. Tem de se perceber se poderá ser prejudicial para elas estar ausente vários dias."

Caso não haja luz verde para a viagem, Daniela Martins falará com os deputados por videoconferência.

> **Caso não haja luz verde para a viagem até Lisboa, Daniela Martins falará com os deputados por videoconferência**

Segundo o advogado, a mãe das crianças mostrou-se disponível para falar também com a PJ na mesma data, caso venha a Lisboa. "Fiz essa sugestão aos inspetores que me agradeceram, mas não me disseram nada em concreto." O Expresso sabe que até ao momento não há qualquer data agendada na PJ para uma possível inquirição à paulista.

O advogado garante ainda que a PJ não irá constituir Daniela Martins como arguida do caso mal entre em território português, como chegou a ser publicamente referido, e que a mãe das gémeas luso-brasileiras não está a ser investigada por burla agravada, supostamente por ter encenado a intenção de viver em Portugal só para as filhas serem tratadas gratuitamente pelo SNS. "Depois de tomarem o fármaco, as crianças foram seguidas pelos especialistas do Santa Maria e frequentaram sessões de fisioterapia cinco vezes por semana em Cascais. Tinham mesmo de viver em Portugal. Temos esses documentos que apresentaremos às autoridades se nos pedirem."

Durante a conversa que teve com a PJ, Wilson Bicalho assegura também que não foi inquirido sobre o tipo de relação que poderia existir entre Daniela Martins e Nuno Rebelo de Sousa ou Lacerda Sales.

Supremo não investiga PR

Quem está fora da lista de suspeitos do caso é Marcelo Rebelo de Sousa. O Supremo Tribunal de Justiça decidiu não abrir uma investigação pelo facto de o Ministério Público (MP) nada ter contra o chefe de Estado. Além disso, a Assembleia da República teria sempre de autorizar qualquer procedimento criminal, o que não aconteceu, segundo o conselheiro Celso Manata.

Mas não era esse o entendimento da juíza de instrução, Gabriela Assunção. Quando foi confrontada com os indícios recolhidos pelo MP para autorizar as buscas do dia 6, a magistrada entendeu que as suspeitas recolhidas contra Nuno Rebelo de Sousa também se poderiam estender ao pai. E por isso remeteu o processo para o Supremo para que um juiz deste tribunal desempenhasse o papel de juiz de instrução.

hfranco@expresso.impresa.pt

Juiz exige garantia antitortura para extraditar brasileiro

Brasil teve de garantir ao Supremo Tribunal de Justiça que condenado por violência doméstica não será torturado

Rafael F. recusava-se a regressar ao Brasil. Esperava-o uma pena de oito anos de prisão por violência doméstica (foi condenado em 2013 por ter agredido a enteada, de cinco anos) e opôs-se à extradição exigida pelas autoridades brasileiras. Alegou que estava inserido na sociedade portuguesa e que preferia cumprir a pena em Portugal, onde poderia ser visitado pela atual mulher. E avisou os tribunais portugueses de que correria sério risco de ser alvo de violência e até tortura numa cadeia brasileira, facto atestado por um relatório sobre maus-tratos nas cadeias da Organização das Nações Unidas.

Mas o Tribunal da Relação de Coimbra decidiu extraditá-lo e considerou que as suspeitas sobre tortura eram infundadas, lembrando que a Constituição brasileira garante, logo nos primeiros artigos, que "ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante". A defesa de Rafael recorreu para o Supremo Tribunal de Justiça, que em casos anteriores tinha tido o mesmo entendimento da Relação de Coimbra: o Brasil é um país democrático, aderiu à convenção antitortura e há um princípio de boa-fé e reciprocidade entre Portugal e o Brasil que teria de ser respeitado.

Mas desta vez o conselheiro Lopes da Mota, a quem foi distribuído o recurso, decidiu dar razão ao arguido condenado. E citou o relatório das Nações Unidas sobre as cadeias brasileiras, que, "apesar de notar aspetos positivos na situação das prisões" e os "esforços que estão a ser feitos", nomeadamente através da promoção das "Regras de Nelson Mandela", concluí que "o sistema penitenciário brasileiro enfrenta sérios desafios, em particular no que se refere à sobrelotação e violência física e sexual no interior da maioria dos estabelecimentos prisionais, com riscos para a vida dos reclusos".

O processo foi devolvido à Relação de Coimbra, que, por decisão do conselheiro Mota, teria de obter garantias expressas por parte do Brasil de que Rafael F. não seria vítima de violência ou tortura. E conseguiu. O mesmo tribunal brasileiro que condenou o arguido assegurou estar "em condições de garantir a efetiva proteção do extraditando em meio prisional contra a tortura, tratamentos desumanos ou degradantes". E assim, apesar dos protestos da defesa, que considerava esta declaração das autoridades brasileiras uma mera "formalidade", Rafael foi extraditado para o Brasil em março deste ano e está a cumprir a pena.

> **A decisão não fez escola no Supremo Tribunal de Justiça e já houve conselheiros que dispensaram garantias**

Colegas contra

A decisão de Lopes da Mota não fez escola no Supremo. Em duas decisões posteriores, confrontados com a mesma questão, dois juízes conselheiros — Maria do Carmo Dias e Jorge Gonçalves — entenderam que o facto de o Brasil ser uma democracia que aderiu as convenções internacionais contra a tortura é um facto que dispensa garantias adicionais. Além disso, "o que o recorrente invocou genericamente sobre a situação prisional no Brasil não permite deduzir que ele próprio será, em concreto, submetido a tratamentos desumanos e a situações degradantes", disse a conselheira Maria do Carmo em relação a um condenado por roubos. Para Jorge Gonçalves, que foi confrontado com um acórdão do Supremo brasileiro a reconhecer que há tortura nas cadeias daquele país, "a falta de condições do sistema prisional" não é motivo suficiente para recusar uma extradição. **R.G.**

rgustavo@expresso.impresa.pt

O FUTURO DO FUTURO

A beleza intocável

O primeiro concurso de misses virtuais já começou a arrebatar corações. Nas finalistas há uma portuguesa. A vencedora é anunciada em junho

Pode ser pela "personalidade de saltimbanco", pelas melenas ruivas ou por "não hesitar em comer com as mãos" um prato de mexilhões — mas é fácil ficar encantado com Olívia C. Só que há um detalhe: Olívia C. é realista mas não existe. Foi criada pela Falamusa, das Caldas da Rainha, com inteligência artificial (IA), está nas 10 finalistas do primeiro concurso de beleza virtual — e até pode responder aos fãs.

"Estamos a conduzir testes para uma maior autonomia da Olívia através de automatismos que não são usados apenas nas redes sociais. Ou seja, ao invés de ser a equipa da Falamusa a alimentar a conversa com a audiência, a Olívia pode vir a responder tal e qual como um ChatGPT ou um Bard", explica Rita Lança, fundadora da Falamusa.

Depois da escolha das 10 finalistas entre 1500 candidatas, os World AI Creator Awards (WAICA) preparam-se para anunciar a vencedora no final de junho. A concorrência é forte: Aiana Rainbow arrebata com o cabelo das cores do nome e Anne Kerdi e Lalina apontam aos corações de executivos. Seren Ay e Asena Ilik são mulheres de ação e Zara Shatavari e Eliza Khan oscilam entre tradição e descontração. Ailya Lou dá corpo ao exotismo, enquanto Kenza Layli usa *hijab*. "Quase todas as concorrentes têm corpos que agradam ao público masculino, mas a moda prefere corpos esguios, com traços únicos e enigmáticos. Possivelmente nenhuma seria escolhida para um desfile como o ModaLisboa", responde Tó Romano, líder da agência Central Models.

Rita Lança reitera a intenção de fazer com que Olívia tenha "formas pouco voluptuosas", com alguma androgenia. A decisão estética também há de ajudar a evitar reparos na recomendação de viagens, restaurantes ou variedades: "Não há vestidos de gala nem muito *glamour*." Sendo virtuais, as modelos não deixam de aspirar a proventos a sério: todas têm páginas pessoais e seguem a esteira de Aitana Lopez, que é bem mais arisca, "cobra" 5% de comissão nas recomendações de produtos e tem 319 mil seguidores no Instagram, entre pessoas de carne e osso e personagens virtuais que já andam a explorar anúncios ou até erotismo e afins.

Mas o sucesso não cala a polémica. Joana Marta Simões, investigadora do Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) da Universidade de Coimbra, receia que o WAICA potencie a "objetificação" da mulher e expectativas irrealistas. "Os concursos podem levar uma mulher comum a sentir-se inferior e a tentar aproximar o seu corpo do das concorrentes reais. Só que é impossível uma aproximação ao corpo gerado pelo algoritmo." Rita Lança não é insensível à questão: "Se este concurso abrir o diálogo e fizer questionar as criações e o impacto delas, já terá tido utilidade." A beleza é uma obra aberta.

HUGO SÉNECA

sociedade@expresso.impresa.pt

O Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, com a sua homóloga suíça, Viola Amherd, em Berna, em janeiro
FOTO ALESSANDRO DELLA VALLE/GETTY IMAGES

Guerra A Suíça vai receber pelo menos 90 delegações numa cimeira que é um primeiro passo de um processo que terá de incluir a Rússia. Ser neutral não é ser indiferente, defende o MNE do país

Zelensky vai à Suíça pedir a paz possível

ANA FRANÇA e MARA TRIBUNA

As expectativas estão baixas, mas isso pode não ser necessariamente mau. A chamada "Cimeira de Alto Nível sobre a Paz na Ucrânia", pedida por Kiev, vai realizar-se este fim de semana na Suíça, no hotel Bürgenstock, na vila de Obbürgen, e o foco já anunciado não é discutir um acordo para o fim da guerra — tal não é possível sem a presença de uma delegação russa, que não foi convidada —, mas sim alguns dos pontos do plano de paz de Zelensky, apresentado ainda em 2022. Desse plano constam algumas linhas, como a retirada total das tropas russas e o julgamento da Rússia pelo crime de agressão, que significariam uma capitulação de Moscovo, um cenário que alguns dos líderes que confirmaram presença não estariam prontos a aceitar.

"Zelensky preferia, obviamente, uma aprovação abrangente do seu plano de paz, mas como é quase de certeza inatingível — e ele sabe disso —, os ucranianos sugeriram que os participantes na cimeira aprovassem partes do plano, em particular a segurança nuclear e alimentar e a libertação de prisioneiros. Foi essa a troca que a Ucrânia teve de fazer para conseguir a participação de cerca de 100 países", enquadra Alexander Motyl, professor de Ciência Política na Universidade Rutgers-Newark, nos EUA, e autor de várias obras sobre a Ucrânia e a Rússia.

A própria Presidente do país que vai acolher a cimeira já esclareceu que "não se trata de paz no sentido mais amplo": "Queremos procurar soluções para questões que são importantes para a população e para o estabelecimento da paz mais tarde", antecipou Viola Amherd. "É bastante claro que não assinaremos nenhum acordo de paz no final", reforçou em declarações à agência suíça de notícias Keystone-SDA.

Além da Rússia, outra ausência expectável é a da China, um aliado do Kremlin. "A China nunca iria, isso é uma não notícia. O que também confirma aquilo que é óbvio: a China tem claramente um alinhamento, embora tente sempre parecer que está neutra", diz Raquel Vaz-Pinto, investigadora do Instituto de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa (IPRI).

Apesar da moderação de expectativas em torno da cimeira e do impacto de algumas ausências, a professora de Estudos Asiáticos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na mesma universidade assinala que há aspetos positivos. A participação da Índia, ainda que não representada a alto nível, é um deles. "É extraordinário a Índia ir, depois de umas eleições que não correram como Narendra Modi [primeiro-ministro reeleito] estava à espera" e também devido à relação próxima entre os dois países, que só se fortaleceu com a guerra. "Modi está preocupado com a força e sobrevivência da Rússia, a quem tem comprado petróleo baratíssimo."

A Casa Branca já anunciou que o Presidente Joe Biden não vai à conferência, fazendo-se representar pela vice-presidente Kamala Harris e pelo conselheiro para a Segurança Nacional, Jack Sullivan. Zelensky tinha dito que a ausência de Biden seria uma "ovação de pé para Putin". Diana Soller, que também é investigadora no IPRI, está menos otimista relativamente aos possíveis sucessos da cimeira e classifica a escusa de Biden como "uma tentação para o apaziguamento".

Mais armas "é pouco provável"

"Não parece haver uma grande assertividade, que podia fazer a Rússia recuar por perceber que o Ocidente já não está a brincar. Se não for assim, estas manobras de 'vamos, não vamos' acabam por ter um lado perverso, que é mostrar que os apoiantes da Ucrânia andam um pouco descompassados", acrescenta a académica.

É habitual o Presidente ucraniano aproveitar as visitas a países e as participações em cimeiras para apelar àquilo que o seu país mais precisa: armamento e, no geral, ajuda militar. Mas, desta vez, "como se trata de uma conferência de paz, é pouco provável que se fale em fornecer mais armas", afirma Mark Cancian, antigo conselheiro do Departamento de Defesa dos EUA e atual conselheiro do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, um *think tank* em Washington.

Em vez disso, continua, "Zelensky vai insistir numa linguagem diplomática que apoie a sua posição sobre uma paz justa: a restauração das fronteiras anteriores a 2014, incluindo a Crimeia, a reparação dos danos causados à Ucrânia, a justiça para os crimes de guerra e a 'culpa de guerra' russa. É provável que também peça apoio económico aos países que apoiaram a Ucrânia, para a manutenção do Governo durante a guerra e para a reconstrução do país no pós-guerra". A ajuda militar não está em cima da mesa, porém Alexander Motyl diz que um acordo sobre a segurança nuclear e alimentar e a libertação de prisioneiros "já constituiria uma grande vitória para a Ucrânia".

Por outro lado, o facto de a conferência ser vendida como uma "montra de apoio" a Zelensky pode dificultar entendimentos mais ambiciosos. "Os países que não vão até podem querer a paz e estar do lado da Ucrânia, mas as relações internacionais não são apenas sobre a Rússia, o Ocidente e a Ucrânia. Há países que precisam de agradar à China, por exemplo, e vão pensar duas vezes antes de ir", conclui Soller.

afranca@expresso.impresa.pt

A SUÍÇA JÁ FEZ SABER QUE A RÚSSIA TERÁ DE SER INCLUÍDA EM FUTURAS INICIATIVAS PARA A PAZ NA UCRÂNIA

Guerra e Paz

Miguel Monjardino
guerraepaz.expresso@gmail.com

O TEMPO E A DECISÃO POLÍTICA NA UCRÂNIA

Como consideram os decisores políticos o fator tempo nas suas conjeturas sobre a política internacional? Há 35 anos, Mikhail Gorbachev e os seus conselheiros no Kremlin avaliaram mal a dinâmica dos acontecimentos e as implicações para o futuro da Europa. Como sabemos, o erro foi determinante para o fim abrupto da URSS. Hoje, este fator deve preocupar os líderes euro-atlânticos. "Não sabemos como estará o mundo daqui a três, seis ou nove meses," afirmou Josh Lipsky, do Atlantic Council, à Associated Press esta semana. É isto que explica a urgência na tomada de uma série de decisões em Washington e nas capitais europeias sobre a Ucrânia.

A Cimeira de Alto Nível sobre a Paz na Ucrânia, que terá lugar este fim de semana na Suíça, ocorre numa altura em que Moscovo tem em território ucraniano a maior parte do seu exército — cerca de 650 mil soldados e respetivo equipamento militar. Apesar das perdas sofridas nos últimos dois anos e meio de guerra, Vladimir Putin continua determinado em submeter a Ucrânia pela força das armas e a alterar a ordem europeia a seu favor. O líder russo pressupõe que a geografia, a demografia e o tempo são-lhe favoráveis. A isto acresce a avaliação de Putin sobre as democracias euro-atlânticas, tidas como fracas e timoratas perante o poder militar russo.

A cimeira que tem lugar na Suíça, assim como a que teve lugar em Berlim, a meio da semana, sobre a reconstrução ucraniana, visa mobilizar apoio internacional para a modernização de um país cada vez mais dependente da comunidade euro-atlântica. Um dia esta guerra terminará quando algo semelhante a uma paz for negociado ou imposto pelos factos. Entretanto, Washington e os seus aliados têm vindo a tomar um conjunto de medidas para robustecer a Ucrânia como um Estado independente no Leste da Europa.

A dificuldade continua a ser determinar o que poderá ser a vitória militar e política para a Ucrânia e os contornos da futura ordem de defesa europeia. O primeiro ponto tem consequências evidentes para toda a estratégia militar ucraniana, que não deverá poder continuar a assentar no atrito da Rússia. Como a história mostra, essa é uma estratégia que favorece sempre Moscovo, especialmente agora que o país está em transição para uma economia de guerra.

A ausência da China da cimeira sobre a paz na Ucrânia tem sido notada. Xi Jinping, obviamente, não abandonará Putin. Para o líder da China, a Rússia não pode ser vencida na Ucrânia. Isso seria também uma derrota para Pequim. Todavia, o novo eixo internacional que Putin e Xi Jinping começaram a criar desde há alguns anos não é uma verdadeira aliança. Essa continua a ser a grande vantagem dos EUA e dos seus aliados no apoio à Ucrânia. Este é um ponto que tendemos sempre a negligenciar na avaliação da política internacional. Do ponto de vista mental, a Europa tem há muito uma posição defensiva. O nosso papel tem sido sobretudo reagir ao que as outras capitais decidem. A urgência que agora sentimos em relação ao tempo histórico resistirá ao nacionalismo populista nos países europeus e nos EUA?

Evgenia Kara-Murza Ativista e mulher de Vladimir Kara-Murza, opositor de Putin

"Nem quero pensar num mundo em que Vladimir Putin ganhe"

Ana França e Christiana Martins

Depois da morte de Alexey Navalny, Vladimir Kara-Murza transformou-se no preso político número um do regime de Putin. Condenado a 25 anos de clausura, está detido na Sibéria e passa a maior parte do tempo na solitária. Evgenia é tradutora, mãe de três filhos adolescentes, vive no estado norte-americano da Virgínia e assumiu as lutas do marido, tomou-as para si. Férrea defensora da Ucrânia, diz-se cansada de "conferências e conversas" que acabam por nunca resultar no que, para ela, é essencial: armas.

Há um ano que Evgenia não fala com o marido, preso na Sibéria

FOTO JOE KLAMAR/AFP VIA GETTY IMAGES

P Nunca pensou ser uma figura pública e não gosta desta tarefa, mas é uma das principais vozes da oposição russa. Como teria sido a sua vida se o seu marido não tivesse sido preso?
R Não tive muita escolha devido à guerra contra a Ucrânia e à repressão da sociedade civil russa. Sou esposa, mãe, mas também sou cidadã russa e acredito que a minha responsabilidade é ensinar os meus filhos a reconhecerem uma agressão e a levantarem-se contra o agressor. Além disso, tenho de explicar aos líderes políticos de todo o mundo a natureza do regime de Putin e mostrar-lhes porque não podem estabelecer relações com o agressor. Se não posso estar no campo de batalha, este é o meu dever.

P Planeia regressar à Rússia antes do colapso do regime?
R Não creio que o possa fazer. Primeiro, porque serei presa. Não porque seja importante, mas porque o regime vai tentar usar-me para colocar pressão sobre o meu marido e não posso pô-lo numa situação em que ele tenha que escolher entre os seus princípios e a minha segurança. Também não posso privar os nossos filhos de outra figura parental.

P O que acontece se Putin ganhar?
R Se lhe for permitido apresentar o que quer que seja como uma vitória, vai querer dizer que o continente europeu continuará a viver numa realidade de guerra enquanto o regime dele durar. E o regime também se manterá no poder. A única garantia de paz e estabilidade na Europa é uma Rússia democrática. Este regime não pode ser transformado, tem de cair. São todos criminosos de guerra, ladrões e assassinos, e têm de ser levados a julgamento. Nem quero pensar num mundo em que Vladimir Putin ganhe. A derrota do exército e do Estado russos na Ucrânia é crucial se quisermos alcançar a paz e a estabilidade.

P O que pode ser feito para derrotar Putin?
R Tenho a certeza de que a Ucrânia já teria ganho a guerra se lhe tivessem fornecido tudo o que tem pedido há mais de dois anos. O que está a ser fornecido não é suficiente nem é atempado e apenas ajuda a Ucrânia a manter o *status quo*. E quanto mais a guerra se prolonga, menos recursos humanos Kiev tem. A Rússia tem 145 milhões de habitantes e os jovens estão a ser raptados nas ruas e depois são enviados para a Ucrânia.

P Como enfraquecer o regime russo?
R Em primeiro lugar, com a vitória da Ucrânia. Em segundo lugar, com as sanções. Há países, como a Índia, que continuam a fazer negócios com Vladimir Putin. Se a comunidade europeia e o mundo mostrassem coragem e declarassem Putin um líder ilegítimo, como foi pedido pelo Conselho da Europa e pelo Parlamento Europeu, talvez países como a Índia pensassem duas vezes antes de se envolverem em negócios com um pária, usurpador ilegítimo e ditador. Quando falo de sanções, também falo das sanções Magnitsky [específicas para pessoas que violaram os direitos humanos]. O meu marido lutou por elas a vida toda e 35 países observam estas sanções, que enviam a mensagem de que vamos perseguir quem violou os direitos humanos de um determinado indivíduo, que vamos congelar os seus bens e bani-los dos nossos países. Trata-se, portanto, de um mecanismo incrivelmente poderoso, mas só funcionam se forem impostas. Há ainda uma terceira via, que consiste em apoiar a sociedade civil russa e as pessoas que, tanto dentro como fora do país, têm tentado fazer tudo o que podem para se opor ao regime de Putin.

P Vai à conferência de paz na Suíça?
R Não vou lá estar.

P A Rússia deveria ser integrada nestas iniciativas?
R Não creio que seja aceitável. Não enquanto o exército russo ataca alvos civis e quando o regime quer ocupar o território de um Estado soberano. Não acredito que as negociações sejam possíveis porque qualquer tipo de negociação que envolva a Rússia teria de acontecer, pelo menos em parte, nos termos de Putin.

P Acredita que a conferência possa ter bons resultados?
R Sinceramente não sei. Tem havido tantas conversas e fóruns sobre a guerra. Só espero, finalmente, ver resultados e a Ucrânia receber o que pede. Se a conferência levar a isso, ótimo. Se não, será mais uma. Já tivemos tantas e a guerra continua e as pessoas continuam a morrer. Já não tenho paciência para conversas.

afranca@expresso.impresa.pt

ISRAEL

Benjamin Netanyahu lidera um Governo assente em formações extremistas e religiosas
FOTO ABIR SULTAN/GETTY IMAGES

Netanyahu treme, mas não cai

Benny Gantz, a **voz moderada** no gabinete de guerra, demitiu-se **em rota de colisão com o primeiro-ministro**. Para já, o Governo não colapsa

MARGARIDA MOTA

A 24 de julho, Benjamin Netanyahu tem marcado um novo encontro com a história. A convite da Câmara dos Representantes e do Senado dos Estados Unidos, o primeiro-ministro de Israel discursará numa sessão conjunta do Congresso. Será a quarta vez que o fará, ultrapassando Winston Churchill, que se dirigiu aos legisladores americanos em 1941, 1943 e 1952.

Netanyahu discursou no Congresso a 10 de julho de 1996, a dias de assumir a chefia do Governo pela primeira vez. Voltou a Capitol Hill a 24 de maio de 2011, exatos dois meses após ter sido recebido em Moscovo pelo Presidente Dmitri Medvedev. Regressou a 3 de março de 2015, a 15 dias de ir a votos, numa altura em que Israel estava polarizado entre um campo que confiava nele e outro que o queria fora da política.

Desta vez far-se-á ouvir quase 10 meses após o ataque do Hamas — o pior momento da história de Israel desde o Holocausto — e a menos de quatro meses das presidenciais nos EUA. "Vou apresentar a verdade sobre a nossa guerra justa contra aqueles que procuram destruir-nos", disse.

Ameaças de boicote

A guerra em Gaza e o apoio de Washington a Telavive cavou um fosso entre democratas e republicanos que a intervenção de Netanyahu poderá agravar. O senador Bernie Sanders, um dos principais rostos do movimento progressista no país, já anunciou a intenção de boicotar a sessão. Em 2015 faltaram quase 60 democratas.

Acossado pela Justiça israelita em casos de corrupção e alvo de um pedido do procurador do Tribunal Penal Internacional no sentido de ser emitido um mandado de detenção contra si, Netanyahu não vira a cara à luta. Esta semana, Benny Gantz demitiu-se do gabinete de guerra do Governo em rota de colisão com ele. "Netanyahu está a impedir-nos de avançar para uma verdadeira vitória. Por isso hoje deixamos o Governo de emergência [Gantz e o seu número dois no partido, Gadi Eisenkot] com o coração pesado, mas com toda a convicção", disse no domingo. "Decisões estratégicas importantes estão a ser tomadas com hesitação e procrastinação devido a considerações políticas", acrescentou Gantz, apelando à realização de eleições no outono.

As condições de Gantz

Esta demissão não foi propriamente uma surpresa. O ex-chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel (FDI) entrou no Governo após o ataque de 7 de outubro, num contexto de apelo à unidade nacional. Desde então, era uma voz moderada no gabinete de guerra e, de certa forma, desafiadora da autoridade de Netanyahu, patente na viagem que fez a Washington, em março, à revelia do primeiro-ministro.

> **Netanyahu vai discursar no Congresso dos EUA pela quarta vez, superando Churchill**

> **O Knesset aprovou um diploma que visa a gradual integração nas Forças Armadas de ultraortodoxos**

No mês passado, Gantz deu um prazo a Netanyahu — teria até 8 de junho para apresentar uma estratégia para o dia seguinte ao fim da guerra que contemplasse seis objetivos: regresso dos reféns; derrube do Governo do Hamas e desmilitarização da Faixa de Gaza; estabelecimento de uma administração conjunta norte-americana, europeia, árabe e palestiniana para gerir os assuntos civis de Gaza e constituir a base para uma futura autoridade governamental; reinstalação dos israelitas deslocados do norte até 1 de setembro e reabilitação das comunidades junto a Gaza; promoção da normalização com a Arábia Saudita; e a adoção de um esboço para um serviço militar para todos os cidadãos de Israel.

Sem avanços, a demissão de Gantz tornou-se inevitável, ainda que o resgate de quatro reféns, no próprio domingo, após uma operação no campo de refugiados de Nuseirat, que deixou para trás pelo menos 274 mortos, segundo o Governo do Hamas, tenha levantado dúvidas sobre se Gantz levaria a intenção avante.

Porém, a demissão não faz mossa no Executivo. "Para haver eleições é preciso que pelo menos cinco deputados da coligação se afastem do Governo por forma a haver uma moção de censura. Não vejo qualquer possibilidade de o fazerem. Acredito que no imediato nada aconteça", diz ao Expresso Tamar Hermann, do Instituto de Democracia de Israel.

No Parlamento (Knesset), Netanyahu goza de uma maioria de 64 deputados (em 120). A coligação centrista Unidade Nacional (oito deputados), de que faz parte o partido de Benny Gantz, integra a oposição. "Não olho para Netanyahu como alguém frágil agora", acrescenta a investigadora. Mas, apesar de o Governo não colapsar, Netanyahu fica cada vez mais nas mãos de formações de extrema-direita — que se opõem a um cessar-fogo em Gaza — e religiosas que sustentam a sua coligação de Governo.

A ameaça dos religiosos

Na terça-feira, o Knesset deliberou sobre um tema fraturante: o recrutamento de judeus ultraortodoxos. Com 63 votos a favor e 57 contra, foi aprovado (em primeira leitura) um projeto de lei que visa a gradual integração nas Forças Armadas de alunos das escolas talmúdicas (*yeshivas*). "Cada ano, 13 mil estudantes com 18 anos adiam o serviço militar (e ao fim de oito anos ficam isentos)", diz ao Expresso Gilad Malach, investigador do tema. O diploma propõe a redução da idade-limite para a isenção dos 26 para os 21 anos e, após dois anos, para os 23.

"Os partidos religiosos não apoiam os detalhes da legislação, mas esta é uma oportunidade para a aprovar", na expectativa de inserirem alterações na fase de revisão que se segue. "Estão sob pressão da guerra e do público e acederam a um compromisso. Mas não acredito que, no final, haja uma versão que mereça o apoio dos 64 deputados da coligação. Este assunto é uma das principais ameaças ao futuro do Governo."

Os partidos ultraortodoxos têm sido o apoio mais constante de Netanyahu, mas este privilégio é um incómodo crescente no país, sob fogo do Hamas e do Hezbollah libanês, que na quarta-feira disparou 215 *rockets* contra o norte de Israel, após as FDI assassinarem um líder do grupo. Embora, na prática, a lei preveja a integração de mais efetivos nas FDI, o número fica aquém das necessidades.

No Knesset, um único deputado afeto ao Governo votou contra: o ministro da Defesa, Yoav Gallant. No momento da votação, foi conhecida a morte de quatro soldados em Gaza, de 24, 20 e dois de 19 anos. Se estudassem numa escola religiosa, estariam vivos.

mmota@expresso.impresa.pt

EUA

William Glaston
Ex-conselheiro de Bill Clinton

"Não há margem para erros de Biden"

Escreveu 11 livros e mais de 100 artigos sobre quase tudo o que marcou a política norte-americana dos últimos 40 anos. Se Trump voltar, o que o preocupa mais é mesmo a Ucrânia.

William Glaston em conferência no Estoril
FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

P Temos novas eleições nos Estados Unidos ao virar da esquina. Mesmo que Trump não vença, os seus eleitores não ficam potencialmente capturáveis por qualquer outro movimento autoritário que se siga?
R Vou tentar dar um exemplo com o caso português: é como se a ala dominante no PSD fosse o Chega. É isso que está a acontecer no Partido Republicano. E vai permanecer dominante porque essa fação representa uma porção significativa da sociedade, que ostenta preocupações culturais e económicas bem reais e que não vão desaparecer num futuro próximo. A parte 'Chega' dos republicanos é vista como o futuro, a parte 'PSD' como o passado.

P Por que razão esta ala mais conservadora se tornou tão dominante?
R Parte da resposta está no declínio da economia industrial. A classe trabalhadora é parte central do crescimento desta ala. Quando eu era jovem, essas pessoas votavam nos democratas, agora votam nos republicanos. Ao mesmo tempo, as pessoas que tinham educação superior antes votavam nos republicanos, agora nos democratas. Uma pessoa que fizesse parte de uma minoria, certamente votava nos democratas; agora isso já não é bem assim. E Trump está a tentar chegar às pessoas da classe trabalhadora de origem hispânica, e aos afro-americanos, o que será mais difícil, mas não impossível. A grande questão é saber se os republicanos se consolidam como um partido multiétnico.

P É justo dizer que os apoiantes da democracia liberal também podem ter cometido erros, ao não prestarem atenção às necessidades desta classe?
R Penso que é justo dizer isso, apesar de haver muitas nuances. Isso leva-me ao segundo passo do caminho, as questões culturais. Por exemplo, quando o período de protestos contra a guerra do Vietname se intensificou, os eleitores da classe trabalhadora, patriotas e apoiantes da guerra, criticaram os estudantes universitários que protestavam. Era o tempo da chamada contracultura, com novas músicas, novas normas sexuais, etc. E a classe operária tendia a ser muito tradicional na sua abordagem à igualdade cultural. A questão cultural antecede a económica na divisão no seio dos democratas.

P Voltando às eleições americanas, há algo que possa parar Trump além das urnas? Todos estes processos judiciais podem fazer mossa nas suas perspetivas?
R Nada pode parar Trump para lá do voto do povo americano. O único julgamento que estava programado para antes das eleições já terminou [relacionado com dinheiro pago a uma atriz pornográfica para não contar que tivera um caso com Trump, no qual foi considerado culpado em primeira instância]. Há outros dois casos federais e, por isso, administrados pelo Departamento de Justiça, que responde ao Presidente. Por isso, se Trump chegar à Casa Branca, não espero grande evolução nestes casos.

P Acredita que mais do que os processos judiciais, é o dia 27 de junho que pode fazer diferença. Porquê?
R Esse dia está na minha pequena lista de coisas que podem mudar o resultado das eleições. Trump convenceu muitos americanos de que o Presidente está senil, já não tem capacidade para o cargo. E como Biden não tem aparecido muito, e ainda menos num formato de pergunta e resposta, as pessoas, na ausência de provas contrárias, vão acreditando em Trump. Mas se Biden mostrar que afinal está bem, o foco pode passar para o carácter e os casos de Trump. Dito isto, as sondagens dão qualquer coisa como 268 representantes ao Colégio Eleitoral para Trump e 270 para Biden, por isso, quando digo que não há margem para erros de Biden, isso é literal.

P Acredita mesmo que a ajuda à Ucrânia vai cessar se Trump for eleito?
R Trump já deixou claro que não é favorável a esta ajuda. E diz que vai parar a guerra em 24 horas. Acho que é um código para "Não vou ajudar a Ucrânia a recuperar o seu território. Vou tentar fazê-la sentar-se e aceitar ficar quieta e aprovar um cessar-fogo." Provavelmente apresentará um argumento racional de que, independentemente da ajuda que os EUA enviem, as probabilidades de a Ucrânia reconquistar o território não justificam o esforço. Logo, porque não parar de lutar e trabalhar a partir daí?

P E não terá muita gente a dar-lhe razão?
R Pois, mas que tipo de paz será a de Trump? Apenas um cessar-fogo temporário? Em 2015 houve uma cessação temporária das hostilidades e, anos depois, Putin disse, copiando a velha doutrina de Brejnev: "O que é meu é meu, o que é teu é negociável".

ANA FRANÇA
afranca@impresa.pt

Na serra da Estrela, o Chão do Rio trabalha para a diversidade na Floresta da Esperança, mas é preciso tempo: as ações implementadas demoram a dar frutos FOTO PEDRO RIBEIRO

Tempo e resiliência Atento a uma necessidade cada vez mais urgente, o turismo regenerativo vai além da sustentabilidade: objetivo é melhorar o destino através da natureza e das comunidades locais

Regenerar o ambiente através do turismo

Textos **RITA SEABRA GOMES**

Tornar a atividade turística mais sustentável é um imperativo. Mas já não basta minimizar o impacto negativo causado pelo sector, é preciso promover um crescimento saudável a longo prazo, devolver mais do que se tira, regenerando os solos, melhorando os ecossistemas e contribuindo para as comunidades locais, enquanto se oferecem experiências autênticas aos visitantes. É esta a missão do turismo regenerativo, apontado como uma tendência para o futuro e que visa deixar o destino melhor do que se encontrou.

"O ideal é tirar o mínimo possível e devolver com crédito para ter um saldo positivo", explica Patrícia Araújo, diretora-geral da Biosphere em Portugal, empresa de consultoria e apoio técnico especializado na implementação de práticas sustentáveis para além da minimização dos impactos negativos. "As grandes orientações europeias ditam que todos vamos ter de trabalhar neste domínio à medida que cresce a necessidade de ação de urgência", refere, acrescentando que "a procura por experiências que contribuem positivamente para os ecossistemas e comunidades locais" é cada vez maior.

Um morango como primeira pedra

No Areias do Seixo Hotel, em Santa Cruz, o caminho começou dois anos antes da inauguração, em 2010, e por isso dizem que a primeira pedra do projeto foi um morango. "Arrancámos com a horta em permacultura, que nessa altura não era verde, mas dourada, já que ali se encontravam dunas de areia. Começámos por planificar o local, criando, por exemplo, barreiras de vento naturais com vegetação. Depois introduzimos espécies, mantendo a diversidade, sem usar fertilizantes ou pesticidas. Em cinco anos começámos a ver os resultados: de um terreno seco, com areia dourada, passámos a ter terra escura e fértil", conta Gonçalo Alves, um dos proprietários.

Expresso

Grupo CaixaBank

PRÉMIO NACIONAL DE TURISMO

O Expresso e o BPI, em parceria com o Turismo de Portugal e a Deloitte, promovem pelo sexto ano consecutivo o Prémio Nacional de Turismo (PNT), uma iniciativa para incentivar e distinguir as melhores empresas e práticas do sector. Este projeto é apoiado por patrocinadores, sendo todo o conteúdo criado, editado e produzido pelo Expresso (ver código de conduta *online*), sem interferência externa.

Também o projeto Terramay, no Alandroal, junto ao Alqueva, começou com uma quinta de agricultura regenerativa para combater a desertificação dos solos. Hoje, na horta de permacultura "não entra nada químico". Anna de Brito, cofundadora do projeto, assegura que o turismo surgiu como uma "segunda vertente": no restaurante Raya os visitantes podem provar "90% dos ingredientes" oriundos do solo e do rio. "Em vez de fugirmos para o espaço, devíamos olhar para o solo à nossa frente e ver o impacto negativo que fizemos nos últimos 200 anos com a industrialização", considera.

Resiliência e tempo para atingir resultados

Um dos desafios do conceito "regenerativo" é o tempo e a resiliência que o processo implica. "Estamos numa cultura contrária, de imediatismo, mas os resultados da regeneração em ecossistemas naturais ou sociais demoram muito, nunca são de uma geração. É preciso tempo para a validação científica e para a certificação", avisa Patrícia Araújo. No sopé da serra da Estrela, o turismo rural Chão do Rio reservou quatro hectares para a Floresta da Esperança, uma área de regeneração onde querem voltar a ter floresta autóctone, uma charca para a fauna local e um reservatório "com plantas para tratar a água", que serve para regar e em caso de incêndio, explica Catarina Vieira, gerente do projeto. "Tem havido incêndios na região e os campos ficam cada vez mais pobres e com árvores infestantes. Estamos a contrariar isso e a trabalhar para a diversidade, envolvendo os hóspedes, mas também instituições e escolas", conta. "Imagino que daqui a 30 anos vai existir um carvalhal, mais água e animais", prevê.

Envolver turistas e comunidade

São mais de 50 mil as árvores plantadas por Martina e João Almeida nos 14 hectares do Gandum Village, em Montemor-o-Novo. Também cultivam alimentos em "agrofloresta sintrópica", que imita o processo da natureza; procuram ter impacto zero no consumo energético e medem toda a água utilizada. "No fim da estada, o hóspede vê quanto consumiu. Se for abaixo do recomendado, recebe um *voucher*. Se for acima, leva um livro sobre como poupar água", explica João. Criar um "envolvimento social mais vinculativo" é também o objetivo de Lina Paz na Casa dos Corações, em Marvão: "Queremos que as pessoas vão aos mercados locais e tenham a experiência de viver numa casa onde tudo é reciclado." No final, pedem aos turistas para levarem o lixo, de modo a terem noção do que produziram.

Apesar da reconhecida evolução do turismo regenerativo, o conceito ainda enfrenta algum ceticismo em comparação com o turismo sustentável, por carecer de metodologia regulada e certificação. No entanto, "tudo o que atua no domínio da sustentabilidade acaba por abranger princípios, valores e práticas que incentivam ações que não se limitam a mitigar mas também a restaurar os ambientes", garante Patrícia Araújo. A especialista insiste na importância de uma visão a longo prazo que permita aos projetos ganharem maturidade e trazerem resultados.

bcbm@impresa.pt

TUDO O QUE TEM DE SABER SOBRE O PNT

O QUE É

- O Prémio Nacional de Turismo (PNT) destaca os melhores e dá visibilidade a projetos com valor no sector do turismo em Portugal. A iniciativa do Expresso e do BPI conta com o alto patrocínio do Ministério da Economia e do Mar, o apoio institucional do Turismo de Portugal, I.P., e o apoio técnico da Deloitte.

CATEGORIAS

- **Turismo Autêntico** Projetos que apresentem oferta abrangente e equilibrada do ponto de vista territorial, bem como da utilização de recursos locais.
- **Turismo Gastronómico** Projetos que se destaquem por oferta gastronómica diferenciada e autêntica, alicerçada na valorização e promoção da gastronomia regional e nacional.
- **Turismo Inclusivo** Projetos que promovam um reforço da relação com o consumidor através da comunicação ou de iniciativas que visem a sua inclusão e fidelização.
- **Turismo Inovador** Projetos que apresentem uma oferta inovadora e a utilização de ferramentas e meios digitais para a comunicação, distribuição e análise do desempenho.
- **Turismo Sustentável** Projetos que se distingam pela sustentabilidade ambiental, económica e responsabilidade social subjacentes à estratégia de médio/longo prazo.

DATAS MAIS IMPORTANTES

- **Candidaturas** 1 março -7 junho.
- **Avaliação** 8 junho – 30 setembro.
- **Reunião de comités e júri** outubro e novembro.
- **Entrega de prémios** novembro.
- Acompanhe tudo em ***https://expresso.pt/premio-nacional-turismo/***

Texto **Lídia Paralta Gomes**
Ilustração **Tiago Pereira Santos**

Seleção Os jogos de preparação esbateram o entusiasmo deixado pela qualificação perfeita, mas Portugal entra terça-feira no Euro como uma das seleções favoritas à vitória

Da euforia à cautela antes da estreia

Há frases que, num determinado momento da história, não estávamos de todo à espera de ouvir. "Gosto deste negativismo à volta da seleção", disse Bruno Fernandes na conferência de antevisão ao jogo com a Irlanda, último teste antes da viagem para o Euro 2024, onde Portugal se estreia na terça-feira frente à Chéquia, em Leipzig. Aqui há uns meses, em novembro, festejava-se com euforia a qualificação perfeita, 10 jogos e 10 vitórias, frente a adversários pouco ameaçadores, certo, mas com Portugal a apresentar níveis exibicionais entusiasmantes, como se esta geração de talentos estivesse finalmente em ponto de rebuçado e não de metafóricas grilhetas nos pés, como em tempos idos. As certezas eram, então, muitas.

Em março chegou o primeiro franzir de testa. A derrota na Eslovénia, a primeira da era Roberto Martínez, foi penosa, mas o selecionador estava na altura em pleno estado de experimentalismo. Já com o grupo de jogadores para o Europeu alemão definido, os dois golos sofridos frente à Finlândia, no primeiro jogo de preparação, preocuparam pelo desligar da equipa no processo defensivo, apesar da vitória por 4-2. Seguiu-se uma pequena hecatombe exibicional no encontro com a Croácia, no sábado: a derrota por 2-1 no primeiro embate desta equipa com uma seleção de topo foi um alerta difícil de ignorar, às costas de um jogo ofensivo previsível, de dinâmicas por vezes incompatíveis, de uma equipa mole e manietada pelo jogo de esconde-esconde da bola dominado e aprimorado pelo trio Modric, Kovacic e Brozovic. E na defesa Portugal voltou a sofrer. Martínez chamou-lhe não fraqueza, mas sim "falta de sincronização e ligação", algo possível de corrigir até ao arranque do Euro.

Voltemos então a Bruno Fernandes e à já célebre frase. Dizia o médio do Manchester United que gostava do negativismo que se tinha formado em torno da seleção depois do jogo com a Croácia porque isso significava que as pessoas esperavam muito de Portugal. Mesmo que a seleção nacional tenha voltado às vitórias frente à Irlanda no último teste (3-0, no Municipal de Aveiro), na montanha-russa de sensações a que os adeptos portugueses não são de todo imunes a euforia deu, de facto, lugar a alguma cautela. Porque as muitas certezas de novembro tornaram-se dúvidas em junho e os três jogos de preparação parecem ter baralhado algumas convicções.

MARTÍNEZ EXPERIMENTOU MUITO NOS TESTES E NEM SEMPRE CORREU BEM. JOGO COM A CROÁCIA DEIXA ALERTA

A pressão e o ataque

No seu sempiterno otimismo, Roberto Martínez olhou para o resultado negativo frente à Croácia como um "jogo muito positivo", na medida em que muito se aprende nas derrotas e com os erros, embora preocupante seja que estes desaires aconteçam já na proximidade de um torneio em que Portugal, fruto não só da qualificação perfeita como do evidente talento de que dispõe, é considerado um dos favoritos à vitória, numa conversa em que costuma ter a companhia mais frequente de França e Inglaterra.

Sobretudo desse duelo com a Croácia, mas não só, o treinador Blessing Lumueno viu "muito que trabalhar" na definição das linhas de pressão portuguesas. "As linhas ficaram muito estendidas no campo, com a linha defensiva muito afastada da primeira linha, que pressionava", descreve o também comentador. Assim se explica que tantas bolas tenham visitado com facilidade o espaço entrelinhas (tal como tinha acontecido com a Finlândia), criando dificuldades a Portugal. Frente à Irlanda, um adversário mais frágil do que os balcânicos, notaram-se algumas melhorias neste momento do jogo.

Ainda assim, houve "apontamentos ofensivos interessantes e dinâmicos" nestes jogos, sublinha Lumueno. Com os futebolistas que tem, Portugal consegue diferentes formas de atacar, e Martínez experimentou várias nestes três jogos. Vimos Diogo Jota ou Gonçalo Ramos no lugar do ponta de lança. Frente à Irlanda, na quarta-feira, Cristiano Ronaldo jogou pela primeira vez nesta preparação, marcando dois golos e envolvendo-se bem no ataque móvel que formou ao lado de Rafael Leão, com João Félix atrás, com liberdade, como mais gosta e mais rende. "Um trio de ataque com triângulo invertido", como lhe chama Blessing Lumueno, onde o treinador até vê mais Gonçalo Ramos, e não Rafael Leão ao lado de Cristiano. "O Rafael Leão, caindo na largura e no um para um, iria sempre tirar

SELEÇÃO VENCEU IRLANDA COM UM TRIÂNGULO INVERTIDO NA FRENTE E VOLTOU A TENTAR OS TRÊS CENTRAIS ATRÁS

vantagens, mas não tem tanto conforto a jogar por dentro nos espaços e não é tão forte a atacar zonas de finalização", continua o treinador, que acredita que Ronaldo "tem mais conforto" quando joga acompanhado na frente, permitindo "que outros jogadores apareçam para o golo" e aproveitem o espaço quando o capitão está a ser marcado. E aqui está uma das dúvidas para o arranque do Europeu, até porque, como explica Lumueno, "ainda não tínhamos visto com Roberto Martínez este sistema funcionar desta forma".

Quem joga com Rúben Dias?

Os jogos de preparação também não tiraram todas as dúvidas sobre a linha média. Experimentou-se muito, e uma das questões lançadas por Blessing Lumueno é o posicionamento de Bruno Fernandes. O médio, que foi o melhor jogador português no Mundial do Catar e na qualificação para o Euro 2024, pode jogar mais adiantado, aproveitando Martínez a sua capacidade de passe e remate à baliza, ou mais recuado, com a possibilidade de lançar os colegas na profundidade. João Neves parece ter ganhado preponderância e Vitinha impressionou finalmente Martínez no primeiro jogo, com a Finlândia. Mas nenhum dos dois é certo nos titulares. "Bernardo Silva vai jogar, mas vamos ver é se como normalmente o faz, dando o corredor ao lateral, ou com ele no corredor", identifica ainda o treinador, que vê João Palhinha como titular no onze do técnico espanhol.

A dinâmica de Bernardo no onze está ligada a outra das questões ainda por confirmar: quem jogará nas laterais e se o fará mais por dentro ou na profundidade. João Cancelo parece certo nos titulares e poderá jogar à direita ou à esquerda. A experiência Nuno Mendes e Rafael Leão à esquerda, usada no jogo com a Finlândia, não parece ter resultado. No eixo, Lumueno não tem dúvidas de que Rúben Dias será titular, mas está tudo em aberto sobre o homem que o irá acompanhar. Ou homens, porque contra a Irlanda Roberto Martínez voltou a testar a solução de três centrais, algo que parecia ter abandonado depois de ter iniciado a qualificação com esse sistema. "Mesmo que Pepe esteja bem fisicamente, não vai ser titular os jogos todos", vaticina o comentador, lembrando que "há concorrência" forte para a posição, com António Silva, Gonçalo Inácio ou até Nuno Mendes na posição de central pela esquerda na construção. Pepe, recorde-se, esteve em dúvida até à última para a convocatória devido a problemas físicos que não lhe permitiram jogar pelo FC Porto desde finais de abril. Fez apenas 45 minutos na preparação, frente à Irlanda, mas Martínez tem plena confiança no central, de 41 anos, e não abdica da sua experiência.

Com tantas hipóteses, estratégias e sistemas disponíveis, euforias entretanto acalmadas e cautelas redobradas, a única certeza é mesmo que Portugal se estreia no Europeu na terça-feira, às 20h de Lisboa, com o estatuto de única seleção presente no Euro 2024 que passou sempre a fase de grupos nas oito participações que já completou. Depois do jogo com a Chéquia, seguem-se duelos com a Turquia, em Dortmund, no dia 22, e com a Geórgia, em Gelsenkirchen, no dia 26. Mal coloque o pé em campo num desses jogos, Cristiano Ronaldo vai tornar-se, aos 39 anos, no único jogador da história com seis presenças em Europeus e quer engordar um outro recorde que já lhe pertence: o de jogador com mais golos marcados na prova. A contagem está nos 14, divididos por 25 encontros. Golos que poderão reverter esse negativismo para um novo estado de euforia.

lpgomes@expresso.impresa.pt

Festa arranca com alemães e escoceses

Alemanha-Escócia (20h, RTP1) abre o Europeu, em Munique, numa cerimónia que terá homenagem a Franz Beckenbauer

"É bom ter os pés na terra, mas o pensamento no céu." As palavras de Cristiano Ronaldo puseram fim ao período de preparação de Portugal. A seleção derrotou a Rep. da Irlanda (3-0) no último teste antes do Euro 2024. Roberto Martínez classificou o jogo como "o mais completo", depois de Finlândia e Croácia.

Munida de uma injeção de confiança, a seleção viajou na quinta-feira para a Alemanha. Em Marienfeld, Portugal vai dar seguimento às afinações necessárias para os compromissos do Grupo F diante da Chéquia (18 de junho, Leipzig), Turquia (22, Dortmund) e Geórgia (26, Gelsenkirchen).

A comitiva lusa chegou a território germânico a tempo de sentir o ambiente de festa. Esta sexta-feira, realiza-se a cerimónia de abertura do Euro. O espetáculo decorre em Munique e vai homenagear Franz Beckenbauer, lenda do futebol alemão que morreu em janeiro. O momento dedicado ao antigo campeão do mundo como jogador e treinador vai contar com a participação de Heidi, a mulher, e com os antigos jogadores Bernard Dietz e Jürgen Klinsmann.

O jogo de abertura do torneio junta Alemanha e Escócia (20h). A seleção anfitriã foi obrigada a mudança de última hora. Pavlovic saiu da convocatória devido a uma amigdalite e para o seu lugar foi chamado Emre Can

Primeiras peripécias

Mesmo antes do arranque do Euro, já vão acontecendo algumas peripécias. A Alemanha teve que gerir um conflito entre Rüdiger e Füllkrug num treino. A Suíça protestou por causa das condições do relvado onde treina. Na Inglaterra, Gareth Southgate abriu a porta à saída do cargo de selecionador caso não vença o Euro. E a bola ainda nem começou a rolar.

FRANCISCO MARTINS
fsmartins@expresso.impresa.pt

JOGOS DA SEMANA

14 (Sexta-Feira)	
Alemanha x Escócia	20h, RTP1
15 (Sábado)	
Hungria x Suíça	14h, Sport TV1
Espanha x Croácia	17h, RTP1
Itália x Albânia	20h, Sport TV1
16 (Domingo)	
Polónia x P. Baixos	14h, Sport TV1
Eslovénia x Dinamarca	17h, Sport TV1
Sérvia x Inglaterra	20h, TVI
17 (Segunda-Feira)	
Roménia x Ucrânia	14h, Sport TV1
Bélgica x Eslovénia	17h, Sport TV1
Áustria x França	20h, RTP1
18 (Terça-Feira)	
Turquia x Geórgia	17h, Sport TV1
Portugal x Chéquia	**20h, SIC**
19 (Quarta-Feira)	
Croácia x Albânia	14h, Sport TV1
Alemanha x Hungria	17h, Sport TV1
Escócia x Suíça	20h, Sport TV1
20 (Quinta-Feira)	
Eslovénia x Sérvia	14h, Sport TV1
Dinamarca x Inglaterra	17h, Sport TV1
Espanha x Itália	20h, RTP1

Opinião
Philipp Lahm

Onze teses sobre o Euro 2024

1. O futebol é um jogo europeu. O futebol é jogado em todo o mundo, mas a Europa pode dizer que é aqui que o jogo tem mais sucesso. Na Europa, desde que surgiu, em meados do século XIX, na sequência do movimento operário, é um bem cultural. Os clubes europeus são inigualáveis. Além do Brasil, Argentina e Uruguai, apenas foram campeãs mundiais seleções europeias. No Euro 2024 da UEFA participam 24 países. Pode parecer muito, mas a Suécia, 2ª classificada no Mundial de 1958, e a Grécia, campeã europeia em 2004, não se qualificaram. O mesmo com a Noruega, que conta com Erling Haaland e Martin Odegaard. Por outro lado, dois campeões mundiais, Itália e Espanha, vão defrontar-se na fase de grupos, onde também teremos uma repetição da final do Mundial de 1954 entre a Alemanha e a Hungria. Um Europeu continua a ser o torneio onde há mais competição.

2. O futebol funciona melhor nas democracias. Beckenbauer morreu em janeiro. O seu talento era um dom. Mas não poderia ser um ícone na China ou na Arábia Saudita, onde não existe a cultura do futebol. Mas em Giesing, bairro onde cresceu, existe um clube. Ali encontrou jogadores com talento e teve de se impor contra bons adversários. Só é possível ser-se um grande futebolista competindo contra outros. Os melhores geralmente vêm de países onde a autodeterminação e a liberdade contam muito. O futebol também é luta de classes.

3. O futebol é trabalho voluntário. O futebol é um desporto popular. Segundo a FIFA, 265 milhões de pessoas jogam futebol. É preciso muita gente para levar o jogo para a frente, desde as escolinhas. Treinadores, instrutores, secretários... No clube do meu bairro todos os sábados alguém corre pelo campo com um carrinho de giz e a Associação de Futebol da Baviera tem um escritório com a bela palavra alemã "Bezirksgeschäftsstellenleiter" (gestor distrital). Na Alemanha, milhões trabalham voluntariamente, ou por pouco dinheiro, no futebol.

4. O futebol acontece quando os indivíduos cooperam. França é o país com mais talento. Os passes de Mbappé revelam as origens do jogo, aprendeu as suas habilidades quando era criança, a jogar futebol sem um manual. Também aprecio a liderança de Deschamps. Durante anos conseguiu moldar indivíduos numa equipa. França chegou à final do Mundial duas vezes seguidas. Por vezes, o equilíbrio entre liberdade e ordem fica desfasado, como aconteceu quando perderam com a Suíça em 2021. No entanto, França é a minha favorita para este Euro.

5. O *fair play* é uma prioridade, mas o futebol também é sobre competição. O futebol transmite valores. Mas não é tudo paz, alegria e panquecas. Também é possível ver os desenvolvimentos negativos de uma sociedade. A UEFA e as federações estão atualmente a lutar contra o discurso de ódio e o racismo na internet. E no campo é possível ir buscar forças ao mote: "Vamos mostrar-lhes como é!" Estive recentemente numa aldeia da liga local. Há aplausos e palavrões. Depois, na sede dos clubes, afoga-se a raiva com cerveja (ou água, o que preferirem). Não é uma má analogia para a Europa.

6. O futebol é diversidade em campo. Na Alemanha está atualmente a discutir-se um inquérito segundo o qual cerca de um quinto das pessoas gostaria de ver mais jogadores brancos ou fica incomodada por terem um capitão que, como Gündogan, tem raízes turcas. Isso deixa-me triste. Como profissional, aprendi que uma equipa de futebol que desvaloriza certos jogadores perde. O futebol baseia-se em regras, que todos têm de respeitar, e em cooperação. O sucesso vem para aqueles que não limitam as forças de cada indivíduo e que permitem que estes se complementem.

7. As diferenças enriquecem. Inglaterra joga de forma diferente da Itália. A Croácia joga de forma diferente da Chéquia. Que bom. Num campeonato, os diferentes estilos vêm à tona. A Alemanha é (ou era) uma *Turniermannschaft* (equipa de campeonatos). Muitas vezes oscila no início, mas depois de encontrar o equilíbrio é difícil de bater. Não temos estratégias como os Países Baixos, a Dinamarca ou Portugal. Beneficiamos da nossa infraestrutura, ou seja, do tamanho do nosso país e dos nossos muitos futebolistas. Southgate afirmou que nenhum outro país tinha mais jogadores nos 'quartos' da Champions, ou seja, 18. Estou confiante em que a Alemanha voltará a chegar à final no Europeu em casa. Estou entusiasmado com duas novas seleções. A Albânia iniciou negociações para aderir à UE e a Geórgia está a lutar pela sua democracia e adesão à Europa. As suas seleções vão jogar na Alemanha para representar muitos dos seus compatriotas. Um Europeu é mais do que um negócio. Tem que ver com identificação.

8. Queremos um segundo *Sommermärchen* (conto de fadas de verão). Os escoceses vão transformar Munique, a minha cidade natal, para o jogo de abertura. Já consigo ouvir os seus cânticos e gaitas de foles. Quando pensamos em *Sommermärchen*, pensamos em bandeiras alemãs, mas 2006 não se fez apenas de preto, vermelho e dourado, foi um campeonato multicolorido. Desta vez o amarelo e o azul terão um papel especial. Em casa, a Ucrânia está a lutar pela sua liberdade — e pela da Europa. Tenho a certeza de que a sua seleção vai sentir muita solidariedade nos estádios e nas ruas.

9. Um golo pode tornar-nos imortais. 9 de junho de 2006 foi o meu dia. O golo no jogo de abertura contra a Costa Rica foi o meu sinal de partida. Cresci perto do estádio, toda a minha família estava nas bancadas, antes do jogo não tinha a certeza de poder jogar porque tinha um problema. Depois, rematei ao ângulo num momento para a eternidade. Vivi o simbolismo desse golo um ano depois, num bairro de lata na África do Sul, onde criei uma fundação, e as crianças não podiam acreditar que eu estava ali com elas. Para elas eu era o rapaz que marcou o golo.

10. Celebrar fortalece a nossa ligação. Partilho a preocupação de que a democracia está em perigo. Muitas esqueceram-se das suas vantagens. Sinto-me encorajado pelas manifestações em que milhões de alemães participaram no início do ano para preservar a democracia. Manifestações e festas são duas coisas diferentes mas podem expressar a mesma coisa: apreço pelo nosso estilo de vida livre. Um campeonato não vai curar o mundo, mas o futebol deve desempenhar o seu papel na defesa das conquistas da democracia.

11. *Geht's naus und spuits!* (Vamos lá jogar!). O futebol é política, sem dúvida. Na minha coluna tento lidar com questões sociais, mas partilho a saudade do jogo puro com milhares de milhões de fãs. Toca a apitar e que comece o jogo!

Diretor do Euro 2024

Erradicação Apesar de satisfeitos com os resultados em Portugal no combate ao vírus do papiloma humano, especialistas reforçam que não podem 'baixar as armas'. Plano internacional para acabar com esta infeção já está em marcha

Europa esforça-se para eliminar VPH. Será possível?

O VPH é uma infeção muito comum, sexualmente transmissível, que continua a deixar marca e a originar muitos casos de cancro FOTO GETTY IMAGES

NÚMEROS DO VPH

1700

casos de cancro registados por ano em Portugal e cujo responsável é o VPH. Registam-se também perto de 800 mortes por ano

90%

é a percentagem de pessoas sexualmente ativas que já tiveram contacto com o vírus do papiloma humano em alguma altura das suas vidas sem saber

100%

dos cancros do colo do útero são originados pelo VPH, que é também responsável por 90% dos cancros do ânus, 75% dos da vagina, 63% dos do pénis, 69% dos da vulva e 70% da orofaringe

Textos **RUI BAIONETA**

Em Portugal, a vacina contra o vírus do papiloma humano (VPH) foi introduzida em 2008, então apenas direcionado a raparigas com 10 anos de idade. Em 2020 alargou para os rapazes, também aos 10 anos de idade, numa estratégia de prevenção e rastreio, e os resultados são, passados 16 anos, muito animadores. No entanto, a luta contra esta infeção muito comum, sexualmente transmissível, que continua a deixar marca e a originar muitos casos de cancro não está ganha. É preciso continuar a afinar estratégias de combate.

A ambição de eliminar o VPH estende-se pela Europa, como ficou demonstrado na conferência que reuniu em Lisboa vários especialistas num evento organizado pela MSD, que contou com o Expresso como *media partner*. Neste combate, países como Itália, Irlanda, Suécia, Malta e Reino Unido já apresentaram planos de eliminação dos cancros causados pelo vírus do papiloma humano para serem atingidos até maio de 2025.

O VPH continua, no entanto, a ser uma preocupação da saúde pública europeia, pois está associado a diversos tipos de cancro, em especial o do colo do útero. A situação varia de país para país, mas é consensual a ideia da criação de programas eficazes de prevenção e controlo. A cobertura vacinal, o rastreamento e diagnóstico precoce, a educação e consciencialização (com campanhas de formação ou formação de profissionais de saúde) e a investigação são considerados fundamentais.

No caso português, acredita-se que ajudará à erradicação do VPH o cumprimento das recomendações da European Cancer Organization (ECO) e da Comissão Europeia, que defendem que a vacinação deveria chegar a outras populações, incluindo homens entre os 15 e os 26 anos, grupos de risco acrescido (como homens homossexuais), pessoas com vírus da imunodeficiência humana (VIH), mulheres com lesão prévia ou pessoas imunocomprometidas.

Ana Povo, secretária de Estado da Saúde, reconhece que a doença "tem um impacto não só na vida das pessoas, mas também na sustentabilidade de todo o sistema, não só de saúde como também da Segurança Social, com o absentismo ao trabalho, a necessidade de cuidados e de reformas antecipadas", e que "a prevenção é fundamental", mas sublinha que Portugal "está no bom caminho" e que é "um exemplo mundial". Porquê? "Temos um programa de rastreio acessível, gratuito para todas as mulheres, e associadamente temos um plano de vacinação que inclui a vacina do VPH. Todos os portugueses devem orgulhar-se", realçou.

Cumprir as ambições da Estratégia Nacional de Luta contra o Cancro, Horizonte 2030, é outra das recomendações. Por exemplo, alcançar uma taxa de cobertura geográfica (por Unidade Funcional de Cuidados de Saúde Primários) de 100% para o programa de rastreio do cancro do colo do útero até 2030 ou uma proporção de cobertura populacional superior a 95%. Outros conselhos igualmente essenciais: adesão superior a 65% ao programa de rastreio do cancro do colo do útero até 2030, entre os utentes elegíveis; redução dos tempos de acesso à inovação terapêutica (que atualmente estão estimados em 713 dias, um número muito superior aos 210 definidos por lei); aumento do investimento em literacia, e acesso à informação.

"DGS está a elaborar proposta"

Rita Sá Machado, diretora-geral de Saúde, apesar de satisfeita, também reconhece que ainda há um caminho a percorrer em Portugal para a erradicação: "A DGS está a elaborar uma proposta de forma a definir como e quando poderemos estimar conseguir atingir esse objetivo. Portugal está bem colocado em várias áreas — a da vacinação contra o VPH, por exemplo — e noutras ainda temos um desafiante espaço para melhoria, nomeadamente na área do rastreio de base populacional do cancro do colo do útero e do diagnóstico e tratamento atempado de lesões. A muito curto prazo a DGS fará essa apresentação, assegurando que a nossa proposta é exequível, credível e que permitirá a Portugal ser um país exemplo nesta matéria", acrescentou.

Luís Mendão, do GAT, Grupo de Ativistas em Tratamentos, organização não governamental, com os pelouros de advocacia, políticas de saúde e relações externas, apontou necessidades, defendendo a vacina gratuita para pessoas até aos 26 anos, com VIH ou imunossupressão até aos 45. "Portugal, por enquanto, não oferece a vacina para pessoas com VIH, nem para pessoas trabalhadoras do sexo, nem para os jovens homens que têm sexo com homens. Os rastreios de lesões são insuficientes e as mulheres migrantes, em situação não regular ou mais pobres e marginalizadas, não têm acesso (ou é muito deficiente) aos rastreios do cancro do colo do útero", informou. "O GAT tem trabalhado politicamente para aumentar o acesso à vacina aos grupos que dela possam beneficiar. Tem procurado aumentar a literacia sobre o VPH nos grupos mais vulneráveis (mulheres à cabeça). Vacinamos quem consegue pagar a vacina, o que é inacessível para a esmagadora maioria das pessoas. O GAT oferece ainda rastreios de VPH para os grupos mais atingidos. Não é suficiente...", lamentou.

sociedade@expresso.impresa.pt

Expresso

ELIMINAR O VPH

O vírus do papiloma humano (VPH) foi o tema central da conferência organizada pela MSD, da qual o Expresso foi *media partner*. O evento — "Uma ambição europeia: eliminar o VPH" — reuniu vários especialistas para debater os desafios no combate ao vírus do papiloma humano. Este projeto é apoiado por patrocinadores, sendo todo o conteúdo criado, editado e produzido pelo Expresso (ver código de conduta *online*), sem interferência externa.

AS APRESENTAÇÕES

- Pedro Vieira Baptista, do Centro Universitário Hospitalar de São João, falou sobre o protocolo inovador implementado no HSJ, em que a vacinação é vista como um complemento ao tratamento nas mulheres mesmo depois de ser diagnosticada uma lesão de alto grau causada pelo Vírus do Papiloma Humano.
- José Dinis, diretor do Programa Nacional de Doenças Oncológicas da Direção-Geral da Saúde, colocou Portugal "no topo da saúde pública no Mundo" quando fez a sua apresentação sobre "O rastreio do cancro do colo do útero".
- Carmen Lisboa, do Centro Universitário Hospitalar de São João, lembrou que o HVP não afeta só as mulheres e que também tem impacto significativo nos homens. Trata-se de um tema normalmente menos discutido, que necessita de maior atenção e investigação.

Vidas Perfeitas

Por **Carla Quevedo**

1922-2024 Ícone da música francesa dos anos 60, cantava e escrevia as suas próprias canções e marcou a diferença com as suas letras de amor melancólicas e nunca amargas

Françoise Hardy

Há tempos a revista "The Economist" informou o mundo de que as mulheres francesas deixaram de usar saltos altos e tivemos todos de fazer um esforço para nos lembrarmos de Brigitte Bardot, Anna Karina ou Françoise Hardy em sete centímetros. Não é a imagem que nos vem de imediato à cabeça, embora haja fotografias que confirmem que os usaram. Hardy tinha em comum com a inglesa Jane Birkin sabrinas, calças justas, cabelo comprido e liso e um estilo feminino sem esforço. Apesar disso, eram diferentes, até à primeira vista. Birkin, pouco mais nova e desaparecida há meses, tinha uma sensualidade que a relação com Serge Gainsbourg acentuava. Hardy era menina e cantava num francês claro e doce.

Os últimos anos de vida de Françoise Hardy foram sofridos ao ponto de a levar a defender a eutanásia para o seu caso de debilidade na sequência de um cancro linfático diagnosticado em 2004. Depois de saber que estava gravemente doente, desejou que o seu tempo de vida não se prolongasse ao ponto de não conseguir respirar. Em 2015 passou por um coma induzido que a deixaria com sequelas na fala e dificuldade em engolir e em respirar. Em 2021, assinou uma carta a pedir a legalização da eutanásia ao Presidente francês Emmanuel Macron por estar a viver "um pesadelo". O tempo à espera da morte prolongara-se além da sua vontade, com esperança em tratamentos dolorosos e invasivos, difíceis e exasperantes, mas sem solução à vista, até ao dia 11 de junho de 2024. "Maman est partie" escreveu o filho, Thomas Dutronc, na sua conta de Instagram sem avançar a causa da morte. Os jornais avançaram com cancro da laringe como causa da morte.

Françoise Madeleine Hardy nasceu a 17 de janeiro de 1944 no meio da ocupação nazi em Paris. Foi educada pela mãe, Madeleine Hardy, que teve duas filhas com cerca de um ano e meio de diferença. O pai ausente era Etienne Dillard, casado com outra mulher, que insistiu que as duas filhas frequentassem uma escola católica. Nas suas memórias, publicadas em 2018, Françoise Hardy recordaria este momento da sua vida como difícil de suportar e embaraçoso por nem ela própria compreender que espécie de ligação tinham os seus pais, quanto mais os colegas de uma classe social mais alta. A infância e adolescência atribuladas teriam um momento de alegria no dia em que, ao cumprir 16 anos, o pai lhe oferecia uma guitarra. Era uma excelente aluna que completara nesse ano o *baccalauréat*, algum tempo antes do previsto. Após o sucesso, a mãe convencê-la-ia a ingressar no Sciences Po de Paris, mas Hardy não se deu bem e mudou-se para a Sorbonne para estudar alemão. Entretanto, experimentava na sua guitarra e escrevia canções e depois testava o repertório no Moka Club.

FOTO MONDADORI PORTFOLIO/GETTY IMAGES

David Bowie dizia-se apaixonado por ela. Bob Dylan dedicava-lhe poemas, Mick Jagger suspirava, Godard queria-a nos seus filmes

Em 1961, após tentativas falhadas de ser contratada por uma editora discográfica, fez uma audição na Disques Vogue e assinava o seu primeiro contrato. Em maio de 1962 era lançado o seu primeiro disco com a balada 'Tous les garçons et les filles'. O disco venderia mais dois milhões de cópias em todo o mundo. A época dos Beatles e dos Rolling Stones tinha uma protagonista inesperada: uma voz feminina francesa que tinha a particularidade de ser autora das suas próprias letras. No ano seguinte, Françoise Hardy participaria na Eurovisão em representação do Mónaco, tendo ficado em sexto lugar com o tema 'L'amour s'en va'. Nesse mesmo ano faria a sua primeira aparição no cinema no filme "Château en suède", de Roger Vadim. Em 1964 grava 'All over the world', um tema que salta para o top 20 britânico e aí permanece 15 semanas. Hardy cantava em inglês, alemão e francês e o seu sucesso transcendia as fronteiras francesas.

O estilo de Françoise Hardy agradava aos grandes criadores de moda. Yves Saint Laurent e Paco Rabanne idolatravam Hardy. O estilista Rei Kawakubo chamaria Comme des Garçons à sua marca inspirando-se num verso de 'Tous les garçons et les filles'. Françoise Hardy estava por todo o lado e em 1968 gravava: 'Comment te dire adieu', com letra de Serge Gainsbourg, tema com grande êxito. Um ano antes conhecera aquele que viria a ser o seu marido, o músico e ator Jacques Dutronc, com quem teria um filho, nascido em 1973. Citada pelo "The Guardian", Françoise Hardy terá considerado o casamento em 1981 "uma formalidade desinteressante". O divórcio surgiria em 1988.

David Bowie dizia-se apaixonado por ela. Bob Dylan dedicava-lhe poemas, Mick Jagger suspirava por Hardy, Godard queria-a nos seus filmes, e os fãs anónimos multiplicavam-se. Foram várias as gravações que fez em colaboração com outros artistas e músicos, como Patrick Modiano e a compositora brasileira Tuca, já não na Disques Vogue, com a qual se incompatibilizara, mas na Sonopresse no início da década de 70. Após o nascimento do filho abrandaria o ritmo para voltar aos estúdios de gravação em 1977, inclusivamente com um dueto com Jacques Dutronc. As colaborações sucedem-se na década de 80 com Etienne Daho, Serge Gainsbourg, entre outros. Em 1995, grava o single 'To The End (La Comedie)' com o grupo britânico Blur e esse mesmo ano assina contrato com a Virgin.

Gravaria cerca de 30 álbuns numa carreira de 50 anos. As homenagens, os prémios e as distinções não faltaram ao longo da sua vida. No ano passado, a "Rolling Stone" considerou Françoise Hardy uma das 200 maiores cantoras de sempre (162º lugar). É a única artista francesa nessa lista. Não é preciso mais.

Obituário

Por **Rui Gustavo** e **Vítor Matos**

João Vieira Pereira

1937-2024 O alferes-miliciano João Vieira Pereira (pai de João Vieira Pereira, diretor do Expresso) recebeu o cartão de comando número um, três anos antes desta força especial ter sido formalmente criada, quando deu instrução em Zemba (Angola), à primeira companhia de uma nova força especial de contraguerrilha. O jovem sapador e especialista em minas e armadilhas, de 24 anos, mobilizado para a guerra como tantos jovens portugueses, viveu uma experiência única em Nóqui, no norte angolano, por ter sido o militar que mais de perto conviveu com a figura, ainda hoje misteriosa, de Dante Vacchi, um suposto repórter italiano da revista francesa "Paris Match", que foi o impulsionador dos comandos. Vieira Pereira foi o braço-direito de Vacchi nos primórdios daquela força especial, e há dois anos contou ao Expresso como chegou a ser chamado a Moçambique pelo italiano — que seria um espião ou apenas um aventureiro, não se sabe — para testar numa demonstração para as chefias militares uma arma que passou a ser usada pelas tropas portuguesas em todas as frentes de combate. O "lança-rockets", inventado por Vacchi a partir dos tubos que disparavam o foguete francês SNEB dos helicópteros Puma. O miliciano, licenciado em Direito, afastou-se da vida militar quando foi desmobilizado. Dia 8, cancro no pulmão. **V.M.**

Jeannette Charles

1927-2024 Atriz e modelo inglesa, começou a carreira já depois dos 40 anos, quando fugiu da Líbia e do regime de Kadhafi e regressou ao país natal. Num aniversário do marido, encomendou um retrato a uma artista local que o remeteu à Academia Real para a exposição anual. A obra foi retirada porque a academia não tinha autorizado um retrato da rainha. Era tão parecida com Isabel II que começou ali uma carreira que a levou a interpretar a monarca em séries de TV e filmes como "Aonde Pára a Polícia". Dia 5, de causas decorrentes da idade. **R.G.**

➲ **Sigmund Rolat (1930-2024)**, empresário e filantropo polaco, sobreviveu ao holocausto no gueto de Częstochowa, apesar de ter perdido os pais e os irmãos. Emigrou para os Estados Unidos com oito dólares no bolso e fez fortuna nos negócios e nos transportes e tornou-se colecionador de arte. Investiu milhões na Polónia e fundou o Polin, Museu da História dos Judeus Polacos, construído no antigo gueto de Varsóvia e que tinha como objetivo contar a história dos judeus além do holocausto nazi. Envolveu-se numa controvérsia por causa de um concurso para erigir um monumento de homenagem aos gentios que ajudaram os judeus e organizou um concerto histórico com Joshua Bell. Este virtuoso usou o mesmo Stradivarius que pertencera a Bronislaw Huberman, um músico de Częstochowa a quem o instrumento tinha sido roubado pelos nazis. Dia 8, de causas não reveladas. **R.G.**

Cartas da semana

Os originais das cartas não devem ter mais de 150 palavras, reservando-se a Redação o direito de as condensar. Os autores devem identificar-se indicando o nº do B.I., a morada e o nº do telefone. Não devolvemos documentos que nos sejam remetidos. As cartas também podem ser publicadas na edição *online*.

Para contacto:
Cartas@expresso.impresa.pt

Eleições com alhos com bugalhos

A vitória de Pirro do PS nas eleições europeias deveu-se à mistura de alhos com bugalhos na escolha do candidato para cabeça de lista da AD, ao Parlamento Europeu, em detrimento de Rui Moreira, mesmo que os pretendentes pareçam semelhantes. Recrutar alguém no campo do comentário político e jornalístico exibe a dança das cadeiras, mesmo que se trate de um "jovem prodígio" que se acha "muito bom". Por outro lado, mostra a promiscuidade entre a política e os comentadores políticos, levantando dúvidas sobre a ética e a imparcialidade dos mesmos.

Emanuel Caetano, Ermesinde

O 10 de Junho em Olivença

O Dia de Portugal foi comemorado em Olivença, pelo 11º ano consecutivo. A iniciativa coube ao Departamento de Português e à "Sala" de Língua e Cultura Portuguesa. A atividade desenvolvida foi apoiada pela Escola Oficina de Culinária local, La Encina [A Azinha, ou Azinheira], que deu a provar aos alunos da língua de Camões um lanche português. Tudo graças a Eduardo Naharro Macias Machado, um dos professores de português de Olivença. A Câmara Municipal local deu o seu total apoio, tendo mesmo usado da palavra o presidente, Manuel J. González Andrade. Estas atividades demonstram que o português está e continuará a estar em Olivença. Todavia, a comemoração começou nos dias 6 e 7 de junho, com um "encontro cultural" entre Vila Viçosa e Olivença, com museus e associações culturais a procederem a uma espécie de intercâmbio de exposições.

Diga-se, em abono da verdade, que estas comemorações são o culminar de várias atividades a favor da lusofonia em Olivença. Para citar só uma, ainda recentemente, o "Hoy" espanhol de 7 de maio de 2024, descrevia como, dentro do mundo lusófono, também Olivença celebrara o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Os primeiros atos tinham decorrido diante da Câmara Municipal, com a sua porta manuelina ao fundo. As jornadas tiveram início com a leitura da Carta de Pero Vaz de Caminha, que descreve o "achamento" do Brasil por Pedro Álvares Cabral, na expedição aonde ia integrado Frei Henrique de Coimbra, que celebrou a primeira missa do novo território, e que foi o primeiro bispo em Olivença. Continua a aumentar o número de oliventinos que pedem e obtêm a nacionalidade portuguesa. Em finais de março, eram já mais de 3 mil.

Carlos Luna, Estremoz

O cemitério da Europa

A clamorosa derrota eleitoral de Emmanuel Macron e de Olaf Scholz indicam que os franceses e os alemães dizem não ao extremar belicista. O Presidente francês foi assertivo quando disse que era preciso ajudar a Rússia a sair da Ucrânia.

No entanto, pouco tempo pousou a pomba branca da paz no seu gabinete. Talvez influenciado por Ursula von der Leyen, de proponente da paz na guerra Ucrânia/Rússia passou ao extremismo, chegando ao ponto de afirmar o envio de soldados franceses.

A questão é que Macron não vai pegar em armas. É fácil enviar os seus conterrâneos para a guerra. Esperemos que a Federação Russa recue e que o complexo militar e industrial norte-americano não veja na guerra uma forma de ganhar milhares de milhões de dólares.

Façamos votos para que a Ucrânia não seja o cemitério da Europa.

Ademar Costa, Póvoa de Varzim

Injustiça evidente

O artigo "Os jovens tendem a assumir posições polarizadoras", de Stephan Löwenstein, publicado no jornal "Frankfurter Allgemeine Zeitung" no dia 27 de maio, deu origem a um debate na nossa turma. Enquanto participantes no projeto "Jovens escrevem", nós, os alunos da turma 10A do Colégio Alemão do Porto, temos a oportunidade única de nos informarmos de forma abrangente sobre a Alemanha e o mundo.

A frase do artigo em questão foi recebida com espanto, sobretudo pelos alunos portugueses: "Nas eleições europeias de junho, os menores poderão votar pela primeira vez numa eleição em toda a Alemanha." Na nossa turma, quatro dos nossos alunos — os que têm cidadania alemã — podem agora influenciar a política europeia, enquanto a maioria — os portugueses — não pode votar.

A UE esforça-se por criar diretrizes e regulamentos vinculativos para todos os 27 países. Sendo assim, por que razão existem diferentes regulamentações nacionais sobre a idade de voto para as eleições europeias?

Porque é que a UE não parece preocupar-se com o problema das diferentes idades de voto nos Estados-membros, sendo um assunto tão importante para a aceitação da UE pelos jovens? Os jovens alemães valem mais pelo facto de poderem votar a partir dos 16 anos?

As opiniões destes cerca de 1,4 milhões de novos eleitores alemães (segundo o Instituto Federal de Estatística da Alemanha) contam mais do que as dos jovens portugueses? Será que os jovens de 16 e 17 anos da Áustria, Grécia, Bélgica e Malta, que também estão autorizados a votar, são europeus de primeira escolha como os jovens alemães? Não se trata de saber se a idade de voto de 16 anos é sensata. Muito mais importante para nós é o facto de estarmos perante uma injustiça evidente.

Se o que está em causa é a União Europeia, então toda a União — incluindo Portugal — deveria ter um direito de voto e uma idade de voto uniformes. Ou será que nós, os jovens portugueses com menos de 18 anos, tal como muitos jovens em muitos outros Estados-membros da UE, somos jovens de segunda escolha?

Leonardo Correia, Porto

o Inimigo Público

Se não aconteceu, podia ter acontecido

Nº 128 SÉRIE II
DIRETOR: LUÍS PEDRO NUNES

PRESIDENTE (RISOS) DO CONSELHO EUROPEU

COSTA SERÁ O NOVO TIPO QUE SÓ APERTA MÃOS EM FRENTE À BANDEIRA DA UE

António Costa está na calha para ter o cargo europeu irrelevante mais importante de toda a UE. O socialista contratou um *personal trainer* para aperfeiçoar a técnica de aperto de mão, que não pode ser frouxo e subserviente como o dos primeiros-ministros portugueses, mas firme e hirto, com a manápula apresentada por cima num gesto técnico entre "Kill Bill" e Marcelo a puxar Zelensky até deixar o braço do homem cheio de nódoas negras. Costa sempre foi um mestre da bacalhauzada, do dá mais cinco e do beijinho na bochecha, a única competência exigida ao presidente do Conselho Europeu, que só tem de tirar fotos com Erdoğan ou Lagarde junto a uma bandeira da União e é um cargo que está mais próximo do mordomo ou de apresentador dos "Jogos Sem Fronteiras" do que outra coisa. M.B.

Sebastião Bugalho inspira Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães a escreverem o novo livro 'Uma Aventura... Em Bruxelas'

A epopeia de levou Sebastião Bugalho a ser eleito eurodeputado inspirou as escritoras Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães, que já estão a trabalhar numa história em que Pedro, o rato-de-biblioteca das suas histórias, candidata-se a Bruxelas e acaba na capital belga, acompanhado das gémeas Teresa e Luísa, a ser perseguido pelo vilão Tânger Corrêa, que acha que o 'caniche' Caracol e o pastor-alemão Faial andam atrelados a carroças de ciganos flamengos. Já a noite eleitoral de Francisco Paupério inspirou Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães a escreverem o livro "Uma Aventura... Em Campo de Ourique". V.E.

Comentadores unânimes: não haverá crise política durante bastante tempo, pelo menos até setembro

Os resultados das "europeias", com novo empate na frente, descalabro da extrema-direita Identidade e Bloco e PCP eufóricos a celebrar a perda de mandatos, votos e influência, levaram os comentadores a concluir que a tensão política desceu muitíssimo, a ameaça de crise política sumiu-se e durante muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito tempo ninguém manda o Governo abaixo. "Pelo menos até 1 de setembro de manhã, a coisa está safa. A partir de 1 de setembro à tarde, regressa a bordalo", analisou Ricardo Costa enquanto desmarcava todos os seus compromissos da hora do lanche de 1 de setembro em diante. M.B.

Tânger Corrêa retira Tânger do nome para ser aceite no grupo Identidade e Democracia

O cabeça de lista do Chega aterrou em Bruxelas confiante pela sua eleição, mas não teve a receção que esperava. Os colegas do grupo de extrema-direita Identidade e Democracia olharam-no de lado e quiseram saber qual a sua percentagem de genes arianos. António Tânger Corrêa aventou um número – 35% – que provocou enormes gargalhadas enquanto se ouviam gritos de "Morocco" e "enough". O ex-diplomata acabou a mudar o nome e a trocar Tânger por Adolf. A.P.

Espanha aumenta idade para abrir conta nas redes sociais: 16 anos (ou 76 anos no caso do Facebook)

Os espanhóis apertaram as regras de adesão às redes sociais e estão apostados em evitar o aparecimento de novas Kátias Aveiro. Só maiores de 16 anos poderão abrir uma conta e a idade será verificada pelo mesmo método sofisticado de IA que controla a bilhética da Transtejo. No Facebook, a idade mínima sobe para os 76 anos e exige-se o aval de Manuela Ferreira Leite, mas a inscrição dá direito a um "meet & greet" com o rei emérito Juan Carlos. M.B.

COSTA ANSIOSO POR SER PRESIDENTE DO CONSELHO EUROPEU E CONDUZIR A EUROPA A 8 ANOS DE TOTAL IMOBILIDADE POLÍTICA

António Costa está doido, doido, doido por abalar para a Europa, fez logo as malas na tomada de posse do Governo em 2022, e acredita que poderá suceder ao pianista dos Marretas Charles Michel e paralisar a Europa durante um glorioso período de oito anos de absoluto imobilismo político e de zero reformas e iniciativas marcantes. Se conseguirem ultrapassar o trauma de Durão Barroso, os líderes da União vão dar o ok a Costa, que passará a ser o português mais importante lá fora desde que João Moutinho foi para o Wolverhampton. M.B.

Mercado da saudade: Catarina Martins já comprou sardinhas, *kebabs* e cachupas nas mercearias portuguesas de Bruxelas

Catarina Martins já está em Bruxelas para ocupar o cargo de eurodeputada e, para matar saudades do seu país, recorreu à mercearia de emigrantes para comprar sardinhas congeladas, mas também feijão-pedra, feijoca, milho branco, fubá e óleo de palma para cozinhar a tradicional cachupa de Almeirim e carne de borrego mertolengo e uma máquina de aparar o cabelo fabricada pela Oliva para tirar as finas fatias do *kebab* que todos os portugueses comem na Consoada. Catarina Martins festejou mesmo o Santo António em Bruxelas, comendo, como é tradição, uma sardinha assada em cima de um pão pita, acompanhado por um chá de menta bem quentinho. V.E.

Cirurgiões reformados que trabalham no SNS esquecem os óculos e aparelhos auditivos dentro dos pacientes

O SNS bateu o recorde médicos reformados que voltaram a trabalhar, com 613 clínicos, incluindo cirurgiões que esquecem, não apenas bisturis e compressas, mas óculos, dentaduras postiças, aparelhos auditivos e aparadores de pelos das orelhas e nariz dentro dos pacientes operados, bem como os telemóveis Nokia para onde ligam os filhos quarentões que, devido à crise na habitação, ainda vivem com eles. De referir que a maioria dos médicos reformados voltou ao SNS durante os governos de António Costa, como o diretor de obstetrícia do Hospital Amadora-Sintra, o doutor Pedro Hispano, reformado em 1277. V.E.

Governo chinês manda prender dezenas de meteorologistas por causa de vaga de calor

As autoridades chinesas prenderam quase três dezenas de meteorologistas por causa de vaga de calor que assolou o país. As ordens vieram do Governo que ficou profundamente indignado com o caráter subversivo das altas temperaturas. Os detidos foram apanhados em suas casas, durante a noite, e levados para um local desconhecido onde deverão permanecer vigiados 24 horas por dia. Os meteorologistas só serão libertados quando assinarem uma confissão onde reconhecem a autoria material da onda de calor ou quando as temperaturas descerem. A.P.

Escritórios da AIMA transformados em alojamento local

O Governo aproveitou a experiência acumulada durante os vários dias em que as instalações albergaram uma grande quantidade de imigrantes e decidiu transformar as instalações da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) em alojamento local. Foi encomendado um estudo a uma consultora internacional que concluiu que, com as novas regras, não haverá nem mais um imigrante a procurar Portugal e que é esta uma excelente forma de rentabilizar o imóvel. "Os funcionários da AIMA terão formação na escola superior de Turismo e, em poucos meses, estarão completamente requalificados", explicou o ministro da Presidência, António Leitão Amaro. O INIMIGO PÚBLICO falou com vários imigrantes que adoraram a ideia. Só diziam: "bed good", "Portugal good", "Ronaldo". A.P.

CIMEIRA DA PAZ DISCUTE ENTREGA DE CAÇAS, MÍSSEIS, MUNIÇÕES, BLINDADOS E 'DRONES' À UCRÂNIA

Da redação IP/Burda/Folheto do Lidl em Genebra - Marcelo vem à Cimeira da Paz com gelados para todos e chegou a pensar trazer o seu vice-presidente, Marques Mendes, para fazer pandã com Kamala Harris. O objetivo do evento é levar a paz à Ucrânia com a oferta a Kiev de caças, mísseis, Tânger-Corrêa, munições, blindados, 'drones' e parquímetros que tornem incomportável o esforço de guerra russo. O esforço diplomático não arrancou bem: as primeiras delegações a chegar pegaram-se à pancada no *lobby* do hotel por causa do Europeu de futebol. M.B.

Novo Cartão de Cidadão é o único do mundo que indica se a pessoa já foi constituída arguida pelo Ministério Público

Está aí o novo Cartão de Cidadão e quem o recebeu anda encantado, de bem com a vida e diz que não quer outra coisa. O cartão é dos mais seguros do mundo, porque é verificado um a um por Hernâni Carvalho, é o único no mundo inteiro com um campo para assinalar se a pessoa já foi constituída arguida pelo Ministério Público e teve o nome num rodapé da CMTV e 8 em cada dez *influencers* declararam-no como o acessório imprescindível para estar "in" no verão deste ano. M.B.

Eleições antecipadas em França causam profunda apreensão nos dois ou três intelectuais portugueses que ainda sabem falar francês

A votação histórica da extrema-direita nas europeias e consequente marcação de legislativas antecipadas por Emmanuel Macron abalou profundamente a meia-dúzia de intelectuais portugueses que ainda assinam o "Jornal de Artes e Letras", frequentam a Livraria Buchholz e esperam pelos editoriais do "Libération" para decidir o que pensam sobre todos os assuntos, desde a guerra em Gaza (que relembra o "caso Dreyfuss") à polémica entre Sérgio Conceição e Vítor Bruno (que relembra a amizade turbulenta de Verlaine e Rimbaud). Os quatro intelectuais francófonos que restam em Portugal apoiam Emmanuel Macron porque casou com a antiga professora, como nos contos imorais do Marquês de Sade. V.E.

Início do Euro 2024 leva portugueses a comprarem televisores LCD enormes que ocupam todo o T0 onde hoje em dia vivem

Com o Euro 2024 começou a corrida a televisores LCD de imensas polegadas, que os habitantes de Lisboa e Porto levam para os T0 que conseguem arrendar com dificuldade e colocam-nos no meio da sala, servindo de divisória entre o sofá-cama e a kitchenette ou, deitado depois de acabar a transmissão dos jogos de futebol, de mesa de jantar, secretária de trabalho e cama dos filhos. Já os milhares de habitantes das grandes cidades que nem sequer têm espaço para colocar um LCD na sala-cozinha colocaram-no na casa-de-banho, onde também serve de parede do polibã. V.E.

News Now obriga à alteração do nome do Correio da Manhã para "Morning Post"

O novo canal do Correio da Manhã, o News Now, começa a emitir os 280 comentadores políticos que contratou, na próxima segunda, incluindo o futuro presidente do Conselho Europeu, que terá uma rubrica de crime para explicar aos leigos o enquadramento jurídico para o gesto irrefletido do indivíduo que assassinou três vizinhos na reunião de condomínio por não concordar com o orçamento de instalação de vídeo-porteiro. O grupo Media Livre passa a Media Free, o Correio da Manhã vai ser "Morning Post" e o News Now irá chamar-se "Notícias Agora" no mercado anglófono. M.B.

OPINIÃO

Por Santo António

EU NASCI EM LISBOA, MAS TINHA A RESIDÊNCIA FISCAL EM PÁDUA PARA FUGIR AOS IMPOSTOS

Portugueses, espero que tenham passado uma noite divertida no dia da minha morte, celebrando esse dia de 1231 quando eu inspirei o meu último fôlego neste mundo e as freiras do convento onde eu estava internado imediatamente foram acender um braseiro para assar bifanas. Sei que muitos levam a mal a minha dupla nacionalidade, por isso venho esclarecer que, como um famoso Doutor da Igreja que eu era, uma espécie de Fernando Póvoas da Idade Média, auferia milhões em esmolas e, na altura, o rei Afonso II decidiu um brutal aumento de impostos para financiar a sua gula, razão pela qual tinha o sobrenome "O Gordo", colocando-me no escalão mais alto do IRS e obrigando-me, por isso, a instalar-me oficialmente num paraíso fiscal chamado Pádua, onde os meus sermões, que se vendiam como hóstias quentes, não pagavam direitos de autor. Ainda assim, acabei por cair nas malhas do Ministério Público e, numa bula assinada pela inquisidora-mor Lucília Gago, fui acusado de fraude fiscal, tendo permanecido em Pádua porque, na altura, Portugal não tinha acordos de extradição com os Estados Papais. Mas as acusações acabaram por ser retiradas quando, a conselho do meu advogado, comecei a pregar a carpas e achigãs e fui por isso considerado inimputável. E despeço-me, até ao próximo ano, dando razão a Catarina Martins sobre o multiculturalismo de Portugal, porque, logo no primeiro aniversário da minha morte, no Santo António de 1232, os portugueses festejaram com sardinhas assadas, com cachupas do Prestes João e com kebabs do sultão Saladino. V.E.

Pepe homenageado, por engano, como veterano do Dia D em 1944

O IP em Marienfeld - Viveu-se um momento insólito, aqui no estágio da seleção, quando 180 militares dos três ramos em farda de gala, uma banda a cavalo, uma esquadrilha de Eurofighter Typhoon da Führungsunterstützungszentrum der Luftwaffe e salvas de artilharia desfilaram e bateram continência a Pepe à saída do treino. O central entradote foi tomado por veterano do heróico desembarque na Normandia, a 6 de junho de 1944, e recebeu a singela homenagem, uma condecoração do Bundestag e um vale para toda a cerveja que conseguir beber na Oktoberfest. M.B.

Martínez garante que Portugal leva competição a sério: "O Cristiano até já fez o corte de cabelo deste Euro"

A seleção foi com tudo para a Alemanha e está apostada em que Chéquia, Turquia e Geórgia tenham o mês de junho mais deprimente desde o ano em que as televisões locais acharam boa ideia transmitirem em direto as marchas de Lisboa. Roberto Martínez é o porta-voz do empenho da equipa: "A entrega é total. Trouxemos bacalhau para um mês, o Cristiano já fez a alteração de penteado da ordem e o Presidente Marcelo foi ontem a Fátima convocar Nossa Senhora." M.B.

SIC vai usar os €3 milhões de Cristina Ferreira para contratar mais 80 comentadores

O tribunal não aceitou que Cristina Ferreira pagasse a indemnização à SIC em Cristina Talks. A apresentadora tem mesmo de se chegar à frente e o dinheiro já tem destino: a estação quer torrar os 3 315 998,67 € na contratação de mais 80 comentadores para a SIC Notícias e assim aumentar em 300% a utilização da frase "partimos para a análise". A SIC N, recorde-se, perdeu recentemente Sebastião Bugalho, que garantia sozinho 110 horas semanais de emissão. M.B.

HAJA OTIMISMO! PORTUGAL OU ARRASA OU ESMAGA OU TRUCIDA!

O INIMIGO PÚBLICO analisa as probabilidades nacionais nos três jogos da fase de grupos.

	Chéquia	Turquia	Geórgia
Relação histórica	Portugal foi consultor na secessão checa com o know-how adquirido quando o Algarve passou a ser território inglês.	Portugal tem laços culturais com a Turquia, há séculos, que começaram com Jorge Jesus a treinar o Fenerbahçe, continuam com Mourinho a treinar o Fenerbahçe e não saíram prejudicadas com as indemnizações que o Fenerbahçe pagou a Jesus, nem com a que Mourinho irá receber do Fenerbahçe.	Apesar do que diz o Instagram de Kátia Aveiro, a Geórgia não passou a ter este nome por ser a terra natal da cunhada Georgina.
Craques por m2	A grande figura é Franz Kafka, que deu origem ao adjetivo "kafkiana" para descrever a relação dos portugueses com a Autoridade Tributária.	Orkun Kokçu é o craque que Roger Schmidt só não colocou a defesa esquerdo, portageiro em Alverca ou grelhador de hambúrgueres no H3.	Kvaratskhelia, a estrela do Nápoles, não vai ter qualquer marcação porque Martínez não consegue pronunciar o nome do homem.
Índices macro-económicos	Os checos mantêm a coroa, mas preparam a adesão ao Euro apesar do conselho em contrário de Paulo Raimundo.	Fraquinhos, dada a preguiça inata do turco como notou o preguiçólogo Ventura.	A viagem para Tiblissi demora 10 horas, ou seja, menos do que o comboio Lisboa/Faro, um concerto de Taylor Swift ou uma conferência de imprensa do Ministro Leitão Amaro.
O que faria Fernando Santos?	Apostava no 0-0, com Ronaldo sempre atrás da linha da bola e, se possível, da linha de baliza.	Pagava uma rodada de água gaseificada com a indemnização do Besiktas, mesmo assim inferior à dos outros dois no Fenerbahçe.	Tentava receber o resultado através de uma empresa familiar, mas era obrigado pelo Fisco a receber sozinho o empate 3-3.
Previsão IP	Portugal ganha 8-1, com 7 golos de Francisco Conceição e, no final, o pai dele entra para pedir satisfações ao árbitro.	7-2 para Portugal (2 autogolos de Pepe enquanto sintonizava o aparelho auditivo do Goucha).	Ganhamos 14-0. Menos do que isso não permite que Nuno Luz volte da Alemanha de cabeça erguida.

M.B. @oinimigo_pronto

Equipa oInimigoPúblico
"Se não aconteceu... podia ter acontecido!" O Inimigo Público é um suplemento satírico, sendo todo o seu conteúdo ficcional.
Diretor Luís Pedro Nunes
Redação Alexandre Parreira, Luís Pedro Nunes, Mário Botequilha, Vítor Elias **Cartoon** Nuno Saraiva
Projeto gráfico @oinimigo_pronto
Editor online João Martins
Fotografia Getty Images e arquivo pessoal
O INIMIGO PÚBLICO é um projeto conjunto Expresso/Produções Fictícias/Farol de Ideias através de O Estado do Sítio

Editorial&Opinião

Editorial As eleições europeias trouxeram elementos de racionalidade para serenar o debate político. Que sejam aproveitados

Oportunidade para respirar

Depois de três meses de tensão política, as eleições europeias deitaram gelo nos ânimos das lideranças: houvesse uma crise política, as esquerdas dificilmente conseguiriam voltar a governar, o Chega provavelmente cairia e a AD, é quase certo, teria a mesma dificuldade em formar maiorias. É hora, portanto, de dialogar. Montenegro abriu espaço a António Costa para a presidência do Conselho, o PS aceitou o nome proposto para o novo Conselho Económico e Social (Paes Antunes é uma escolha prudente da AD), a pressão interna sobre Pedro Nuno é para negociar um Orçamento — e a palavra “diálogo” já entrou no léxico do secretário-geral socialista. Antes do Orçamento, e tendo em conta os avisos de Mário Centeno sobre o perigo de derrapagem nas contas, seria prudente os dois partidos começarem pelo básico: acertar as metas do plano orçamental que Portugal terá de entregar em Bruxelas já em julho. Com o Chega a precisar de acertar estratégia, abrem-se espaços novos para negociar — ou para respirar.

O eixo frágil

A notícia de que PPE, PSE e liberais poderão dispensar os mais radicais da governação da UE nos próximos cinco anos não resiste à revelação da enorme fragilidade interna do eixo franco-alemão: Macron teve de convocar eleições legislativas em França, o SPD de Scholz teve o seu pior resultado de sempre na Alemanha — a par dos seus parceiros de coligação. A Europa, que precisava, mais do que nunca, do impulso de líderes fortes, terá tempos difíceis pela frente. Se Costa chegar ao cargo que ambiciona, terá um mandato também muito conturbado.

Cimeira para a paz na Ucrânia

A cimeira para a paz na Ucrânia, na Suíça, culmina uma semana de intensas e relevantes movimentações diplomáticas, que passaram pelo encontro internacional para a reconstrução em Berlim e pela cimeira do G7 em Itália. Embora se realize com o nome de “Cimeira de alto nível sobre a paz na Ucrânia”, de um encontro em que apesar da presença de 90 delegações não estarão presentes nem a China nem a Rússia não é expectável que se chegue a qualquer perspetiva de calar as armas na Ucrânia.

Expresso

Proprietária/Editora: IMPRESA PUBLISHING S.A.
Sede: Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos. NIPC: 501984046
Administração da IMPRESA PUBLISHING: Francisco Pinto Balsemão, Francisco Maria Balsemão, Francisco Pedro Balsemão, Paulo de Saldanha, Paulo Miguel Reis, Nuno Conde e Bruno Mateus Padinha
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 100.000 euros, 100% propriedade da Impresa – SGPS, SA, NIPC 502437464
Registo da publicação na ERC: 101.101 ISSN-0870-1970

Diretor-Geral de Informação Impresa Ricardo Costa

Diretor João Vieira Pereira

Diretores-Adjuntos David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete, Paula Santos

Diretor de Arte Marco Grieco

Grande Repórter Micael Pereira

Editor Executivo Pedro Candeias

Editor da edição semanal João Silvestre

Editores Diogo Pombo (Desporto), Eunice Lourenço (Política), Joana Beleza (Multimédia), João Carlos Santos (Fotografia), João Pedro Barros (Online), Miguel Prado (Economia), Pedro Cordeiro (Internacional), Pedro Lima (Editor-adjunto Economia), Ricardo Marques (Revista E) e Rita Ferreira (Sociedade)

Coordenadores Gerais de Arte Jaime Figueiredo (Infografia), Mário Henriques (Desenho)

Coordenadores Cristina Pombo (Internacional), Elisabete Miranda (Economia), Isabel Leiria (Sociedade), João Cândido da Silva (Online), João Miguel Salvador (Online), Lia Pereira (Revista E), Lídia Paralta Gomes (Desporto), Mafalda Ganhão (Online), Margarida Cardoso (Porto), Marta Gonçalves (Online), Pedro Miguel Coelho (Redes Sociais), Rui Tentúgal (Fecho), Tiago Pereira Santos (Desenho Multimédia) e Vítor Andrade (Economia)

Arquivo arquivo@impresa.pt

Redação, Administração e Serviços Comerciais Rua Calvet de Magalhães, 242 2770-022 Paço de Arcos Tel. 214 544 000 ipublishing@impresa.pt

Delegação Norte Rua Conselheiro Costa Braga, 502; 4450-102 Matosinhos Tel. 220 437 000

Publicidade Miguel Pacheco (diretor) João Paulo Luz (diretor de receitas digitais) Carlos Lopes (diretor coordenador) Ângela Almeida (diretora da Delegação Norte) Hugo Rodrigues (diretor publicidade) Nuno Martins (gestores de conta) Miguel Teixeira Diniz e Sérgio Alves (gestores de conta) Marta Teixeira e Helena Almeida (gestores de conta da Delegação Norte) Tel. 214 544 073/214 698 798

Tiragem média de maio: **53.280 exemplares**

Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem

apct

Associação Portuguesa de Imprensa

VISAPRESS© Direitos de Autor Protegidos

Subscrições Digitais Expresso
3 semanas: €5,99
52 semanas: €84,99
104 semanas: €139,99
Ligue 214 698 801 ou vá a **expresso.pt**
Dias úteis: 9h às 19h | Sábados: 9h às 14h

Este jornal utiliza papel produzido por empresas certificadas segundo a norma ISO14001 (Certificação de sistemas de Gestão Ambiental) CUIDE DO MEIO AMBIENTE Utilize melhor esta revista depois de a ler Colabore com a sua recidagem

ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM **expresso.pt/sobre/estatuto-editorial**

Publicidade Online publicidadeonline@impresa.pt

Marketing e Comunicação Mónica Serrano (diretora) Ana Paula Baltazar (coord. de marcas de informação) Susana Freixo (gestora de marca) e Carla Martins (coord. de comunicação para relações externas)

Produção Ana Sengo da Costa (diretora) João Paulo Batlle y Font (coordenador) Carlos Morais e Joaquim Rodrigues (produtores)

Circulação e Assinaturas (papel) Ana Sengo da Costa (diretora) Pedro M. Fernandes (diretor de circulação e produtos Expresso) e João Braz (responsável pela circulação)

Apoio ao Assinante Rita Silva (responsável pelo serviço de apoio ao cliente) Tel. 214 698 801 (dias úteis, das 9h às 19h); *e-mail:* apoio.cliente.ip@impresa.pt

Atendimento Ponto de Venda pontodevenda.ip@impresa.pt

Impressão Lisgráfica Impressão e Artes Gráficas, S.A. Estrada de São Marcos, 27 2735-521 Agualva-Cacém

Distribuição VASP-MLP, Media Logistics Park Quinta do Grajal, Venda Seca 2735-511 Agualva Cacém Tel. 214 337 000 Pontos de venda: contactcenter@vasp.pt Tel. 808 206 545

Lisboa, cidade a acontecer

Carlos Moedas
politica@expresso.impresa.pt

Quando temos dúvidas e estamos de boa-fé, o bom senso diz-nos que é melhor tentar esclarecê-las. A leveza despreocupada que nos faz falar sem saber é inofensiva quando se traduz em “conversas de café”. É grave quando é transposta para as páginas de um jornal de referência.

Miguel Sousa Tavares (M.S.T.) tem perfeita noção deste perigo a que as sociedades contemporâneas estão permeáveis no mundo das redes sociais. Acredito que, por princípio, concorda com o Papa Francisco quando este disse que a “desinformação é o primeiro dos pecados do jornalismo”. Digo “por princípio” porque na prática M.S.T., no seu último artigo para o Expresso, com o título ‘Lisboa, cidade perdida’ (7/6), fez exatamente o contrário do que apregoa como experiente jornalista. Trata-se de um artigo escrito por um autor que assume de forma frontal que não se deu ao trabalho de se informar e que pede desculpa por isso (“Peço desculpa se por acaso estou mal-informado”).

M.S.T. diz ser um “lisboeta do toca e foge”, que aparece em Lisboa uma vez por semana. Perante um desconhecimento tão orgulhosamente assumido, só me resta deixar, em jeito de síntese, o muito que foi e está a ser feito em Lisboa.

M.S.T. não anda seguramente de transportes públicos, que hoje são gratuitos para quase 100 mil jovens e idosos lisboetas graças ao nosso executivo. Não usufrui do Plano de Saúde 65+, que assegura o acesso a um médico aos nossos idosos. Não viu as clínicas de proximidade que abrimos no Bairro do Armador e na Alta de Lisboa, que levam um médico e um enfermeiro aos nossos bairros, nem as mamografias gratuitas para as mulheres lisboetas com menos de 50 anos. Não tropeçou na informação sobre os seis teatros de bairro que abrimos e que deram uma nova vida a espaços abandonados, como o Cine-Teatro Turim ou a Casa Jardim da Estrela. Certamente não comprou jornais no dia em que a Comissão Europeia anunciou que Lisboa é a Capital Europeia da Inovação graças à sua Fábrica de Unicórnios, que conseguiu captar mais de 50 grandes empresas tecnológicas, que anunciaram 10 mil novos postos de trabalho em Lisboa.

M.S.T. critica, sem se dar conta, o executivo anterior que tanto venera, uma vez que fomos nós que reduzimos as 15 mil trotinetes que existiam na cidade para 8 mil em poucos meses, pondo ordem no caos existente.

M.S.T. afirma que não vê uma rua melhorada. Aconselho-o a aproveitar a sua visita semanal a Lisboa para circular na Avenida Infante D. Henrique, na Rua Sampaio Bruno, em Campo de Ourique, ou na Rua dos Fanqueiros, na Baixa. E, já agora, passe no Largo de São Sebastião ou no Largo de Sete Rios.

M.S.T., assumidamente mal informado, ainda escreve sobre a falta de novos espaços verdes. Só em 2023 plantámos 14.390 árvores, o que compara com 4442 plantadas em 2019 (ano ainda gerido por um executivo socialista), e criámos 30 hectares de cidade verde. Sim, M.S.T. ignora o Parque Tejo, que estava abandonado quando cheguei. Não é difícil de ver — é apenas preciso olhar para a direita ou para a esquerda da próxima vez que atravessar a Ponte Vasco da Gama. A referência que M.S.T. faz à Jornada Mundial da Juventude (JMJ) é que foi um exemplo da nossa dependência face ao Governo. Vamos a factos: Lisboa investiu €35 milhões na JMJ, construindo infraestruturas e acolhendo um milhão e meio de peregrinos. Investimos na proteção civil, na Polícia Municipal e nos Bombeiros Sapadores de Lisboa. Isto é depender do Governo? Depender do Governo é ter um grupo de trabalho constituído pelo Governo para o evento a receber salários um ano depois do evento sem que ninguém diga nada.

A minha visão da cidade é clara: uma cidade capital da inovação e da cultura que cuida das pessoas antes de tudo. M.S.T. tem todo o direito a ser contra a minha visão para a cidade ou a criticar iniciativas concretas. Mas, em vez disso, opta por me colocar como o pai do turismo em Lisboa (já agora, obrigado) e chamariz dos paquetes cheios de “camones a tirar *selfies*”, que tanta maçada representam na sua incursão semanal pela cidade!

Só em 2023 plantámos 14.390 árvores, o que compara com 4442 plantadas em 2019, e criámos 30 hectares de cidade verde

Falemos então de turismo, tema que tanto arrelia o colunista e que, pelos vistos, surgiu quando fui eleito. Foi o meu executivo — e não o anterior — que implementou a taxa turística aos cruzeiros que atracam no Porto de Lisboa. Pela sobranceria com que M.S.T. se refere a estes navios, esperava que concordasse comigo nesta decisão, que 14 anos de socialismo foram incapazes de tomar. Vamos aumentar a taxa turística para todos os turistas, ao mesmo tempo que reduzimos o IRS aos lisboetas. É esse o equilíbrio que estamos a criar em Lisboa, sem demonizar turistas nem empresários, nem os milhares de trabalhadores que dependem do turismo para os seus salários. Mais, afirmar que o turismo destruiu a habitação, ao mesmo tempo que omite as mais de 1800 casas que já entregámos às famílias lisboetas e que estavam fechadas e abandonadas pelo executivo socialista, é de facto de alguém que anda muito distraído e conscientemente pouco informado.

Um artigo num jornal não é um *post* de Facebook, como M.S.T. tão frequentemente denuncia. Escrever uma coluna confessando estar mal informado é uma enorme irresponsabilidade, com apenas uma solução: fazer algum trabalho de casa, informar-se minimamente antes de escrever. Não o peço por mim, pois sei que sou causa perdida para M.S.T. Peço-o pelo respeito devido aos milhares de funcionários municipais que diariamente se entregam de corpo e alma ao serviço da cidade.

Informe-se, Miguel Sousa Tavares: Lisboa está mesmo a acontecer!

Presidente da CM de Lisboa

FOTO JOÃO CARLOS SANTOS

Como pode a esquerda voltar a ganhar em Portugal?

Rui Tavares
politica@expresso.impresa.pt

Entre março e junho deste ano, entre as eleições legislativas e as europeias, a diferença entre a direita e a esquerda em Portugal passou de mais de dez pontos percentuais (grosso modo, quase 52% contra quase 41%) para menos de cinco pontos percentuais (50% para a direita, 45,5%).

Que isto suceda apenas dois meses após a tomada de posse de um Governo de direita, e depois de oito anos de ciclo maioritário à esquerda, é sinal de que a viragem da política portuguesa à direita pode ser revertida, desde que com uma estratégia adequada por parte das esquerdas.

Sabemos que a grande diferença entre um resultado e outro está no relativo mau desempenho da extrema-direita nas europeias, que caiu para metade do voto que tinha tido nas legislativas, quebrou o mito da sua subida inevitável e expôs o vazio das promessas de sair em primeiro nas eleições. Esse cenário pode muito bem não se repetir em futuras eleições legislativas e — apesar do campo da esquerda democrática continuar a ter mais votos e mandatos do que o da direita democrática — reproduzir-se um Parlamento no qual a radicalização da direita como um todo é dominante.

Sem prejuízo de haver eleições antecipadas, por chumbo do Orçamento, uma moção de censura bem-sucedida ou qualquer fator imprevisível, este cenário faz das próximas autárquicas, na prática a um ano (menos umas férias de verão) de distância, umas eleições decisivas para o campo progressista demonstrar capacidade de coordenação, inovação programática e mobilização do eleitorado.

As eleições autárquicas, diversificadas por natureza, marcadas por fatores locais que fazem com que partidos em cooperação num município podem encontrar-se em competição no outro, têm ainda uma particularidade que as torna muito diferentes das legislativas: nelas, não é possível formar ‘geringonças’ após as eleições. Quem tiver um voto a mais é presidente da câmara — como aconteceu em Lisboa, onde apesar da esquerda ter 10 vereadores em 17, a presidência cabe à direita. Esse fator pode motivar mais cooperação entre forças progressistas à escala local, mas será insuficiente se for entendido numa ótica exclusivamente partidária.

Por si, a adição de partidos pode não mobilizar o eleitorado — o todo não ser maior do que a soma das partes — se a ela não corresponder um esforço de atualização programática e uma vontade de envolver a sociedade civil para lá dos partidos. A esquerda não deve só trabalhar junta para vencer a direita, mas para propor políticas que melhorem substancialmente as suas vidas, retirem o país do discurso sufocante de um conservadorismo cada vez mais agressivo e nos possam permitir voltar a falar do futuro. Esses são os temas essenciais das eleições autárquicas, e passam por questões tão decisivas como um aumento decisivo de oferta de habitação pública, investimento a sério em transportes públicos e pôr a qualidade de vida no centro de todas as preocupações políticas.

A sociedade portuguesa anseia por um projeto de progresso e por quem lho saiba apresentar. Se o conseguir fazer, a esquerda poderá voltar a ganhar, resgatando o país de uma radicalização da direita que vai ganhando terreno na Europa

Esse esforço de atualização programática não pode ser só feito pelos partidos, mas, pelo contrário, deve contar com todos os progressistas que estão no terreno, que têm conhecimento e vontade de participar para lá dos partidos. A esquerda deve renovar o contacto com as suas bases e deve estimular o debate público local — ouvir as pessoas em vez de decidir por elas. Deve entender também como a sociedade e a economia estão a mudar, e saber responder a essas mudanças procurando tirar partido delas em vez de se refugiar em ilusões de fazer o tempo voltar para trás.

O eleitorado português não é conservador por inerência, muito menos adepto de uma sociedade do egoísmo ou da autoridade. Na sua essência, a sociedade portuguesa anseia por um projeto de progresso e por quem lho saiba apresentar. Se o conseguir fazer, sem se perder em guerras sectárias, a esquerda poderá voltar a ganhar em Portugal, resgatando o país de uma radicalização da direita que vai ganhando terreno na Europa.

Miguel Poiares Maduro
politica@expresso.impresa.pt

O DILEMA EUROPEU

Costumo descrever a nossa relação com a União Europeia através de uma anedota contada por Woody Allen no filme "Annie Hall". Duas pessoas passam um jantar a queixar-se de quão má e intragável é a comida. No final da refeição concluem: "E as doses são tão pequenas." Eis o dilema europeu: num mundo crescentemente interdependente, precisamos de cada vez mais Europa; mas essa Europa está cada vez mais fragmentada e polarizada, parecendo incapaz de nos oferecer o que essa interdependência exige.

Pensem nos principais desafios que enfrentamos. A resposta às alterações climáticas e a transição energética nunca serão bem sucedidas a nível nacional. O mesmo com a transição digital e o seu impacto na competitividade e crescimento: os gigantes tecnológicos apenas obedecerão ao poder regulador europeu e uma competição entre subsídios estaduais irá penalizar os Estados mais pequenos. A guerra na Ucrânia, o "risco americano" e, de forma mais geral, o desafio geopolítico decorrente do fim da ordem internacional liberal e uma política internacional cada vez mais transacional, e menos multilateral, exigem uma escala que só a União Europeia oferece. A resposta ao desafio demográfico, e às suas consequências sociais e políticas, depende dos fluxos migratórios e estes exigem uma resposta comum europeia. A isto acresce a obrigação moral e política, e o interesse geopolítico, do alargamento. Tudo isto só pode ser adequadamente (e democraticamente) "governado" a nível europeu. Tudo isto vai exigir mais recursos financeiros à Europa. Não é fácil perceber como essa governação vai ocorrer e onde esses recursos vão ser encontrados.

Existe um largo consenso sobre quão impossível é responder eficazmente a esses desafios sem a União mudar os seus processos de decisão ou encontrar novos recursos. Mas existe igual consenso sobre quão impossível é empreender as reformas necessárias para que isso aconteça. A crescente fragmentação e polarização política no seio da União torna mais difícil que esta funcione na base de compromissos que vão sendo negociados à medida que a realidade os demonstra indispensáveis. Essa mesma fragmentação e polarização parecem tornar impossíveis as mudanças necessárias para que a União funcione de forma diferente.

Na história da integração europeia, a necessidade trouxe, frequentemente, o engenho. Quando a tensão tornou o *statu quo* inaceitável, aparecia a energia política necessária para fazer de uma solução que antes parecia impossível a resposta agora inevitável. Enquanto académico da área, costumava dizer que não trabalhava para oferecer as soluções que eram hoje possíveis, mas sim aquelas que o futuro iria demonstrar serem necessárias. Foi assim com a emissão de dívida europeia, que defendi em 2012 em alternativa à mutualização das dívidas nacionais que alguns propunham. Ambas então impossíveis. O objetivo era apenas o de colocar a proposta na "prateleira das ideias" impossíveis, mas não absurdas: uma alternativa mais aceitável que a mutualização das dívidas que permitisse um reforço da capacidade orçamental europeia. A covid transformou o impossível em possível. O mesmo aconteceu com o mercado interno ou o euro. Impossíveis que a ocasião tornou possíveis. Mas, em todos esses casos, a ocasião uniu ideias intelectuais com liderança política. Existirão agora quer essas ideias intelectuais quer essa liderança política? O pensamento europeu é hoje dominado (incluindo este texto) mais pelo ceticismo do que pelo otimismo. Em muitos, esse ceticismo converteu-se em cinismo. E parece difícil ter de novo a convergência entre lideranças nacionais e europeias fortes necessária à energia política que permitiu essas reformas. Mas não temos melhor alternativa que tentar.

A foto da semana

Por **CHRISTIANA MARTINS**
camartins@expresso.impresa.pt

TRAGÉDIA **Ao fim de sete anos, as marcas ainda são muito evidentes. Rui Rosinha — o bombeiro mártir que ficou como símbolo dos incêndios que em 2017 atingiram Pedrógão Grande e em que morreram 66 pessoas, uma das quais outro bombeiro que seguia no mesmo carro de combate — continua a sofrer com as sequelas do fogo. O Presidente da República escolheu-o para, a 10 de Junho, dar rosto às necessidades do interior e sinalizar o que de melhor e pior Portugal tem, dividido entre a resiliência e a perda** FOTO PAULO NOVAIS/LUSA

Aos putos que fizeram ou vão fazer exames, lembrem-se: não é um exame que vos define. Se correr mal, paciência

Quem confia nas primeiras impressões é parvo

Luís Aguiar-Conraria
Professor de Economia da Univ. do Minho
lfaguiar@eeg.uminho.pt

Houve uma fase da minha vida em que era bastante mais gordo do que sou agora. Estaria perto dos 100 kg. Um dia, cheguei a casa e anunciei que ia fazer dieta, pelo que comi bastante menos nesse dia. A minha filha, que teria uns quatro ou cinco anos, não sei precisar, ficou com pena de mim. Perguntou-me várias vezes porque é que queria perder peso. "Para ser mais saudável", "para ficar mais bonito", etc.: nenhuma resposta que lhe desse a satisfazia. Até que, lá pelo meio, lhe disse que era para perder a barriga. O que fui dizer!...

Ficou quase a chorar. Não queria que eu perdesse a barriga ou que ela ficasse mais pequena. Insistiu, insistiu, até ser cansativa e já não ter piada. Só mais tarde, não me lembro se no mesmo ou num dia seguinte, percebi o motivo. Estava eu deitado no chão e ela veio para cima da minha barriga; gostava de estar sentada no alto da montanha e era por isso que não a podia perder, saltar para ali era uma das suas brincadeiras prediletas. Ser pai de uma miúda de cinco anos é isso, é ser-se perfeito para alguém.

Lembro-me do momento em que a miúda percebeu que eu não era perfeito. Pelo menos não o melhor em tudo. Foi quando ouviu Zeca Afonso cantar a "Canção de Embalar". Tinha adormecido muitas vezes comigo a cantar-lhe a "Canção de Embalar", com letra ligeiramente alterada para se adaptar a uma menina. Ao ouvir o Zeca, primeiro, reconheceu a música, depois fez uma tremenda cara de espanto ao perceber que a música, se bem cantada, era mesmo bonita. Claramente, o pai não era o melhor cantor do mundo.

Ao mesmo tempo que deixei de ser perfeito, a mãe ia sendo elevada ao Olimpo. Até um acidente que a minha mulher teve serviu para criticarem a minha condução! Uma vez, a minha mulher ia com alguma pressa e bateu contra outro carro; foi numa estrada de dois sentidos, mas tão apertada que devia ser de sentido único. Umas semanas depois percebi que as duas filhas já não queriam que as levasse à escola, preferiam ir com a mãe. E porquê? Porque a mãe acelerava e travava e, às vezes, batia nos outros carros. Já ir comigo era uma monotonia, nada de especial acontecia. Era muito mais emocionante ir com ela do que comigo. (Diga-se que esta caracterização da condução da mãe era injusta, mas foi a excitação desse pequeno acidente que lhes ficou gravada.)

A mais nova nunca olhou para mim como uma entidade perfeita, que tudo sabia e fazia. Por uma razão simples: a mais velha passava a vida a apontar-lhe os meus defeitos. Tudo do que se lembrasse era mau, portanto desde o gosto musical aos meus dotes na cozinha. Com a mais velha passei de bestial a besta bem mais depressa do que a maioria dos treinadores com os adeptos. Já a mais nova revelou sempre um inteligente ceticismo sobre as qualidades do pai.

Entretanto cresceram. Uma está a acabar o 10º ano. A outra, o 7º. E lá tenho a sensação de que isto é tudo muito rápido. Às vezes, pergunto-me sobre como é que me veem. Já percebi que isto funciona por ciclos, mas pouco mais. Dão poucas pistas. Tento lembrar-me de como via os meus pais quando tinha a mesma idade das minhas filhas. Lembro-me de algumas discussões que tive exatamente iguais a algumas que tenho com as minhas adolescentes e das certezas que tinha.

Quando tinha a idade das minhas miúdas a vida era mais linear. Tinha menos escolhas e possibilidades, mas, paradoxalmente, penso que isso me dava mais liberdade. Não tinha de tirar excelentes notas a tudo. Não havia *rankings* de escolas, pelo que estava feliz na minha (que, pelos *rankings* atuais, será das piores do país). Se me lembro corretamente, entrava no curso de Economia com 14 ou 15 de média, pelo que não tinha de passar três anos a marrar e a ter de ser o melhor para entrar no curso que queria. Tinha tempo para ler, para não fazer nada, para sair. No 12º ano apenas tínhamos três disciplinas: tanto tempo para matar.

Tenho a ideia de que os miúdos de hoje nem tempo têm para ser adolescentes, apesar de o serem

Tenho a ideia de que os miúdos de hoje nem tempo têm para ser adolescentes, apesar de o serem. Têm aulas, têm explicações, têm pelo menos uma atividade física, uma atividade cultural; se uma nota for mais fraca, têm de fazer um plano para a melhorar. Espera-se que sejam gestores dos primeiros passos da sua carreira. Em algum momento deixámos de querer o melhor para o nosso filho para querer que o nosso filho seja o melhor.

Os mantras de hoje — "sê a tua melhor versão", "não há segunda oportunidade para criar uma boa primeira impressão" — não admitem o erro. É o oposto do que Beckett nos escreveu: "Ever tried. Ever failed. No matter. Try again. Fail again. Fail better."

Aos putos que fizeram exames esta semana, ou que vão fazer nas próximas, lembrem-se que não é um exame que vos define. Se correr mal, paciência. Se precisarem que corra bem para seguirem o sonho da vossa vida, tentem de novo.

Henrique Raposo
henrique.raposo79@gmail.com

PALAVRA DO ANO: HUNTER

Perdi a conta às vezes em que ouvi esta pergunta: Porque é que não és de esquerda quando tinhas tudo para ser? A minha resposta costumava ter duas partes. Primeira, é a esquerda que repudia e ataca tudo o que escrevo, mesmo quando estou dentro de tradições progressistas. Segunda: isso acontece porque a esquerda da minha geração (o pós-modernismo), na obsessão de sair do velho marxismo, saltou do 8 para o 80 e, por arrasto, até deixou de ser progressista. Antes, na primeira metade do século XX, ser de esquerda passava por afirmar que só existia uma única verdade (marxismo) e uma única expressão artística (neorrealismo). Depois, quando trocaram Marx por Foucault, ser de esquerda passou a significar a defesa do pós-verdade: não há verdade, logo nem sequer é preciso uma arte narrativa ou figurativa, tudo não passa de um jogo linguístico sem verdadeiro significado empírico ou moral; não há ciência, não há factos empíricos, tudo é relativo; não há moral ou lei universal, só perspetivas culturais. Epistemologicamente, esta esquerda pós-moderna era (e é) igual ao fascismo. Portanto, sim, tenho orgulho em nunca ter pactuado com a fraude pós-moderna que legitimou sempre o pós-verdade, que hoje é usado pelos trumpistas.

Enquanto os republicanos têm orgulho na sacanice amoral e ilegal de Trump, os democratas têm vergonha de Hunter Biden. É uma diferença oceânica

O que me conduz à pergunta que agora oiço com mais frequência: Ainda és de direita? É que o pós-verdade, património da esquerda pós-moderna, também reentrou no património da direita através do populismo radical. Os conservadores passam a vida a criticar o relativismo moral e cultural da esquerda, e muitas vezes têm razão. Só que há aqui um enorme telhado de vidro, porque o trumpismo é relativista e indiferente à verdade, quer a verdade no sentido empírico quer a verdade no sentido da moral. A direita americana, que sempre foi defensora da "common decency", é hoje em dia uma força amoral. Os "republicanos" sabem que Trump tem a espessura moral de uma folha de papel, mas mantêm o apoio, porque gostam daquele espírito "son of a bitch", gostam e estimulam aquele chico-espertismo antissistema que passa entre os intervalos da chuva. Coloquei aspas nos "republicanos", porque o verdadeiro espírito republicano hoje em dia está em políticos como Joe Biden. Se ressuscitasse agora mesmo, o fundador do Partido Republicano, Lincoln, só poderia apoiar Biden e o seu povo seria composto pela esquerda liberal clássica, uma força encravada entre o relativismo trumpista e o relativismo *woke*.

Quando foi condenado por um tribunal, Trump atacou a justiça. Quando o seu filho, Hunter Biden, começou a ser julgado, Joe Biden disse logo que aceitaria o veredicto, fosse ele qual fosse. Mais: enquanto os republicanos têm orgulho na sacanice amoral e ilegal de Trump, os democratas têm vergonha de Hunter Biden. É uma diferença oceânica, é a diferença entre o centro da direita e o centro da esquerda. Sim, a esquerda da esquerda (o wokismo) é igualmente fanática e perigosa, mas neste momento não está no centro do partido democrata. Os radicais à direita, sim, estão no centro do partido republicano.

E, se Trump vencer, não teremos apenas um futuro distópico para a América; na Europa, não sei se o centro-direita resistirá à segunda intifada trumpista. A radicalização vem de lá para cá.

Opinião

Sérgio Sousa Pinto
politica@expresso.impresa.pt

Acenar e rir

As eleições europeias, assim como vieram, lá se foram, deixando tudo mais ou menos no estado em que estava. O PS venceu, por margem semelhante àquela que, nas legislativas, deu a vitória à AD. A extrema-esquerda prossegue no seu vagaroso declínio, apesar dos esforços de Catarina Martins, que fez uma campanha com propósito e mensagem discerníveis. O PCP voltou, como de costume, a ganhar e quando por fim desaparecer, alcançando os zero deputados, continuará a exultar diante de mais uma vitória, neste caso da variante apocalíptica. O definhamento parlamentar do PCP, num país com as características do nosso, não constitui uma boa notícia para o regime.

Cotrim voltou a revelar-se um forte ativo eleitoral, injetando um suplemento de alma e votos na IL, que começava a adornar perigosamente, já dando a água pelos joelhos na casa das máquinas. O Chega caiu com estrondo, ainda por cima em eleições feitas à sua medida, pois que nas europeias não existe voto útil. Não se sabe se o portentoso tombo teve origem no seu idiossincrático cabeça de lista ou noutra coisa qualquer, como a oposição encarniçada que move ao bloco da direita governamental. André Ventura tem, pois, matéria para alimentar várias noites em branco, no remanso do estio.

O nosso contingente de eurodeputados está já de malas aviadas para tomar conta das ocorrências, agora reforçados pelo dr. António Costa, que refulgirá como um novo príncipe de Talleyrand

Lá por fora, tudo sem novidade, os pilares políticos da Europa seguem de pé, descontado o caso francês. Macron derrubou o tabuleiro político à procura da teatralidade que em França é sinónimo de grandeza. O menu eleitoral apresenta-se vagamente assustador, com a direita gaullista engolida de um trago pela extrema-direita, e a esquerda unida mas sem programa que não o de travar o passo aos saudosos da Argélia francesa, se não de Vichy.

Nestes tempos de desencanto e frivolidade, lembrou-se o ministro da Defesa alemão de nos alertar para a iminência de uma guerra europeia, cuja eclosão situa em 2029, com teutónica precisão.

Só a dissuasão nos protegerá do cataclismo anunciado, e só líderes capazes persuadirão as opiniões públicas da inevitabilidade do sacrifício financeiro para evitar o sacrifício de sangue.

Certos líderes no leste parecem possuir um certo sentido trágico da História. No Ocidente acenamos e rimos, entregues a políticos que vivem da exclusiva e bajuladora adulação das massas eleitorais.

Felizmente o nosso contingente nacional de eurodeputados está já de malas aviadas para tomar conta das ocorrências, agora reforçados pelo dr. António Costa que, no atual conselho europeu, refulgirá como um novo príncipe de Talleyrand.

Só o Livre e o PAN, além dos evangelistas, não tiveram a oportunidade de concorrer para o lustro da nossa hoste.

A inverosimilhança da realidade não nos deve desmoralizar excessivamente. As perfeições do passado são, na sua maioria, fabricações e mitos. Afinal, foram os grandes mortos que nos legaram estes vivos.

De alívio em alívio até à derrota final

Daniel Oliveira
danieloliveira.lx@gmail.com

Um espectro paira sobre a Europa: o espectro da extrema-direita. E, mais uma vez, suspiramos de alívio. Conservadores e Reformistas só conquistaram mais quatro eurodeputados, Identidade e Democracia só ganhou nove e a isto só se juntam alguns "não inscritos", como os 17 da AfD e os 11 de Orbán. PPE, liberais e socialistas continuam a ter maioria para decidir a presidência da Comissão. Isto é o copo meio cheio. O copo meio vazio é o terramoto político no eixo franco-alemão. Em França, depois de Le Pen ter vencido com o resultado mais alto em europeias, Macron convocou eleições para o fim do mês. Na Alemanha, os partidos que governam foram humilhados, com a AfD a ficar em segundo lugar, mesmo depois do cabeça de lista afirmar que "nem todos os SS eram criminosos". As forças de extrema-direita venceram em quatro países, incluindo a segunda e terceira economias europeias, França e Itália, e ficaram em segundo ou terceiro na maioria dos 27.

Tirando Meloni, as principais lideranças políticas saem fragilizadas. É isto, mais do que a ligeira recomposição do Parlamento Europeu, que produzirá profundas mudanças políticas na Europa. O líder do PPE foi rápido a sinalizá-las, dizendo que a primeira medida que irão apresentar em Bruxelas será o adiamento, para depois de 2035, do fim dos carros com motor a combustão. Este é um dos pontos centrais do Pacto Ecológico da União, alvo da extrema-direita. O grande vencedor na Alemanha, com o dobro dos votos dos sociais-democratas, foi a CDU. O partido fez uma viragem de 180 graus na política de Merkel para os refugiados, aproximando a sua linguagem à da extrema-direita, seja sobre o islão, seja na ideia de enviar migrantes para o Ruanda. Uma cedência que servirá de pouco.

Nem três anos de políticas xenófobas dos conservadores britânicos travaram a candidatura de Farage, que já aparece com 14% nas sondagens para as próximas legislativas. Destruídas as barreiras, é sempre possível ir mais longe.

Ainda assim, não foram apenas governos de democratas a serem derrotados. Na Eslovénia ou na Finlândia, a entrada da extrema-direita para o poder foi-lhe nefasta. Nos Países Baixos, quatro meses depois de ter ganho as legislativas, Wilders ficou em segundo. Mesmo em Itália, se Meloni é a grande vencedora da noite, Salvini é o grande derrotado. Depois há a Hungria, com 19 dos 21 lugares entregues a forças radicais e populistas de direita. A principal alternativa ao poder de extrema-direita começa a ser a oposição de extrema-direita. A satisfação com a separação da extrema-direita em duas correntes, aproveitando a sua divisão em dois grupos no Parlamento Europeu, é outra ilusão. Meloni pode não se sentar ao lado de Le Pen, por não se opor ao euro e por ter renegado Putin, mas não passou a respeitar os valores de que a União se diz defensora. O esbatimento das "linhas vermelhas", com a diabolização generalizada da imigração num continente que dela precisa, vai acelerar ainda mais depois destas europeias.

O copo meio cheio é que o centro continuará a governar a Europa. O copo meio vazio é que a extrema-direita venceu na 2ª e 3ª economias e ficou em 2º ou 3º na maioria dos 27. Mas é em França, onde a tragédia foi maior, que surge a oportunidade histórica de, unindo toda a esquerda, vencer a extrema-direita sem ser o mal menor ou ceder um milímetro

FOTO NICOLAS ECONOMOU/NURPHOTO VIA GETTY IMAGES

Pressionado pelo crescimento do Partido Socialista Francês, que conquistou os mesmos 14% do seu movimento, Macron tenta aproveitar o medo de Le Pen para, mais uma vez, polarizar umas eleições entre os dois. É a sua receita de sempre: obrigar quem o odeia a votar nele, como mal menor. E assim foi engordando a besta. Se o alvo da antecipação das eleições fosse Le Pen seria um erro. Depois de ter conquistado 32%, a União Nacional vai galvanizada às urnas contra um governo impopular. O alvo pode ser o PSF, que se começa a afirmar como alternativa à extrema-direita, livrando a esquerda do voto num neoliberal para resistir a uma fascista. Só que a esquerda foi rápida a reagir ao Presidente que se transformou no buraco negro do centro político: socialistas, ecologistas, França Insubmissa e comunistas, que somaram 32% nas europeias, anunciaram, em dois dias, um acordo para uma nova "Front Populaire". Com um PSF reforçado, a coligação torna-se mais apelativa para o centro e do que quando Melenchon dominava (foi ele que abriu caminho a esta candidatura unitária, em 2022). Do outro lado, instalou-se a guerra civil no Reconquista, cuja cabeça de lista é sobrinha de Le Pen, e nos Republicanos, a tradicional força de direita do país. O debate é se estão disponíveis para um acordo com Le Pen e tudo pode acontecer até este texto ser publicado. No meio, fica o obreiro desta catástrofe que ainda tenta, desesperadamente, gritar que a escolha é entre ele e "os extremos", incluindo a mesma esquerda a quem exigiu votos contra Le Pen, no passado. Uma sondagem dava 31% à União Nacional, 28% à Frente Popular e 18% a Macron e aliados.

Esta é a lição que a França ainda pode dar à Europa: a extrema-direita não se vence com a cedência ou o medo. Vence-se com a clareza e a alternativa. É em França, onde os resultados foram mais trágicos, que se vislumbra a oportunidade histórica de, unindo toda a esquerda, vencer a extrema-direita sem ser o mal menor ou ceder um milímetro. Se acabar bem, talvez se conclua que é preciso bater no fundo para recuperar.

Um balanço europeu das eleições — o virar à direita

Teresa Violante
politica@expresso.impresa.pt

Terminaram as eleições nacionais para o Parlamento Europeu. Chamar-lhes eleições europeias é, na verdade, um eufemismo: não há partidos transnacionais, as regras que regem cada um dos atos são determinadas nacionalmente, e nem sequer se realizam todas no mesmo dia.

Os resultados das eleições de 2024 fornecem um mosaico de conclusões que é já possível elaborar.

Em primeiro lugar, estas eleições não conseguiram transmitir uma mensagem clara, falhando assim a sua razão de ser: sinalizar a preferência política dos eleitores, articulando um conjunto claro de prioridades políticas para a UE, a serem prosseguidas por uma maioria permanente. Em vez disso, revelaram um conjunto desagregado de resultados. Em vários casos, caricaturalmente, o ato acabou se transformar numa avaliação dos projetos políticos nacionais, como sucedeu em França, na Bélgica e mesmo na Alemanha. Isto contribui para a fragmentação política da UE.

Em segundo lugar, e contrariamente às expetativas e narrativas dominantes, estas eleições europeias não entregaram a UE à extrema-direita. É verdade que estes partidos obtiveram um número recorde de lugares (131), e alcançaram resultados muito significativos em alguns países. Na Alemanha, a AfD alcançou o segundo lugar (15,9%), atingindo o primeiro lugar nos vários estados da antiga RDA. Em França, Marine Le Pen, liderando a Rassemblement National, alcançou 31,37%, mais do que duplicando o resultado do partido de Macron. Na Áustria, o partido de extrema-direita FPÖ ficou, pela primeira vez, em primeiro lugar em eleições nacionais. Mas tanto na Península Ibérica como no norte da Europa, a extrema-direita perdeu força.

Contrariamente ao discurso dominante, este não é, pelo menos para já, o momento Trump da UE. O Parlamento Europeu mantém uma maioria de deputados pró-UE, embora essa maioria tenha saído enfraquecida, com cerca de 407 em 705. Contudo, sendo necessários 361 deputados para assegurar a maioria, nomeadamente a eleição do Presidente da Comissão Europeia, estes números não são suficientes para garantir o segundo mandato de Ursula von der Leyen. Uma vez que se trata de eleição em voto secreto, e Ursula von der Leyen não parece ter assegurados os votos de todos os deputados do PPE, avizinham-se semanas de negociações duras.

Em terceiro lugar, as eleições antecipadas em França deverão afetar a política europeia com efeitos que se estendem para além do ato eleitoral. Por um lado, Le Pen e Bardella estarão provavelmente demasiado focados nas eleições francesas que se avizinham, e menos interessados nas discussões e negociações que se irão desenvolver para a escolha dos cargos europeus. Por outro, o enfraquecimento dos liberais refletir-se-á, igualmente, no seu menor poder negocial.

Assinale-se, em quarto lugar, a manutenção da afluência às urnas em valores positivos, embora se tenha registado uma redução. Com 373 milhões de eleitores elegíveis, a afluência às urnas na UE desceu para 45,47%, depois do recorde de 2019, em que atingiu 50,66%. Apesar do aumento da abstenção, a afluência manteve-se superior a 2009 (42,97%) e 2014 (42,61%).

O Parlamento Europeu mantém uma maioria de deputados pró-UE, embora essa maioria tenha saído enfraquecida, com cerca de 407 em 705

Em quinto lugar, chama-se a atenção para o papel que o número de eurodeputados não filiados (por exemplo, Fidesz, M5S) pode desempenhar na remodelação dos grupos existentes e na formação de um novo ciclo político.

Em sexto lugar, constata-se que, globalmente, a política da UE parece não só mais fragmentada, mas também menos inteligível do que nunca. Enquanto as eleições de 2019 forneceram um mandato claro a favor da transição climática, a derrota dos Verdes em 2024 faz adivinhar um recuo no Pacto Ecológico Europeu. Esta situação afetará os meios de que a UE dispõe para fazer face aos desafios que enfrenta e beneficiará ainda mais a agenda política da extrema-direita e dos eurocéticos que se alimentam da insatisfação com o *statu quo* político.

Contrariamente aos títulos alarmistas, muitas vezes distópicos, dos principais meios de comunicação social, estas eleições europeias não entregaram a UE à extrema-direita. Embora estes partidos de extrema-direita e *antiestablishment* tenham assegurado cerca de 25% dos lugares do próximo Parlamento Europeu, não serão capazes de se unir e de ditar o rumo a seguir. Em vez disso, a maioria pró-UE, que historicamente tem governado a União nos últimos 50 anos, mantém-se. Estas eleições deverão acelerar a viragem à direita — que já se tem verificado em grande medida na UE e em todo o seu território — e levá-la a um nível diferente.

Em termos globais, podemos esperar uma transformação sem paralelo e regressiva do que se pode realisticamente esperar do projeto da UE.

Com Alberto Alemanno, professor Jean Monnet de Direito da União Europeia na Universidade HEC Paris

Henrique Monteiro

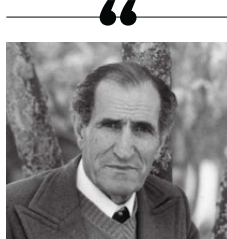
FOTO JOSE MANUEL ALVAREZ REY/NURPHOTO

O que é Portugal, Camões e as comunidades?

Houve um tempo em que o 10 de junho, Dia de Portugal, me irritava solenemente. Bastava ver o Estádio Nacional repleto de meninos da Mocidade Portuguesa, vestidos de ginastas, a fazer a saudação nazi. Acho que havia uns discursos cheios de bafio, que falavam da raça — na altura o conceito de raça lusitana era comum —, mas nada me recordo sobre referências a Camões.

Nos momentos iniciais após a Revolução de Abril, houve uma tentativa, ainda concretizada dois ou três anos, de ser o 25 de Abril o novo Dia de Portugal. Porém, em 1978 voltou-se ao 10 de Junho. Hábito já com 98 anos, pois desde 1880 se comemorava esse dia (presuntivamente, o dia da morte de Camões, que foi em 1579 ou 1580). Ficou 10 de Junho, até hoje, o Dia de Portugal; tirou-se (e bem) a raça, mas juntou-se-lhe as comunidades para vincar que portugueses são os de aquém e de além-mar, mundo fora. Há condecorações, e já houve mais, banquetes, discursos, comissários, mas felizmente as juventudes partidárias não fazem ginástica no Estádio do Jamor. Poderíamos abençoar os republicanos portugueses que, no século XIX, em plena monarquia, recuperaram Camões das caves para onde fora enviado; nesses anos Tomás Ribeiro com o seu poema 'D. Jaime ou a dominação de Castela' ganhava contornos de grande poeta patriótico ("Portugal é lauta boda/ onde come a Espanha toda/ lobos famintos, comei!"), escrevia em 1862, numa rememoração fantasiosa e pouco rigorosa do período filipino.

Pressionado por uma opinião pública devidamente agitada e trabalhada por republicanos, D. Luís I proclamou, em 1880, o 10 de junho "Dia de Festa Nacional e Grande Gala" para comemorar os 300 anos da morte do poeta, que se alcandorou, com justiça, à posição de poeta nacional. Como fez questão de salientar o grande Vasco Graça Moura, ele é, de facto, o "fundador da língua portuguesa moderna". Ora, se conforme o dito de Fernando Pessoa, celebrando a língua, celebramos a Pátria ("a minha Pátria é a língua portuguesa", escreveu), a história não é só esta. Porque as celebrações do dia 10 de Junho já vinham de muito antes.

Em 1504, uns 20 anos antes de Camões nascer, a pedido de D. Manuel I, decretou o Papa Júlio II que se celebrasse o dia do 'Anjo Custódio do Reino'. Lá o que é um 'anjo custódio' é mais difícil de explicar, salvo se infantilmente se disser que é uma espécie de anjo da guarda de um país, tal como todos os seres terão um anjo da guarda pessoal, que os protege. Sabe-se que anjo vem do grego *ággelos*, que significa mensageiro ou enviado, pelo que o Anjo Custódio, lá está, que nos custodia, ou guarda, também ficou conhecido por Santo Anjo da Guarda de Portugal, ou Anjo da Paz. A data era móvel e em julho (terceiro domingo) e foi perdendo significado, até que num retorno sem grande sucesso, o Papa Pio XII, com a intervenção, não divina, mas muito terrestre, de Salazar, o voltou a instituir no Calendário Litúrgico, mas a 10 de Junho.

> "
>
>
>
> **Portugal não é um país, é um sentimento**
>
> **Miguel Torga (1907-1995),** Pseudónimo de Adolfo Rocha, médico, mas sobretudo escritor e poeta, grande nome das letras, é, como Aquilino Ribeiro, ligado à terra, às tradições, sempre com os olhos no futuro
>
>

Não fosse eu oriundo das Terras do Demo, geografia que Aquilino Ribeiro instituiu, e não saberia isto: um culto, que já vem do século X, tem mais de 500 anos de consagração no Santuário da Lapa, no concelho de Sernancelhe (Viseu), a um tiro da aldeia natal de Aquilino. Ali, a lenda diz que uma pastora muda de nascença, encontrou uma imagem da virgem e tratou dela com desvelo. A sua mãe, não gostando que a pastorinha se dedicasse mais à imagem do que ao pastoreio, atirou com a virgem ao lume. E nesse momento, a muda falou: "Que fez, minha mãe? Não vê que é Nossa Senhora." Ora, anos mais tarde, foi erigido um santuário (pequena capela, aliás, mas com umas fragas no interior, onde a ilusão de ótica faz parecer impossível caber entre elas, pelo que só se passa com fé, caso contrário vai-se direto para o Inferno). Aconteceu que o mesmo D. Sebastião, a quem "Os Lusíadas" foram dedicados, entregou o santuário à Companhia de Jesus. A Lapa, cuja principal romaria é (adivinhem) a 10 de Junho, era a maior peregrinação portuguesa até ao surgimento de Fátima. Hoje, existem 32 igrejas dedicadas a esta Nossa Senhora, em Portugal, e 13 no Brasil.

O 10 de Junho é, pois, o dia desses andantes pelo mundo, que já foram aventureiros e negreiros e hoje são doutores e engenheiros; é a língua e Camões (com a moeda insultuosa que lhe fizeram); é o Anjo Custódio e a Nossa Senhora da Lapa. E isto, tudo junto, mais do que os discursos e as condecorações, é Portugal, que tem raízes por todo o lado e de que ninguém é dono nem escravo. É a nossa terra, cheia de coincidências assim.

hmonteiroexpresso@gmail.com

ANTES QUE ME ESQUEÇA

CAMÕES
No texto maior digo que a moeda de Camões, mandada executar pelo Banco de Portugal, é um insulto. Repito-o aqui e não faço ideia de quem a concebeu ou de quem a aprovou. É uma coisa sem nexo. Já sei que virão dizer que é de um conceituado artista, mas ultimamente os conceituados andam com falta de conceito (é como o logótipo do Governo anterior, cujo autor tem conceito a mais, e por isso deve faltar conceito à obra que fez). Quando Camões foi 'ressuscitado' e lhe fizeram uma estátua em 1867, ali ao cimo da rua Garrett, onde fica o Largo de Camões, o monumento de Victor Bastos, inaugurado por D. Luís e o seu pai, o rei consorte (de D. Maria II), D. Fernando, foi pago por subscrição pública, num movimento liderado por Teófilo Braga, João de Deus, Antero de Quental, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, entre outros. É datado e criticado pela pose (pouco lírica), mas tem dignidade. Aos pés de Camões, como representando a sua supremacia, ficam outros vultos de Portugal como Fernão Lopes, Pedro Nunes, Gomes Eanes de Zurara, ou João de Barros. Mais tarde, depois do ultimato britânico em 1890, na questão do 'mapa cor-de-rosa', Camões voltaria a ser evocado (e invocado) como símbolo da grandeza de Portugal.

ACABAR COM
Atenção que, ou muito me engano, ou isto de celebrar Camões acaba rápido. Vários autores consideram o épico uma peça de propaganda do colonialismo português (o facto de não saberem o que é o colonialismo, inexistente à data da produção da obra, não os impede, claro). Um Anthony Soares, norte-americano de ascendência portuguesa, diz que a violência no discurso "pavimentou o caminho para a violência física sobre a qual se criou a identidade do império colonial português"; críticas feministas dizem que é "um elemento de perpetuação de ideologias falocráticas" e um estudioso sul-africano argumenta que o Adamastor, personificação do Cabo das Tormentas, não passa da "raiz de uma mitologia racista sobre a qual assenta a supremacia branca na África do Sul". Haja quem leia "Os Lusíadas" com olhos de ver, porque podemos ser levados a pensar que o velho zarolho desfigurado só queria ser como o latino Virgílio. Mas o que quereria Virgílio? Provavelmente, império, falocracia e racismo. Isto anda tudo ligado, valha-me Deus!

AS ARMAS & OS BARÕES
Para quem se insurge contra o acordo ortográfico por ser um atentado à língua (sem perceber que a ortografia não é parte da gramática) costumo dar o exemplo de "Os Lusíadas" originais: As armas & os barões aʃsinalados/ Que da Occidental praya Luʃitana,/ Por mares nunca de antes nauegados/ Paʃʃaram ainda alem da Taprobana/ Em perigos, & guerras... se lerem a foto verão.

OS DIAS QUE ME OCORREM

EUROPEIAS
Das eleições de domingo passado apenas se retira a queda abrupta do Chega, a grande subida da IL e a vitória do PS, espécie de desforra das legislativas (mas não segunda volta). Os socialistas ganharam por pouco (0,9%) com mais um deputado do que a AD. Na sequência, muitos têm sido os debates sobre linhas vermelhas, estabilidade governativa e outras especialidades do comentariado. Por mim, acho que as linhas vermelhas não são objeto de táticas, mas de princípios; e que o país ficou mais estável porque há menos quem queira derrubar o Governo.

FRANÇA
O grande terramoto, que não houve em Portugal, teve o epicentro em França. Le Pen venceu, de longe, e o Presidente Macron convocou eleições. Há quem pense que vai tentar o velho truque da República contra a extrema-direita, nas segundas voltas dos círculos eleitorais; há, também, quem ache que ele vai dar posse a um Governo Le Pen, tentando normalizar e moderar o partido de Marine. Seja o que for, é inegável que a direita mais à direita e o conservadorismo mais conservador vieram para ficar (por uns tempos, pelo menos). Mas não se chame nazis e fascistas a todos, sob pena de banalizar estes conceitos.

IRS E IMT
A baixa de IRS proposta pelos socialistas passou no Parlamento (a proposta da AD chumbou). Em contrapartida, a isenção de IMT para jovens, apresentada pela AD, foi aprovada. E os principais partidos acusam-se mutuamente de não fazer contas. Algumas SCUT também vão deixar de ter portagens (proposta do PS com o apoio do Chega). É só alegrias...

25 DE NOVEMBRO
Logo a seguir à inclusão da IVG na cimeira do G7, o que fazer com o dia 25 de novembro deve ser o debate mais importante das nossas vidas. Um dia, os políticos perceberão que a política se faz com realidades e não com símbolos. Eu nada tenho contra uma coisa ou outra, até acho bem que o 25 de novembro seja assinalado. Mas interroguemo-nos com sinceridade: isso interessa, verdadeiramente, para as nossas vidas?

PREOCUPAÇÕES
Preocupantes são as cada vez mais desaustinadas vozes contra a ajuda à Ucrânia e o inconsistente apoio à Palestina, disfarçado de condenação de Israel. O reconhecimento mútuo de dois Estados — coisa que o Hamas nunca fez — deveria ser central nas posições civilizadas. Além de que o apagamento do crime de 7 de outubro, que deu origem a esta vaga de violência e guerra, não pode ser ignorado por quem anda com bandeiras da Palestina na mão.

CURAS
A música cura quase tudo. De 28 de junho a 7 de julho, o Festival Entre Quintas (Quinta do Casal Branco e Casa Cadaval, no Ribatejo), em cenários paradisíacos, há música para todos os gostos. De Vivaldi e Mozart, passando por música renascentista e êxitos da Broadway. Faz bem!

Expresso
Sexta-feira 14 de junho de 2024
14 06
#2694
expresso.pt

Queremos mais. Menos ais, menos ais!

Há poucas campanhas publicitárias que se mantêm atuais ao fim de duas décadas. A campanha — em particular a música e a letra — da Galp para o Euro 2004, é uma delas. Não só porque tocava no ponto de uma seleção cravejada de lamentos e desculpas, mas porque acertava em cheio num país viciado nos mesmos lamentos e desculpas.

A ideia de Nuno Jerónimo e Pedro Bidarra (que estavam à frente da equipa da BBDO) tinha a rara capacidade de puxar por uma marca e por uma equipa, e ainda a de pôr um país a olhar-se ao espelho. Não sei se foi da proximidade ao futebol, mas nas últimas semanas da campanha eleitoral a música do "menos ais, menos ais" não me saiu da cabeça.

Poucas coisas me irritam mais em Portugal do que os lamentos ou a capacidade sistemática de sublinhar as circunstâncias negativas sem se apontar um caminho de esperança ou progresso. Infelizmente, o período que separou as eleições legislativas das europeias foi uma época de lamentos. Felizmente, essa época acabou no domingo à noite. Não há desculpas.

Infelizmente, o pós-legislativas foi uma época de lamentos. Felizmente, essa época acabou

Não se pode exigir aos políticos que tenham tanta durabilidade como uma ótima campanha publicitária. Mas pode e deve-se exigir que estejam à altura das circunstâncias. Ora, as circunstâncias atuais são novas e difíceis.

Os portugueses escolheram um Parlamento nacional que não consegue produzir uma maioria estável. Perante isso, cabe aos principais dirigentes encontrarem soluções transitórias que não coloquem em causa nem a existência de um Governo legítimo, nem de uma oposição que protagoniza legítimas alternativas políticas.

A Constituição tem dois sábios travões à dissolução do Parlamento. Não pode acontecer nos primeiros seis meses após as legislativas nem nos últimos seis meses de mandato do Presidente da República. Em rigor, qualquer crise política antes de existir um novo Presidente, em março de 2026, é uma total irresponsabilidade.

São menos de dois anos. O que se pede, pelo menos à AD e ao PS, é simples. Estejam à altura do momento, do seu, do país e da Europa. As tensões geopolíticas são imensas, os riscos orçamentais reais. Portugal tem oportunidades únicas pela frente. Façam mais, conversem mais, queixem-se menos e trabalhem mais. Menos ais.

rcosta@expresso.impresa.pt

e ainda...

Almeida Araújo O excêntrico português amigo de Picasso R32

Cinfães O concelho do norte com mais imigrantes P15

Autoeuropa Empresa luta para ficar com novo modelo da VW E10

150 mil alunos começam os exames

1ª fase dos exames do secundário arranca esta sexta-feira. Milhares faltam às provas de aferição do ensino básico

A partir desta sexta-feira e até ao final do mês, quase 157 mil estudantes do secundário vão realizar os exames nacionais que servem de acesso ao ensino superior e que, no caso do 11º, vão voltar a contar para a classificação final das disciplinas em que estejam inscritos como internos. Já os colegas do 12º ano continuam a fazer exames apenas como provas de ingresso aos cursos universitários ou politécnicos aos quais tencionam concorrer, sem peso na classificação final do secundário, tal como foi aprovado durante a pandemia.

A 1ª fase inicia-se esta sexta-feira com a prova de Português do 12º ano, a mais concorrida de todas, com mais de 44 mil inscritos. Os resultados dos exames são depois afixados a 15 de julho. No caso do 9º ano, as notas são conhecidas a 8 do próximo mês, sendo que a prova de Matemática — de "nível de complexidade inferior face a 2023", segundo a avaliação da Sociedade Portuguesa de Matemática — foi realizada na passada quarta-feira e a de Português será na segunda.

28.552 faltaram à prova de aferição de Português do 2º ano, o equivalente a 30% dos alunos inscritos

Junho é também o mês das provas de aferição do ensino básico, que não contam para a nota final dos alunos e que, tal como aconteceu no ano passado, voltam a registar taxas de ausência elevadas, sobretudo entre os alunos mais novos: 28.500 faltaram à prova de aferição de Português e Estudo do Meio do 2º ano, realizada na terça-feira, o equivalente a 30,2% dos inscritos. No ano passado, tinham faltado tanto a Português como a Matemática também 30% das crianças.

Já as provas de aferição realizadas no final do 5º e do 8º anos contam com participações mais elevadas, mas ainda assim 12% dos inscritos não compareceram. A ausência não traz, à partida, consequências para os alunos e professores e pais têm indicado que estes testes acabam por sofrer alguma desvalorização.

O Governo já anunciou que quer alterar o modelo e passar as provas para o final do 4º e 6º anos, com divulgação pública dos resultados por escola.

Alcântara ganha Marchas de Lisboa

SANTO ANTÓNIO Alcântara venceu a edição deste ano do Concurso das Marchas Populares de Lisboa. Em segundo lugar ficou a Marcha de Marvila e em terceiro a de Alfama. Segundo a informação da EGEAC, Alcântara e Marvila ganharam nas categorias de Melhor Coreografia e Melhor Cenografia. O Melhor Figurino foi também atribuído às Marchas de Alcântara e de Marvila e ainda Alfama. As Marchas Populares de Lisboa são este ano candidatas a integrar a lista nacional de Património Cultural Imaterial FOTO JOSÉ FRADE/EGEAC

Ativos russos para reconstruir Ucrânia

Empréstimo de €46 mil milhões será reembolsado com ativos do banco central russo congelados pela UE

À margem da cimeira do G7 em Itália, os líderes dos sete países mais industrializados do mundo concordaram em mobilizar 50 mil milhões de dólares (€46,3 mil milhões) para ajudar na reconstrução da Ucrânia, usando os ativos russos congelados.

"Há um acordo", anunciou a presidência francesa em comunicado. "Este empréstimo destina-se a ser reembolsado com os recursos dos ativos russos congelados" pela União Europeia depois do início da guerra na Ucrânia, que dura há 28 meses.

"Mas se por uma razão ou outra os ativos russos forem descongelados ou se os rendimentos dos ativos russos já não produzirem o que é necessário para financiar o empréstimo, então surge a questão da partilha de encargos", ressalvou o Palácio do Eliseu.

Uma das questões é saber, por exemplo, quais são as garantias deste empréstimo que é essencialmente americano, mas que pode ser complementado com dinheiro europeu ou contribuições nacionais.

Cristina Ferreira condenada

Tribunal condena empresa da apresentadora a pagar indemnização de mais de €3 milhões à SIC

O Tribunal de Sintra deu razão à SIC, do Grupo Impresa (que detém o Expresso) num processo em que a estação pedia uma indemnização pela "abrupta e surpreendente" quebra de contrato em 2020. A "SIC está a estudar, com os seus assessores jurídicos, e tendo em conta a matéria de facto e de direito dada como provada a favor da estação, a possibilidade de pedir uma reavaliação desta parte da sentença".

Últimas

Carris com MB Way Os passageiros da Carris passam a poder utilizar o QR Code MB Way diretamente nos validadores para adquirir e validar a tarifa de bordo de forma mais rápida, sem necessidade de dinheiro ou bilhetes em papel.

Estudo avalia cérebro de bombeiros Uma investigação da Universidade de Coimbra analisou a resposta cerebral de bombeiros perante ações de resgate em incêndios e os cientistas acreditam que o estudo pode ser importante para melhorar as decisões em situações de risco. A atividade cerebral em regiões relacionadas com a memória e a decisão — como o hipocampo e a ínsula — aumentava proporcionalmente à medida que o risco aumentava.

Prémio Pessoa Com a presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, será entregue na próxima quarta-feira, dia 19, no edifício sede da CGD, em Lisboa, o Prémio Pessoa 2023 ao cardeal José Tolentino Mendonça.

Hungria condenada a multa O Tribunal de Justiça Europeu condenou a Hungria a uma multa de €200 milhões por não cumprir a política de asilo comum. O país terá também de pagar uma sanção de um milhão por cada dia de incumprimento. "A decisão é ultrajante e inaceitável", reagiu o primeiro-ministro, Viktor Orbán.

Plano milionário para Musk O fundador da Tesla anunciou que os acionistas da Tesla aprovaram o seu plano remuneratório, de 56 mil milhões de dólares, por "larga maioria".

Vaga de calor fecha Acrópole A Grécia está a ser assolada por altas temperaturas que obrigaram ao encerramento de sítios arqueológicos, como a Acrópole, em Atenas. O Ministério da Cultura determinou que os locais devem fechar das 12h às 17h para proteger os turistas do intenso calor.

Erosão da autonomia em Macau A UE alertou para o "aumento contínuo do enfoque na segurança nacional" em Macau, que pode "enfraquecer os direitos fundamentais" e provocar a "erosão do elevado grau de autonomia" nesta região administrativa especial chinesa.

China queixa-se das tarifas A China anunciou esta quinta-feira que vai apresentar uma queixa à Organização Mundial do Comércio, na sequência do anúncio da UE sobre possíveis aumentos das tarifas de importação de veículos elétricos chineses.

Mundo com mais deslocados A Agência da ONU para os Refugiados (ACNUR) alertou quinta-feira para um aumento do número de deslocados forçados, que ascendia a 120 milhões em maio, atingindo níveis históricos.

Guia "Boa Cama Boa Mesa 2024" Com cerca de 1000 sugestões, tenha à mão a melhor seleção de alojamentos e restaurantes em Portugal, organizados por distritos, para uma mais fácil consulta. Por €19,90, nas bancas.

ILUSTRAÇÃO ANDRÉ CARRILHO

AS MELHORES FESTAS E FEIRAS POPULARES PORTUGUESAS

E AINDA...

POR
MIGUEL CADETE
mcadete@impresa.pt

ANJOS, SANTINHOS, SUPER-HERÓIS E NÓS

Ainda não passaram meia dúzia de anos desde que as grandes narrativas no cinema eram dominadas pelas sagas dos super-heróis da Marvel. Homem-Aranha, Avengers, Iron Man ou Capitão América batiam recordes nas bilheteiras, provando a necessidade de figuras providenciais, espécie de semideuses, capazes de pôr ordem no mundo através dos miraculosos superpoderes que possuíam. Entretanto, chegaram a Netflix e os outros serviços de *streaming* que nos encostaram nas costas do sofá com documentários e ficção biográfica. Qualquer semelhança com a realidade deixou de ser pura coincidência. No pequeno e no grande ecrã, as coisas passaram a ser realmente assim. Não nas pequenas aldeias, nas vilas pacatas e até nas grandes cidades de Portugal em que se resiste ao invasor por meio de festas e feiras populares onde a devoção aos santos acrescenta um suplemento de liberdade. E aí, os protagonistas podemos ser nós.

Há muitos, muitos anos, ainda faltavam mais de cinco séculos para nascer Hollywood e já se celebrava a Feira Franca de São Mateus no lugar de Viseu. O sítio onde, desde 1392, se fechavam negócios, encetavam casamentos, e se alimentava o corpo de iguarias extraordinárias e divertimentos vários. Ainda, a cidade da Beira Alta é conhecida por ser capaz de atrair mais de um milhão de visitantes, ao longo de 39 épicos dias. Mais a norte, tal como nos conta André Manuel Correia em reportagem no Senhor de Matosinhos, também se juntam multidões embaladas por um sopro de ar quente que "baralha o fumo das sardinhas e das febras com os cheiros das farturas e dos churros, do pão com chouriço e das bifanas, das pipocas e do algodão-doce".

Não é por acaso que os santos mais populares são instrumentais nestas celebrações que se desenrolam sempre à roda do solstício de verão — que este ano acontece a 20 de junho. É um chamamento da terra-mãe, vivido com ainda maior fervor nos lugares atormentados por vulcões, terramotos e furacões. Como sucede nas ilhas dos Açores. Por ali, torna-se nítido em festividades como as do Senhor Santo Cristo dos Milagres ou nas Sanjoaninas, que o espírito derrota inexoravelmente a matéria. Tal como na Festa dos Tabuleiros em Tomar, onde se descansa do capitalismo quotidiano a cada quatro anos, sem olhar a meios.

Da última vez, em 2022, a autarquia e a comissão organizadora investiram mais de €2 milhões. Isso, não se trata de vulgares gastos sem retorno. "A Festa dos Tabuleiros envolve de alguma maneira quase todas as famílias do concelho. Só na feitura dos tabuleiros e dos enfeites para as ruas ornamentadas são muitos meses de trabalho, que começam mais de um ano antes." Paradoxalmente, não é dinheiro deitado à rua, mas sim uma firme aposta na crença de um futuro melhor que há de vir.

Como naqueles dias magníficos relatados por Raquel Albuquerque, em que na pequena localidade de Argeriz durante um qualquer querido mês de agosto, as casas estavam sempre de porta aberta, mercê de uma sociedade organizada e pacífica. Onde tínhamos toda a liberdade, por conta de um santinho ou de um super-herói. Tanto faz. Éramos nós.

A MÃE DE TODAS AS FEIRAS

HÁ 632 ANOS A FEIRAR

A **Feira Franca de São Mateus** "é um dos mais típicos e grandiosos mercados que ainda em Portugal se realizam". Local de casamentos, comedorias, negócios e tradições, assim é o certame que hoje ultrapassa o milhão de visitantes

AMADEU ARAÚJO

"Chapéu braguês para a nuca, e éguas de alabarda com matronas de lenço de seda, peito coberto de oiro e tamanquinha de Viseu no bico do pé." A frase é de Aquilino Ribeiro, notável romeiro da maior das feiras francas da Península Ibérica. E também a mais antiga, assim acenam os historiadores. "Senhor turista venha a Viseu, visite a feira, barulho que dá orgulho", apela um cartaz, resgatado à memória a lembrar "cidade nova, plena de vida e cheia de colorido" que durante 30 dias anima a região. Aquilino Ribeiro, escreve o historiador Alberto Correia, "conheceu a feira franca e teve amigos sem conto com os quais se sentava a conversar".

Hoje já não há tamancas na Feira de São Mateus, substituídas pelos mocassins, os vestidos de chita arejaram pelas saias, ficou a fancaria, o carrossel e a roda gigante, a enguia trincada com gula, uma fartura para remate e vamos pelo picadeiro ouvir quem sobe ao palco. A Feira de São Mateus foi sofrendo, no decorrer dos séculos, transformações, mas nunca perdeu tradições e economia, a grande finalidade que lhe deu origem. Pergunta-se: Que virá a ser a feira? A feira, sendo sempre a mesma, é sempre diferente, traz à cidade milhares de forasteiros que emprestam ao ambiente o tom festivo, gárrulo, buliçoso.

Mas tudo tem princípio e a feira franca, que haveria de ser crismada de São Mateus, deve a existência a D. João I. A 10 de janeiro de 1392, o então rei assinava a carta de feira e concedia a Viseu palco privilegiado de negócios, comes, bebes e divertimentos. Conta Carlos Alves, historiador da Universidade Nova de Lisboa, que "as primeiras edições decorreram certamente entre a atual Praça D. Duarte, Largo Pintor Gata e ruas adjacentes". Em 1436 a feira abandona o casco velho e muda-se para a Cava de Viriato. Em 1728, escreve Carlos Alves, toma a primeira designação de "Feira de São Mateus, tal como a conhecemos hoje em dia". Em finais de 1822, afirmava o deputado Fernandes Thomaz, em sessão plenária das Cortes, "Vizeu, apenas he conhecido pela sua importante feira". Que deixava rendimento na cidade, como atesta o "Mapa estatístico do valor dos objetos expostos à venda na feira franca de São Mateus e o valor das vendas realizadas", publicado em 1872. Foram anos, prossegue o historiador que cita as memórias paroquiais, de "referência nacional e internacional, um evento de grandes dimensões cujos comerciantes chegavam de Espanha, França, Itália, Inglaterra e Holanda, demonstrando além-fronteiras a sua importância". No rodar dos anos, está prestes a chegar mais uma "feira franca", a edição 632, entre 1 de agosto e 8 de setembro. São 39 dias de muita animação, espetáculos, gastronomia e cultura.

A feira faz-se contar e descrever, em acervos, espólios, cartazes e revistas. Entre o século XIX e os inícios do século XX, era anunciada em cada ano por editais afixados nos Paços do Concelho e outros locais públicos. Na década de 30 do século passado, 1927 para sermos precisos, começou nova forma de promover a feira franca e com ela a cidade. Era o tempo em que se faziam concursos, se pediam, esboços a lápis para o cartaz publicitário. E que se iniciou a publicação de uma revista, que ainda hoje se mantém, com o programa oficial de espetáculos e animação. Em 1928 surge o primeiro cartaz da feira, um cartaz turístico já existente e que, depois de adaptado, foi cedido ao executivo municipal. Assinado por Joaquim Lopes, o artista portuense responsável pelo Painel do Rossio de Viseu e que trocava cartas com Almeida Moreira, capitão do Exército e à época presidente da Comissão de Iniciativa e Turismo.

Carlos Alves reconhece o papel de Almeida Moreira, "vereador do urbanismo e estética, dirigente da Comissão de Iniciativa e Turismo de Viseu", na transformação da feira. Em 1927, "o recinto adquire nova fisionomia, com a renovação dos tradicionais arruamentos, acrescentaram pórticos monumentalizando, a que foi acrescentado programa de comunicação e os cartazes afirmaram-se como o veículo propagandista da feira a nível nacional e internacional", esclarece o historiador. E assim ficaram, sempre com a silhueta da Sé em fundo. Escreve Carlos Alves, "o século XX decorreu naturalmente com a renovação da imagem e conteúdo, a feira de mercadores transforma-se numa feira de exposição, comércio, tecnologia e indústria, ao qual se acrescentou, na segunda metade do século XX, uma vertente lúdica".

Anos mais tarde, em 1970, a feira "era um terreiro onde se praticavam provas desportivas, perícias automóveis e divertimentos, com um camarote aberto ao cimo do picadeiro", recorda Carlos Nascimento, chefe dos Bombeiros Voluntários de Viseu. O picadeiro era a "avenida principal da feira, alinhada com a Sé e ao cimo tinha o Pavilhão de chá dos bombeiros voluntários". Era no pavilhão "que abria todos os dias às 17 horas, que se juntava a alta sociedade, era obrigatório entrar de gravata e os bombeiros vestiam farda de gala", prossegue o chefe. "Aos sábados havia baile, toda a noite e algumas vezes ainda levei à esquadra alguns malcomportados", acrescenta a memória do bombeiro.

Os cartazes na *boîte* Fontória

A feira maior de Viseu sempre correu a pátria, de comboio ou autocarro, à boleia do conterrâneo ou na boca de quem sente orgulho do que é mais franco no feirar. A feira "tinha que se promover dentro e fora de portas", lembra José Mouraria, que foi fiscal da feira e era quem levava para Lisboa os cartazes que seriam exibidos no Fontória, uma *boîte* lisboeta,

FOTO HALLEY PACHECO DE OLIVEIRA/WIKIPEDIA

FOTO HUGO PEREIRA/KRASH

Os painéis de azulejos do Rossio, à direita, incluem cenas de feirantes. Da autoria de Joaquim Lopes, foram feitos em 1930, na fábrica do Agueiro, em Gaia; à esquerda, o primeiro cartaz conhecido da Feira de São Mateus, de 1929, em que uma figura feminina ostenta o brasão de Viseu; Os espetáculos são hoje um dos maiores chamarizes. A cada edição, a feira injeta €82 milhões na economia da cidade

na Praça da Alegria. Propriedade de José Vitorino, em casa de quem se escreveu a letra do 'Viseu Senhora da Beira' — um dos hinos da cidade, um néon amarelo anunciava ao escuro da noite Dancing Bar Fontória. E os vistosos cartazes eram a primeira das vistas de quem descia as escadas. Que anunciava na revista da feira a *boîte* com um pormenor: "o proprietário da casa é viseense".

Já para os tipógrafos os cartazes eram uma dor de alma, impressos por homens como António Pinto, durante anos compositor da Tipografia Guerra, "chegavam sempre à última da hora". Com uma vantagem, os tipógrafos "não arredavam pé da máquina, queriam ver as novidades". Eram os meados da década de 80, que durariam até ao fim do milénio. Em 2003, Fernando Ruas então presidente da Câmara Municipal de Viseu, derrubou três velhos pavilhões e inaugurou um moderno pavilhão multiusos, que hoje acolhe os expositores da indústria e comércio.

Brincam os petizes nas sombras da Cava, bailam as moças, gente para lá e para cá, azáfama feita corrupio. E se neste século XXI quase não há excursões, mas turistas em modernos autopullmans, serão muitos os que programam a vida para cumprir calendário: entre 1 de agosto e 8 de setembro regressa a mais antiga das feiras francas da Ibéria. O prolóquio, moderno, popular, brotou naturalmente dos lábios do forasteiro que visita a Feira e é de admiração pronta e sincera quando franqueiam as entradas. "Senhor turista não deixe de visitar em Viseu os seus monumentos e ficará maravilhado com a beleza opulenta que se lhe depara", rezam cartazes antigos.

O hábito de consumir enguias

Em 2014, com Almeida Henriques na presidência da autarquia, começa a recuperar a história. O picadeiro retoma o lugar de avenida principal, "o palco aproxima-se da Sé e este ano volta a recuar para acomodar mais espectadores, haverá grandes écrans no recinto", promete Pedro Alves que preside à Viseu Marca, uma sociedade entre a autarquia e as associações empresariais do concelho. A Viseu Marca nasceu em 2016, à época gerida por Jorge Sobrado que assinou grande parte das alterações. Colocado na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento do Norte, Sobrado não esteve disponível para falar ao Expresso, mas foi dele a batuta que organizou o mais recente *layout* da feira. As portas de entrada foram renovadas, as luzes redesenhadas, recuperou-se autenticidade.

Nova bilhética, as farturas ficam arrumadas num quadrado dos 7,5 hectares do recinto, plataformas para televisão e até um *lounge* para patrocinadores e convidados. E comezainas, com vinho do Dão como obrigação da restauração. Conta Luís Fernandes, um dos historiadores da Feira de São Mateus, "o hábito de consumir enguias de escabeche começou em inícios do século XX, e já em 1927 a imprensa relatava o peixe como um dos populares pitéus, à época existiam 10 barracas de venda". E já em 1931 nasce a "Rua da Murtosa", vila pesqueira onde nasceria, em 1942, a COMUR, que em 2016 botou loja, das finas, na feira franca. Mas a COMUR cava mais fundo no mar desta história e é bom saber que esta empresa familiar organizou as fritadeiras e promoveu a barrica, primeira de madeira, depois de metal, onde o escabeche abunda e nadam as enguias previamente fritas, para as transportar para a feira.

Tradição que nunca escapou à feira, mesas postas, toalhas aos quadrados, palamenta a preceito e prato rústico para molhar casqueiro. Hoje, já não custam os 50 escudos de outros tempos, pagam-se a 20 e mais euros mas a paisagem permanece, em casas de riscas coloridas tais como as da Costa Nova. A gastronomia, salienta a investigação de Luís Fernandes, sempre marcou a feira. "Barracas de farturas e das enguias de escabeche, vitela de Lafões e o afamado vinho do Dão", escreve o historiador. "Desafogo do coração mirrado de nostalgia e consolo do estômago, autêntica montra de tentações, desde o algodão doce e dos chupa chupas aos furinhos dos chocolates da Regina". A Regina voltou, os furos também e, assume, Luísa Pires "a feira traz grandes tentações". Já Ana Fernandes reclama "farturas e um branco fresco". Mário Alves prefere os expositores do pavilhão multiusos, "grandes empresas e bons negócios".

Há quem se recorde, como Fernando Cabrita, de "fechar a feira, depois de um caldo de cebola", como quem diz, o "o último sair". Em 2019, Natércia e Rodrigo casaram-se na feira, a "desculpa perfeita para realizar um sonho de forma especial e única". Foram os primeiros Noivos de São Mateus. A feira é também sobe e desce, no carrossel e funicular. Com partidas regulares de meia em meia hora, o funicular faz a ligação entre o recinto do certame e a Sé, no alto da cidade, em 500 metros de carris.

Crianças de olhos brilhantes, graúdos de rifa na mão e todos à feira que este ano traz um novo festival de verão. O Mateus Fest tem como cabeça de cartaz os The Script, uma banda de rock alternativo de Dublin, Irlanda. A ideia é "combater uma lacuna no interior do país onde faltava um festival capaz de agregar um público jovem", defende Pedro Alves. É também a forma encontrada para "promover a feira internacionalmente, com grandes grupos musicais e chamar visitantes de Espanha e França", afirma o presidente da Viseu Marca. Gavin James, Fernando Daniel e Hybrid Theory são outros nomes que vão utilizar o novo palco, "puxado para cima do espelho de água, permite mais visitantes", acrescenta o gestor.

Em 2024 a feira "recebeu 1,2 milhões de visitantes, custou €2,1 milhões e deu lucros de €600 mil", aponta Pedro Alves. Os gastos são a preceito, "introduzem um *input* de €82 milhões na economia da cidade, €520 mil em programação e €320 mil em segurança e prevenção". O resto são custos com funcionários, comunicação, água e eletricidade. A "segurança é a grande obrigação, em 2023 tivemos um dia com 60 mil pessoas, um domingo franco em que foi preciso controlar as saídas para deixar entrar novos visitantes", aponta o gestor.

No palco os Calema e nos bastidores "todos os funcionários formados para lidar com grandes públicos e equipas divididas por sectores", aponta Alves. "A bilhética é controlada, não queremos correr riscos, preferimos conforto aos visitantes", destaca o presidente da Viseu Marca. A empresa tem ambições: "Estender o recinto para a Cava de Viriato, que permite ganhar nova dinâmica com mais espaço dos que os atuais 7,5 hectares." Afinal, "a feira decorre no centro da cidade e tem responsabilidades sociais", acrescenta Alves. Tal como antigamente, "o desporto é grande cartaz e movimenta 50 mil pessoas em diversas provas e competições", elenca o gestor.

É feira franca, verdadeira, há que aproveitar e venham todos, sentir o alarido por entre carrinhos de choque, carrosséis, restaurantes, barracas com farturas e algodão doce, exposições, e coisas da casa... Calçado, loiças e tapeçarias, roupas e mobílias. E palco para mostrar talentos e virtudes. Todos os anos há novas atrações e a feira mistura-se com a cidade. A feira é de Viseu e Viseu é da feira!

e@expresso.impresa.pt

ANO APÓS ANO, É GRANDE A ESPERA. PELO CARTAZ, PELOS RESTAURANTES, PELOS FEIRANTES, PELAS DIVERSÕES

QUIM BARREIROS “SOU DO MINHO, NASCI NO MEIO DAS FESTAS”

Que memórias de infância guarda das festas?
Sendo o meu pai acordeonista, ia com ele. Se houvesse um acordeãozinho, umas violas, já toda a gente dançava. Eu sou do Minho, nasci no meio das festas. Hoje há um concerto, seja de música popular ou música mais evoluída — até fadistas já estou a ver. O meu tipo de música é para a malta cantar, dançar, estar com o copinho na mão. Não é só a música: os carrinhos de choque, o carrossel e as farturas nunca mais saem da cabeça das crianças.

Qual é a melhor festa?
Não há maiores nem melhores. Há festas mais pequenas, há festas maiores, festas que ainda metem muito povo, mais velhos, outras que metem muita malta nova... Comigo, qualquer festa é uma festa. Atenção: o povo também tem de colaborar.

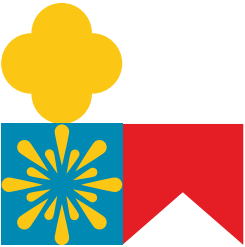
Onde é que se paga mais?
Com a experiência que tenho, já posso apalpar... "Quem é que esteve aí no ano passado? Ah, foi o Tony Carreira? Então já vi que há dinheiro, podem pagar."

O que pede para ter no camarim quando chegar?
Só água. Nas minhas festas não há álcool, nem permito a um músico meu que beba. Somos oito homens, portanto são oito jantares. Sou muito simples.

Quando tocou com José Afonso [no álbum "Com As Minhas Tamanquinhas", de 1976], chegou a pensar noutro rumo musical?
Isso foi um apêndice, não tem nada a ver comigo. Sempre fui da música popular e foi por isso que o Zeca me chamou. É isso que conservo, mas nunca pensei chegar onde cheguei.

Está atento aos novos músicos que bebem da música popular, como Chico da Tina?
O Chico da Tina não é um músico popular. Ele e outros rappers nasceram noutro mundo, representam esta época. Eu não: talvez as pessoas gostem de mim porque sou um homem de 76 anos, ando há mais de 60 nisto. Já venho de trás.

Que festas do seu Minho não podemos perder?
A da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo. As de São Bartolomeu, na Ponte da Barca. As de São João d'Arga, em Caminha. As de Nossa Senhora da Peneda. As Feiras Novas, de Ponte de Lima. Eu digo à malta: "vão às festas e levem os filhos pequenos."

PAULO ANDRÉ CECÍLIO

POR DENTRO DA ROMARIA

UM CASAMENTO COM O POVO DO MAR

Reza a lenda que em Matosinhos deu à costa uma das relíquias mais importantes da cristandade. A romaria do **Senhor de Matosinhos** tem cerca de 700 anos e mantém vivo o orgulho do povo do mar na sua terra

TEXTO **ANDRÉ MANUEL CORREIA** FOTOS **FERNANDO VELUDO/NFACTOS**

A lua cheia ilumina ainda mais a noite, já de si abrilhantada pelos néons dos carrosséis e das rulotes. O ar quente sopra e baralha o fumo das sardinhas e das febras com os cheiros das farturas e dos churros, do pão com chouriço e das bifanas, das pipocas e do algodão doce. O caldo verde não pode faltar, a cerveja e a ginjinha muito menos. Sagradinhas são também as rimas profano-picantes da música popular portuguesa. "E se a casa cair, deixa que caia, hoje eu vou amanhecer na gandaia": ouve-se Bandalusa, sente-se Portugal no seu estado mais puro no Senhor de Matosinhos.

O enorme vestido branco de Daniella não cabe no carrinho de choque. Ela e Agustín brilham na pista. "Olh'ó os noivos!" Os dois não passam despercebidos no meio da multidão. Partilham a felicidade que os une e contagiam toda a gente com sorrisos. "Já têm padrinho?", pergunta-lhes um amigável desconhecido. "Já, já. Obrigado", responde ele. Estão em Portugal há dois anos. "Fazemos um ano de casados e viemos fazer aqui a celebração. Estamos a adorar a festa e a divertir-nos muito", assegura Agustín Flores.

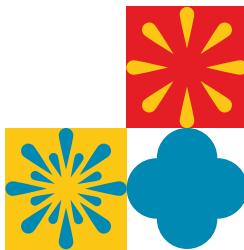
O casal fica espantado ao ser interpelado pelo Expresso. "A vergonha é um pouquinho grande, até um jornal nos encontrou aqui. O melhor é escrever o artigo em português e espanhol. As nossas famílias vão achar um máximo", atira, entre risos, Daniella Caruso. Ela é brasileira, nascida há 26 anos em Araraquara, no interior de São Paulo. Ele é mexicano, natural de Guadalajara, e tem 29. "Fiquei noiva ainda no Brasil. Fui eu que fiz o pedido", conta ao Expresso. "Não, não, isso é *fake*", contesta, num tom brincalhão, o marido. "Eu pedi primeiro, mas não tinha dinheiro. Uma semana depois ele comprou o anel e pediu-me em casamento", esclarece Daniella, a primeira a chegar a Portugal, em fevereiro de 2022. "Fiquei sozinha esperando. Ele falava que ia vir, mas nunca mais vinha. Eu achava que ele estava me deixando, mas finalmente ele chegou em agosto de 2022", relata a jovem. Daniella e Agustín casaram no dia 26 de maio de 2023. "O vestido e o fato foram tão caros que era uma pena guardá-los. Decidimos vestir-nos novamente de noivos para comemorar o primeiro aniversário", explica Daniella.

A pequena Matilde tem apenas dois anos e está toda contente por ter tirado uma fotografia com o Pikachu. Antes disso, já tinha conseguido convencer o pai a dar umas voltinhas na roda gigante. "Ela gostou muito, eu é que não apreciei tanto, por ter vertigens, mas é preciso fazer sacrifícios pelos filhos", salienta Rafael Soares, de 36 anos, para quem "não podem faltar os doces e os carrosséis" no Senhor de Matosinhos. "É uma alegria para as crianças, e manter a tradição também é importante para o povo", comenta.

Mais à frente, Filipe está aos tiros a ver se caça alguma coisinha para a sua mais que tudo. "A pontaria estava afinada! Deu para um peluche", diz o folião de 36 anos, um debutante no Senhor de Matosinhos. "É engraçada a festa! É boa para a população. Anima e une as pessoas", realça Filipe Dominguez, abraçado a Joana Paquete, presença assídua desde a infância no arraial, realizado este ano entre 10 de maio e 2 de junho. "Agora, com esta idade, gosto mais das barraquinhas de comércio tradicional. Encontramos coisas muito giras no artesanato", destaca a matosinhense de 39 anos.

Sardinhas, febras, farturas e uma enorme multidão fizeram a festa de Matosinhos este ano

"A melhor festa do país"

Santos há muitos, mas Virgínia garante que aqueles de cerâmica que pinta à mão "são únicos" no mercado. "Trabalho com arte sacra e o meu estilo é uma reprodução do barroco", conta a artesã de 77 anos e que há 16 nunca falha esta romaria. "É a melhor festa do país! Apanha todo o norte e vem muita gente também do sul e do centro. Mesmo que não se venda tanto, é sempre excelente para divulgar o meu trabalho", enaltece. Na sua banca, o Santo António é o mais procurado, mas "o pobrezinho de Assis também tem muita saída", tal como a Nossa Senhora de Fátima.

Então e o Senhor de Matosinhos? "Cada miniatura em íman custa €4, mas para si não custa nada. Vou já pôr num saquinho", apressa-se a gentil senhora, enquanto enfatiza o quão apreciada é no estrangeiro a cerâmica portuguesa. "Nós somos muito criativos. Não somos apenas os descendentes de navegadores valentes. Temos grandes artistas e artesãos em Portugal, só que muitas vezes só se valoriza o que vem de fora", lamenta Virgínia Santos, que de Matosinhos seguirá para a Feira Medieval de Santa Maria da Feira.

O Senhor de Matosinhos é bom padroeiro para as farturas da família Armando. "O negócio está a correr bem este ano. Para comer e beber há sempre dinheiro. As festas populares trazem alegria às pessoas e isso não tem preço. Festa é festa e não se faz contas", sentencia a proprietária Maria Correia, ao mesmo tempo que serve mais uma dúzia de churros por €10. "As farturas fininhas são uma loucura", sublinha a comerciante. "Podem procurar em todo o lado, mas não vão encontrar farturas como as minhas", assegura.

Na barraquinha do Café Elétrico também não há cá falsa modéstia e é bem visível o cartaz que anuncia as melhores bifanas de Matosinhos. "Não sou eu que o digo, são os clientes. Ora, prove lá uma", diz Fernando Martins. "O problema é que não se consegue comer só uma", nota o dono, enquanto já vai abrindo e molhando o pão para nos servir a segunda. "O Senhor de Matosinhos é a única festa que compensa. Temos um mês inteiro e é ótimo para o negócio", diz o homem de 63 anos e de avental vermelho.

Ali bem perto, Joaquina Queirós garante que "a sardinha este ano está um espetáculo. Ainda não está a 100%, mas já se come muito bem", afiança a proprietária do restaurante ambulante Romeiro Lavrador. Afirma que o Senhor de Matosinhos é a "melhor festa para o negócio" e "trabalho é coisa que não falta". Já Teresa Pinto, que há 40 anos vende doces tradicionais nesta romaria, refere que este ano "há menos poder de compra e as pessoas não gastam mais do que €5 ou €10". Na sua banca, os bolinhos de amor são os que atraem mais pretendentes, mas as fogaças e, sobretudo, os caladinhos também "põem muita gente a falar bem deles".

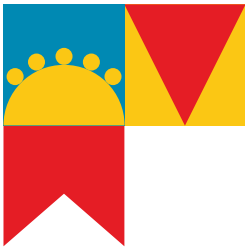
Salvador puxa de toda a força que tem para enfiar um soco na bola de boxe. "Gosto muito das máquinas dos murros", conta o rapaz de cinco anos. "Já tem força", frisa o pai, um devoto da sandes de leitão, iguaria que não pode ir a seco. Até é pecado. "É preciso empurrar com uma Super Bock, claro". Só uma? "Por enquanto", atira Daniel Silva. "É importante manter viva a cultura popular. É bom ver que as pessoas ainda têm orgulho nas suas raízes", defende o gaiense, já em estágio para o São João.

Um Cristo perfeito deu à costa

O Senhor de Matosinhos é "uma das mais antigas e maiores romarias entre o Douro e o Minho" e "há registos da festa desde o século XVI, embora seja provável que já existisse desde o final da Idade Média", começa por explicar Joel Cleto. "Existem documentos a provar que no início do século XIV a fama do Senhor de Matosinhos já tinha ultrapassado as fronteiras do reino. Já vinham pessoas em peregrinação da Galiza até Matosinhos", contextualiza o historiador.

Mas quem é, afinal, o Senhor de Matosinhos? "Em termos de devoção, é uma das imagens mais antigas de toda a cristandade. Há outras tão ou mais antigas, mas há muito tempo que deixaram de ser cultuadas. Algumas foram roubadas ou destruídas, outras não foram poupadas pelo bicho da madeira. Além disso, ao longo do tempo, houve mudanças de gosto do ponto de vista escultórico e as imagens foram substituídas", comenta Joel Cleto. "A imagem do Senhor de Matosinhos é uma relíquia e por isso é que nunca foi substituída. Só foi sendo pintada ao gosto de cada época. No século XVIII chegaram a enfiar-lhe uma cabeleira barroca, mas continuou sempre a ser uma representação muito naïf, sem nenhum realismo anatómico", observa o historiador.

"O negócio das farturas corre bem, para comer e beber há sempre dinheiro", sentencia Maria Correia, à direita; a bola de boxe é um dos inúmeros entretenimentos: "Gosto muito das máquinas dos murros", diz Salvador

Para perceber a relevância do Senhor de Matosinhos é preciso abandonar a factualidade histórica e mergulhar no mundo encantatório da lenda. "Com base nos evangelhos, Nicodemos e José de Arimateia foram os anciãos que tiraram o corpo de Cristo da cruz, o levaram para o sepulcro e o envolveram no sudário", narra Joel Cleto. "Foram estas duas personagens que guardaram todos os objetos ligados à Paixão de Cristo, as mais importantes relíquias do cristianismo. Segundo a lenda, foi Nicodemos que guardou o sudário — o lençol onde milagrosamente ficou estampada a imagem de Jesus — e, como tinha muito jeito para trabalhar em madeira, esculpiu algumas imagens de Cristo. Umas versões dizem que fez três, outras quatro ou até cinco. Só que, por ser perseguido pelos judeus e pelos romanos, tentou livrar-se de tudo o que o pudesse indiciar ser cristão. Pegou nas imagens e atirou-as ao mar", relata o autor do livro "Senhor de Matosinhos: Lenda, História, Património".

NUMA BANCA DE ARTESANATO, SANTO ANTÓNIO É O MAIS PROCURADO, MAS "O POBREZINHO DE ASSIS TAMBÉM TEM MUITA SAÍDA"

E as lendas, por serem criadas pela imaginação da população, são sempre muito bairristas. "Então, a primeira e a mais perfeita imagem de Cristo esculpida por Nicodemos ficou a boiar nas águas do Mediterrâneo, fez uma longa viagem que atravessou todo esse mar, passou o estreito de Gibraltar e no dia 3 de maio do ano 124 chegou à praia de Matosinhos", desvela Joel Cleto. Só que Cristo deu à costa sem um braço. "A população levou a imagem para a igreja, mas nunca se conseguiu fazer um braço para colmatar aquela falta. Ou o braço não encaixava, ou não ficava bem, ou no dia seguinte já tinha caído. A imagem recusava ter outro braço."

E assim permaneceu durante 40 anos, até que uma mulher muito pobre foi à praia de Matosinhos buscar lenha que o mar atira. "Quando chegou a casa, pegou num desses pedaços de madeira e atirou-o ao fogo para alimentar a lareira. Mas, por mais que insistisse, aquele pedaço de madeira saltava sempre do fogo. Foi aí que a filha, subitamente, lhe disse para não queimar o pedaço de madeira porque aquele era o braço que faltava na imagem de Cristo", conta Joel Cleto, enquanto com a voz faz um efeito sonoro para criar suspense. A revelação que se segue assim o exige. "Tan-tan-tan-tan! A miúda era surda e muda desde que nascera até que, milagrosamente, começou a falar nesse momento. O pedaço de madeira encaixou na imagem, de tal forma que hoje não se consegue notar qual é o braço que se tinha partido", completa o historiador.

A narrativa é épica, mas historicamente, clarifica Joel Cleto, "não há grandes dúvidas de que a imagem, com muita tradição românica, datará do final do século XII ou do início do século XIII". Todavia, frisa o historiador, é a lenda que sustenta a "grande identificação das gentes de Matosinhos com esta figura, porque também ela foi trazida pelo mar".

E a tamanha devoção atravessou a imensidão do Atlântico. "Há uma fortíssima presença do Senhor de Matosinhos no Brasil", evidencia o historiador. "Uma grande parte dos portugueses que nos séculos XVIII e XIX emigraram para o Brasil saiu do norte. A igreja matriz de Matosinhos foi, para muitos, o último sítio que pisaram em solo nacional e levaram com eles a devoção ao Senhor de Matosinhos", lembra Joel Cleto, destacando que, no Rio de Janeiro, "a rua onde as escolas de samba se formam e que conduz ao sambódromo chama-se Rua Senhor de Matosinhos".

Mas onde o culto é mais forte é em Minas Gerais. "Há mais de 30 igrejas dedicadas ao Senhor de Matosinhos naquele estado e uma delas está classificada pela UNESCO como património cultural da Humanidade — é o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas", aponta o historiador.

Algo que distingue o Senhor de Matosinhos de outras festas populares é o tradicional espetáculo do fogo dos bonecos, movidos através de propulsão pirotécnica: o rebentamento de foguetes faz mover as rodas que suportam o boneco, até que a cabeça explode. "Há muita crítica social: há o estouro do carpinteiro, do pescador, do polícia, do bispo... É muito democrático. Ninguém escapa ao estouro", brinca Joel Cleto.

amcorreia@expresso.impresa.pt

O MARISCO DA RIA FORMOSA

A câmara de Olhão não tem dúvidas. O Festival do Marisco da cidade "é o maior evento gastronómico do sul do país". Assim será. Mas é também uma iniciativa que, ao longo dos anos, foi apostando cada vez mais no cartaz musical. Pelo menos numa perspetiva de apelo ao grande público. Não fosse este, como os outros festivais do verão algarvio, um evento que procura atrair turistas e dar destaque à localidade onde decorre. Este ano, na 36ª edição, o festival apresenta nomes como Calema, Ana Moura ou Diogo Piçarra. Gostos musicais à parte, o motivo das festas é mesmo a gastronomia. E, em particular, as espécies que têm a ria Formosa como *habitat* natural. Lingueirão, berbigão, vários tipos de amêijoa e conquilha são algumas das propostas mais comuns à venda nas inúmeras barracas de comida, confecionadas na hora. Também é possível encontrar e comer lagostas, santolas, ostras ou camarões de diversos tamanhos. O festival realiza-se no jardim do Pescador Olhanense, na marginal precisamente sobre a ria Formosa. E a entrada é paga — diariamente custa €10 para os adultos e €5 para as crianças. Há ainda a opção de compra do bilhete semanal, por €45 (adultos), que possibilita a entrada em qualquer dos dias do evento, que em 2024 vai decorrer entre 10 e 14 de agosto.

A ligação de Olhão à ria é óbvia, a começar pela proximidade física. E é nesse pedaço de mar — separado do Atlântico pelas ilhas-barreira — que muitas das gentes da cidade ainda hoje encontram o sustento. Mesmo não sendo mariscadores, basta uma cana de pesca para da água tirarem sargos, douradas ou robalos. Há ainda os que encontram nos turistas os clientes para o negócio, como os condutores de mar-táxi, que transportam passageiros até às ilhas e de volta a terra. A este mercado ainda não chegou a Uber ou qualquer outra empresa do género. Foi essa a inspiração da câmara de Olhão para dar início ao Festival do Marisco, que se tornou em ponto de passagem (quase) obrigatório para quem escolhe o Algarve para passar as férias. A notoriedade do evento é tal que, em alturas de campanha eleitoral, os políticos fazem questão de o visitar. Mesmo sem eleições no horizonte, é habitual por lá encontrar governantes. Da mesma forma, não é incomum dar de caras com alguma figura pública mais mediática. Como aconteceu em 2019, quando as redes sociais se encheram de fotos e vídeos de Neymar no festival. O jogador de futebol chegou inclusivamente a subir ao palco durante a atuação da também brasileira Paula Fernandes. Nesse mesmo ano, Dolores Aveiro, mãe de Cristiano Ronaldo, também por lá passou.

JOÃO MIRA GODINHO

NA ROTA DAS IGUARIAS

PUXAR A BRASA À NOSSA MESA

Da sardinha assada ao caldo do peixe, os ingredientes do mar são os favoritos nestes **Festivais de Gastronomia** dedicados aos sabores, receitas e tradições locais. Mas petiscos alentejanos, leitão, caracóis e maranho também alimentam romarias gastronómicas de verão

ANA MARIA FONSECA

Sinónimo de bom tempo e descontração, o aroma da sardinha a assar sobre o carvão anuncia que há festa estival sobre a brasa. Com música a animar as tainadas e o calor a pedir bebidas frescas para acompanhar, estes populares festivais de verão dão a conhecer os mais típicos produtos e confeções regionais, mas também a criatividade capaz de oferecer novas abordagens a ingredientes de sempre. Arma-se a tenda, monta-se a bancada, conjugam-se as mesas com bancos corridos e dispõe-se o carvão sobre a grelha enquanto se aguarda que a faina traga a lume peixe e marisco fresco que haverá de alimentar corpo e alma a quem vem com apetite para a festa. Ao som de música e animação, cheiram e sabem a verão estes festivais gastronómicos onde ganham destaque descontraídos petiscos com sabor a mar, embora seja também tempo de percorrer tabernas no Alentejo e provar caracóis, leitão e até maranho.

Diz o ditado que o mais popular peixe miúdo nacional se quer pequenino, mas este ano, em plena época estival, o Festival da Sardinha aumenta de tamanho. Celebrando o centenário da elevação de Portimão a cidade, em 2024 conta com 600 m de diversão. Instala-se na zona ribeirinha de 30 de julho a 4 de agosto, adicionando um dia ao habitual calendário gastronómico. Uma sardinhada à antiga, precedida da recriação histórica da tradicional descarga à canastra, ritual comum e pitoresco que terminou há cerca de quatro décadas, quando o porto de pesca transitou para a margem oposta do rio Arade, marcam o dia da inauguração, 30 de julho, mas a promessa de sardinha rechonchuda a escorrer sobre o pão ou a batata cozida é uma constante em todos os dias do certame. No recinto, cinco restaurantes, a cargo de associações do concelho, servem uma dose de sardinha — cinco peixes, pão, batata e salada à algarvia — por €10,5. Existe ainda a promessa de provar diferentes abordagens ao peixe miúdo elaboradas por chefe locais que prometem trabalhar criativamente a sardinha. No final de cada *show-cooking* — o programa está ainda a ser ultimado — é possível provar as diferentes receitas confecionadas. Há doçaria regional para encerrar o repasto e a entrada, diariamente das 18h à meia-noite, é livre.

Poucos dias depois e a curta distância decorre outro dos mais concorridos eventos gastronómicos do Algarve. O jardim do Pescador Olhanense acolhe de 10 a 14 de agosto o Festival do Marisco de Olhão, uma ode aos melhores ingredientes provenientes da costa algarvia e da ria Formosa. Paelha, arroz de marisco ou de lingueirão, camarão, lagosta, lavagante, amêijoa-boa e conquilha marcam presença nesta 36ª edição. As receitas são variadas, tal como as melodias que animam todas as noites do evento: Calema, Ana Moura, Plutónio, Diogo Piçarra e Maninho são artistas convidados. Os bilhetes diários custam €10.

Epopeia do bacalhau e cozinha à portuguesa

Caso o bacalhau seja mais a sua praia, rume a Ílhavo. Além de saborear o fiel amigo nas mais diversas declinações, pode apreciar a arte xávega, que ainda hoje preserva técnicas e rituais de antigamente, e conhecer as epopeias marítimas empreendidas pelos pescadores em mares distantes — a pesca ao bacalhau na Terra Nova terá começado no século XV — para fazer chegar este pitéu às mesas lusas. O Festival do Bacalhau homenageia este legado patente no Museu Marítimo de Ílhavo — onde habita um singular aquário de bacalhaus — e também à mesa. No jardim Oudinot, na Gafanha da Nazaré, há dez tasquinhas para provar variadas receitas com tradição — como a feijoada de samos e o bacalhau à confraria, as línguas de bacalhau e o pão de Vale de Ílhavo com bacalhau — e um pavilhão onde o fiel amigo conhece abordagens mais contemporâneas pela mão de diversos chefes nacionais. O programa ainda não está fechado, mas é já certo que envolva atividades náuticas, jogos tradicionais, histórias antigas contadas por antigos tripulantes e visitas ao Navio-Museu Santo André. Acontece de 14 a 18 de agosto, com entrada livre.

Quem prefere variedade encontra em Vila do Conde sabores para todos os gostos na Feira de Gastronomia que reúne, em bancas e espaços improvisados de restauração, receitas típicas provenientes dos mais diversos pontos do país. Com entrada livre, a Feira de Gastronomia ocupa os jardins da Avenida Júlio Graça de 16 a 25 de agosto. Além de provar a diversidade nacional, em restaurantes, petisqueiras e tabernas, existem mais de 70 *stands* para exposição e venda de produtos da gastronomia tradicional portuguesa, bares e esplanadas, demonstrações, provas gastronómicas comentadas e exposições. Antes ou após provar, consulte a livraria exclusivamente dedicada a obras de âmbito gastronómico.

Caracol sem limites

Hambúrguer de caracol no bolo do caco, caril de caracol com espuma de beterraba, húmus de caracóis com palitos de legumes, chili de caracoleta, farinheiro ou coentrada de caracol, favas com caracoletas, caracoleta salteada com morcela, maçã e espinafres de Bucelas... a criatividade não tem limites na cozinha dos espaços aderentes ao Festival do Caracol Saloio, estacionado no Parque Verde do LoureShopping, no Infantado, entre os dias 26 de junho e 16 de julho. Com entrada gratuita, também está assegurado o petisco confecionado de forma tradicional, para picar, além de rulotes de *street food* e produtos regionais, artesanato, música ao vivo e animação infantil.

Outrora associado a dias de festa e casamentos, na Sertã, julho é mês de degustar a mais emblemática receita da terra, com Indicação Geográfica Protegida (IGP). Confecionado com produtos locais, de forma artesanal e ainda cosido à mão na "bandouga", nome dado localmente ao bucho de ovinos e caprinos, tanto serve de entrada como de prato principal. Prove-o no Festival de Gastronomia do Maranho da Sertã, de 18 a 21 de julho, com música — Os Quatro e Meia, Táxi, Slow J e Gisela João integram o cartaz — a enquadrar espaços dedicados à degustação de maranho e às tradições, usos e costumes concelhios.

Tabernas alentejanas e receitas ancestrais

Em Grândola, o formato incomum deste périplo gastronómico convida a percorrer diversas tabernas, durante os meses de junho e julho, em busca dos mais genuínos petiscos alentejanos. De terra em terra, em tabernas e casas tradicionais, a cada quinzena há um novo espaço de portas abertas com petiscos típicos da região em ambiente descontraído. Cachola de porco e açorda de beldroegas servem-se a 15 de junho na taberna A Venda, na Silha do Pascoal; a 22 de junho abre portas o café Ruas, na Azinheira dos Barros, com coelho bravo frito e chocos de coentrada. Em Santa Margarida da Serra, a 28 de junho a Corte Pequena prepara petiscos como a fritada de cachola, os miolos fingidos e o rabo de touro estufado. Prossiga, no dia seguinte, para a Taberna dos Mosqueirões onde pode saborear moelas em molho ou salada de bacalhau com pimentos. A Rota das Tabernas termina a 5 de julho no Café da Mina, na Aldeia Mineira do Lousal. Salada de grão com bacalhau, choco frito e frango à mineiro são delícias servidas, tal como em todas as tabernas do percurso, a partir das 20h e com direito a animação musical da região.

Rumar à mística e tranquila atmosfera açoriana é sempre uma boa ideia, ainda que seja para visitar o local mais famoso do arquipélago desde que o streaming deu a conhecer ao mundo a insólita história de Rabo de Peixe. É nesta localidade de São Miguel que decorre o Festival do Caldo de Peixe, capaz de unir a comunidade em torno da cultura intimamente ligada ao mar. De 26 a 28 de julho, o convite é para degustar vários caldos de peixe, elaborados a partir de receitas ancestrais, mas também abordagens mais ousadas, sempre com o mar no horizonte, como as tapas de peixes como a cavala, a veja, o peixe-porco o chícharo e o atum. Tradicionalmente, o caldo de rabo de peixe, também chamado à pescador, é elaborado com batata e peixes considerados menos nobres, como a cavala, o chicharro ou o peixe-porco. O acesso à zona gastronómica é livre, embora requeira consumo mínimo de €5. A festa decorre no alpendre do maior porto de pesca da região, onde, garante a organização, se avista um pôr do sol deslumbrante.

e@expresso.impresa.pt

OUTROS FESTIVAIS

FESTIVAL DO PERCEVE DE VILA DO BISPO
Vila do Bispo
7 a 9 de junho

FESTIVAL DA SARDINHA
Figueira da Foz
21 a 30 de junho

FESTIVAL DO ATUM, DO GAIADO E DO MARISCO
Caniçal, Machico
7 a 9 de julho

FESTIVAL DA SARDINHA
Praia do Pedrógão
4 a 7 e de 11 a 14 de julho

FESTIVAL DA SARDINHA
Costa Nova, Gafanha da Encarnação
18 a 21 de julho

FESTIVAL DO MARISCO
Costa Nova, Gafanha da Encarnação
1 a 4 de agosto

FESTA DO LEITÃO DA BAIRRADA
Águeda
Agosto a setembro

Em 2023, visitaram o Festival do Percebe mais de 8 mil pessoas. Foram consumidos 4170 kg de marisco, sendo 1250 kg de percebes

FOTO D.R.

PORTIMÃO CELEBRA A SARDINHA

A apanha da sardinha, em Portimão, não é uma atividade económica, é uma tradição. As traineiras que saem para a faina já não serão tantas como no passado, mas a cidade continua intimamente ligada à espécie e à época de pesca da sardinha é sempre aguardada com ansiedade pelos homens do mar. Em 1985, a câmara local decidiu passar a festejar esta arte e criou o Festival da Sardinha de Portimão. Uma iniciativa que começa no primeiro fim de semana de agosto — altura em que mais pessoas estão no Algarve, a gozar férias — e permite a principal atividade que se pode ter com as sardinhas, para quem não é pescador: comê-las, assadas no carvão e, de preferência, à mão, a pingar no pão.
No passado, os homens iam à pesca e as mulheres trabalhavam na indústria conserveira. Ambos os sexos lidavam praticamente apenas com uma espécie: a sardinha. Nos anos 80, com a popularização do Algarve como destino turístico, a restauração ganhou peso como atividade económica. E surgiram os restaurantes 'de baixo da ponte' do rio Arade. A especialidade? Claro, a sardinha assada. A 'receita' generalizou-se, pela cidade e mesmo por todo o Algarve — a oferta procurou acompanhar a elevada procura —, mas ainda é possível ir aos antigos restaurantes (entretanto remodelados) e encomendar uma travessa de sardinhas. Servidas com batatas cozidas com casca e salada. E é este o principal prato no menu do Festival da Sardinha.
Como em todos os festivais de verão, há um palco com música e este ano a 28ª edição, que se realiza entre 30 de julho e 3 de agosto, conta, por esta ordem, com Áurea, Sara Correia, Anjos, Richie Campbell e Marisa Liz. Em 2023, cerca de 100 mil pessoas passaram pelo recinto — que tem entrada livre. No primeiro dia, realiza-se uma recriação histórica da descarga da sardinha na zona ribeirinha de Portimão — algo que já não acontece, desde que foi criada a lota na margem oposta do rio. Associações locais e voluntários, vestidos com os trajes tradicionais dos pescadores, falam com dizeres típicos e utilizam meios de transporte antigos. Sinal dos tempos, o Festival da Sardinha tornou-se um evento gastronómico sustentável, com a recolha dos restos alimentares para produção de fertilizantes naturais, e a separação de plásticos e papel para reciclagem. Inserido na celebração dos 100 anos de elevação de Portimão a cidade, a edição deste ano inclui uma área para descontrair junto ao rio, com o dobro do tamanho (600 m^2). Aí haverá atividades relativas ao festival e às celebrações do centenário, adianta ainda a autarquia. O orçamento total — com IVA incluído — ronda os €570 mil.

JOÃO MIRA GODINHO

A FESTA MAIS PEQUENA DO PAÍS

TABUAÇO RESISTE

A vila viseense perdeu mais de mil habitantes na última década, mas conserva as tradições populares de sempre. A **Romaria a São Mamede**, de Paradela e Granjinha, será das festas populares mais pequenas do país

INÊS LOUREIRO PINTO

Aconchegado entre o rio Douro e a paisagem beirã, Tabuaço guarda a freguesia mais pequena de Portugal continental. 99 pessoas vivem na união de freguesias de Paradela e Granjinha, dizem os Censos de 2021. Em 2011, eram quase o dobro. O padre da freguesia acha que são ainda menos dos que os números oficiais. "Em Granjinha, tenho habitualmente três a seis pessoas na missa; duas são jovens com menos de 20 anos, as outras de 75 anos para cima", descreve Tiago Machado, pároco das igrejas de Paradela e Granjinha.

No verão, as calçadas de Paradela e Granjinha ganham "muito mais vida", seja pelas visitas ao mosteiro românico de São Pedro das Águias, erguido no século XII, pelo regresso de quem vive noutros concelhos mais populosos do país, para férias, e sobretudo pelos emigrantes que vivem o "querido mês de agosto" na terra natal. Sérgio Ferreira, presidente da junta de freguesia, aponta que são emigrantes em Espanha quem está a organizar as festas populares deste ano, mediante um grupo numa rede social chamado "Paradela e sua gente", que tem quase quinhentos membros.

As romarias ocorrem de 15 a 18 de agosto em honra de São Mamede, protetor dos animais, e este ano também será homenageada Santa Filomena, que tem uma capela em Granjinha. A romaria segue uma "fórmula simples", explica Tiago Machado, com a celebração de uma missa em honra do santo, uma pequena procissão com andores e a devida festa profana. Sérgio Ferreira garante que "mesmo que não haja festa, missa há sempre. Antes com muita gente, que foi embora em busca de vida melhor". Há semanas, Paradela celebrou o seu padroeiro, o Divino Espírito Santo, por iniciativa do jovem padre — "dizem os antigos que nunca tinham visto fazer-se", nota Tiago Machado. "A vida das aldeias resume-se muito a isto: música, comes e bebes, uma festa simples. É pão e circo, como dizem os romanos".

A 23 de junho, a povoação de Paradela e Granjinha ruma a Tabuaço para ver a sua freguesia representada nas tradições de São João do concelho, de pouco mais de cinco mil habitantes. Um dos seus momentos altos é a Marcha Luminosa, que alumia a noite do 23 e onde desfilam as localidades. Manuela Martins, da Câmara Municipal de Tabuaço, explica que, apesar de o município comparticipar as participações, nem sempre todos aderem, por falta de pessoal (como no caso de Paradela e Granjinha) ou de interesse ("até as que têm mais jovens, hoje em dia é muito difícil participarem", aponta). Na tarde do feriado de dia 24, as 13 freguesias de Tabuaço desfilam com os andores dos seus padroeiros aos ombros. São à volta de 80 figuras bíblicas, "é das maiores

As romarias ocorrem de 15 a 18 de agosto em honra de São Mamede FOTO D.R.

na região", indica a secretária da vereação, que conclui que "este é dos eventos em que a Câmara mais investe para atrair turismo".

É difícil precisar quando começaram as tradições porque não há memória de não as haver. "O meu avô faleceu com quase cem anos e já em miúdo integrava as marchas", diz Manuela Martins. Além do nome, Sónia Castro e Sónia Resende partilham memórias de infância ligadas à celebração do São João. Hoje, ambas na casa dos 40, lideram os polos opostos, mas complementares, de uma tradição muito querida dos tabuacenses: os ranchos do Cimo e do Fundo de Vila, que respetivamente abrem e encerram a Marcha Luminosa.

Há uma rivalidade histórica entre os dois lados da vila de Tabuaço, que culmina todos os anos no dia 23 de junho. Sónia Resende, do Rancho do Fundo de Vila, diz que "é como o Benfica-Porto" — de facto, a marcha do Cimo desfila vestida a vermelho e a do Fundo de Vila a azul. Do Rancho do Cimo, Sónia Castro recorda que "antigamente chegava esta altura e as pessoas nem se falavam. Mal acabava a marcha, toda a gente se falava". Em 2022, a marcha do Fundo formou um túnel de aplausos durante o desfile do Rancho do Cimo de Vila, em homenagem à Madalena Longa, que faleceu em 2020. "Foi uma senhora excecional, a rainha do Cimo de Vila", descreve, emocionada, Sónia Castro. Com mais duas tabuacenses, coordena hoje o grupo de 60 marchantes que desfilam a 23 de junho de vermelho e preto. Os trajes, "de saia vermelha com barra preta, blusa branca, colete, lenço, chapéu, meia e chinelo", exibem símbolos da região como a uva, a laranja e a oliveira.

Colorida a azul, a marcha do Fundo de Vila conta com o mesmo grupo nuclear de marchantes há quase dez anos, com algumas adições bem jovens — o marchante mais novo tem três anos. "Tudo conta uma história e tem tudo a ver com o Fundo de Vila", da dança à música entoada, explica Sónia Resende. Os arcos e adereços vão sendo reciclados ano após ano, e os trajes, salvo remendos e atualizações, têm largas décadas. Para a tabuense, "é muito importante mostrarmos aos mais velhos que valeu a pena o empenho deles no passado, e partilharmos com os mais novos a paixão da tradição". Mesmo fazendo parte da marcha há quase trinta anos, Sónia Castro sente "sempre um bichinho que me morde dentro" na véspera da marcha e confessa que, no final do cortejo, nunca consegue conter as lágrimas: "foram muitas horas de trabalho, é uma emoção enorme".

As festas de São João em Tabuaço arrancam a 21 de junho e estendem-se até ao dia 29, com passagem direta para as festas de São Pedro. Manuela Martins, da Câmara Municipal de Tabuaço, conta que nos últimos anos têm recebido muitas visitas de todo o país, em especial do Porto, "onde o São João é mais forte".

FOTO RUI DUARTE SILVA

DIÁRIO DAS FESTAS DA MINHA VIDA

MAGNÍFICOS DIAS DE AGOSTO

A infância das **festas de verão** faz-se de ruas cheias carrosséis, algodão-doce, luzes e barulho. Vêm a seguir os cigarros escondidos, as noites de dança, cerveja, paixões. Por fim, chegam os encontros, reencontros e memórias

RAQUEL ALBUQUERQUE

Quando acordávamos ao som dos morteiros, sabíamos que a aldeia se preparava para entrar em três dias de grande festa. Desde o momento em que punha os pés em Argeriz, nos primeiros dias de agosto, vinda de Lisboa com os meus pais e os meus irmãos, já não largava a minha grande amiga que vivia lá o ano todo. Só voltava a ver os meus pais uns dias depois. A casa dela tinha sempre a porta aberta e com ela tudo era possível. Montávamos casas onde desse: por baixo de umas escadas, na adega, no telhado a ver o céu estrelado. Nos dias mais atarefados de preparação da festa, gostava de a acompanhar. Ajudava na cozinha a preparar doces, a cortar pimentos e batatas ou a ir buscar pães e folares à padaria. Também tratávamos da roupa para estrear no principal dia da festa: os rituais eram sempre os mesmos. A aldeia estava em êxtase, os cafés e as ruas ficavam cheias.

Nas festas de Argeriz, aldeia de Valpaços, Trás-os-Montes, faziam-se os jogos de futebol dos casados vs. solteiros e havia a procissão dos andores decorados a rigor. Mas o momento alto da festa era "o conjunto" que tocava à noite. O palco era montado ao lado do cemitério, num alto com uma vista incrível sobre a aldeia. Desse lado estavam os vendedores ambulantes, que eram a maior animação, e do outro, perto da Capela da Senhora do Pranto, as pessoas dançavam.

A subida para a festa era íngreme como uma montanha e, a meio caminho, já quase não nos ouvíamos por causa da música. As pessoas iam enchendo o recinto, sempre exposto ao vento gelado, e dançavam pela estrada fora. Das casas saía um cheiro a folar quente, a fumeiro, a pão acabado de cozer, a cabrito no forno a lenha. E na festa era a algodão-doce, tubo de escape e pólvora de fogo de artifício.

Um tempo depois, já com 13 ou 14 anos, a festa começou a ter um interesse diferente. Deixámos de fazer casas e começámos a achar piada aos miúdos que lá andavam. Eles ficavam sempre timidamente imóveis contra um muro a olhar enquanto nós dançávamos. E o espetáculo de foguetes marcava o fim dos concertos. Era hora de ir para casa da minha amiga comer folar, conversar, rir, e a noite acabava na padaria a fazer companhia aos amigos que preparavam o pão para a manhã seguinte.

Em Vale da Vila, aldeia de São João da Pesqueira, Viseu, agosto sabia a regresso. Os meus pais voltavam de França e esse momento de chegada era infinito. Eles diziam que quando passavam Vilar Formoso já lhes cheirava a casa. E assim que os emigrantes começavam a chegar, arrancava o peditório pela aldeia. Era dessas contribuições que se fazia a maior parte do dinheiro das festividades em honra de Nossa Senhora de Fátima, preparadas durante o ano inteiro pela comissão das festas nomeada no agosto anterior. As raparigas escolhidas — as mordomas — passavam o ano a fazer os enfeites de flores de papel que eram esticados de ponta a ponta por cima das estradas e presos aos postes da luz. A aldeia ficava toda florida.

Guardo de agosto a imagem do meu avô de camisa fresca e manjerico na orelha, a chegada dos meus tios e primos, os almoços e lanches de família, as brincadeiras na rua e no quintal da casa. Era o mês dos foguetes de cana lançados para anunciar as festas durante os primeiros 15 dias do mês, que batiam sempre com o feriado de 15 de agosto. No dia da festa, uma rajada de fogo às sete da manhã marcava a chegada da banda filarmónica, os cães ficavam excitados com o barulho do fogo e nós saltávamos da cama assim que a minha mãe nos chamava para irmos à janela. Guardo a imagem da procissão, dos enfeites, dos andores, das lágrimas pelas promessas, dos pedidos dos emigrantes pela sua saúde, da missa campal que antecedia a procissão.

Os dias de festa eram os dias das roupas novas em folha que cheiravam a França, um cheiro que mora em mim até hoje, e que vestíamos no dia da missa e da procissão. Recordo o convívio das tardes que antecediam as noites de festa, dos jogos tradicionais, da corrida de bicicletas, da corrida dos burros.

Rifas com brinde

É na infância que ficam as primeiras memórias das festas de agosto. São sinónimo de verão, calor, do tempo lento, dos meses de férias, da praia, campismo ou mergulhos no rio, das bicicletas, dos dias com os avós, irmãos, primos, amigos e vizinhos. Antes desse tempo fica outro, tão precoce que dificilmente deixa memórias das festas passadas ao colo dos pais ou de mão dada aos avós. É quando chega a liberdade que as festas ganham, pela primeira vez, sentido. As corridas infinitas com os amigos, os mundos paralelos inventados em cada brincadeira, a roupa colada às costas pelo calor, a música sempre rápida a tocar, os adultos de copos na mão a dançarem e o vento a agitar as lâmpadas e as decorações de papel. Ficam as memórias das moedas nos bolsos para comprar uma bola de algodão-doce, um churro, uma fartura ou uma rifa — aqueles quadradinhos de papel de cor que também enrolámos até serem tubinhos muito finos, dobrados ao meio no final, nunca com prémio. Mas quando calhava a sorte de sair uma rifa com brinde na quermesse, era difícil conter o desânimo antes de levar aos pais ou avós um leque velho, um candeeiro sem lâmpada, uma moldura antiga, um boné com publicidade ultrapassada ou uma pulseira de missangas.

É SEMPRE LONGO O BAILARICO, É SABOROSA A FEIJOADA. MELHOR AINDA SE FOR POR VOLTA DAS DUAS DA MANHÃ

No Parque de Campismo do Furadouro, em Ovar, os bailes de agosto eram ao sábado à noite. Os meus pais tinham lá uma rulote onde passávamos férias. Tinha sete, oito, nove anos, e as férias eram longas. Quinze dias eram passados em Portimão, o resto era no campismo. Esses sábados à noite eram o momento 'alto' da semana e aguardava-os com muita expectativa. Não é que me preparasse de alguma maneira para esses bailes. Ia com a mesma roupa que usava todos os dias — fatos de treino baratos e de cores berrantes. Os bailes aconteciam num recinto do parque, perto dos campos de jogos e da portaria. O piso era em cimento, o palco tinha uma espécie de toldo por cima, mas a 'pista' era ao ar livre. Havia cadeiras brancas de plástico à volta para as pessoas mais velhas poderem sentar-se ou para quem quisesse descansar entre canções, uma necessidade que, obviamente, sendo criança, nunca tinha. Corria o tempo todo de um lado para o outro, por entre as pernas das centenas de adultos que se moviam ao ritmo das canções entoadas por músicos amadores convidados e que oscilavam entre o pimba e as baladas das novelas.

Na Aroeira, na Charneca da Caparica, passei muitos verões com os meus avós. Muito marasmo, pouca televisão, muito tempo na rua. Ia para a praia durante o dia, logo muito cedo, ainda com cacimba. O meu avô ia dar uma cacholada e eu ficava na toalha vigiada pelas outras famílias que antes das oito

FOTO ANA BAIÃO

As tardes passam devagar, por entre partidas de cartas, jogos de petanca e conversas que se arrastam; as noites chegam a acelerar nos carrinhos de choque. É nas aldeias em festa que estão as nossas raízes, boa parte das memórias e muito do que somos

da manhã também já estavam na praia. Íamos para casa ao almoço, de carro, a ouvir cassetes do Marco Paulo, à tarde voltávamos para a praia e, ao fim do dia, íamos comprar peixe às redes dos pescadores. Os dias eram sempre assim e as noites, já depois de jantar, eram rematadas com uma ida à feira. Havia música e carrinhos de choque, mas nunca andava em nada. Só comia uma bola de algodão-doce. E uma vez comprei uma cassete do Netinho, daquelas que se vendiam nos expositores metálicos que giravam.

Paixões e cigarros escondidos

Em Vale das Fontes, uma aldeia inclinada em Vinhais, na véspera de 24 de agosto preparava-se a festa rija em honra de São Bartolomeu. Aos 15 anos, passava férias em casa dos meus avós maternos, rodeada de primos e de primos que conhecia desde sempre. As idades eram quase as mesmas, as hormonas em êxtase, dias e dias a catrapiscarmos outros iguais de forma trapalhona e atabalhoada, tentando esconder dos adultos as paixões arrebatadoras e inebriados pelo encanto da descoberta.

Na noite da festa, a banda mais famosa da freguesia começava a tocar no palco no adro da igreja, instalado nos únicos poucos metros quadrados que se podiam considerar horizontais e nivelados. Numa noite de 1986, o calor do verão transmontano, sem brisa, convidava a ficar na rua para o bailarico. O adro da igreja encheu-se. Nós, o bando de primos que incluía os residentes, os "avecs" e os "de Lisboa", escapámos para as ombreiras das casas em volta, dançando nos degraus estreitos e gastos das portas, que ofereciam alguma

FOTO FERNANDO VELUDO / NFACTOS

estabilidade aos pés, e cuja iluminação precária protegia, dos olhares dos adultos, os beijos e os abraços mais apertados.

Já a noite ia alta quando eu e o meu par fomos vencidos pelo cansaço da disputa por escassos centímetros quadrados de degrau. Resolvemos rumar a alguma terra de cultivo colada à aldeia. Escolhemos uma num ponto alto da aldeia que oferecia a paisagem do adro iluminado e um palheiro como sofá. Até hoje, aconchego aquele momento de ternura e paz, estendida no palheiro, de mãos dadas, com as costas aquecidas pelo calor do dia de sol que ainda se fazia sentir na palha, em silêncio solene, escutando os grilos, as fragas a estalar da diferença de temperatura, com as luzes do arraial lá em baixo e arregalando os olhos para as estrelas brilhantes no céu, contrastando com um azul-escuro, muito escuro. São muitas as vezes em que ainda hoje evoco essa memória de inocência, desejo, alegria, pertença, reverência e confiança no futuro.

À beira do mar

As festas de Ferrel, vila de Peniche, eram pequenas, num espaço reduzido e com pouca gente. Iam bandas que tocavam tudo, de pimba a metal ou música brasileira. Os palcos eram camiões pequenos e a festa acontecia ao pé do largo da igreja, todas as noites, durante uma semana. Não falhávamos uma noite e ficávamos até às sete da manhã.

Com 15, 16 ou 17 anos, íamos para trás do palco fumar às escondidas. Lembro-me do cheiro a tabaco no final da noite. Passávamos o tempo a dançar e íamos conhecendo alguns rapazes, mais ou menos sempre os mesmos de ano para ano, o que deixava a curiosidade de saber se os voltaríamos a encontrar uma outra vez. Eram festas à base de amigos, cerveja e muito frio, porque ali, como no Oeste em geral, não há uma noite de verão como se conhece no resto do país. Mas aquelas festas faziam dessas noites as mais importantes do ano inteiro.

À medida que a juventude se intensifica, o dia mais difícil é o que se segue ao da festa e as memórias mudam. Como as das festas de agosto em Fonte Boa dos Nabos, às portas da Ericeira. Para rematar os longos dias na praia, do mar para a toalha e da toalha para o mar, entre pranchas, amigos, namoradas e tendas no parque de campismo, vinham as longas noites no adro da igreja, passadas a dançar entre cervejas e invasões ao palco, depois de jantares bem regados de vinho. No fim, já com a noite avançada, os episódios de pancada entre os da terra e os que vinham de fora eram o fogo de artifício que encerrava a festa. No dia seguinte, todo o cenário voltava a repetir-se.

Depois de passada a euforia da adolescência e a intensidade da juventude, as festas ganham outras dimensões, mesmo sem nunca saírem dos mesmos sítios. Parece que encolhem e se transformam em lugares de encontros ou reencontros com o passado. E como passou a haver um único mês do ano em que estão todos — os que ficaram, os que saíram do país e os que se mudaram para as cidades — então também as festas de verão foram migrando de outros meses de verão para agosto. Para o "querido mês de agosto", como Dino Meira (1992) retratou na canção (1992) e Miguel Gomes no filme (2008).

Foi assim que na Bendada, aldeia do Sabugal, na Guarda, a romaria de Nossa Senhora do Castelo recuou de setembro para agosto. É nesse oitavo mês do ano que chegam os que deixaram o país. Há poucos dias, um emigrante, amigo de infância, segredava-me, emocionado, que, assim que se aproxima da aldeia, depois de mais um ano fora do país, uma espécie de arrepio estranho percorre-lhe a espinha e que as lágrimas espreitam no canto do olho. Ouvi e mantive-me em silêncio, pois comigo passa-se mais ou menos o mesmo, apesar de ser migrante, em vez de emigrante, e de estar apenas a algumas centenas, e não milhares, de quilómetros de distância.

É naquele lugarejo que estão as nossas raízes, uma boa parte das memórias da nossa infância, da adolescência, e muito daquilo que hoje somos. E é ali que, todos os anos, se repete a emocionante romaria até ao cimo da serra em honra de Nossa Senhora do Castelo, já em plena estiva, no meio do mês de agosto, a que se segue a procissão e a arrematação das ofertas. É sempre longo o bailarico, é saborosa a feijoada — melhor se for por volta das duas da manhã — e é sempre bem servida pela magnífica mordomia a quem cabe a organização de todo o evento, incluindo a disputada final de futebol entre solteiros e casados.

Quando chega setembro

Hoje, a minha amiga já não vive em Argeriz e o recinto da festa mudou de lugar. Há menos gente e, agora quando lá vou, já não passo tanto tempo longe da minha família. Aproveito o tempo de outra forma, mais calma, mas com a mesma intensidade. Continuamos a acordar ao som dos morteiros, a comer folar, a torrar ao sol para assistir aos jogos de futebol, a ver as acrobacias dos *motards* e a caminhar na mágica procissão das velas pela noite cerrada. Agora até há uma nova tradição, um novo marco da festa e que já faz parte do imaginário dos mais pequenos: aplaudir em êxtase a procissão de tratores que no dia da festa passa em câmara lenta por todas as ruas da aldeia decoradas com os cobertores estendidos à janela. Faz falta ver a aldeia cheia de gente, mas continua a ser uma grande festa.

Em Vale da Vila, agora, os filhos e os netos trazem à tona outras relações, com hábitos diferentes. Para uma criança, a aldeia continua a ser uma quinta pedagógica gigante. Para um adolescente, um refúgio. Eu hoje já não sou aquela criança que corria livre e jogava ao esconde-esconde nas ruas e montes, mas a memória fica.

O ciclo de vida à volta das festas de agosto vai-se fechando, lentamente, à medida que a vida avança. Retoma-se o mesmo lugar de observação que foi ocupado nas primeiras de todas as festas, ainda que já não ao colo dos pais ou da mão dada aos avós. Já lá vão mais de 60 anos, mas lembro-me dos rebuçados e das filas de harmónicas que eram vendidas para os rapazes tocarem. A festa em honra de Nossa Senhora dos Remédios, em Tuizelo, Vinhais, sempre foi uma grande festa. Esperávamos ansiosamente pelas cadeirinhas, que giravam na roda gigante. A miudagem das aldeias trazia todo o dinheiro que tinha para andar nelas. Hoje ainda é uma grande festa, mas já não há cadeirinhas, só carrinhos, e quando vou à terra, agora que as pernas já não ajudam, prefiro ficar por casa.

Nos últimos dias de agosto, em Vale da Vila, mal acabavam as romarias das aldeias vizinhas, as ruas recônditas dos tios velhinhos e dos familiares voltavam a ser percorridas para dizer adeus. Toda a gente queria enviar uma oferenda aos ente queridos: batatas, azeite, uvas, garrafas de vinho fino (Porto) forradas a papel de jornal, cebolas, amêndoas. Viam-se as carrinhas dos emigrantes carregadas, com a bola de reboque atrás, as bagageiras cheias. O fim do verão anunciava-se. As aldeias tinham estado no seu melhor, mas o barulho das tabernas até altas horas dava lugar às rotinas dos que ali moravam o ano inteiro. Já dizia a música do Dino Meira: "Meu querido mês de agosto,/ por ti levo o ano inteiro a sonhar,/ trago sorrisos no rosto/ porque sei que vou voltar." Os agostos mudaram as aldeias para sempre. E chegados a setembro, parece que as festas de agosto resumem a vida inteira.

Nota: Este texto foi escrito a partir de vários relatos de memórias de festas e feiras de verão pelo país fora e ao longo da vida.

ralbuquerque@expresso.impresa.pt

QUANTO CUSTA FAZER UMA FESTA

OS MILHÕES QUE PÕEM AS SARDINHAS NO AR

Uma banda a atuar em palco, um arraial iluminado, enfeites em forma de sardinha... As **festas populares** podem custar mais de €1 milhão aos municípios. As câmaras acreditam que são riquezas culturais

TEXTOS **DIOGO CAVALEIRO** E **GONÇALO ALMEIDA**

80 MIL EUROS EM ILUMINAÇÃO NOS ARRAIAIS DE SANTA MARIA MAIOR EM LISBOA

680 MIL EUROS GASTA A CM PORTO NO SÃO JOÃO

750 MIL VISITANTES NAS FEIRAS NOVAS, EM PONTE DE LIMA

€1,3 MILHÕES GASTOU A CM TOMAR NA FESTA DOS TABULEIROS EM 2023

A 10 de abril de 2022, Mário Formiga conseguiu a eleição que pretendia. A partir daquele dia era ele o responsável por organizar a Festa dos Tabuleiros, em Tomar, que se viria a realizar apenas no ano seguinte. O mordomo para a realização desta festividade é eleito de forma democrática pelos tomarenses, numa reunião pública, aberta a todos. É aos tomarenses que cabe também decidir se a festa se realiza ou não, porque o que se gasta não é coisa pouca.

Ao Expresso, Formiga diz que participa neste evento emblemático desde 1995, mas só no ano passado se estreou como mordomo. Foi ele um dos responsáveis pelo sucesso da festa, que trouxe perto de um milhão de visitantes à cidade. “Cabe-me a mim como responsável máximo da Festa dos Tabuleiros, manter a tradição e legá-la aos vindouros”, afirma o empresário de 52 anos, sublinhando o “orgulho” em tal responsabilidade.

De acordo com a plataforma Base, que reúne os contratos públicos feitos em Portugal, a Câmara Municipal de Tomar gastou qualquer coisa como €372 mil para a realização do evento, seja através de ajuste direto ou por consulta prévia. Mas a grande maioria dos custos não está prevista neste portal. Ao Expresso, o município diz que gastou €1,3 milhões na realização do evento, o valor mais elevado de sempre, aos quais se juntam quase €900 mil por parte da comissão organizadora. Grande fatia deste montante foi direto para aquilo que os olhos dos visitantes veem quando chegam à festa, como a montagem dos palcos, a decoração das ruas e o espetáculo. E é também devido aos elevados custos que a Festa dos Tabuleiros acontece só de quatro em quatro anos. Foi por isso que conseguiu escapar à paralisação imposta pela pandemia, já que a anterior tinha sido em 2019. Agora, só há mais em 2027.

“A Festa dos Tabuleiros envolve de alguma maneira quase todas as famílias do concelho. Só na feitura dos tabuleiros e dos enfeites para as ruas ornamentadas são muitos meses de trabalho, que começam mais de um ano antes da realização da Festa. Manter a qualidade deste evento, na organização do qual trabalham diretamente umas centenas de pessoas, mas indiretamente uns milhares, seria impossível em menos tempo”, explica o município, ao Expresso.

Outros grandes gastos foram um outro lado da celebração que poderá passar despercebido aos olhos do público. A segurança, as casas de banho portáteis e até o plano de comunicação são custos que têm de ser somados. E para estes três segmentos a Câmara Municipal de Tomar teve de contratar três empresas, por quase €150 mil.

Feitas as contas, o município gastou milhões, mas conseguiu reaver outro tanto de forma direta e indireta. A Câmara conseguiu reaver mais de €200 mil do investimento e a comissão organizadora ficou com lucro ligeiro, mas é na economia local que está o foco. “O impacto direto terá sido muito elevado, em especial nos sectores da hotelaria e restauração, mas também em muitas outras áreas que contribuem para a organização. E há ainda todo o impacto indireto que tem a ver com a exposição mediática de Tomar a nível nacional e internacional”, comenta o município.

De Tomar para Lagoa, no Algarve, vamos diretos para a Fatacil, feira anual que se realiza no mês de agosto. Questionada pelo Expresso sobre os custos e os proveitos da festa, a Câmara Municipal de Lagoa não respondeu, mas os contratos públicos pelo portal Base mostram um gasto de mais de €1,5 milhões, sendo que um terço do montante vai direto para a atuação de artistas.

No ano passado, a Fatacil pagou €401 à Domingos no Mundo, empresa sediada em Coimbra, para a contratação dos artistas. Subiram ao palco nomes como Richie Campbell, Diogo Piçarra, Bárbara Tinoco ou Mariza. A montagem dos *stands* custou €184 mil e a segurança do evento superou os €250 mil.

Concertos, cortejos e porcos

Este ano, Richie Campbell vai ao Crato, município alentejano que recebe um festival que anima o verão português, mas o cantor não vai só: Ornatos Violeta, Capitão Fausto, Jorge Palma, Ivandro e Slow J fazem parte dos concertos a que se poderá assistir — a lista de convidados do festival que decorre de 28 a 31 de agosto até é maior, mas, para já, são contratos de quase €190 mil para os espetáculos no festival, a que se soma a promoção radiofónica do evento. São encargos que, pelo menos parcialmente, são compensados pelo custo dos bilhetes, que variam entre os €12 e os €55, consoante seja para um dia, ou o passe geral para a feira de gastronomia e artesanato (e com espaço para acampamento).

Só que esses bilhetes também custam à própria câmara, para controlos de acessos e divulgação: qual o valor exato não se sabe, porque os €20 mil do contrato servem também para a ocupação do parque aquático e piscinas do concelho. O Expresso questionou a edilidade sobre o festival, mas não recebeu respostas até ao fecho da edição, nomeadamente sobre as despesas totais, até porque a música não é a única fonte de despesas de uma festa popular. Aliás, em Ponte de Lima, os contratos com as seis bandas fazem parte de um leque de outros encargos dispendiosos associados às Feiras Novas.

Há o fogo de artifício, há a iluminação decorativa, há o cortejo etnográfico (e, aqui, há pagamento às cerca de 25 juntas de freguesia que participam), há o cortejo histórico (com aluguer de fatos, pagamentos a grupos de dança e de teatro), há o festival de folclore (custos com os grupos), e há ainda o concurso pecuário (protocolos com associação de criadores e produtores de raças). Segurança privada, centro equestre, casas de banho portáteis, balneários móveis também por lá têm de andar, relata a Câmara.

A organização das Feiras Novas cabe a uma associação — a Associação Concelhia das Feiras Novas —, cuja despesa orçamentada é de €445 mil, acrescidos de impostos, dos quais a Câmara Municipal de Ponte de Lima atribui um subsídio de €180 mil. O município também cede pessoal para trânsito, limpeza, equipamentos, juntando aos 45 elementos da direção da associação e da comissão de festas.

São esperados cerca de 750 mil visitantes, e não só a economia de Ponte de Lima ganha com o evento: “Gera impacto significativo na economia local, ainda que sejam produzidos, sobretudo ao nível da hotelaria, um movimento positivo em concelhos vizinhos, dado que a capacidade hoteleira do Município de Ponte de Lima não é suficiente para dar resposta à procura”, segundo a Câmara. O mesmo também a nível de restauração e comércio: o centro histórico da vila é o mais beneficiado, mas “as grandes superfícies, restaurantes e lojas comerciais que se situam nas freguesias mais próximas da vila também registam um impacto maior do que é habitual da restante época do ano”.

AS MARCHAS TÊM CUSTOS: A MONTAGEM DA TRIBUNA VIP E PRESIDENCIAL NA AVENIDA DA LIBERDADE CUSTA MAIS DE €20 MIL

Lisboa e Porto anseiam pelos santos populares

De martelinho numa mão e com uma sardinha assada na outra, junho é sinónimo de festas populares no Porto. A cidade invicta recebe milhões de turistas, nacionais e estrangeiros, para a noite de São João, que se celebra de 23 para 24 de junho. Nestes dias, será preciso uma grande ginástica para furar entre a multidão que se espalha por várias zona do Porto.

Este ano, o orçamento da Câmara Municipal do Porto é de €680 mil, mais do que os €615 mil do ano passado. Ao Expresso, o município diz que a diferença se justifica com “a preocupação com a segurança, bem como com a programação das freguesias, que este ano se apresenta mais musculada”.

“Tendo em conta a descentralização dos palcos — que se distribuem pelo Largo Amor de Perdição, Jardins do Palácio de Cristal e Casa da Música — e a programação das freguesias, será difícil estimar um número de pessoas. Juntam-se ainda as pessoas que chegam à cidade, da Área Metropolitana do Porto, concelhos limítrofes e turistas nacionais e estrangeiros”, diz o município.

O Porto não está só, nem Ponte de Lima, nem Tomar, nem Lisboa: nenhum município antecipa quais as receitas das festas, feiras e festivais nos meses de verão; mas todos acreditam que a dinamização da economia nacional vai além das fronteiras municipais. Lisboa menciona as “dinâmicas que projeta não só na componente cultural, mas também na vertente social e económica, gerando ativos relevantes no consumo e na participação turística nacional e internacional”.

Os manjericos que vão parar aos vasos, as sardinhas em cartão (ou no grelhador), os desfiles, são tudo aspetos que envolvem muitas pessoas, e, mal acaba um ano de santos populares por Lisboa, já se preparam os seguintes. Na EGEAC, a empresa municipal responsável pelos eventos festivos de junho, há uma equipa de produção e programação de oito pessoas, que trabalha com equipas de outras direções, a que se juntam depois equipas externas e especializadas, “como operação de equipamento de som e luz e montagem de estruturas, bem como de acompanhamento de grupos e artistas”. Uma centena de pessoas, talvez, só aí.

Claro que este número não inclui os milhares de voluntários e profissionais que estão nos arraiais dos bairros, alguns dos quais, sob o concurso da Câmara (em que têm de respeitar “requisitos de segurança, higiene, ruído e ocupação de espaço público”), recebem apoios financeiro, logístico e de aconselhamento. Isto sem contar com a “montagem de palcos, equipamentos de som e luz, montagem de bancadas, ativações de marca, etc.”, mais as entidades, como autoridades policiais e de proteção civil, e os parceiros e patrocinadores, cada um com pessoas alocadas. Ao todo, a EGEAC prevê um custo de 1,2 milhões de euros, com o financiamento municipal de 35% do total, sublinhando que é um montante similar ao ano anterior.

As marchas populares têm custos, e a montagem da tribuna presidencial e VIP para estar na Avenida da Liberdade custa mais de 20 mil. Coisa pouca quando se compara com os 171 mil euros gastos para alugar o MEO Arena, onde, uma semana antes, os marchantes desfilam.

A Câmara não é a única a gastar com as festas populares, dos orçamentos das juntas de freguesia também saem centenas de milhares de euros. Santa Maria Maior, com os bairros de Alfama e Mouraria, gastou quase €80 mil em instalação elétrica e sonora nos arraiais. Da empresa de animação cultural saíram quase €15 mil para a conceção e apresentação pública do programa das festas, também tiveram de ser gastos €8 mil para alugar as bancadas para se assistir ao desfile das marchas. Mais de €12,5 mil serviram para produzir e montar pendões sob a forma de sardinha, não a que vai parar aos pratos nos arraiais. Mas em comes e bebes mais requintados — não se sabe se com mordomos, como em Tomar — também se gasta: foram €38,5 mil para a Casa do Marquês pelo copo de água dos casamentos de Santo António.

e@expresso.impresa.pt

55

PREÇO DO PASSE GERAL NO CRATO

9

MIL EUROS PARA AS VACAS NA FESTA DE ALMEIRIM

€250 MIL

CUSTO DA SEGURANÇA NA FATACIL, EM LAGOA

VACAS, TENDAS E WC

A música é quem mais ordena na hora das autarquias contratarem **serviços para a festa**. Mas não toca sozinha

A zona é vedada, as vacas são lá largadas e quem quiser aventurar-se entra e desafia o animal. Também pode ficar do lado de fora da vedação, a ver as corridas dos corajosos à frente dos animais. Chama-se picaria das Festas da Cidade de Almeirim, que decorrem de 15 a 23 junho. O aluguer das vacas custou 9 mil euros ao município, um pouco menos do que os 10 mil euros que em Vila Viçosa vão ser gastos para a utilização de 15 touros bravos na largada que acontece nas Festas dos Capuchos, em setembro.

Aliás, em Almeirim, o custo com o aluguer dos animais é superior até do que os 7,5 mil euros gastos nos serviços para que se possam realizar as "Almeirim Night Sessions", momento de DJ para jovens inserido nas festas concelhias.

As festas de concelhos, mais frequentes nos meses de verão, têm aquecido o portal Base, onde são disponibilizados os contratos feitos por entidades públicas. Os contratos musicais estão nos que mais surgem — e nos maiores custos. Dos já antigos Santamaria aos Excesso, dos Quatro e Meia a Áurea e Ana Bacalhau, de Piruka a Sara Correia, as bandas e cantores destacam-se pelos custos mais altos. Os Calema contam com 40 mil euros, Fernando Daniel com 27 mil — aos contratos acrescem ainda IVA. E repetem-se nos vários concelhos.

Também há quem pague pela publicidade. Vídeos promocionais do montado de sobro e cortiça também constam dos gastos em festas populares (Coruche), bem como a participação no programa televisivo "Domingão" no âmbito das festas concelhias (Belmonte), ou publicidade no elétrico 28 da Carris (Lisboa). Pela capital, os pendões em forma de sardinha também fazem parte das festas — e custos.

Barracas e tendas, material de iluminação e som, espetáculo de pirotecnia (ou piromusical), decoração, colocação de portas e janelas em recintos, até o fornecimento de milhares de copos reutilizáveis fazem parte das preocupações dos organizadores, a juntar à segurança e vigilância. O aluguer, a montagem e a desmontagem de palcos integra o elenco de custos, mas não só: também é preciso ter nos recintos sanitários públicos.

FOTO D.R.

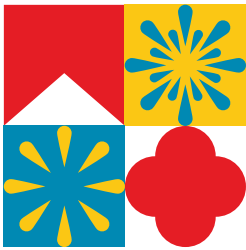
Quanto custa um WC?

Em Portugal, há algumas empresas que se destacam no domínio dos alugueres de casas de banho portáteis e de toda a sua manutenção. Um gasto fundamental para qualquer evento e que poderá passar despercebido. Empresas como a Remsa ou a WC Loc Portugal, mas houve uma empresa campeã em contratos públicos para este serviço, no ano passado: a Vendap.

No total, esta empresa com sede em Benavente arrecadou €2,5 milhões em contratos públicos durante o ano de 2023. Um número que ganhou força devido à Jornada Mundial da Juventude, com o Estado a pagar 1,28 milhões à empresa para garantir casas de banho portáteis em partes do evento e respetiva manutenção.

Depois, seguem-se dezenas de contratos em festas e romarias por todo o país. A Câmara Municipal de Loulé, por exemplo, pagou €78,4 mil à empresa para eventos na cidade durante a época de verão e o município de Almada despendeu €73,6 mil euros com esta empresa para o festival o Sol da Caparica.

Populares transportam o andor com a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres durante a procissão em Ponta Delgada, Açores, em maio de 2015

FOTO EDUARDO COSTA/LUSA

SAGRADO E PROFANO NOS AÇORES

O REINO E A REPÚBLICA

Uma comparação entre as suas duas celebrações mais emblemáticas das ilhas açorianas, o **Senhor Santo Cristo dos Milagres** de Ponta Delgada e as **Sanjoaninas** de Angra do Heroísmo, permite identificar as pulsões sociais e políticas

JOEL NETO

Há dias, ao descer a rua principal de Angra do Heroísmo ao lado de um importante escritor nascido em São Miguel, apontei a grua que montava os postes onde serão penduradas as guirlandas das Sanjoaninas.

— Um ano destes devias vir a esta festa. É uma semana frenética e, ao mesmo tempo, dificilmente vais ver alguém em coma alcoólico ou a urinar no caixote do lixo.

Ele meneou a cabeça.

— Espero que seja melhor, ao menos, do que o que acontece no Santo Cristo. Desde que lhe introduziram a parte profana, é uma degradação.

E eu:

— Ah, isso é porque os micaelenses chegaram agora à festa. Nós andamos nisto há muito tempo.

Disse-o para o fazer rir, e rimo-nos os dois. Picardias entre terceirenses e micaelenses são uma espécie de desporto regional, de resto bastante saudável quando se trata de pessoas que se estão nas tintas para bairrismos (como estamos os dois). Mas isso não significa que não seja verdade. Porque a Terceira não só tem mais tradição, mas tem outra competência — além de outro entusiasmo — na organização de uma festa. E, se há uma altura do ano em que isso fica bem evidente, é a das Sanjoaninas.

Regresso a casa

Reencontrei-as no verão de 2010, depois de 18 anos — 18 longos anos — sem as presenciar. Tinha vindo de férias e estava cá em casa uma amiga de Lisboa, uma daquelas amigas do casal com a qual um dos membros (no caso, eu) nunca consegue gerar cumplicidade. Ainda por cima tínhamo-nos crispado um pouco um com o outro durante uma discussão sobre a tourada à corda, matéria em que eu até talvez defendesse hoje o contrário do que defendi então.

Portanto, preferi seguir atrás das duas, de mãos nos bolsos, calado. Estava envergonhado do quão mau anfitrião fora, mas também tinha a minha dignidade. E, de repente, desatei a chorar. Descíamos o Alto das Covas e acabara de passar a marcha de abertura. Em redor, cheirava a enxofre e a algodão-doce. Então, saiu a Marcha dos Coriscos, vinda de Ponta Delgada para cantar Angra como há muito um micaelense não a cantava — e eu ruí.

Havia naqueles rostos uma admiração genuína, libertada após demasiados anos de rivalidades e ressentimentos. E havia alegria. Os homens cantavam num staccato, tentando projetar a voz por sobre a atmosfera terrestre. As mulheres faziam florzinhas com as mãos. E, inesperadamente, desprenderam-se-me as lágrimas. E mais lágrimas ainda — como se eu fosse um imigrante regressado por momentos a casa após uma vida de ausência.

Senti pudor e fui enfiar-me num café, escondido detrás de uma cerveja fresca. Não resultou. Nem a cerveja seguinte, nem a outra ainda — nenhuma delas. Agora eu estava bêbado e a chorar. Não assistia às Sanjoaninas havia quase duas décadas, apesar dos frequentes regressos à ilha. Em junho nunca me dava certo. E, de súbito, tinha 15 anos outra vez, estava na Rua da Sê, passava a marcha oficial, letra de Álamo Oliveira e música de Carlos Alberto Moniz, e tudo era ainda possível:

> *"Angra sabe a pão agora*
> *Cheira a branco e cantaria*
> *Maquilhada tão senhora*
> *Angra noiva de alegria"*

Ainda conseguiria cantá-la de cor, se quisesse — então como agora. Portanto, naquela noite, tomei pelo menos uma decisão: nunca mais faltaria a um São João. Se é que não tomei mais uma: não haveria de morrer sem voltar a viver nesta ilha — nem que fosse por um período.

O facto de eu o ter descrito nestes mesmos termos num diário, mais tarde publicado em livro, torna ainda mais fácil fazer o diagnóstico diferencial a essas decisões: ambas as coisas se confirmaram. A segunda, dois anos depois. A primeira, todos os anos até hoje — e, desde 2022, como marchante na marcha de abertura, a chamada Marcha Oficial (que abre e, aliás, fecha o cortejo). Este ano, em que se celebram os 50 anos do 25 de Abril, até escrevemos nós a letra, eu e a Marta.

A noite mais longa

Portanto, na noite de 23 para 24 lá estarei de novo. Dezenas de marchas descerão do Alto das Covas à Praça Velha, com as raparigas repenicando os dedos num trejeito vaidoso, e nas janelas haverá floreiras e colchas, feitas à moda antiga. Os mais velhos ocuparão as suas cadeiras, posicionadas há dias sobre os passeios, e os mais novos embriagar-se-ão brandamente, lá ao fundo no Pátio da Alfândega, até que chegue a hora de partir a sua marcha.

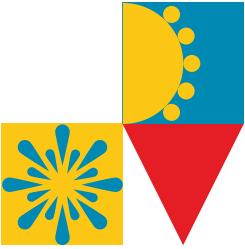
Cheirará a algodão-doce e a malassadas. Filas infinitas de gente tentarão circular pelas bermas e, ao passar uma filarmónica, atravessarão a correr, numa vénia. Vogarão carrinhos de bebé, muitos carrinhos de bebé, e os casais formados com escândalo há dois anos, desfeitos dois casamentos que se julgavam sólidos, passearão pela primeira vez de mãos dadas, após a sua edição de nojo.

Suceder-se-ão as fachadas de Angra, contando sozinhas metade da História de Portugal, e em cada esquina se ouvira falar algum tipo de português com sotaque — da Califórnia, da Nova Inglaterra, de Toronto. Haverá rimas cruzadas e melodias esquemáticas, mas também canções com um pouco mais de sofisticação, quase poemas. E o povo aplaudi-las-á a todas, uma a uma, porque toda a gente se empenhou e o aplauso do povo é sempre igual.

Da vigésima marcha em diante, as colunas começarão a alongar-se, somando aos que dançam aqueles que já dançaram e querem dançar outra vez. Nós, que ainda teremos o encerramento, estaremos algures numa tasca, a brincar ao colesterol e à cerveja fresca porque é dia de festa e, nas Sanjoaninas, somos todos imortais. Então, apitarão os telemóveis, a reunir-nos para o último desfile — e, mais uma vez, o povo aplaudirá num delírio, como se não houvesse realmente dia seguinte, até nos reunirmos a ele na Rua de São João, a comer sardinha assada e a saltar a fogueira — milhares de pessoas, de uma ponta a outra da rua, rindo e dançando ao ritmo do que ainda ecoar, até que seja dia e o seja já há muito tempo.

É uma celebração do privilégio de se estar vivo, num tempo de tantas ameaças e num lugar de terramotos e furações. Era isso que eu gostava que aquele meu camarada escritor visse. Porque os Açores têm muitas festas, mas nenhuma como as Sanjoaninas.

Todas as festas

Quer dizer: basta ir ao calendário. Eventos singulares como os Carnavais da Terceira e da Graciosa (fevereiro/

SE A COROA DO ESPÍRITO SANTO PODE SER BEIJADA POR TODOS, A IMAGEM DO SENHOR SANTO CRISTO VIVE O ANO EM ISOLAMENTO

março); festivais internacionais de arte como o Festival Tremor de São Miguel (Abril), o Festival Walk & Talk também de São Miguel (julho), o Festival Maré de Agosto de Santa Maria (agosto), o Festival Monte Verde novamente de São Miguel (agosto) ou o Festival Angra Jazz da Terceira (outubro); grandes celebrações corporativas como a Semana Académica da Universidade dos Açores (abril/maio); festas municipais e/ou populares, religiosas e/ou profanas, como o São João De Vila Franca do Campo (junho), as Festas do Chicharro da Ribeira Quente (julho), a Festa do Emigrante nas Flores (julho), o Festival de Julho na Calheta de São Jorge (julho), as Festas do Nordeste em São Miguel (julho), as Festas de Santa Maria Madalena no Pico (julho), a Semana Cultural de Velas em São Jorge (julho), a Semana do Mar da Horta (agosto), o Cais de Agosto no Pico (julho), as Festas da Praia da Vitória (Agosto), o Cais das Poças de Santa Cruz das Flores (agosto), o Festival dos Moinhos no Corvo (agosto), as Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres na Graciosa (agosto), a Semana dos Baleeiros no Pico (agosto), o Festival da Povoação em São Miguel (agosto), a Peregrinação em Honra de Nossa Senhora dos Milagres da Serreta na Terceira (setembro); sobre todas elas, claro, o Espírito Santo (abril/maio/junho), celebrado em todas as ilhas, embora em escalas diferentes; e isto sem contar com as muitas e muitas celebrações de padroeiros que atravessam todas as ilhas e localidades, aliás como o ano virtualmente todo — a lista é interminável (e sempre incompleta).

Mas nenhuma como a dimensão e o significado do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada, em São Miguel, e as Sanjoaninas de Angra do Heroísmo, na Terceira. Porque são as que arrastam mais pessoas, porque são os símbolos maiores das duas maiores cidades do arquipélago, mas sobretudo porque representam duas culturas e dois tempos distintos que, de alguma maneira, resumem, ou pelo menos servem de epítomes à heterogeneidade da história e da cultura — da identidade, no fundo — dos Açores. E é nessa dicotomia que mais expressamente se manifesta a diferença daquele que constitui, na verdade, o elemento mais determinante para entender os Açores, tanto naquilo em que eles lhe são servos como naquilo em que, neles, escapa à sua influência. O Espírito Santo.

Filhos do espírito

Impulsionado pelas teses milenaristas e escatológicas de Gioacchino da Fiore, no século XII, o culto do Espírito Santo — já escrevi neste mesmo jornal sobre ele — instalou-se em Portugal por insistência da rainha Santa Isabel (1271-1336) e já depois de ter sido condenado pelo Papa Alexandre IV (1199-1261). Em larga medida espontâneo e de algum modo "democrático", visto poder ser praticado (ou ter potencial para ser praticado) por qualquer um e em qualquer momento, era um culto inevitavelmente subversivo e perigoso, que ameaçava o poder da igreja. E, nos Açores, em particular na Terceira — enquanto ilha de partidas e chegadas, na verdade a base avançada da expansão portuguesa no Atlântico —, ele encontrou terreno fértil.

Primeiro, a população era heterogénea, carente de uma unificação, inclusive (ademais numa terra ameaçada pelos elementos) religiosa; depois, as autoridades eclesiásticas originais eram de matriz franciscana, mais permissiva, com a supervisão da Ordem de Cristo, que já deixara o mesmo culto sobreviver em Tomar e Alenquer; e, depois ainda, rapidamente se sucederam pequenos e grandes acontecimentos históricos que ajudaram a consolidar o culto. Quando a diocese de Angra passou a obedecer ao reinado dos Filipes, aos quais a Terceira tinha conseguido resistir durante dois anos mais do que o restante território nacional, Jerónimo Teixeira Cabral, 9º bispo de Angra (1600-1612), mergulhou num combate ao Espírito Santo que, na verdade, só aumentou o fervor das celebrações populares.

Entretanto, e quando em 1596 o aventureiro neerlandês Jan Huyghen van Linschoten publicou o seu "Itinerário-Descrição da Viagem do Navegante Jan Huyghen Van Linschoten às Índias Orientais Portuguesas", 1579-1592, incluindo a carta com a que permanece até hoje a mais emblemática representação geográfica da Terceira, já integra nela manchas infinitas de cerrados, os grandes currais de pedra murada entre cujas interpretações não pode deixar de estar uma tendência precoce para a partilha da terra, a divisão da propriedade e — ainda que muito rudimentarmente — e a igualdade de direitos. A mesma igualdade de direitos que ainda preside ao funcionamento de uma irmandade do Espírito Santo, onde não há um líder fixo mas apenas um responsável (ou vários responsáveis) pelas celebrações anuais, escolhido à vez de entre homens e mulheres fundamentalmente iguais, malgrado a proveniência social, profissional, política ou mesmo étnica de cada um.

Ora, em São Miguel aconteceu o contrário. A posse da terra permaneceu durante séculos sob um regime de terratenentes de que, em 1976, ano da consagração da autonomia política dos Açores, ainda restavam resquícios (e hoje ainda resta, em boa parte, a propriedade). E, embora, o Espírito Santo também seja cultuado — caso contrário também não poderia o santo oficial da região, partilhando com ela o dia oficial —, não há em toda a ilha, onde vivem quase 140 mil pessoas, mais de meia dúzia de impérios e irmandades. Já na Terceira, a sua ilha natural, a população é pouco mais de um terço (55 mil habitantes) e os impérios e irmandades 12 vezes mais (72).

A ilha da liberdade

Pois não será estranho que os ideais desse culto se expressem como nenhuns outros na maior das respetivas festas populares. Porque as Sanjoaninas são isso acima de qualquer outra coisa: horizontalidade, igualdade de direitos, justiça. Na Marcha Oficial há, desde sempre, ricos e pobres, brancos e negros, heterossexuais e homossexuais, conservadores e progressistas (além de açorianos, continentais e imigrantes). E essa é exatamente a mesma população que se espalha pelos restantes desfiles, por todos os palcos, por cada uma das barraquinhas e pela totalidade das avenidas, ruas e travessas por onde se dispersa a festa. Isto com a harmonia que lhe oferecem não apenas anos, nem sequer décadas, mas séculos de um igualitarismo evidentemente crescente, mas idealizado desde o início.

Não é bem o que se passa em São Miguel. Se na Terceira a Coroa do Espírito Santo pode ser beijada e tocada por todos, andando de mão em mão e de casa em casa ao longo das sete semanas antes do Pentecostes — e sentando-se com as famílias nas salas de estar, a ver a telenovela —, a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres vive o ano em isolamento, rodeada de um tesouro que apenas deve ser manipulado seu conservador oficial, escolhido pelas autoridades clericais com base nos mais rigorosos critérios técnicos e morais.

Numa ilha tradicionalmente vertical e classista, o santo mais poderoso é também ele vertical, distante e na verdade inacessível. E isso não pode deixar de contaminar as festas que servem de bandeira ao seu consulado. "É preciso ver", dizia há dias o historiador Carlos Enes, num debate em que participei em Angra, "que os terceirenses pagam as suas promessas fazendo festas, enquanto os micaelenses cumprem penitências." O que tem o seu quê de complementar, diga-se. Os açorianos, enquanto povo, têm essa ambivalência: podem ser mais republicanos do que aristocráticos, mas também mais servis do que libertários. Talvez até se possa dizer que essa contradição seja a sua principal beleza. Mas é evidente — e foi isto que tentei explicar ao meu amigo perplexo com a degradação da nova extensão profana do Santo Cristo — que a parte deles que se mantém aristocrática e servil vai demorar mais tempo a concretizar com sucesso uma festa calorosa e inclusiva como se querem as festas do século XXI.

e@expresso.impresa.pt

VIANA DE OURO

A romaria da Nossa Senhora da Agonia, padroeira dos pescadores e marinheiros de Viana do Castelo, tem como um dos seus momentos altos o desfile da mordomia, onde centenas de mulheres exibem os seus trajes abrilhantados com quilos de ouro. Vítor Coutinho olha com orgulho a tradição a partir da histórica Ourivesaria Venâncio Sousa

Quem fundou a Venâncio Sousa, em 1872?
A ourivesaria foi fundada pelos meus trisavós — Venâncio Sousa era o meu bisavô. Os meus bisavós, avós e pais deram seguimento, depois chegou a minha vez e agora tenho aí o meu filho também. Já andamos nisto há mais tempo ainda do que os 152 anos que temos de existência. Sempre na mesma família.

O negócio do ouro é diferente, comparativamente às últimas décadas?
Sou um otimista por natureza. Não digo que seja tudo uma maravilha. Em 1993 fomos assaltados, levaram-nos tudo. Agora há de vir a altura boa para todos, o verão e os emigrantes, que são uma grande força económica.

O desfile da Mordomia, na Romaria da Nossa Senhora da Agonia, é uma autêntica montra de ouro. Muito do que lá vemos terá vindo da Venâncio Sousa?
São as festas populares mais importantes do país. E muito daquele ouro foi comprado aqui ao longo dos tempos e passa de família para família. As últimas três mordomas [do cartaz da Romaria] são clientes aqui. É motivo de orgulho, como é para todas as ourivesarias aqui em Viana, gente boa que luta pela mesma causa. Somos os representantes do ouro tradicional, embora não o fabriquemos aqui. A maioria do ouro tradicional que vendemos é da Póvoa de Lanhoso.

Qual é o simbolismo da chieira, de se mostrar o ouro?
Segundo alguns historiadores, quanto mais ouro, maior o dote das mordomas. A chamada chieira é uma vaidade positiva, o orgulho de representar a família. Ainda bem que existem estas tradições; quando elas acabarem, acabam as festas da Agonia. É engraçado porque há muita procura de gente de fora comprar ouro para desfilar também. Já não são só as pessoas da terra. Quem vem uma vez vem uma segunda, e depois já aparecem todos os anos. Somos privilegiados, temos das cidades mais lindas do país.

Há mordomas que levam quilos de ouro ao peito, com peças diversas. Quais são essas peças? Existem regras?
Os brincos à rainha, ou à rei, as custódias, as gramalheiras, os colares de contas, essas são peças que toda a gente quer ter, quem participa nos desfiles mas também quem só circula pelas festas. As pessoas das aldeias, das zonas mais periféricas, fazem questão. As peças que desfilam têm que ser peças de ouro tradicionais. Era o que usavam as lavradeiras, ouravam-se e andavam assim nas aldeias. Diz-se que não é preciso levar tanto ouro, mas a verdade é que as pessoas vão pejadas. É isso que chama à atenção dos turistas, é o que eles vêm ver. As peças estão normalmente guardadas o ano todo, é nesta altura que saem para arejar. A mordomia é das coisas mais belas que há. O ouro é a verdadeira atração dentro da atração; a cereja no topo do bolo.

O coração de Viana é o símbolo principal da cidade. Como surgiu?
O coração de Viana já existe há muito tempo, mas não era valorizado. Hoje está em todo o lado. Aqui na loja temos uma peça de museu, que é um laminador onde se fazia o fio de ouro do coração de filigrana. A peça tem 180 anos, trabalhou aqui na loja, mas agora está exposta, em merecido descanso.

INÊS LOUREIRO PINTO

AGENDA DAS FESTAS

Mil dias e outras tantas noites cabem nos meses de verão. De norte a sul, não há terra em que não se lancem foguetes e se dê um passo de dança. Versão condensada do **mapa das principais festas**. Há muito mais para descobrir em Expresso.pt

INÊS LOUREIRO PINTO

VIANA DO CASTELO

1 Romaria de Santa Marta
Santa Marta de Portuzelo, 9-11 agosto

2 Festas em honra de São Roque
Paredes de Coura, 12-16 agosto

3 Romaria da Senhora da Agonia
Viana do Castelo, 14-22 agosto

4 Romaria de São Bartolomeu
Ponte da Barca, 18-24 agosto

5 Feiras Novas
Ponte de Lima, 1ª semana de setembro

BRAGA

6 Festas Antoninas
Famalicão, 13 junho e durante uma semana

7 Feira Afonsina
Guimarães, 21-24 junho

8 Fim de Semana do Pau
Cabeceiras de Basto, 3-4 agosto

9 Romaria de Nossa Senhora da Abadia
Amares, 15 agosto

10 Festa de Nossa Senhora das Neves
Fafe, última semana de agosto

11 Romaria Nossa Senhora Porto D'Ave (Romaria dos Bifes e dos Melões)
Póvoa de Lanhoso, início de setembro

PORTO

12 Festa em Honra de São Pedro da Afurada
Afurada, Vila Nova de Gaia, 20-30 junho

13 Festas de São João
Porto, 23 junho

14 Festas Sebastianas
Paços de Ferreira, 11-16 julho

15 Festa de São Bento das Peras e São Cristóvão
Rio Tinto, Gondomar, 9-14 julho

16 Festas do Senhor dos Navegantes
Vila do Conde, 6 agosto

17 Festa Nossa Senhora da Assunção
Póvoa de Varzim, agosto

VILA REAL

18 Festas de Santo António
Vila Real, 13 junho

19 Festas do Senhor da Capelinha
Vilar Macada, Alijó, 2º domingo de julho

20 Festa em Honra de Nossa Senhora das Angústias e do Divino Salvador
Ribeira de Pena, início de agosto

21 Romaria de Nossa Senhora da Saúde
São Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, 7-9 agosto

22 Festa em Honra de Nossa Senhora do Socorro
Peso da Régua, 1-16 agosto

23 Festa do Senhor da Piedade
Montalegre, 1º domingo de agosto

24 Senhora do Pranto
Montalegre, 15 agosto

25 Festas em Honra da Nossa Senhora da Saúde
Valpaços, início de setembro

BRAGANÇA

26 Festas da Cidade e de Nossa Senhora do Amparo
Mirandela, 25 julho-3 agosto

27 Festas de Vimioso
Vimioso, 10 agosto

28 Festas de Nossa Senhora da Graça
Bragança, 22 agosto

29 Festa em Honra de Nossa Senhora das Neves
Sambade, Alfândega da Fé, agosto

30 Festa de Nossa Senhora dos Montes Ermos
Freixo de Espada à Cinta, 17-18 agosto

31 Romaria de Nossa Senhora dos Anúncios
Vilarelhos, Alfândega da Fé, 4º domingo de agosto

AVEIRO

32 Festas da Cidade e de Santo António
Estarreja, 31 maio-16 junho

33 Festas de São Tomé
Paredes do Bairro, Anadia, 13-14 julho

34 Festival dos Canais
Aveiro, 17-21 julho

35 Festas de São Tiago
Silvade, Espinho, 25-29 julho

36 Festa do Emigrante
Murtosa, 1ª semana de agosto

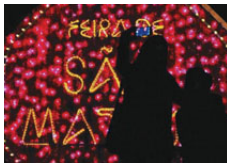
37 Festa em Honra de Nossa Senhora da Saúde
Fermentelos, Águeda, 14-16 agosto

38 Festa de Nossa Senhora da Piedade
Canedo, Santa Maria da Feira, agosto

39 Festa em Honra de Nossa Senhora da Mó
Arouca, 7-8 setembro

VISEU

40 Festas de São João
São João da Pesqueira, 22-24 junho

41 Festa do Bodo
Barreiro de Besteiros, Tondela, último domingo de julho

42 Feira de São Mateus
Viseu, 1 agosto-8 setembro

43 Romaria de Nossa Senhora da Lapa
Sernancelhe, 15 agosto

44 Festas do Concelho
Penalva do Castelo, 24-25 agosto

45 Festas de Nossa Senhora dos Remédios
Lamego, 8 setembro

GUARDA

46 Festas da Cidade e de São João
Sabugal, 20-23 junho

47 Bodas Reais
Trancoso, 28-30 junho

48 Festa Nossa Senhora da Paz
Vilar Formoso, Almeida, 13-16 agosto

49 Festas de Nossa Senhora de Fátima
Ozendo, Sabugal, meados de agosto

50 Festa em Honra do Senhor Bom Jesus dos Passos
Mêda, meados de agosto

51 Festas de Nossa Senhora dos Milagres
Aldeia do Bispo, Sabugal, agosto

52 Festas de Nossa Senhora das Neves
Almeida, meados de agosto

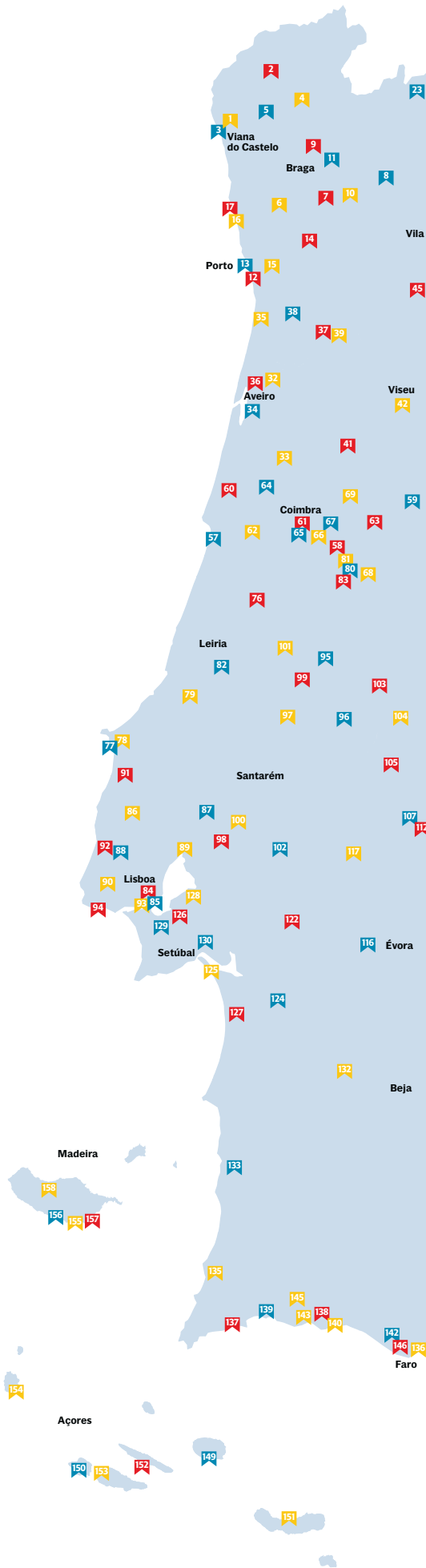
53 Festa em Honra de Nossa Senhora da Graça
Fornos de Algodres

54 Festas em Honra de Nossa Senhora da Ajuda
Malhada Sorda, Almeida, 5-9 setembro

55 Festas em Honra de Nossa Senhora da Misericórdia
Gonçalo, Guarda, 7-8 setembro

56 Muralhas com história
Sabugal, 21-23 setembro

COIMBRA

57 Festas da Cidade e de São João
Figueira da Foz, 1-30 junho

58 Festa de São João
Lousã, 20-24 junho

59 Festas de Nossa Senhora das Preces
Aldeia das Dez, Oliveira do Hospital, 1ª semana de julho

60 Festa de Nossa Senhora da Tocha
Tocha, Cantanhede, 1-7 julho

61 Festas da Cidade e da Rainha Santa Isabel
Coimbra, 4-14 julho

62 Festas em Honra de Santo António
Pampilhosa da Serra, 12-16 agosto

63 Festas de Nossa Senhora do Mont'Alto
Arganil, 15 agosto

64 Festas em Honra de São Caetano
Cantanhede, meados de agosto

65 Feira das Cebolas
Coimbra, meados de agosto

66 Romaria do Divino Senhor da Serra
Semide, Miranda do Corvo, meados de agosto

67 Festas em Honra de Nossa Senhora das Necessidades
Vila Nova de Poiares, meados de agosto

68 Festa de Cortes
Alvares, Góis, 23-26 agosto

69 Festa de Santa Quitéria
Silveirinho, Penacova, final de agosto

CASTELO BRANCO

70 Festas de Santo António
Lousa, Castelo Branco, 14-16 junho

71 Festas de São Pedro e São João
Zebreira, Idanha-a-Nova, 29-30 junho

72 Festival Serra da Estrela
Unhais da Serra, Covilhã, início de agosto

73 Mysteria Mercado Encantado
Covilhã, 2-4 agosto

74 Festa em Honra de Nossa Senhora da Conceição
Sarnadas de São Simão, Oleiros, 14-16 agosto

75 Festa do Senhor do Calvário
Proença-a-Velha, final de agosto

LEIRIA

76 Festas do Bodo
Pombal, 25-30 julho

77 Festa em Honra da Nossa Senhora da Boa Viagem
Peniche, 26 julho-5 agosto

78 Festa de Ferrel em Honra de Nossa Senhora da Guia
Ferrel, Peniche, 5-11 agosto

79 Aljubarrota Medieval
Alcobaça, 10-15 agosto

80 Festa em Honra do Mártir São Sebastião
Castanheira de Pêra, 2º domingo de agosto

81 Festa em Honra de Nossa Senhora da Nazaré
Coentral, 15 agosto

82 Festas da Batalha
Batalha, meados de agosto

83 Festa do Senhor
Castanheira de Pêra, último fim de semana de agosto

LISBOA

84 Arraial de São Miguel
Alfama, Lisboa, 31 maio-29 junho

85 Festas de Santo António
Lisboa, 31 maio-30 junho

86 Carnaval de Verão de Santa Cruz
Torres Vedras, 15 junho

87 Mercado Medieval
Azambuja, 15 junho

88 Dias Templários
Mafra, 22-23 junho

89 Festa do Colete Encarnado
Vila Franca de Xira, 5-7 julho

90 Feira Medieval de Pero Pinheiro
Sintra, 5-7 julho

91 Recriação da Batalha do Vimieiro
Lourinhã, 19-20 julho

92 Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem
Ericeira, 9-18 agosto

93 Nascimento de Santo António
Lisboa, 15 agosto

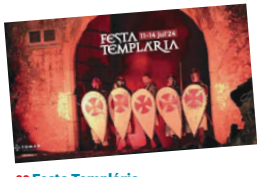
94 Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes
Cascais, final de agosto

SANTARÉM

95 Festas do Concelho e de Santo António
Ferreira do Zêzere, 13-16 junho

96 Festas de Abrantes
Abrantes, 7-15 junho

97 Festa de São João e da Cidade
Entroncamento, 21-29 junho

98 Festa da Amizade e da Sardinha Assada
Benavente, 27-29 junho

99 Festa Templária
Tomar, 10-14 julho

100 Festas de Marinhais em Honra de São Arcanjo
Marinhais, Salvaterra de Magos, 1-5 agosto

101 Festa de Nossa Senhora da Assunção
Rio de Couros, Ourém, agosto

102 Festas de Nossa Senhora do Castelo
Coruche, meados de agosto

103 Festa da Senhora da Saúde
Pereiro de Mação, último fim de semana de agosto

PORTALEGRE

104 Feira Medieval de Belver
Gavião, 14-16 junho

105 Festas da Cidade
Ponte de Sor, 4-8 julho

106 Festa de Nossa Senhora do Carmo
Beirã, Marvão, 16 julho

107 Feira Franca
Avis, 26-28 julho

108 Feira de Santa Maria de Agosto
Campo Maior, meados de agosto

109 Festas em Honra de Nossa Senhora do Rosário
São Vicente e Ventosa, Elvas, 15 agosto

110 Romaria a São Bartolomeu
Alter do Chão, 24 agosto

111 Festival do Crato
Crato, 28-31 agosto

112 Nossa Senhora Mãe dos Homens
Avis, final de agosto

113 Feira de São Mateus e Festas do Senhor Jesus da Piedade
Elvas, 20 setembro

ÉVORA

114 Festas Populares do Espinheiro
São Domingos de Ana Loura, Estremoz, 1ª quinzena de julho

115 Feira Tradicional de Santiago
Estremoz, último fim de semana de julho

116 Festas de São Sebastião e de Nossa Senhora da Guia
São Sebastião da Giesteira, Évora, 3-5 agosto

117 Festas em Honra de Nossa Senhora de Brotas
Mora, 9-12 agosto

118 Festas Populares da Glória
Glória, Estremoz, 10-11 agosto

119 Festas de Nossa Senhora das Vitórias
Ameixial, Estremoz, 2º fim de semana de agosto

120 Festa de Santa Maria
Évora Monte, Estremoz, 15 agosto

121 Festas de Santa Susana
Redondo, primeiros dias de setembro

122 Festas do Concelho
Vendas Novas, 1º fim de semana de setembro

123 Feira Anual de Azaruja
Azaruja, Évora, 2º fim de semana de setembro

SETÚBAL

124 Feira de Agosto
Alcácer do Sal, 1ª semana de agosto

125 Festas de Nossa Senhora do Rosário de Troia
Troia, 3-5 agosto

126 Festas do Barreiro
Barreiro, 9-18 agosto

127 Feira de São Romão
Carvalhal, Grândola, 9 agosto

128 Festas do Barrete Verde e das Salinas
Alcochete, 2º fim de semana de agosto

129 Procissão Nossa Senhora da Atalaia
Seixal, final de agosto

130 Feira Medieval
Palmela, 27-29 setembro

BEJA

131 Festas em Honra de Nossa Senhora do Carmo
Moura, fim de semana mais próximo de 16 de julho

132 Feira do Melão
Figueira dos Cavaleiros, Ferreira do Alentejo, 1º fim de semana de agosto

133 Feira Anual
Vila Nova de Mil Fontes, Odemira, 8 agosto

134 Festa em Honra de São Luís e do Santíssimo Sacramento
Pias, Serpa, último fim de semana de agosto

FARO

135 Festa dos Pescadores da Arrifana
Portinho da Arrifana, último fim de semana de julho

136 Festa em Honra de Nossa Senhora dos Navegantes
Ilha da Culatra, Olhão, 1º fim de semana de agosto

137 Festa em Honra de Nossa Senhora dos Navegantes
Praia da Salema, Vila do Bispo, 3-4 agosto

138 Festa do Frango da Guia
Guia, Albufeira, 3-4 agosto

139 Festa do Senhor Jesus de Alvor
Alvor, 2º fim de semana de agosto

140 Festa de Nossa Senhora da Orada
Albufeira, 14 agosto

141 Festa dos Pescadores
Santa Luzia, Tavira, meados de agosto

142 Folkfaro
Faro, 3ª semana de agosto

143 Festa de Nossa Senhora das Dores e de Jesus Cristo
Pêra, 3º domingo de agosto

144 Festas de São João da Degola — Banho Público
Vila Real de Santo António, 29 agosto

145 Festa da Senhora dos Mártires
Silves, último domingo de agosto

146 Festival F
Faro, 5-7 setembro

147 Festa de Nossa Senhora da Saúde e São Luís
Tavira, 1º domingo de setembro

148 Festa de Nossa Senhora das Dores
Vila Real de Santo António, 14-15 setembro

AÇORES

149 Festas Sanjoaninas
Angra do Heroísmo, Terceira, 21-30 junho

150 Festas de São João
Faial, 24 junho

151 Festas de São Pedro e da Cidade
Ribeira Grande, São Miguel, 29 junho

152 Festival de Julho
Calheta, São Jorge, 12-15 julho

153 Festas da Madalena
Madalena, Pico, 18-22 julho

154 Festa do Emigrante
Lajes, Flores, 19-22 julho

MADEIRA

155 Festa de Nossa Senhora do Monte
Funchal, 14-15 agosto

156 Festa do Peixe-Espada-Preto
Câmara de Lobos, agosto

157 Semana Gastronómica do Caniço
Caniço, meados de agosto

158 Festas de São Vicente
São Vicente, último domingo de agosto

VERSÃO INTEGRAL COM MAIS DE 500 FESTAS EM **EXPRESSO.PT**

Os festivais medievais que atualmente são organizados, como o de Santa Maria da Feira, procuram ter fundamentação histórica
FOTO HORACIO VILLALOBOS/ CORBIS VIA GETTY IMAGES

RECRIAÇÕES HISTÓRICAS

O FASCÍNIO DA IDADE MÉDIA

Em todo o país, há cerca de 80 **Feiras Medievais**. O fenómeno movimenta milhões de euros e existem empresas dedicadas, em exclusivo, a esta temática

JOÃO MIRA GODINHO

Rezam as crónicas que foi no final do século XX, no longínquo ano da graça de 1996, que, no Norte de Portugal, mais concretamente, em Santa Maria da Feira, surgiu a ideia — ou, pelo menos, aí terá sido colocada em prática pela primeira vez. Amadeu Albertino Soares Albergaria, então jovem estudante de direito na Universidade de Coimbra, ajuda-nos a reconstituir a história. "A fonte de inspiração foi o castelo, presença dominante na cidade, e o imaginário da Idade Média", narra o edil que, na atualidade, preside aos destinos da autarquia da Feira. Com o auxílio de "dois estudantes da Universidade de Aveiro, foi organizado um mercado medieval e recriação histórica, em torno do monumento", conta ainda Amadeu Albergaria. E, desta forma, aparentemente simples, nascia a 'Viagem Medieval em Terras de Santa Maria' e era lançada, em Portugal, a semente para o fenómeno. Mas não nos antecipemos e continuemos com a narrativa.

Dois anos depois, e sem ligação que esteja documentada ou seja conhecida, a mais de 550 quilómetros de distância, para sul, em Castro Marim, no Algarve, brotava o segundo rebento. O castelo da localidade esteve também, neste caso, na génese. E num território onde o turismo é rei, atrair visitantes, sem ser com o tradicional sol e praia, também fez parte da equação. "Foi uma forma de valorizar e mudar a estratégia cultural do município", recorda Filomena Sintra, vereadora da Cultura da Câmara algarvia. "Não havia nada assim na região Sul, contribuiu muito para a afirmação da marca Castro Marim", afirma 26 anos depois da primeira edição de 'Os Dias Medievais de Castro Marim'.

A partir daqui, como se costuma dizer, o resto é história. Ou, por outras palavras, as iniciativas inspiradas na Idade Média começaram a surgir um pouco por todo o país. Se tomarmos só este ano como exemplo, há cerca de 80 eventos medievais agendados, de norte a sul. Um fenómeno que se estende, compreensivelmente, pela Europa, mas, também, por geografias mais improváveis, como EUA, Austrália ou África do Sul, onde anualmente há festivais dedicados ao período medieval, como o conhecemos no Velho Continente.

Sinais claros de um fascínio que existe por este período histórico mas que, à primeira vista, não é fácil de compreender. Aquilo a que hoje chamamos Idade Média prolongou-se por aproximadamente 1000 anos, entre o século V, quando ocorrem as invasões bárbaras e a queda do Império Romano do Ocidente, e o século XV, quando se inicia a Idade Moderna, com o fim do feudalismo e o início da 'globalização', proporcionada pelos Descobrimentos. Foi uma época marcada pelas dificuldades para grande parte da população, que procurava a segurança junto dos castelos, mas ficava sujeita à vassalagem ao senhor das terras, a quem tinha de pagar uma renda. E a higiene era um conceito ambíguo. Pelo meio, houve a peste negra que, entre 1347 e 1350, se estima tenha ceifado um terço da população europeia.

Apesar de tudo isto, no imaginário comum, o que persiste são as imagens de cavaleiros, que arriscavam tudo para salvar princesas, por quem estavam enamorados, que matavam dragões e que lutavam quais super-homens nos campos de batalha. Ou dos jograis que, nas cortes, contavam histórias, ao som de melodias provençais, em banquetes sumptuosos, com um toque de erotismo, em que participavam nobres esbeltos e damas voluptuosas. A 'culpa' é dos românticos. "Os românticos dos séculos XVIII e XIX foram os responsáveis pela criação dessa Idade Média", desmonta Luís Filipe Oliveira, professor de História da Universidade do Algarve. Foi nessa altura, 300 anos depois do fim do período medieval, que surgiu a lenda do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda ou a demanda pelo Santo Graal (o cálice de Cristo na última ceia), só para citar dois casos.

Um 'revisionismo' histórico que também tinha contornos nacionalistas. A Idade Média marcou o início da definição das fronteiras dos Estados europeus. E, nessas histórias épicas, os românticos "buscavam a identidade dos países e dos povos", diz ainda Luís Filipe Oliveira. Em Portugal, esta realidade traduziu-se na narrativa em torno de Viriato, líder dos lusitanos, exemplifica.

Rigor acima de tudo

Ainda assim, os festivais medievais que atualmente são organizados têm ou procuram ter fundamentação histórica. Pelo menos os principais, como é o caso de Santa Maria da Feira e Castro Marim. "Todos os anos procuramos recriar um reinado, com o máximo rigor", refere Amadeu Albergaria. "Temos uma comissão de historiadores que nos ajuda com as características, com os espetáculos, não deixamos que sejam demasiado fantasistas", garante.

No Algarve há a mesma preocupação. Com as artes e ofícios que estão presentes, com o acampamento árabe, que retrata uma outra realidade também desse período e, em particular, com o banquete, organizado no interior do castelo, "onde somos rigorosíssimos", assegura Filomena Sintra. Rigor que vai desde os trajes dos participantes à música que é tocada, passando pelas receitas dos pratos que são servidos.

Luís Filipe Oliveira admite este cuidado histórico em alguns casos, mas alerta para a "uniformidade da oferta", que surge com a generalização deste tipo de eventos. "São todos muito idênticos uns aos outros", diz em tom de lamento, reconhecendo que "da parte da Academia não tem havido preocupação" em ajudar os organizadores dos festivais medievais.

A uniformidade referida pelo historiador também é explicada pelos participantes nos festivais, que são quase sempre os mesmos, e vão percorrendo o país, de evento em evento. E aqui surge uma outra realidade relacionada com o fenómeno. Existem diversos negócios, na Europa e mesmo em Portugal, que se especializaram neste período histórico. Sejam companhias de teatro, que fazem recriações de acontecimentos históricos medievais, sejam artífices, que utilizam ferramentas da época, ou tão-só, à falta de melhor palavra, empresas de *catering*, que reproduzem refeições e alimentos do período histórico.

Mais uma vez, Santa Maria da Feira e Castro Marim procuram ser diferentes, e recorrem a funcionários municipais bem como a coletividades locais para produzirem os respetivos festivais. Mas acabam também por contratar algumas empresas especializadas (nacionais e estrangeiras). E vamos então a números. No município do Norte de Portugal a 'Viagem Medieval em Terras de Santa Maria' tem um orçamento de 2 milhões de euros, revela Amadeu Albergaria, "totalmente sustentável e com um retorno de 10 milhões", assegura. Os 'Dias Medievais de Castro Marim' custam à Câmara local "700 a 800 mil euros", revela Filomena Sintra, acrescentando que a iniciativa apresenta um lucro "de 300 mil euros". E há que contabilizar as dezenas de milhares de pessoas que visitam as duas localidades e o que isso representa na promoção da imagem para os municípios.

Luís Filipe Oliveira dá uma explicação final para este fascínio pela Idade Média: "É um pouco como uma visita a um país diferente, a um tempo já passado, com características muito próprias. A origem do interesse, que é geral a todo o mundo ocidental, que se revela também nos videojogos ou nas séries televisivas, é o interesse por um passado diferente." Diferente mas igualmente com semelhanças nos dias de hoje, destaca o historiador: "A resposta que foi dada à peste negra foi a reclusão, o fecho de tudo, face ao desconhecido. Agora fizemos o mesmo, durante a pandemia." E também aqui haverá uma explicação para o apelo da Idade Média.

e@expresso.impresa.pt

REGRESSO AOS DIAS DOS CAVALEIROS PRONTOS A SALVAR PRINCESAS, A MATAR DRAGÕES E A LUTAR EM BATALHAS FEROZES